

ISSN 1517-8668

REVISTA BRASILEIRA DE
ANÁLISE TRANSACIONAL

Órgão de Divulgação Científica da UNAT-BRASIL
ANO XXVIII - Setembro de 2019
www.unat.org.br

REVISTA BRASILEIRA DE ANÁLISE TRANSACIONAL – REBAT

ISSN: 1517 – 8668

EDITOR CHEFE

EDE LANIR FERREIRA PAIVA

CONSELHO EDITORIAL

PARTICIPARAM DESTA EDIÇÃO

OS SEGUINTE MEMBROS DIDATAS E DIDATAS EM FORMAÇÃO:

FERNANDA NOGUEIRA RODRIGUES (MG)

JOSÉ SILVEIRA PASSOS (RJ)

LUIZ PAIVA FERRARI (RJ)

MARIA REGINA FERREIRA SILVA (SP)

MÁRCIA BEATRIZ BERTUOL (RS)

MAKU ALMEIDA (PR)

REGINA BERARD (SP)

REDAÇÃO

cientifica@unat.org.br

CAPA

RAIOZ

DIAGRAMAÇÃO

ELIELDA SOARES DOS SANTOS

IMPRESSÃO

RB DIGITAL LTDA

REVISTA BRASILEIRA DE ANÁLISE TRANSACIONAL – REBAT

ISSN: 1517 – 8668

DIRETORIA DA UNAT – BRASIL 2017-2020

PRESIDENTE: VITOR AGRA MERHY

VICE-PRESIDENTE: MARÍLIA MÁRCIA SANTOS PEREIRA

DIRETORIA DE DOCÊNCIA E CERTIFICAÇÃO: JANE MARIA PANCINHA COSTA

DIRETORIA CIENTÍFICA: MARY LUCE MARIANO DE SOUZA MELAZZO

DIRETORIA DE ÉTICA: SÔNIA DA FRAGA PEIXOTO NOGUEIRA PEDREIRA

DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO: MICHELLE THOMÉ

DIRETORIA FINANCEIRA: MARTA BEATRIZ HORN SCHUMACHER

DIRETORIA ADMINISTRATIVA: MARIA IMACULADA GONÇALVES DE ALMEIDA

CONSELHO DELIBERATIVO TRIÊNIO 2016 -2019

PRESIDENTE: MARIA CLARA RAMOS GROCHOT

CONSELHEIROS

ADRIANA MONTHEIRO

ANDREIA CECHIN

DÉBORA PEREIRA MACHADO

ERCÍLIA ANTÔNIO DA SILVA

ÉRIKA NEVES

PATRÍCIA RENALDO DA SILVA AMARAL

TÂNIA ELIZABETH CAETANO ALVES

REVISTA BRASILEIRA DE ANÁLISE TRANSACIONAL – REBAT

ISSN: 1517 – 8668

MISSÃO

Divulgar a produção científica fundamentada
na teoria da Análise Transacional.

AO LEITOR,

Sua manifestação, a expressão dos seus pontos de vista,
comentários e observações a respeito dos artigos publicados
nesta edição serão bem-vindos e podem ser encaminhados
para científica@unat.org.br

Órgão de Divulgação Científica da UNAT-BRASIL
ANO XXVIII - Setembro de 2019
www.unat.org.br

SUMÁRIO

Editorial	07
Violência Doméstica Contra a Mulher E Síndrome de Passividade: Um Diálogo Possível. <i>Aline Gonçalves Urias</i>	09
Triângulo Dramático de Karpman na Relação do Dependente Químico e sua Família. <i>Angélica Luiza Pereira</i>	24
Permanência da Mulher em Relacionamentos Abusivos <i>Carla Koguta</i>	41
Psicoterapia de Casais: Uma Proposta Transacional com Intervenções Breves <i>Eduardo de Souza Búrigo</i>	52
A Educação Emocional no Trabalho com Adolescentes: Uma Proposta a partir da Prática <i>Jaqueline Olina de Oliveira</i>	65
Isolamento ou Conexão? Reflexões sobre o Impacto da Conectividade Cibernética nos Relacionamentos Humanos à Luz da Análise Transacional <i>Keila Tres</i>	82

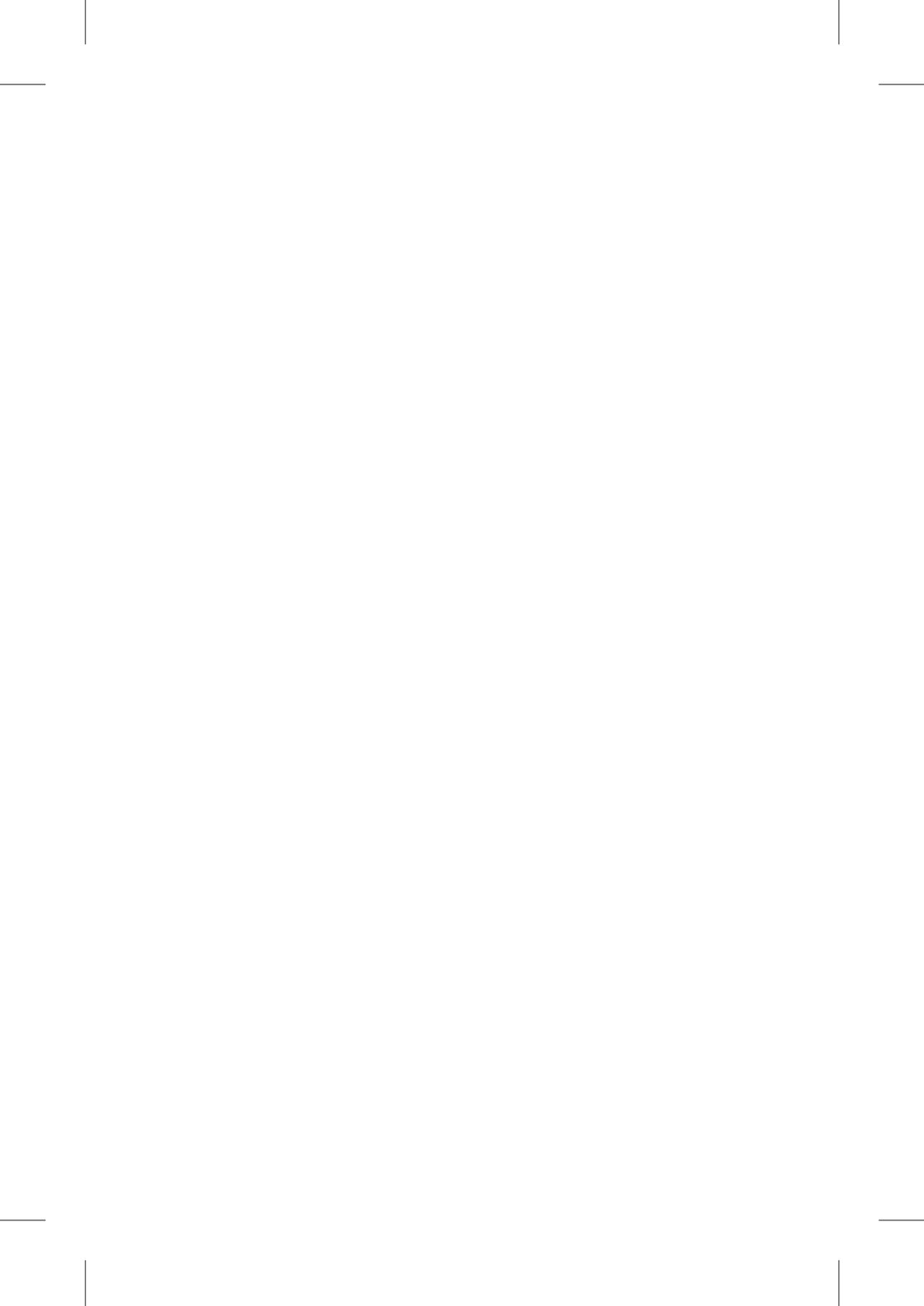
Estrutura e Dinâmica do Grupo e o Desenvolvimento de Papéis <i>Laucemir Silveira</i>	96
Tratamento da Ansiedade: Divergências e Convergências entre Análise Transacional e Terapia Cognitiva <i>Lilian Ribeiro Da Silva</i>	124
A Adicção e suas Correlações na Família à Luz da Análise Transacional <i>Magdala Paz Martins</i>	137
Tecendo os Laços e Desatando os Nós: Análise Transacional Através do Patchwork <i>Marialba Gomes</i>	148
O Contrato Terapêutico no Cuidado de Usuários de Álcool e outras Drogas a Partir da Teoria da Análise Transacional e da Perspectiva da Redução de Danos <i>Olivia de Freitas Oliveira</i>	165
Seguindo Junto: Aproximação Entre a Análise Transacional e a Educação Libertadora Para Oqueidade Entre Educandos e Educadores <i>Samuel Carlos da Rosa de Oliveira</i>	178

EDITORIAL

Caro Leitor,

A Análise Transacional é uma teoria Fascinante e Potente.
Trilhar os caminhos de descobertas e redescobertas são experiências vividas com prazer para os que se dedicam a esta incrível jornada.
Neste exemplar apresentamos os frutos desta empreitada de nossos colegas, que com amorosidade, compartilham seus trabalhos científicos.
A partilha é um ato de generosidade, e a ciência necessita desta ação.
Parabéns à todos os escritores por participarem do desenvolvimento científico da nossa querida e respeitada Análise Transacional.

Mary Luce Mariano de Souza Melazzo
Diretora Científica da UNAT BRASIL.



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER E SÍNDROME DE PASSIVIDADE: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Aline Gonçalves Urias

Resumo: O trabalho em questão em busca compreender relações conjugais permeadas pela violência à luz de alguns conceitos da Análise Transacional (AT), teoria criada pelo psiquiatra canadense Eric Berne como forma de estudo da personalidade e interação humana. Através de atendimentos psicológicos ofertados a público feminino com vivência de violência doméstica praticada pelo companheiro, foi possível à autora deste artigo observar condutas que podem ser lidas através da Síndrome de Passividade, abarcando definições como

Simbiose, Desqualificação e Comportamentos Passivos para compreender a não reação ou reação inadequada perante determinadas situações. Assim, verificou-se a possibilidade de diálogo da AT com a prática, contribuindo para interpretação da dinâmica de tais relacionamentos através de conceitos e fornecendo instrumentos para ações curativas e preventivas.

Palavra Chave: Violência doméstica. Análise Transacional. Passividade. Simbiose. Desqualificação

Domestic Violence Against Women And Passivity Syndrome: A Possible Conversation

Abstract: This study aims to understand conjugal relations permeated by violence through the concepts of Transactional Analysis (TA) such as Symbiosis, Disqualification and Passivity. TA is a way of studying personality and human interactions. Based on psychological services offered to the female victims of domestic violence, the author of this study examined behaviors and it was possible to establish and understand the relations of no reaction - or inadequate reaction - to specific situations within the Passivity Syndrome. Therefore, the study verified the correspondence possibility of the Transactional Analysis with the clinical practice, which contributes to the interpretation of the dynamics in these relationships and the instrumentalization of interventional and preventive actions.

Keywords: Domestic violence. Transactional Analysis. Passivity. Symbiosis. Disqualification.

Introdução

O interesse pelo estudo do tema sobre o qual versa este artigo deriva da experiência profissional da autora em atendimentos psicológicos a mulheres com vivência de violência doméstica praticada pelo parceiro íntimo realizados em Clínica Escola de Psicologia e serviços públicos de Assistência Social. De forma mais específica, houve uma busca pela compreensão do comportamento das usuárias atendidas no que diz respeito à permanência ou retomada do relacionamento abusivo.

De acordo com o último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010) o Brasil contava com cerca de 190,7 milhões de pessoas. Dados envolvendo gênero mostraram cerca de 93,4 milhões homens e 97,3 milhões de mulheres, estas constituindo, portanto, a maioria da população brasileira.

É possível acompanhar franco debate no Brasil envolvendo o gênero feminino. Na esfera das políticas públicas pode-se citar o desenvolvimento de projetos voltados para garantia de direitos da mulher, leis como Maria da Penha e do Femicídio, expansão da rede de atendimento de saúde e assistência social, as controversas porções do transporte público destinado a mulheres em algumas capitais e o debate sobre direitos reprodutivos e sexuais. Em termos de economia, aumento de competitividade no mercado de trabalho, chefia de famílias e discriminação; na cultura observa-se o uso de estereótipos envolvendo a figura da mulher brasileira no meio midiático, publicitário e do turismo internacional.

Já na vida em sociedade, é possível contato com idéias e falas de homens e mulheres sobre o feminino e o masculino. Algumas vezes tais concepções estão fortemente pautadas em uma cultura de raízes patriarcais e na qual a violência é ainda vista por muitos como meio de se educar e se relacionar com o outro. Tal pressuposto pode ser observado tanto nas instâncias privadas – como a manutenção de práticas parentais violentas em alguns lares, por exemplo – e públicas, podendo citar desde atitudes agressivas no trânsito e conflitos entre torcidas de futebol. O preconceito, a intolerância e a discriminação em suas diversas facetas envolvem divergências religiosas, socioeconômicas, étnicas, orientação afetivo-sexual e também questões de gênero.

Dahlberg & Krug (2006, p.1165) pontuam a definição de violência dada pela Organização Mundial de Saúde (1996) como “uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação”. As autoras supracitadas pontuam que ao observar-se o uso da palavra – poder – é possível constatar que a definição contempla situações para além do contato físico, incluindo, portanto, aquelas nas quais há ameaça, intimidação, negligência ou omissão.

Pesquisa realizada pelo Instituto DataSenado (2013) estimou que no Brasil mais de 13 milhões e 500 mil mulheres já teriam sofrido algum tipo de violência, sendo que 65% teriam o parceiro - marido, amásio ou namorado -

como agressor e 31% dessas mulheres ainda conviveriam com o autor. Ex-companheiros também foram descritos como responsáveis por 13% dos casos de agressão.

Em atendimentos prestados a mulheres com tal vivência foi possível observar nas usuárias estágios de compreensão bastante diversos sobre a mesma problemática enfrentada, assim como avanços e retrocessos individuais de tais mulheres a respeito. Eram constatadas falas incoerentes sobre a relação abusiva, pouca orientação para ação ou para rompimento com a situação disfuncional, mudanças que se iniciavam e não se mantinham, dificuldade de reconhecer as próprias necessidades, justificativas para as agressões muitas vezes baseadas em mitos sociais sobre amor, ciúme e sofrimento, bem como avaliações não condizentes com a gravidade da experiência no ambiente doméstico.

Schiff (1986) parte do entendimento de que o organismo considerado sadio é reativo, ou seja, responde a estímulos e, assim, desenvolveu pesquisas junto a outros autores acerca da não reação ou reação ineficaz por parte de alguns indivíduos perante determinadas situações. Dessa forma, surgiram publicações acerca da Síndrome de Passividade, desenvolvendo conceitos como Simbiose, Passividade e Desqualificação para compreensão de tal funcionamento.

Considerando a relevância dos dados estatísticos, debates atuais envolvendo violência doméstica contra a mulher e do pressuposto de que a Análise Transacional é uma teoria que estuda a personalidade e a interação humana, este artigo pretende apresentar uma possível leitura dos relacionamentos conjugais violentos à luz dos conceitos citados no parágrafo anterior, focando, especialmente, no comportamento feminino dito passivo. É importante ressaltar tal viés pois a experiência da autora se deu em centro de atendimento às mulheres, tendo raros contatos com os companheiros, daí maior visibilidade da experiência feminina no texto. A literatura traz a existência de abusos diversos em relações homoafetivas, no entanto, este artigo irá se debruçar sobre tal aspecto nas relações heterossexuais.

Violência Contra A Mulher

Segundo definição posta pelo artigo 5º da Lei 11.340 (2006, p. 1) conhecida como Lei Maria da Penha, violência doméstica e familiar contra a mulher é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. Contempla situações envolvendo pessoas que possuem parentesco biológico ou de afinidade, que compartilham uma unidade doméstica enquanto espaço de convivência com ou sem vínculo familiar e ainda aquelas nas quais agressor e

vítima tenham ou já tenham tido relacionamento afetivo, independente de residência comum ou de orientação afetiva e sexual.

Antes de se falar propriamente sobre violência doméstica contra a mulher é preciso fazer um breve resgate da construção da relação de gênero através da História.

Borin (2008) pontua que as expectativas sobre o que é papel e função de cada gênero variam de acordo com o contexto cultural e o momento histórico: ao se analisar as civilizações que influenciaram a cultura ocidental percebe-se que desde a Antiguidade até a Idade Média o feminino estava atrelado à participação na vida doméstica e estigmatizado até mesmo como perigoso, já o masculino tomava à frente das atividades sociais, construindo valores cívicos, intelectuais e políticos. A partir do Renascimento, Revolução Industrial e Revolução Francesa há uma maior participação da mulher na esfera social e do trabalho, no entanto, ainda em condições inferiores às dos homens.

Desde então, as lutas pelas conquistas de direitos e igualdade entre gêneros são constantes. Ganhos significativos podem ser apontados em aspectos diversos, no entanto, parcela importante da população feminina mundial está exposta à violência nas relações conjugais.

A violência doméstica contra a mulher é um fenômeno estudado internacionalmente, sendo que a pessoa agredida demanda suporte médico, psicológico e jurídico, além da possibilidade de que tal vivência favoreça um déficit na área econômica devido ausências ou abandono de empregos e queda de produtividade laboral (BUCKLEY, 2000 apud BORIN, 2008).

A questão é erroneamente associada à pobreza, uma vez que países economicamente desenvolvidos também enfrentam esta problemática. No Canadá, por exemplo, mais da metade das mulheres assassinadas pelos parceiros íntimos já haviam formalizado queixa sobre abusos vividos e todo ano mais de 90.000 mulheres e crianças daquele país são acolhidas em abrigos especializados (COLLEMAN, 1999 apud BORIN, 2008).

A Lei Maria da Penha, de 7 de agosto de 2006, traz especificidades sobre a violência doméstica contra a mulher em seu artigo 7º, categorizando-a em cinco formas: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Tal divisão é importante à medida que dá visibilidade a atitudes que não passam por agressão física, que é mais comumente associada à ideia de abuso.

Essa primeira forma de violência, a física, é definida pelo artigo em questão como sendo “qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal”

(LEI 11.340, 2006, p. 1). Outra expressão em âmbito concreto é a patrimonial, citada como

qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades (LEI 11.340, 2006, p. 1).

Já quando se pensa em formas de violência sem contato físico, a referida lei traz a violência moral, pontuada como “qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria” (Lei 11.340, 2006, p. 1) e a violência psicológica, posta como

qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (LEI 11.340, 2006, p. 1).

No entanto, condutas de teor agressivo em sentido psicológico podem não ser legitimadas pela própria mulher como sendo uma forma de violência, podendo haver entendimento de que não se tratam de comportamentos que mereçam ser levados à denúncia formal. Há ainda possibilidade de que a mulher acolha opiniões de pessoas de seu círculo social de confiança e permaneça na relação, por motivos diversos (WYNTER, 2001 apud CASIQUE CASIQUE & FUREGATO, 2006).

A violência sexual dentro das relações conjugais também é discussão importante dada a existência de uma construção de papéis que por muito predominou – homem desempenhando papel ativo e mulher passivo – desde a economia até à intimidade sexual, tendo a mulher suas funções ligadas à reprodução, cuidados domésticos e aos chamados deveres conjugais (DANTAS-BERGER & GIFFIN, 2005). No entanto, a Lei Maria da Penha (2006, p. 1) categoriza a violência sexual e a reconhece inclusive dentro da convivência doméstica do casal:

qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos.

De acordo com García-Moreno & Heise (2002) e Aliaga, Ahumada & Marfull (2003) as consequências da violência doméstica contra a mulher abrangem os domínios pessoal, familiar e social da agredida. Para a saúde da mulher em questão são verificadas consequências de ordem física como fraturas, lesões externas e internas, escoriações, hematomas, fibromialgia, danos oculares, queimaduras, distúrbios ginecológicos, aborto espontâneo, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, incapacidade, óbito, entre outros. Já os aspectos psicológicos/comportamentais incluem baixa autoestima, depressão, transtornos ansiosos, ideação de autoextermínio, uso e/ou abuso de álcool ou outras drogas, alterações no sono, alimentação, sentimentos de culpa, vergonha, práticas sexuais não seguras, entre outros (CASIQUE CASIQUE & FUREGATO, 2006).

No que tange à família, considera-se que filhos do casal ao presenciar tais fatos entre os parceiros possam desenvolver ansiedade, depressão, transtornos de conduta ou até mesmo ter seu desenvolvimento cognitivo lentificado. Fala-se ainda que, ao vivenciarem tal experiência, essas crianças ou adolescentes têm potencializadas as chances de tornarem-se futuras vítimas ou agressores (CASIQUE CASIQUE & FUREGATO, 2006).

No campo das políticas públicas e setor econômico brasileiros, observam-se efeitos tanto em custos oriundos da demanda de assistência integral à mulher vitimizada quanto perdas de produtividade para o país. Dados sinalizam que o Sistema Único de Saúde direciona todo ano entre 8% e 11% do seu teto bruto para desdobramentos da violência e acidentes e que o Brasil perderia 11% de seu Produto Interno Bruto em razão da violência (BRASIL, 2012).

Pesquisa realizada pelo Instituto DataSenado do Senado Federal (2013) aponta dificuldades das companheiras em levar a violência praticada pelo parceiro íntimo à denúncia formal, fazê-lo após inúmeras agressões ou ainda não denunciar, por fatores diversos, como medo do agressor, vergonha, dependência financeira, por ter filhos com o parceiro ou por não conhecer seus próprios direitos.

Para além dos fatores citados pela pesquisa acima, a seguir serão apresentados alguns conceitos da Análise Transacional (AT), teoria desenvolvida pelo psiquiatra canadense Eric Berne e que possibilita entendimento da personalidade e interação entre os indivíduos. Tais conceitos podem ofertar uma contribuição para o entendimento da dinâmica das relações conjugais abusivas entre homem e mulher.

Alguns Conceitos Em Análise Transacional (AT)

De acordo com Schiff (1986, p.8) “uma Simbiose ocorre quando dois ou mais indivíduos se conduzem como se formassem entre eles uma pessoa única”. É considerada natural entre pais e filhos e necessária durante o desenvolvimento humano, uma vez que deverá promover a sobrevivência e atender às demandas de dependência em cada etapa da vida, até que o indivíduo possa existir de maneira independente. Essa é a Simbiose considerada saudável e deve favorecer o desenvolvimento do indivíduo rumo à autonomia, proporcionando a capacidade de espontaneidade, consciência e intimidade, o que para Berne (1974) é sinônimo de saúde mental (SCHIFF, 1986).

Tal Simbiose é fundamental quando há a falta de habilidades físicas ou mentais, informações ou Carícias – essas definidas por Berne (1988, p. 352) como “unidades de reconhecimento”. É o que se observa referente a crianças, pessoas com limitações físicas ou intelectuais ou com depressão reativa (SCHIFF, 1986).

Schiff & Schiff (1974) sinalizam que as patologias podem resultar de perturbações na relação simbiótica, no processo de diferenciação da mãe ou na Parentalização inadequada. Os autores citam separação, indiferença, negligência, superproteção ou deixar de preparar a criança para resolução de seus próprios problemas como exemplos que favorecem desenvolvimento da patologia.

Schiff (1986), ao realizar trabalhos com pacientes que apresentavam psicopatologias detectou a existência de tais perturbações, tentativas de restabelecer a relação simbiótica ou reação de raiva a ela por parte dos pacientes.

A Simbiose é patológica ou disfuncional quando interfere no desenvolvimento da espontaneidade, consciência e intimidade, afetando a sobrevivência ou satisfação do indivíduo. Tal análise é feita à medida que cada um dos envolvidos apresenta apenas uma parte das habilidades ou estruturas de personalidade necessárias (SCHIFF, 1986).

Portanto, diante da forma como a relação simbiótica se dá, três pontos negativos são observados: uma ameaça a uma das partes envolvidas é uma ameaça ao todo, as opções individuais se tornam escassas porque há a necessidade de proteger o outro na relação e, por último, a resolução de problemas se torna limitada, pois há apenas uma visão do fato em questão (SCHIFF, 1986).

Quanto à estrutura, a Simbiose pode ser dita competitiva ou complementar. No primeiro caso, os indivíduos disputam o lugar mais favorável na relação, gerando instabilidade, raiva, agitação ou incapacitação. Algumas vezes uma das partes poderá ceder ou ainda haver um abandono do relacionamento. Já na Simbiose Complementar, cada um dos envolvidos concorda com a posição escolhida, ou seja, as posições já estão estabelecidas. Porém, é importante ressaltar que os arranjos simbióticos são dinâmicos, podendo ter seus contratos refeitos, posições e papéis mudando com frequência, fortalecendo sua intensidade à medida que a relação é ameaçada ou que haja a necessidade dos indivíduos de resolver problemas (SCHIFF, 1986).

Schiff (1986) identificou quatro comportamentos ditos passivos utilizados pelas pessoas como estratégias internas e externas para estabelecimento ou manutenção de uma Simbiose patológica: Não Fazer Nada, Superadaptação, Agitação e Incapacidade ou Violência.

O primeiro deles é Não Fazer Nada, entendida como “não reação a estímulos, problemas ou opções” (p. 14). Existe pouco pensamento sobre o que está ocorrendo e a energia é dirigida para inibição de respostas. Diz-se que há Superadaptação quando o indivíduo não identifica suas próprias metas, entretanto, aceita ou fantasia sobre as dos outros, sem pensar a respeito. A Agitação é a exibição de comportamentos repetitivos, sem objetivo e improdutivos, que têm função de consumir energia proveniente de incômodo sentido pelo indivíduo. Por último, a Incapacitação ou Violência, que consiste na descarga da energia acumulada enquanto a pessoa vinha sendo passiva ou na situação de rompimento da simbiose, não havendo reflexão alguma. Como exemplos de incapacitação há desmaios, dores de cabeça ou vômitos e, de violência, a exibição de comportamentos agressivos contra pessoas ou propriedades (SCHIFF, 1986).

Relacionado aos Comportamentos Passivos está o conceito de Desqualificação, também definido por Schiff (1986, p.18) como sendo “mecanismo interno que envolve pessoas que minimizam ou ignoram alguns aspectos de si próprias, de outras pessoas ou da situação real”. As pessoas que utilizam esse mecanismo interno podem desqualificar em três áreas, três tipos e quatro modos. Quando se fala em área, corresponde a desqualificar algum aspecto sobre si, os outros ou a realidade. No que diz respeito a tipo, significa que o sujeito desqualifica estímulos internos ou externos, problemas ou opções, de quatro modos: existência, significado, possibilidade de mudança e habilidades pessoais (SCHIFF, 1986).

Por meio da Desqualificação o indivíduo poderá manter e reforçar suas relações simbióticas, afirmando sua “estrutura de respostas (caminhos neurais) associadas (condicionadas) que integra os diferentes Estados de Ego em resposta a estímulos específicos” (Schiff, 1986, p. 58), o denominado Quadro de Referência e ainda estar em Jogos Psicológicos - esses definidos por Berne (1988, p. 354) como “uma série de Transações com uma isca, uma fraqueza, uma mudança e uma confusão, levando a um desfecho”. O uso da Desqualificação também possibilita à pessoa levar adiante seu *Script* – para Berne (1988, p. 356) “um plano de vida baseado numa decisão feita na infância, reforçado pelos pais, justificado por acontecimentos subsequentes e culminando com a alternativa escolhida”.

Para Schiff (1986), embora seja um mecanismo interno, a Desqualificação pode ser observada por meio da exibição dos Comportamentos Passivos e comportamentos no Triângulo Dramático de Karpman - diagrama que mostra as possíveis mudanças de papéis nos Jogos: Perseguidor, Salvador e Vítima. Pode ser evidenciada ainda pelo uso das Transações Redefinidoras, comunicações onde a resposta não condiz com a pergunta pois há Desqualificação de algum aspecto do estímulo por parte daquele que respondeu (SCHIFF, 1986).

As Desqualificações prejudicam o pensamento efetivo e a resolução de problemas do indivíduo, pois ocorrem processos que interferem no funcionamento do Estado de Ego Adulto (SCHIFF, 1986). Berne (1988, p. 351) aponta que esse Estado de Ego é “orientado para o processamento de dados objetivo e autônomo e para o cálculo de probabilidades”.

A Grandiosidade é outro mecanismo interno ligado à Simbiose, à Desqualificação e à Passividade. Tem a função de fornecer uma justificativa para manutenção da relação simbiótica, consistindo em exagerar, maximizar ou minimizar, aspectos de si, do outro ou da situação. Acaba por ser compensadora de sentimentos de inadequação dos indivíduos, que não assumem a responsabilidade por seus comportamentos, mas a transferem para outras pessoas ou situação (SCHIFF & SCHIFF, 1974).

Tanto a Desqualificação, quanto os Comportamentos Passivos e a Grandiosidade fazem parte do que se chama mecanismo de Redefinição. Mellor e Schiff (1980) citam que o uso da Redefinição tem para o indivíduo a função de manter a visão de si, do outro e do mundo, defendendo-se de estímulos que ameacem seu Quadro de Referência e que o impeçam de conduzir seu *Script*. A Simbiose seria “tanto causa como efeito da Redefinição, enquanto a sobrevivência ou ter as necessidades atendidas é o objetivo e a motivação” (SCHIFF, 1980, p. 116)

Uma Aproximação Entre Teoria E Prática

Observações realizadas pela autora deste artigo na prática de atendimento psicológico a mulheres com vivência de violência doméstica pelo parceiro íntimo convergem às considerações feitas pela AT sobre relações simbióticas.

Durante a referida atuação profissional, verificou-se que as uniões das mulheres atendidas aos seus parceiros agressivos haviam ocorrido na adolescência ou início da idade adulta, sendo que algumas vezes o agressor era primeiro parceiro da vida daquela mulher. Pensando na questão do desenvolvimento humano, pode-se supor a existência de aspectos não devidamente resolvidos na história de ambos quando do início do relacionamento (bases simbióticas).

Algumas mulheres relatavam que passaram pela mesma situação com mais de um companheiro, assim como alguns agressores eventualmente tinham histórico de abusos progressivos, podendo indicar um padrão de ligações afetivas com parceiros que favoreciam a ocorrência da Simbiose.

Não raro as famílias de origem da mulher e do homem, depois de algum tempo, não mais interferiam na dinâmica do casal ou se mostravam incrédulos de possibilidade de mudança. Ao se realizar uma análise do histórico transgeracional era comum encontrar outros casais com vivências semelhantes nas famílias de ambos. Tal fato também pode sinalizar a transmissão de mensagens parentais que propiciem envolvimento dos filhos em relações afetivas disfuncionais ou repetição de um padrão.

Verificava-se que algumas mulheres traziam relatos de comportamentos agressivos por parte dos companheiros exibidos desde o período do namoro e citavam que tinham expectativas de mudar a conduta do parceiro por meio da união conjugal ou com o nascimento de filhos, atribuindo a possibilidade de mudanças comportamentais do homem a aspectos exteriores a ele ou minimizando fatos importantes já vivenciados na relação, situações nas quais poderia ser detectada a Grandiosidade.

As explicações apresentadas pelas atendidas a respeito da violência frequentemente eram associadas a fatores externos ao companheiro, como uso de substâncias psicoativas por ele (bebida alcoólica ou drogas ilícitas), problemas no trabalho (ou a falta desse para o homem) ou supostas influências negativas de amigos. Esperanças de melhora no relacionamento eram evidenciadas pelas usuárias à medida que o homem afirmava que iria mudar o comportamento, buscando demonstrar tal fato utilizando-se de adesão a algum

culto religioso, mostrando-se aberto a tratamento para abuso de álcool/drogas ou saindo de situação de desemprego. Portanto, tornava-se evidente uma transferência de responsabilidade para terceiros ou para o ambiente a respeito, podendo dar indícios de Grandiosidade nas justificativas.

Era possível identificar Desqualificações no comportamento das mulheres atendidas em hierarquias diversas. A não legitimidade da existência de um estímulo pode ser detectada quando a mulher não acreditava que em sua vida conjugal havia violência; deixar de considerá-la um problema pode ser observado quando na fala apareciam crenças como “quem ama sente ciúme e cuida”, ignorando o significado do risco à sua saúde física e mental. Acreditar que não há possibilidade de mudança da realidade na qual viviam poderia ser identificado quando as usuárias citavam que somente a morte de um ou outro solucionaria a questão; já Desqualificar a existência de Opções e sua própria habilidade de resolver o problema era observado quando nos atendimentos as mulheres verbalizavam: “não tem jeito mesmo”, “como eu faço sem ele?”, “para onde vou?” ou “você precisam fazer alguma coisa”.

Condutas exibidas por essas mulheres podem ser relacionadas aos Comportamentos Passivos: não atuar para o rompimento da situação, não buscar suporte ou não realizar a denúncia formal; viver em conformidade com exigências do parceiro, deixando de trabalhar, de visitar familiares ou sair de casa, Superadaptando-se; a Agitação era percebida quando a mulher telefonava à instituição dizendo haver certa urgência no atendimento ou visita domiciliar e que desta vez a relação havia de fato acabado; a Incapacitação poderia ser exibida na forma da dependência financeira ou de bens e adoecimento físico; a Violência na quebra de objetos e eletrodomésticos, luta corporal entre o casal, tentativa de suicídio ou homicídio.

Eram comuns os relatos de extenso histórico de agressões anteriores à primeira queixa formal, assim como denúncias reiteradas por anos a fio, com prisões e solturas frequentes do companheiro, culminando em diversos rompimentos e retomadas da união. A denúncia poderia significar a ruptura da Simbiose, além da exposição de si mesma, do parceiro e da relação, trazer sentimentos de culpa ou vergonha, lidar com o medo das reações do companheiro, revitimização em postos de saúde, IML e delegacias, eventualmente não receber credibilidade nos serviços buscados, vivenciar pouca expectativa de responsabilização do agressor ou resolução da situação - caminho esse podendo ser percorrido diversas vezes e até pontos diferentes.

No que diz respeito particularmente à autonomia financeira, era possível

observar que algumas mulheres viviam total dependência econômica do companheiro, tinham renda insuficiente ou apenas acesso a algum programa de transferência de renda e, dessa forma, justificavam a permanência na relação abusiva. Usuárias traziam histórias de proibição de atividades laborativas e até mesmo de saídas de casa ou visita a familiares.

Entretanto, algumas dessas mulheres que vivenciavam tal condição, quando mobilizadas à organização da rotina, confecção de currículos, utilização da rede de educação para os filhos ou inscrição em cursos profissionalizantes, recuavam em suas iniciativas. Tais atitudes, que sinalizariam início de Descontaminação e maior catexia do Estado de Ego Adulto, podem apontar para a Redefinição.

Este mecanismo podia ser evidenciado de maneira operacional, por exemplo, pelas falas das mulheres envolvendo a relação violenta após ameaça de rompimento da Simbiose, atribuindo a si mesma a responsabilidade pelas agressões, esquivando-se do assunto, arrependendo-se da denúncia, retirando a queixa, retornando ao lar ou aceitando o companheiro novamente, demonstrando também possível vivência de nova Superadaptação.

Pensando em fatores que ameaçam a Simbiose, pode-se também refletir sobre a atribuição dada ao atendimento prestado à mulher com tais vivências. Notava-se em algumas usuárias o medo de que o contato com os profissionais (psicólogo e/ou assistente social) fosse descoberto pelo parceiro, tanto no contexto de atendimento na instituição quanto por meio de visitas domiciliares. Eram comuns faltas ou o abandono do acompanhamento em momentos nos quais a relação reestabelecia certa estabilidade, com reconciliação e cessar dos conflitos.

Tais relacionamentos conjugais pareciam apresentar um curso intermitente, havendo períodos bastante dinâmicos, com brigas e agressões, e outros períodos mais estáveis após reconciliação e promessas de mudanças. Tal observação poderia dar indícios de estabelecimento de uma complementaridade de Estados de Ego, momentos de competição por algum deles ou situação de proximidade de rompimento da Simbiose. Quando na iminência de dissolução da união, conflitos permeados pelo uso da Incapacitação ou Violência eram claros, especialmente com agressões físicas, ameaças de homicídio ou extermínio.

Grande parte das atendidas tinham filhos ainda crianças, e comumente, mais de um: muitos nasciam em período de crise ou eram gerados com a expectativa de que o nascimento poderia melhorar a relação do casal. Tais

crianças presenciavam e viviam os desdobramentos da situação de conflito conjugal, sendo comum observar em tais famílias intervenções de órgãos de direito da criança (como Conselho Tutelar, escolas ou rede de saúde). Pode-se considerar inclusive que apenas o fato de presenciar frequentes agressões entre os adultos caracteriza a violência psicológica contra os filhos.

Considerações Finais

Através do diálogo entre a Análise Transacional e a questão da violência doméstica contra a mulher, pôde-se observar o quanto a teoria pode contribuir para o âmbito das políticas e atendimento voltado para tal público. Esse diálogo pode ser ainda mais favorecido quando complementado por outros conceitos da AT, como Jogos Psicológicos, Carícias e *Script*.

Ganhos referentes à autonomia, espontaneidade e intimidade em determinado núcleo da vida do indivíduo poderão refletir em outras áreas (como a profissional e social), tendo a pessoa maior consciência de seu funcionamento consigo, com o outro e na realidade onde está inserida, ao passo que a manutenção da relação simbiótica mantém a dependência, afeta a saúde mental e a sobrevivência do ser.

O tratamento da Simbiose disfuncional também é importante no sentido de que poderá promover melhorias para além dos envolvidos. De maneira sistêmica os ganhos serão capazes de influenciar as demais relações que circundam a pessoa ou o casal, especialmente filhos, atuando em caráter preventivo.

Ainda sobre o campo da prevenção, esse pode tornar-se fértil à medida que atividades socioeducativas, já existentes nas diversas políticas públicas, abordem a temática com direcionamento a adolescentes e mulheres e, assim, contribuam para possível identificação de fatores de risco e/ou prevenção de agravos.

Fala-se bastante acerca do atendimento à mulher agredida, no entanto, seria também importante a oferta de atendimento ao homem agressor, uma vez que esse apresenta suas próprias questões a serem trabalhadas no que tange às relações que estabelece, seja com uma única parceira ou com várias ao longo da vida.

Convém lembrar que a violência perpassa todas as camadas socioeconômicas, portanto, as parcelas da sociedade que constituem classe média e alta podem lidar com o problema de maneira ainda mais velada e

privada, dentro de consultórios de médicos psiquiatras, psicólogos ou acessando instituições religiosas – campos onde o conhecimento da Análise Transacional também pode ser utilizado.

Referências Bibliográficas:

- BERNE, Eric. *O que você diz depois de dizer olá?* São Paulo: Nobel, 1988.
- BORIN, Thaísa Belloube. *Violência doméstica contra a mulher: percepções sobre violência em mulheres agredidas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-30092008-125835/>>. Acesso em: 12 jan. 2016.
- BRASIL. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 7 ago 2006. Seção 1, p. 1-4. Disponível em: <<http://jusbrasil.com.br/diarios/DOU/2006/08/08>>. Acesso em: 12 jan. 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica*. 3.ed. Brasília, DF, 2012. 124p.
- CASIQUE CASIQUE, Leticia; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. *Revista latino-americana de enfermagem*, [S.l.], v. 14, n. 6, p. 137-144, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/2385>>. Acesso em: 12 jan. 2016.
- DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G.. Violência: um problema global de saúde pública. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, supl. p. 1163-1178, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 jan. 2016.
- DANTAS-BERGER, Sônia Maria; GIFFIN, Karen. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual?. *Cad. saúde pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p.417-425, abr.2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 jan. 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010: estatísticas de gênero*. Brasil, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=1,2,-2,-3,128&ind=4707>>. Acesso em: 12 jan. 2016.
- MELLOR, Ken; SCHIFF, Eric. Redefinição. In: *Prêmios Eric Berne 1971-1997*. 4. ed. Porto Alegre: União Nacional dos Analistas Transacionais - UNAT – BRASIL, março, 2010. p. 115-129.
- SENADO FEDERAL. Secretaria da Transparência. Instituto DataSenado. *Pesquisa Violência doméstica e familiar contra a mulher*. Brasil, março, 2013.

Disponível em: <http://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia_Domestica_contra_a_Mulher_2013.pdf>. Acesso em: 12 jan.2016.

SCHIFF, Jacqui Lee. *Tratamento de psicoses - Leituras do Cathexis*. União Nacional dos Analistas Transacionais – UNAT Brasil, 1986.

SCHIFF, Jacqui Lee; SCHIFF, Aaron Wolfe. Passividade. In: *Prêmios Eric Berne 1971-1997*. 4. ed. Porto Alegre: União Nacional dos Analistas Transacionais - UNAT - BRASIL, março, 2010. p. 29-40.

Aline Gonçalves Urias:

Psicóloga formada pela Universidade Federal de Uberlândia e Especialista em Análise Transacional. Atua em atendimentos clínicos a adultos e realiza workshops em Ribeirão Preto (SP). Experiência pelo HC da USP de Ribeirão Preto e em atendimento a indivíduos em situação de vulnerabilidade social como servidora pública.

Email: alineurias@gmail.com

TRIÂNGULO DRAMÁTICO DE KARPMAN NA RELAÇÃO DO DEPENDENTE QUÍMICO E SUA FAMÍLIA

Angélica Luiza Pereira

Resumo: A dependência química, enquanto síndrome com sinais e sintomas, tem chamado a atenção, cada vez mais, devido à crescente proporção que tem assumido. O II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas evidencia que o uso das substâncias psicoativas, de um modo geral, aumentou muito em comparação com o levantamento anterior. O uso de drogas e a dependência química são causas de muitos conflitos nas relações familiares e atinge pelo menos quatro ou cinco pessoas próximas dos usuários em relações de codependência. Diante dessa realidade, elaborou-se o presente trabalho com o objetivo de identificar os Papéis do Triângulo Dramático de Karpman nas relações familiares com membros dependentes de substâncias psicoativas, conforme essas são descritas na literatura existente. Existem diversos estudos que abordam as

características das famílias de dependentes químicos e descrevem as relações conflituosas entre seus membros e o vínculo com as drogas, e essas relações são objetos de interesse da Análise Transacional que tem como base o estudo das relações humanas. A finalidade desse estudo é resgatar a independência e a autonomia dos indivíduos e assim promover relações saudáveis. Como essa é uma abordagem ampla, foi necessário fazer um corte, selecionando o Triângulo Dramático de Karpman. Nesse contexto, realizou-se o estudo teórico sobre as famílias com membros dependentes químicos e o Triângulo Dramático de Karpman da Análise Transacional.

Palavras chave: Dependência Química. Análise Transacional. Triângulo Dramático de Karpman. Família.

Abstract: The chemical dependence, as a syndrome with signs and symptoms, has increasingly called attention due to the increasing proportion it has assumed. The II National survey of alcohol and drugs shows that the use of psychoactive substances, in general, increased greatly in comparison with the previous survey. Drug use and chemical dependence are causes of many conflicts in family relationships and affects at least four or five people close to the users in co-dependence relationships. In view of this reality, the present work was elaborated in order to identify the roles of the Karpman dramatic triangle in family relationships with members dependent on psychoactive substances, as described in the existing literature. There are several studies that address the characteristics of the families of chemical addicts and describe the conflicting relationships between their members and the bond with drugs, and these relationships are objects of interest to the transactional analysis based on the Study of human relations. The purpose of this study is to rescue the independence and autonomy of individuals and thus promote healthy relationships. Since this is a broad approach, it was necessary to make a cut by selecting the Karpman dramatic triangle. In this context, the theoretical study

was carried out on families with chemical dependent members and the Karpman dramatic triangle of transactional analysis.

Keywords: chemical addiction. Transactional analysis. Karpman's dramatic triangle. Family.

Introdução

A dependência química é considerada uma síndrome que possui sintomas e sinais. Trata-se de uma relação disfuncional entre um indivíduo e seu modo de consumir uma determinada substância psicoativa. (FIGLIE, BORDIN E LARANJEIRA, 2010)

De acordo com o II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (2012), as substâncias destacadas como sendo as mais preocupantes foram o álcool e o crack. Nesse levantamento, metade da população brasileira relatou consumo de álcool e 15% dos entrevistados admitiram algum transtorno decorrente desse uso. Segundo consta, o contato, a frequência com que se usa, quantidade de álcool que se consome, o uso de tranquilizantes e drogas ilícitas, tais como a maconha, a cocaína e o crack aumentaram, em comparação ao resultado do I Levantamento Nacional de Álcool e Drogas, realizado em 2006. O estudo ainda apontou que o primeiro contato com as substâncias psicoativas, SPA, e o início do uso regular das mesmas substâncias começaram mais cedo em relação à pesquisa anterior. O álcool foi apontado como o principal gerador de violências domésticas e urbanas, além de contribuir para haver 10 % da carga de doenças no Brasil.

O uso de drogas e dependência química são também causa de conflitos nas relações familiares. Alguns estudos abordam a caracterização dessas famílias e relatam a importância do envolvimento dos familiares no tratamento do dependente químico, já que os papéis e relações intrafamiliares, quando há drogas envolvidas, tornam-se doentias, ou já eram doentias antes de as drogas “aparecerem” e, portanto, tornaram-se permeáveis ao uso dessas substâncias por algum membro desse grupo familiar.

Na prática clínica e comunitária da psicologia, o tratamento da dependência química e o cuidado com os familiares é um desafio que exige estudo constante. A Análise Transacional, AT, é um importante recurso de compreensão dos fenômenos relacionais do ser humano e dele com o ambiente. E, foi dentro desse contexto que se realizou-se o estudo associativo das teorias que versam sobre as famílias com indivíduos dependentes químicos e a Análise Transacional. Como esta é uma abordagem ampla, para fins deste estudo associativo, fez-se um corte

selecionando o Triângulo Dramático de Karpman, como base da análise dos Jogos Psicológicos, sob o olhar da AT.

Assim sendo, o presente trabalho é um estudo teórico e tem por objetivo identificar os Papéis do Triângulo Dramático de Karpman nas relações familiares com membros dependentes de substâncias psicoativas, conforme descritas na literatura.

Dependência Química e Família

Figlie, Bordin e Laranjeira (2010) pontuam que o limite que separa o uso, abuso e a dependência de SPA é muito tênue. Ainda assim, definem o uso como sendo qualquer consumo de substâncias para experimentação, de forma esporádica ou episódica. O abuso ou uso nocivo está associado ao consumo, mesmo que pouco frequente, com algum tipo de prejuízo biológico, psicológico ou social. Então, a dependência química é definida, por esses autores, como sendo o consumo descontrolado e, na maioria das vezes, atrelado a problemas sérios para o usuário. Os referidos autores evidenciam que, entre as pessoas que fazem uso nocivo de drogas, 20% evoluirão para a dependência química. E, em termos conceituais, não há diferença entre a dependência de substâncias lícitas, como nicotina e álcool e as substâncias ilícitas como cocaína, opióides, maconha e outras.

Moreira e Silveira (2006) consideram que a busca pelo prazer é característico da condição humana. Para o usuário dependente, a busca de prazer pode acontecer através da fuga de ser o que se é. Nesse intuito, a substância química surge como instrumento de transição entre o que se é, e a necessidade (e possibilidade) de se ser um outro indivíduo. Essa perda de controle, para estes autores, é o principal elemento na caracterização de uma dependência.

Na prática clínica, é possível verificar o delicado vínculo entre o usuário, o seu consumo de drogas e suas consequências. Observa-se um movimento de desqualificação dos prejuízos no uso nocivo das substâncias, especialmente, quando se trata do consumo de drogas lícitas. Sem se trabalhar terapêuticamente a relação indivíduo-substância, o consumo pode evoluir para um quadro de dependência. Nessa etapa, os prejuízos físicos, sociais e relacionais são mais evidentes, bem como a perda de controle do uso, a constante busca por prazer, a fuga do seu próprio ser e as dificuldades na relação com o Eu com o outro, e com a própria vida. Contudo, ainda assim, entrar em

contato com as faltas e ausências e também com os conflitos internos e relacionais exigem coragem, persistência e, muitas vezes, o auxílio profissional especializado. Sem contato com esses recursos internos e externos, o uso se mantém ou a recaída acontece.

Na Classificação de Transtornos Mentais de Comportamento – CID-10 (2000), as classificações do bloco F são destinados aos transtornos mentais. Desses, os diagnósticos de F10 à F19 referem-se aos transtornos decorrentes do uso das SPAs, discriminando diversos tipos de transtornos e seus graus.

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V (DSM-V, Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders V – 2014) traz que a característica principal de um transtorno pelo uso de SPA está na presença de sintomas comportamentais, cognitivos e fisiológicos. O critério para o diagnóstico da dependência química é um padrão em que ocorre o uso disfuncional de uma substância que gera algum comprometimento clinicamente significativo, em que o uso é mantido, em detrimento dos problemas relacionados à substância.

Logo, segundo os dois manuais, os critérios para diagnóstico da dependência química, são semelhantes em termos conceituais e são feitos quando da manifestação, pelo período de 12 meses, de três ou mais dos seguintes sintomas: tolerância à substância, síndrome de abstinência, uso em grande quantidade ou em período maior que o intencionado pelo usuário, desejo persistente ou esforço sem sucesso de diminuir ou controlar a ingestão da substância, períodos longos de tempo dedicados a obtenção da substância ou à recuperação de seus efeitos, redução ou abandono de atividades por causa do uso da substância, manutenção do uso, apesar dos prejuízos físicos ou psicológicos advindos do uso.

É importante ressaltar que esses danos em decorrência do uso de SPA, podem provocar problemas graves, tanto para a pessoa que a usa, como para terceiros, gerando problemas sociais e familiares. Além disso, o consumo de droga pode agravar os problemas sociais preexistentes, do indivíduo, da família e da comunidade, como o desemprego, a violência doméstica, a criminalidade, a deficiência na educação, a constante procura por serviços de assistência pública e a marginalização. (FORMIGONI & DUARTE, 2017)

E, ainda, Botti et al (2014) afirmam que não se trata a questão das drogas como uma patologia individual, mas sim como um fenômeno inserido num contexto familiar, sociocultural e econômico. Isso torna imperiosos os estudos sobre a relação entre família e dependência química. Estima-se, que para cada

indivíduo envolvido com álcool e/ou drogas ilícitas, entre 4 e 5 familiares serão direta ou indiretamente afetados por esse problema. Botti et al (2014) ainda afirmam que, a família se comporta como um dos pilares do desenvolvimento da dependência química, revelando a necessidade de se sair da perspectiva de patologização individual para um olhar que alcance o nível das relações interpessoais familiares e sociais.

O uso de drogas por um dos membros da família, para Figlie, Bordin e Laranjeira (2010), é um indicador de que o sistema familiar não vai bem e, inicialmente, há uma negação do uso de drogas ilícitas ou de uso abusivo de álcool pelo usuário e pela própria família. Desde essa fase, já há o desequilíbrio no sistema familiar, mas a crise atinge seu ápice na confirmação do uso de SPA, que geralmente é feita por um terceiro.

Quando há essa descoberta do consumo de droga ilícita ou quando o consumo de substâncias lícitas aumenta consideravelmente, o familiar busca auxílio em sua rede social, em outros membros da família, na comunidade, nas igrejas e, por vezes, chega ao profissional especializado. Nesse caso de atuação clínica, a busca de tratamento só é procurada diretamente pelo usuário, esporadicamente. O mais habitual é o familiar buscar ajuda, com a clara convicção de que apenas o usuário de SPA é a fonte de problemas, sem se considerar corresponsável pelo processo de adoecimento da família, o que possibilita a entrada das drogas nos lares.

Nesse contexto, há dois desafios: conseguir adesão do usuário para o tratamento e, ainda, fazer com que a família compreenda que ela também precisa de tratamento e que seu papel, nesse processo terapêutico, não é somente em função do familiar ligado às drogas.

Krupnick (1982) apud Figlie, Bordin e Laranjeira (2010) afirmam que o impacto que a família sofre, com a descoberta do uso de drogas por um de seus membros, é correspondente às etapas que o próprio dependente vivencia. Sobre isso, são descritos quatro estágios; no primeiro estágio, predomina o mecanismo da negação, mesmo com as tensões e conflitos, a família opta por não falar sobre o que pensa e sente. O segundo estágio é marcado pela tentativa de controle do uso da droga e, então, são realizados vínculos de cumplicidade e por vezes baseados em mentiras. Nesse momento, ainda não se fala no assunto de forma clara e objetiva. No terceiro estágio, a desorganização familiar é enorme, membros assumem papéis rígidos e previsíveis o que, por vezes, tornam-se facilitadores do uso; outros assumem responsabilidades de atos que

não são seus, e os dependentes químicos não tomam para si as consequências do uso e pode haver inversão de papéis e de funções dentro da família. No quarto estágio, a exaustão emocional se faz presente, pode surgir distúrbio de comportamento entre os membros da família, afastamento de alguns, provocando a desestruturação familiar.

Nos atendimentos clínicos, esses autores ainda evidenciam os sentimentos mais relatados por familiares nesse contexto: raiva, ressentimento, descrédito das promessas de parar pelo usuário, dor, impotência, medo do futuro, falência, desintegração e solidão diante do resto da sociedade, além de culpa e vergonha pelo estado de degradação em que se encontram.

Entre as principais características das famílias de usuários e dependentes químicos, compiladas por Figlie, Bordin e Laranjeira (2010), estão a presença de drogas em múltiplas gerações, conflitos explícitos com cônjuges, mães em práticas simbióticas com filhos, que se estendem por toda a vida, individualizações dos adultos frágeis via regras e limites distorcidos no sistema familiar, mortes prematuras não esperadas na família, falta de barreira entre as gerações com consequente perda de autoridade, devido à ausência de limites e de regras, constante inversão de papéis no âmbito familiar, divergência entre o casal parental sobre a conduta adotada com os filhos, aliança entre filhos frente à desordem familiar.

Botti et al (2014) pontua que o padrão de transmissão transgeracional da dependência química é uma conduta apreendida que influencia os familiares envolvidos pela convivência e isso ocorre por meio de rituais, crenças e regras que regulam as atitudes e interações familiares. Ao longo das gerações, esse padrão repetitivo de dependência química, pode revelar que ocorre a codependência, isto é, estabelece-se um processo em que a pessoa com convivência direta com um dependente químico tem um relacionamento marcado por estresse e sofrimento.

Jungerman e Zanelatto (2007) observam que a relação pouco saudável entre o dependente químico e sua família, em virtude da conduta dele, mesmo desejando resgatá-lo, mantém ou agrava o quadro patológico. Ainda destacam que após a reforma psiquiátrica, a família sai da posição de culpada pela dependência química de um membro, para a posição de parceira no tratamento e na reabilitação deste familiar, além de serem alvos de atenção pelos profissionais de saúde, mesmo que ainda de modo incipiente.

Análise Transacional

A Análise Transacional tem como princípio o estudo das relações humanas com a finalidade de resgatar a independência e a autonomia dos indivíduos e com isso promover relações saudáveis, por isso foi escolhida para o presente trabalho. Seu criador Berne (1988) conceitua a Análise Transacional (AT) como:

(...) uma teoria da personalidade e de ação social e um método clínico de psicoterapia, baseada na análise de todas as possíveis transações entre duas ou mais pessoas, com base em estados de ego especificamente definidos ... qualquer sistema ou abordagem que não se baseie na análise rigorosa de transações isoladas e dos estados do ego específicos que a compõem não é análise transacional (Berne, 1988 p.32).

A Análise Transacional traz em sua teoria alguns conceitos básicos. Para o objetivo do presente trabalho, se faz necessário a definição do conceito de Estados de Ego, Desqualificação, Jogos Psicológicos, Selos e os Papéis do Triângulo Dramático de Karpman. Esses três últimos conceitos serão estudados nos itens subsequentes.

Para a Análise Transacional, a self é constituída pelos Estados de Ego. Estruturas integradas que, para melhor compreensão de seu funcionamento, são divididas em três: Pai, Adulto e Criança, sempre escritas em letras maiúsculas por se tratarem de conceitos e para diferenciá-las dos papéis de pai, adulto e criança.

Berne (1985) afirma que o Estado de Ego Pai representa, fenomenologicamente, tudo o que foi internalizado do ambiente externo como regras, conceitos, condutas. O Estado de Ego Adulto processa e organiza o que se é experienciado pelo indivíduo no presente. Por fim, o Estado de Ego Criança registra as informações mais arcaicas do psiquismo humano. O Estado de Ego Pai pode manifestar-se como Pai Crítico e Pai Protetor. O Estado de Ego Criança pode apresentar-se como Criança Livre e Criança Adaptada.

De acordo com Krausz (1999), cada um dos Estados de Ego pode se apresentar fenomenologicamente de forma positiva ou negativa ou ok e Não Ok. Desse modo, é possível distinguir comportamentos característicos em duas facetas do Estado de Ego Pai e Criança.

O Estado de Ego Pai Crítico pode ser positivo quando o indivíduo estabelece limites, busca aprimoramento e organização. Mas, num circuito negativo, manifestar-se-ia de forma autoritária, com críticas desqualificadoras.

O Estado de Ego Pai Protetor positivo oferece apoio e auxilia no crescimento, enquanto o negativo alimenta a dependência.

No Estado de Ego Criança Livre positivo, há a manifestação da criatividade, da espontaneidade, mas, no entanto, pode aparecer de forma egoísta e cruel no circuito negativo. Uma Criança Adaptada positiva obedece a regras e se adequa, enquanto a mesma, se for Não OK, torna-se submissa e se anula ou age com rebeldia.

A Desqualificação é um mecanismo interno no qual a pessoa reduz o significado real de algum aspecto do seu *self*, do *self* do outro ou da situação. Para Mellor e Schiff (1975), a Desqualificação pode ser identificada através de pistas transacionais e comportamentais, tais como os quatro comportamentos passivos, a natureza ulterior das Transações nos Jogos e a ação do indivíduos em uma das três posições do Triângulo Dramático de Karpman, sendo esse último, o pilar deste estudo.

Jogos Psicológicos

Para Berne (1977), Jogo é uma série de Transações Ulteriores Complementares que se repetem e caminham para um Desfecho previsível e definido. Sua motivação é oculta e por isso desonesta, por se construir com manobras ou lances. Essas são suas duas características fundamentais: natureza inconfessada e ter um desfecho com caráter de dramaticidade. “Jogos são constituídos por uma série de lances com ciladas ou truque no meio ou no fim” (BERNE, 1977, p.49).

Berne (1988) afirma que o Desfecho “(...) consiste em sentimentos (não necessariamente semelhantes) que o Jogo suscita no agente e respondente. (...). Coloquialmente, o desfecho é chamado de figurinha.” (BERNE, 1988 p. 35, 36)

Berne (1988) ainda afirma que todo Jogo Psicológico pode ser representado segundo a fórmula $I + F = R \rightarrow M \rightarrow C \rightarrow D$. Nela I, denominado Isca é todo e que qualquer estímulo emitido que convida o outro, mesmo que de forma implícita, a participar do Jogo. F representa a Fraqueza, ou seja, a característica do receptor que possibilita sua entrada no Jogo. A somatória da Isca com a Fraqueza culmina na Resposta (R) comportamental provocada ou desejada no Jogo. A partir dessa Resposta, o desconforto gerado pelo Jogo provoca a Mudança (M) ou a troca entre os Papéis do Triângulo Dramático gerando Confusão (C) momentânea naquela relação que terminará no Desfecho (D), experimentado por cada jogador por um Selo ou Figurinha.

Além de serem formas de contatos sociais externos, os Jogos trazem

benefícios, apesar do Desfecho negativo. Berne (1977) e Steiner (1976) afirmam que a vantagem dos Jogos Psicológicos está na sua função estabilizadora. Essas vantagens podem ser expressas de maneiras palpáveis na forma de como se evitar envolvimento em situações provocadoras de ansiedade, na manutenção da Posição Existencial do jogador, na garantia de um padrão de Carícias, mesmo que isso ocorra num padrão negativo ou de economia.

Os Jogos influenciam o destino dos jogadores de forma importante e decisiva e, em alguns casos, acontecem de maneira a se perpetuarem ao longo da existência deles. Esses são os chamados Jogos da Vida e entre eles estão: 'Alcoólatra', 'Só Estou Querendo Te Ajudar', 'Chute-me', 'Devedor', 'Me Bata', 'Agora Eu Te Peguei, Seu F.D.P', 'Veja Só O Que Você Me Obrigou a Fazer'. (BERNE, 1977)

Para este estudo, o Jogo do Alcoólatra é o mais significativo. O Jogo do Alcoólatra é jogado por cinco pessoas, mas pode ter seus papéis condensados de forma em que ele comece e termine com dois participantes. Nesse Jogo, para Berne (1995), o efeito do álcool é, em suas palavras, “um prazer acidental”, já que o objetivo transacional é criar uma situação em que o Estado de Ego Criança do alcoólatra, possa ser severamente repreendido não apenas pelo Estado de Ego Pai interior, mas por quaisquer figuras parentais que queiram se dar a esse trabalho. (BERNE, 1995 p.72). O autor segue afirmando que o tratamento do alcoolismo deve se concentrar nas manhãs de ressaca e não na bebedeira em si, pois se o ato de beber é um Jogo, o benefício está na manhã seguinte, com a punição interna ou social. O alcoolista tem como passatempo preferido o desconforto psicológico da ressaca. O ato de beber é, numa análise mais profunda, apenas “um prazer acidental”, e o objetivo final do Jogo é realmente a ressaca. (BERNE, 1995)

Krausz (1999) pontua que, num Jogo, os participantes podem assumir um ou mais papéis do Triângulo Dramático de Karpman. Há um papel preferido para todos os indivíduos, o qual está relacionado com sua Posição Existencial predominante, contudo, no decorrer do Jogo, a ocupação desses papéis pode ser alterada. São três os papéis: Salvador, Vítima e Perseguidor.

No Jogo do Alcoólatra, normalmente o alcoolista/usuário de SPA, escolhe o papel da Vítima e convida as pessoas ao seu redor – especialmente familiares – a ocuparem os demais papéis.

Triângulo Dramático de Karpman

Karpman (1968) afirma que apenas três papéis são necessários para a análise das inversões emocionais que constituem os Jogos. E o Jogo Psicológico começa quando se estabelece um papel inicial para cada um dos jogadores e se concretiza quando há pelo menos uma mudança importante nos papéis, resultando na Confusão ou Desfecho com Selos. Não há uma sequência linear para a mudança de papel. Sendo assim, a partir do ponto que o jogador está, ele poderá ir para qualquer um dos outros dois papéis disponíveis.

Quando se encontra no papel de Perseguidor, o jogador faz cobranças de forma crítica e autoritária, na tentativa de evitar o papel da Vítima e convida o outro a ocupar esse papel. Como Perseguidor, ele estimula o outro a se sentir Não Ok, emitindo Carícias negativas, humilhando e usando sarcasmo. Há, também, o Estado de Ego Pai Crítico negativo mais energizado que desconsidera os sentimentos do outro.

Já no papel do Salvador, a pessoa assume uma postura de “psicoeducação” direcionada ao outro no intuito de ajudar o outro a se sentir Ok. Com esse comportamento, o indivíduo tenta evitar se colocar como Vítima, mas convida o outro a assumir essa posição. O Salvador pode agir considerando o outro inferior, precisando de sua ajuda, demonstrando uma necessidade pessoal de ser útil. O Estado de Ego mais atuante é o Pai Protetor negativo, já que ele desqualifica os recursos do outro e suas necessidades pessoais.

Quando está no papel de Vítima, o indivíduo sente que não é ou não está Ok. Sendo assim, a Vítima apresenta o Estado de Ego Criança Adaptada, negativo, mais energizado, desconsiderando seus recursos próprios para atuar. Considerando o exposto, fica claro que na relação Vítima e Salvador o movimento é “eu não sou Ok / Você é Ok”

A relação Vítima e Perseguidor é baseada no movimento “eu não sou Ok / Você não é OK”. Ou pode acontecer de a Vítima sentir-se “Ok” e considerar que as pessoas “não Ok” a estão perseguindo.

No Jogo do Alcoólatra, jogado por dependentes de qualquer SPA, esses três Papéis Dramáticos são vivenciados e para haver melhor compreensão da dinâmica analise-se o seguinte exemplo:

Após o recebimento do salário, um pai de família dependente de cocaína, passa o fim de semana em consumo intenso da droga, nas ruas da periferia da cidade. Enquanto está sob o efeito da substância, esse homem apenas desfruta o prazer que a cocaína pode lhe dar e desqualifica os riscos à sua saúde e segurança. A grande cena desse Jogo começa na segunda-feira seguinte, pois será nesse momento que ele tomará consciência de seus atos, terá que enfrentar a

família e as cobranças que certamente ela fará. Então, isso dará ao dependente químico o pseudodireito de se vitimar e considerar que o estão perseguindo.

Os três papéis são ativos, e os integrantes da cena mudam de posição, mesmo sem saber com clareza o que estão fazendo. No exemplo citado, o marido dependente assume o papel de Vítima e convida com seu comportamento, a esposa a ocupar o lugar de Perseguidor. Os filhos, ou algum genitor podem assumir a defesa do homem dependente e ocupar o papel do Salvador.

Outras configurações podem acontecer, tais como filhos no papel de Perseguidores, cobrando atitude de solução da mãe que, como Salvadora, habitualmente, cuida e minimiza os danos causados pelo uso de cocaína do marido a quem ela percebe como sendo uma Vítima da dependência química ou mesmo da influência de colegas por ela considerados más companhias.

A utilização e escolha por um dos Papéis do Triângulo Dramático remete à infância e à interação familiar do dependente e, depois de muitas repetições, esses papéis passam a ser desempenhados de maneira automática e inconsciente. (KERTÉSZ, 1987)

Em Crema (1982) consta que o Jogo favorito, assim como o Papel do Triângulo mais ocupado pelo indivíduo, provavelmente, teve sua origem nos pais ou avós e tenderá a ser transmitido para os filhos, sendo assim, aprendido de geração em geração. Esses papéis são claramente expostos no consultório, e assim, é possível observar como o papel preferido de cada indivíduo se repete em diversas situações, ou com as mesmas pessoas, ou em grupos diferentes. As expressões “Eu sou assim” ou “Sempre cometo os mesmos erros” ou ainda “Ele age igual ao pai” ou “Ela repete a história da mãe” refletem a existência desse papel preferido, e como isso pode ter sua origem nas raízes familiares.

É importante salientar que estes papéis são de ação e não de identidade, assim são manipulativos ou falsos e, frente a uma decisão tomada no Estado de Ego Adulto, podem deixar de ser utilizados (CREMA, 1982). Tal afirmação corrobora a importância de o familiar também fazer psicoterapia ou participar de algum tratamento voltado para a família que auxilie o indivíduo dependente a agir com seu Adulto descontaminado e assim evitar Jogos.

Família, o dependente químico e os Papéis do Triângulo de Karpman

As consequências do uso de substâncias psicoativas são diversas e o

adoecer da família, nessa circunstância, é comum. Paz e Colossi (2013) ressaltam que a literatura classifica o movimento adoecido destas famílias como codependência, sendo uma síndrome de crenças e estratégias mal adaptativas. Entre as crenças comuns na codependência estão o auto sacrifício, a reatividade e o foco no outro. Os mesmos autores colocam que o auto sacrifício pode estar relacionado a familiares com características de dependência afetiva. A crença de reatividade é entendida como a crença na capacidade de modificar e resolver os problemas do usuário, e indica características de personalidade narcisista e manifestação do pensamento mágico para a solução de problemas.

Paz e Colossi (2013) ainda destacam que outra característica marcante nas famílias com dependentes químicos é que elas superprotegem o usuário, na busca de resolverem ou de evitar o sofrimento do dependente químico com as consequências oriundas do envolvimento com as drogas. Em muitas situações, esse cuidado é descrito como exagerado, excessiva necessidade de controle, autonegligência e anulação de si mesmo. Nessa codependência, a família pode agir de modo a reforçar o uso de droga ou a propiciar recaídas ou agravamento do problema, uma vez que o usuário não assume a responsabilidade pelos seus atos, já que isso é feito pela família adoecida. Essas três características no comportamento familiar têm efeito permissivo e reforçam a manutenção do uso destas substâncias.

Moraes et al (2009) afirmam que o codependente é aquele que permite ser afetado por outra pessoa e por seus problemas, perdendo o amor próprio, a capacidade de se afirmar e de cuidar de si mesmo. Nesse contexto, a autoestima do codependente é regulada pelo quanto consegue agradar ou não ao outro. Para esses autores as características que evidenciam famílias codependentes são a baixa autoestima, caracterizada pela falta de amor próprio; as dificuldades diversas, dentre elas, de negação e de imposição de limites; os sentimentos de ilusão, o sofrimento, a ansiedade, a angústia, o medo, a impotência, o fracasso; a sensação de vazio e o desconhecimento dos próprios sentimentos.

Desse modo, o familiar codependente perde parcialmente a sua identidade e autonomia, vivendo em função de tentar controlar e conduzir o familiar dependente químico. Nesse cenário os sentimentos de culpa e medo são frequentes. Culpa, por se considerarem responsáveis pela vida do outro e medo, por poder falhar no cumprimento de tal obrigação.

É possível conjecturar que o codependente, especialmente as mães e esposas, ocupa o papel do Salvador, descrito no Triângulo Dramático de Karpman. E, quando o indivíduo ocupa esse papel tende a tomar como sua a

realidade do outro, assume para si o pensar e o resolver dos problemas do outro (suposta Vítima), faz mais do que recebe e faz aquilo que, na realidade, não é tarefa sua. No seu Estado de Ego Pai Protetor negativo mais energizado, o Salvador desqualifica no outro a capacidade de resolver os próprios problemas e a fazer as próprias escolhas. Sendo assim, para o familiar, o usuário de drogas é visto como uma Vítima que precisa de amparo constante.

Sendo o Estado de Ego Criança Adaptada negativo o mais presente na Vítima, é fácil observar que o dependente químico assume facilmente esse papel e se coloca na posição de espera, na expectativa de que o outro resolva seus problemas, frutos do uso de SPA. Assim, não raro, é a esposa ou a mãe quem se comunica com a empresa onde o dependente trabalha, para justificar a falta dele, após uma noite de uso intenso de drogas ou álcool ou, ainda, são também elas quem faltam a seus empregos para cuidar do dependente químico em crise de abstinência. Outro exemplo, que evidencia essa relação Salvador-Vítima, é o pagamento de dívidas junto a bares e traficantes pelo familiar codependente, sem que o endividado se envolva minimamente com tal compromisso. Na personagem da Vítima, o usuário de SPA pode se acomodar com o diagnóstico de doença e se considerar incapaz de resistir ao uso e/ou de resolver os problemas e prejuízos advindos da dependência. Por tudo isso, ele age como se não tivesse recursos, internos ou no meio para resolver seus problemas, desqualificando a si mesmo.

Nesse cenário, a figura do Perseguidor aparece personificado em outro membro da família, filho ou pai/padrasto, sendo estes os mais comuns. Como Perseguidor, cobram atitudes mais assertivas e responsáveis do usuário de drogas e, por vezes, agem de modo grosseiro e agressivo na espera que o usuário se responsabilize por seus atos e mude seu comportamento de uso. Nesse caso, há um cenário em que pode ocorrer a violência doméstica. Em outros momentos, o Perseguidor pode ser atribuído ao empregador que desconta o dia não trabalhado no salário mensal ou, até mesmo, recorre à demissão. Nesses casos, o usuário se mantém na posição de Vítima de injustiças, pela agressão, pela cobrança desmedida ou por demissão arbitrária que sofre; raramente ele considera a situação como sendo prejuízo causado pela dependência química.

Dentro desse contexto, na tentativa de manter a homeostase familiar, ou seja, em função da manutenção do uso e do funcionamento familiar, esses personagens podem ocupar, alternadamente, os três papéis do Triângulo Dramático.

No momento em que o dependente químico se sente incapaz de resolver seus problemas, colocando-se como Vítima, ele pode migrar para o papel do Perseguidor, exigindo que o familiar, anteriormente no papel do Salvador, responsabilize-se por solucionar sua demanda. Então, o familiar, sob a cobrança severa do dependente químico, pode ser visto pela família ou mesmo pela sociedade como Vítima solicitando um Salvador, papel esse que pode ser ocupado por outro membro da família ou até mesmo por profissionais de saúde e personagens religiosos.

A droga também é convidada a entrar nesse Jogo e é colocada pelo usuário e Vítima, como sendo o seu Salvador, já que esta, por meio do entorpecimento, lhe proporciona um alívio diante de sua incapacidade de enfrentar seus conflitos. Sob o olhar dos familiares, a droga é o grande Perseguidor que maltrata, rouba e escraviza o usuário e a sua família.

O codependente, a princípio, no papel do Salvador, tende a assumir toda a responsabilidade para com o dependente químico, e passa também a ser a principal referência para os outros integrantes da família. Por esse motivo, quando o assunto envolve a dependência química, esse codependente recebe cobranças dos outros e de si mesmo. Pressionado, esse familiar codependente pode repassar tais cobranças por mudanças ao dependente químico e migrar para o papel do Perseguidor. Em resposta a essa pressão, o dependente químico se mantém no papel de Vítima e, se julgando incapaz de mudar seu comportamento, pode fazer uso de falsas juras de mudança de comportamento e ainda mentir sobre vários assuntos.

Em vista disso, o familiar codependente que inicia no Jogo Psicológico no papel de Perseguidor, por atuar principalmente com seu Estado de Ego Pai Crítico negativo, age com autoritarismo, arrogância e, em muitos casos, com agressões. Devido a essa postura nada assertiva, ele pode ser julgado, ser acusado de inadequação e, ainda, se colocar na posição de Vítima de outros que migram para o papel do Perseguidor que, nesse estágio, poderá ser representado pelo próprio dependente químico ou pelo seu Salvador que, fracassado no seu propósito de salvar, busca outros culpados e responsáveis por todos os problemas e conflitos.

Para melhor compreensão dos Papéis do Triângulo Dramático de Karpman, na análise dos Jogos Psicológicos, vale retomar a fórmula proposta por Berne: $I + F = R \rightarrow M \rightarrow C \rightarrow D$. Como exemplo, podemos considerar como Isca o filho dependente químico, desempregado, pedindo dinheiro à mãe, alegando precisar pagar algum boleto. A Isca foi direcionada à mãe que se encontra no perfil

superprotetora, a Fraqueza, ou seja, age no Estado de Ego Pai Protetor no circuito negativo, que dá resposta positiva ao pedido, fornecendo a quantia pedida. Até esse momento, o filho se coloca como Vítima, demitido do emprego sem condições de quitar suas dívidas e a mãe aceita o convite e ocupa o papel do Salvador, responsabilizando-se pelo filho e seus comportamentos.

Nessa situação, a Mudança ocorre quando essa mãe descobre que o filho usou o dinheiro para outros fins, como uso de alguma SPA. Nesse momento, essa mãe pode ocupar o lugar do Perseguidor, cobrando e dando espaço para que o familiar dependente químico permaneça no papel de Vítima. Outra possibilidade de Mudança se dá quando essa genitora vai para o papel da Vítima, e novamente poderá ser extorquida pelo filho. Essa Mudança gera uma Confusão de papéis tendo como Desfecho os Selos emocionais tais como raiva, mágoa, tristeza, medos e culpas.

Considerações finais

A literatura sobre a dependência química descreve as características comuns às famílias com usuários de SPA, evidenciando as relações disfuncionais com vínculos simbióticos, conflitos internos, violência doméstica e comunicações não assertivas. Tais características parecem atravessar gerações mantendo o uso de drogas por alguns membros da família e a desarmonia nas interações familiares.

Ao se fazer um paralelo das características acima citadas com a Análise Transacional, a qual tem como base o estudo das Transações humanas, é possível compreender com mais clareza os vínculos disfuncionais das famílias com dependentes de drogas. A identificação dos Papéis do Triângulo Dramático de Karpman traz luz à análise das relações familiares e torna evidente a presença de Jogos Psicológicos.

Portanto, no processo de tratamento do familiar e do dependente químico, o estudo dos Papéis do Triângulo Dramático de Karpman é uma importante ferramenta de intervenção, uma vez que qualifica o paciente a analisar, a compreender e a mudar sua atuação frente à família e à droga. E assim, a medida em que os indivíduos tomam consciência dos papéis que mais ocupam nas relações, e do quanto tais condutas mantêm o quadro de conflito, fica evidente os comportamentos de Desqualificação do outro e de si mesmo. Além do movimento de Desqualificação, outro ponto, que merece mais estudo, são os comportamentos Passivos ('Não fazer nada', Superadaptação, Agitação e Incapacitação/violência) na relação do dependente químico e o codependente.

A partir dessas conclusões, um trabalho de intervenção com o dependente e com a família dele, começa a se descortinar, abrindo espaço para a construção de relacionamentos saudáveis, evitando Transações em algum dos Papéis do Triângulo Dramático de Karpman e sem o uso de SPA, na busca de relações com mais Consciência, Autonomia e Intimidade.

Referências Bibliográficas:

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2014.
- BERNE, E. *Análise Transacional em Psicoterapia*. 2ªed. Summus Editorial. 1985.
- BERNE, E. *O que você diz depois de dizer olá?* São Paulo: Nobel, 1988
- BERNE, E. *Os jogos da vida: a Psicologia Transacional e o Relacionamento entre as Pessoas*. São Paulo: Artenova, 1977
- BOTTI, N.C.L., et al. Funcionamento transgeracional de famílias de usuários de crack. *Psicologia Argumento*. Curitiba, v.32, n.76, p.45-55. Jan/mar. 2014
- BORTOLON, C. B. et al. Avaliação das crenças codependentes e dos estágios de mudança em familiares de usuários de drogas em um serviço de telatendimento. *Revista da AMRIGS*. Porto Alegre: 54(4):432-436, out-dez 2010
- CREMA, R. S. *Manual de Análise Transacional*. Brasília: Teledata, 1982
- JUNGERMAN, F.S. e ZANELATTO A. S. *Tratamento do usuário de maconha e seus familiares: um manual para terapeutas*. São Paulo: Roca, 2007
- FIGLIE, N. B.; BORDIN, N. B.; LARANJEIRA, R. *Aconselhamento em dependência química*. São Paulo: Roca, 2010
- FORMIGONI, M.L.O.S. e DUARTE, P.C.A.V. Efeitos de substâncias psicoativas: módulo 2. – 11. ed. – Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD/SUPERA), 2017.
- KARPMAN, S. B. *Contos de Fadas e Análise do Drama dos Scripts*. TAB, 7 (26), 1968. Publicado em: Prêmios Erick Berne 1971 – 1971, 1997.
- KERTESZ, R. *Análise Transacional ao Vivo*. 2ª ed. São Paulo: Summus. 1987
- KRAUSZ, R.. *Trabalhabilidade*. São Paulo: Nobel, 1999
- LARANJEIRA, R. et al (supervisão). *II Levantamento de Álcool e Drogas (LENAD) – 2012*. São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD), UNESP, 2014
- MELLOR, Ken & SCHIFF, Eric. Desqualificação. TAJ, v.5, julho 1975. Publicado em: Prêmios Eric Berne, UNAT-BRASIL, 4ªed. 2010.

MORAES, L. M. P.; et al. Expressão da codependência em familiares de dependentes químicos. *remE – Revista Mineira de Enfermagem* ;13(1): 34-42, jan./mar., 2009

MOREIRA, F. G.; SILVEIRA, D. X. *Panorama Atual de Drogas e Dependências*. São Paulo: Editora Atheneu, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças*. São Paulo: Edusp, 10ªed. 2000.

PAZ, F.M. e COLOSSI, P.M. Aspectos da dinâmica da família com dependência química. *Estudos de Psicologia* (em linea) 2013,18 (octubre-diciembre). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26130639002> > acessado em 01-04-2018

Angélica Luiza Pereira

Psicóloga Clínica – atuando no Sest Senat de Uberlândia MG

Especialista em Análise Transacional pela Faculdade Monteiro Lobato -

RS em parceria com Unat (2018)

Especialista em Psicologia do Trânsito pela Universidade de Franca – SP (2016)

Especialista em Dependência Química pela Faculdade Católica de Uberlândia MG (2010)

Graduada em psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (2007)

Email: angelica.mosaicopsi@yahoo.com.br

PERMANÊNCIA DA MULHER EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Carla Koguta

Resumo: Este trabalho busca compreender, através dos conceitos de Carícias e Matriz de Desqualificação, os motivos que levam uma mulher a permanecer em um relacionamento abusivo. A teoria, aliada a prática profissional, facilita o entendimento de situação de violência sofridas por mulheres nos relacionamentos conjugais, sejam eles matrimoniais ou não e a falta de reação por parte delas a estas situações. Além disso, busca-se fomentar uma dis-

cussão, buscando sempre a empatia e o apoio a estas mulheres, que são vítimas e, muitas vezes, não conseguem perceber o quanto sua qualidade de vida e sua saúde física e psicológica estão sendo prejudicadas por permanecerem em um relacionamento tóxico.

Palavras chave: Relacionamentos Abusivos; Violência; Análise Transacional; Desqualificação, Carícias.

Abstract: This project seeks to understand, by the concepts of Careses and Disqualification Matrix, the reasons that takes a woman to remain in an abusive relationship. The theory, combined with professional practice, helps to understand the violence situation suffered by woman in conjugal relationships, whether marital or not, and the lack of reaction by them to these situations. Beyond that, wants to instigate a discussion, always looking for the empathy and support to these women, whom are victims and, quite often, can't realize how their life quality and their physical and psychological health are being affected by staying in a toxic relationship.

Keywords: Abusive Relationships, Violence, Transactional Analysis, Disqualification, Careses.

Introdução

Este artigo é uma revisão bibliográfica de conceitos, em sua maioria da Análise Transacional - Carícias e Matriz de Desqualificação -, relacionados a mulheres que permanecem em relacionamentos abusivos. Sabe-se que as mulheres já conquistaram muitos direitos, mas, em contrapartida, ainda são as que mais sofrem violência.

Análise Transacional (AT) é uma teoria da personalidade criada pelo Dr. Eric Berne no final da década de 50. É uma teoria que visa o crescimento e a mudança pessoal, sendo considerada também uma filosofia de vida, uma teoria da psicologia individual e social. As técnicas utilizadas nesta abordagem tem por objetivo uma mudança positiva que possibilita uma tomada de posição quanto ao ser humano. (PASSOS, 2015).

“A violência contra a mulher atinge uma em cada quatro mulheres no mundo e é responsável por um em cada cinco anos potenciais de vida saudável perdido pela mulher”. (NARVAZ E KOLLER, 2006, p.8).

No Brasil mais de 13 milhões de mulheres já sofreram algum tipo de violência. É importante ressaltar que, em 65% dos casos o agressor é o parceiro, seja ele marido, amásio ou namorado e 31% dessas mulheres, vítimas de violência, ainda convivem com o agressor. (DATASENADO, 2013).

Violência pode ser definida de várias formas; dentre elas, o que diz a Organização Mundial da Saúde, uso de força física, ameaça ou poder, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo de pessoas que possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. DAHLBERG & KRUG (2006). Os autores acrescentam que a inclusão da palavra “poder” amplia o conceito para além da violência física, ou seja, relacionamentos abusivos, onde há negligência, exploração financeira e ou abusos psicológicos, por exemplo, também fazem parte desse conceito.

O objetivo principal deste trabalho é compreender, por meio dos conceitos de Carícias e Matriz de Desqualificação, o que leva uma mulher a permanecer em um relacionamento abusivo. Quando se tem informações científicas e relevantes sobre o assunto é possível apoiar ou auxiliar a vítima, diminuindo a chance de julgamentos.

Carícias

Carícias são estímulos sociais de um indivíduo para outro; é uma forma de reconhecer a existência do indivíduo. As “Carícias” são uma das formas de intercâmbio do organismo com o ambiente, que também fornece, além dos estímulos sociais, a energia e os nutrientes em forma de alimento, água e oxigênio. (KERTÉSZ, 1987)

Para AT, não podemos falar de relacionamentos sem falar de Carícias, pois é um tema essencial para entender porque permanecemos em relacionamentos, sejam eles prazerosos ou abusivos. “As Carícias são tão necessárias à vida humana quanto as outras necessidades biológicas primárias, tais como comida, água e abrigo, necessidades que quando não satisfeitas, levarão à morte”. (BERNE, 1964 apud STEINER 1974, p.107).

CARÍCIA (toque, afago, estímulo) é a unidade de reconhecimento humano. Começa no nascimento, com o toque físico. Depois passa para palavras, olhares, gestos e aceitação. Sem dúvida o toque físico é o mais potente meio de reconhecimento... Com o passar dos anos, o toque físico pode, razoavelmente, ser substituído pelo toque verbal. Então, um acariciamento no rosto da esposa pode ser substituído por um 'Que bom que você veio!' Todos nós queremos ser reconhecidos! Todos nós necessitamos de carícias! (Tanto quanto precisamos de comida). (SHINYASHIKI, 2005, p. 52)

Cabe ressaltar que a falta de Carícias pode ser uma das causas das diversas doenças psicossomáticas existentes, podendo desencadear grandes atrasos no desenvolvimento físico, cognitivo e emocional. (KERTÉSZ, 1987). Além disso, pode-se constatar que existem dois tipos de Carícias, as positivas e as negativas e normalmente o adulto se guia pelas Carícias que teve na infância. Se o indivíduo teve um Padrão de Carícias negativas, muitas vezes, não consegue receber de maneira adequada a Carícia positiva, esse padrão vai sendo reforçado, afastando o indivíduo de sua necessidade básica de afeto. (KERTÉSZ, 1987).

As carícias positivas são caracterizadas por passarem uma mensagem de “você é OK”, elas são agradáveis, espontâneas e fomentam a auto estima do receptor. Já nas carícias negativas, ocorre o contrário, elas passam a mensagem de “você não é OK”, desqualificam o receptor, são desagradáveis e dolorosas. (Woolams e Brown 1979)

Quando criança, o indivíduo enfrenta três condições para receber carícias. Viva incondicional - recebe reconhecimento, afeto, pelo simples fato de existir. Viva condicional - recebe atenção enquanto se comporta de acordo com as necessidades dos familiares ou pessoas importantes. Não viva incondicional - quando se recebe carícias agressivas independente do comportamento ou é ignorado ou desclassificado. (KERTÉSZ, 1987, p.54).

Esse padrão recebido na infância, muitas vezes é revivido na vida adulta. Ou seja, uma criança que teve uma condição de Carícias não viva incondicional, vai acreditar que está OK permanecer em um relacionamento abusivo e/ou agressivo.

A submissão das pessoas está relacionada com as trocas de Carícias, ou falta delas. “Pessoas com fome de carícias gastam grande parte do seu tempo procurando carícias, tornando-se manipuladas por quem controle esse fornecimento de carícias” (STEINER, 1971, p.107).

Na prática profissional é possível perceber o que diz a teoria, pois mulheres que estão em um relacionamento abusivo geralmente estão acostumadas com um padrão de carícias negativas; elas viveram isso na infância e o xingamento, a reclamação constante ou até a agressão verbal ou física é percebida por ela como algo natural.

Além disso, pode-se perceber que há mulheres que acabam se isolando de outras pessoas quando estão em um relacionamento, seja por ciúme excessivo do parceiro ou por acreditar que ela precisa voltar sua atenção para ele, deixando

de lado sua família e amigos. Assim, ele se torna a sua fonte exclusiva de Carícias e, por esse motivo, como não é possível viver sem Carícias, aceitam o que o parceiro lhe fornece.

Essa falta de Carícias pode ser percebida, na prática, como sinônimo de submissão; um exemplo é quando a mulher só recebe Carícias quando se comporta de acordo com o que o parceiro acredita ser o ideal, então ele impõe restrições para o jeito de vestir, de falar, de agir e ela acaba se sujeitando a estas imposições com o objetivo final de receber Carícias.

O medo de perder essa única fonte de Carícias, é um dos motivos que fazem com que a mulher permaneça neste relacionamento. E a Análise Transacional, busca, com a terapia, fazer com que o indivíduo tome consciência de seus Padrões de Carícias, para conseguir resgatar a espontaneidade e autonomia para deixar de lado os comportamentos destrutivos que fazem com que as pessoas adoeçam ou permaneçam em relacionamentos não saudáveis.

Além disso, também é importante trazer esta mulher para consciência, fazendo com que ela amplie suas relações sociais, para não ficar dependente e também, submissa às necessidades de Carícia recebidas pelo parceiro, se sujeitando a situações de violência. Durante o processo terapêutico, a mulher deve perceber que é de vital importância ampliar suas fontes de Carícias com amigos, familiares, colegas de trabalho, da forma que for melhor para ela. Pois essa aproximação lhe ajudará a sair deste relacionamento abusivo.

Para compreender de que forma ocorre a violência nos relacionamentos, é necessário entender o conceito de violência e todos os aspectos que envolvem este conceito.

Violência e relacionamentos abusivos

Uma mulher que sofre violência, seja psicológica ou física tem consequências no seu desenvolvimento pessoal, socioeconômico e inclusive nos seus direitos como cidadã. Essa violência está relacionada a toda relação que há abuso de poder, podendo manifestar-se de diferentes formas. (NARVAZ E KOLLER, 2006).

Durante muito tempo pensou-se que os atos de violência apenas ocorriam nas relações de maior compromisso como a união de fato ou o casamento. Esta ideia revelou-se, como se sabe, incorreta. A violência ocorre também em relações de namoro (COUTO, 2013, p.13).

Nos relacionamentos, a maioria dos agressores são do gênero masculino e as principais vítimas são do gênero feminino, portanto a violência que ocorre neste contexto, também é uma violência de gênero. (NARVAZ, 2002).

De acordo com Silva, Coelho e Caponi (2006), violência nos relacionamentos pode ser descrita como qualquer ato ou negligência, que ocorre entre pessoas que tem um relacionamento afetivo-sexual. Esses atos ou negligências são considerados violência quando resultam em dano físico; financeiro, que pode incluir casos de herança; sexual, como o estupro ou mutilação genital; ou ainda psicológico, que inclui também chantagens, ameaças e privação da liberdade.

Um dado realmente surpreendente é que 60% das mulheres vítimas de violência por seus parceiros permanecem com os mesmos. (FONTANA E SANTOS 2001). Dentre os motivos que fazem uma mulher permanecer em um relacionamento abusivo ou situação de violência, de acordo com Norwood, (2011), pode-se destacar o medo de ser abandonada; neste caso, a mulher faz qualquer coisa, para impedir o fim do relacionamento, até suportar abusos; a baixa autoestima e a crença de que não merece ser feliz; esta baixa autoestima também faz com que a mulher esteja disposta a arcar com mais de 50% da responsabilidade, culpa e falhas do relacionamento, se colocando numa posição inferior em relação ao seu parceiro e, por fim, muitas vezes essas mulheres acabam permanecendo muito mais em contato com o sonho de como o relacionamento poderia ser, do que com a realidade da situação.

Além dos fatores citados, podemos considerar que mulheres com filhos tendem a permanecer em relacionamentos abusivos para manter a família unida. Outro ponto importante é a dependência financeira, falta de apoio da família e comunidade. “O medo e a insegurança causado pelas ameaças e pela violência psicológica impetrada pelo parceiro abusivo também parecem desempenhar importante papel nesta dinâmica” (NARVAZ E KOLLER, 2006)

Observou-se também que, em relacionamentos abusivos, a violência, seja física ou psicológica, ocorre de forma cíclica, na qual a dinâmica é extremamente comum e possui geralmente três fases: a fase da tensão, caracterizada pela presença de agressões verbais, ameaças ou humilhações, enquanto a vítima permanece com uma postura de submissão; a fase de explosão, que caracteriza-se pela fase de violência grave, seja física ou verbal, perpetradas de forma mais intensa e frequente do que as da fase anterior; nesta fase, a vítima costuma sentir medo e ansiedade. É durante esta fase que muitas vítimas procuram ajuda e, infelizmente, também é nesta fase que muitas vezes

ocorrem os casos de morte. A terceira fase, designada lua de mel, é onde o agressor se arrepende. Ele se mostra culpado, carinhoso e com remorsos, prometendo nunca mais repetir os atos violentos. Porém, ao longo do tempo as discussões retornam e um novo ciclo se inicia. (COUTO, 2013).

Na prática profissional pode-se evidenciar o que dizem os autores, pois, em sua maioria, os casos de violência não iniciam no casamento. A agressão inicia já no namoro, muitas vezes de maneira mais sutil e a vítima acredita que o agressor irá mudar seu comportamento; por esse motivo, muitas permanecem no relacionamento ou terminam e depois reatam com o agressor.

As mulheres querem acreditar que, com o tempo, o ciúme exagerado, ou o tratamento agressivo que recebem (seja físico ou verbal) vai cessar. Mas, de forma geral, com o passar do tempo, a violência continua e tende a se intensificar. Além disso, o medo de ser abandonada faz com que ela permaneça nessa situação abusiva e esse medo está relacionado com a falta de Carícias, exposto anteriormente. Pois, alguém com escassez de Carícias, tende a aceitar o que recebe, mesmo que seja algo negativo.

Infelizmente, na maioria das vezes, quando a mulher procura ajuda dos familiares, das autoridades e até de terapia, já sofreu inúmeras situações de violência e traz consigo cicatrizes físicas e/ou psicológicas. Nessa fase é importante a empatia e uma rede de apoio, que forneça as Carícias Positivas necessárias, para que esta mulher não volte com o agressor, pois ele vai se mostrar arrependido e tentar trazê-la novamente para o relacionamento e a dependência.

No senso comum, é corriqueiro escutarmos que as mulheres que permanecem em situações de violência “gostam de apanhar” ou não tem vergonha na cara”. Mas, além dos motivos descritos acima que fazem com que essas mulheres suportem a violência, muitas vezes caladas e sem apoio de ninguém, existe a Desqualificação, que também é de suma importância para entendermos o contexto da violência.

Matriz de Desqualificação

A Desqualificação do Estímulo ou do Problema é de vital importância para compreensão da dinâmica dos relacionamentos abusivos. “A pessoa que desqualifica acredita ou age como se algum aspecto do *self*, do outro ou da realidade fosse menos significativo do que realmente é”. (MELLOR E SCHIFF, 1975, p.130). O impacto é reduzido a fim de manter a relação de dependência

com a outra pessoa. Essa desqualificação é um mecanismo interno e está relacionada com comportamentos passivos. (MELLORE SCHIFF, 1975)

Uma pessoa pode desqualificar em qualquer uma das três áreas: algum aspecto do *self*, dos outros, ou da situação da realidade. Mas, especificamente, uma pessoa pode desqualificar: seus próprios sentimentos, percepções, pensamentos ou ações; os sentimentos, percepções, pensamentos ou ações de outras pessoas; algum aspecto da situação da realidade. (MELLORE SCHIFF, 1975, p. 131)

Existem dois Comportamentos Passivos que geralmente aparecem, quando há a Desqualificação, o primeiro seria o “não fazer nada”; neste caso, a pessoa sente-se desqualificada para agir ou responder ao Estímulo. O segundo seria “super-adaptação”, que acontece quando a pessoa não consegue identificar sua meta ao resolver um problema e acaba tentando alcançar o que acredita ser a meta do outro. (SCHIFF & SCHIFF: 1971)

Os três tipos de Desqualificação são (PASSOS 2016), Estímulos: qualquer estímulo interno, como sentimento por exemplo, ou externo, de outra pessoa, como um sinal de angústia; Problema: as pessoas definem que há um problema através de informações – estímulos; logo, quando desqualificam um estímulo, consequentemente desqualificam o problema; Opções: são importantes para que ocorra a resolução do problema. Nesta etapa, o indivíduo consegue pensar em maneiras de resolver a situação. Logo, se desqualifica o problema, consequentemente desqualificará as opções.

É importante ressaltar, que cada tipo de Desqualificação, ainda pode ocorrer de quatro formas diferentes: Existência: o indivíduo desqualifica a existência do estímulo, ou problema; Significado: o indivíduo reconhece a existência, mas distorce o significado; Possibilidade de Mudança: o indivíduo reconhece a existência e compreende o significado, mas não acredita que é possível a mudança; Habilidades Pessoais: quando a pessoa reconhece a existência, significado e a possibilidade de mudança, mas não acredita na sua capacidade ou do outro de mudar o estímulo ou problema. (MELLOR e SCHIFF 1975).

Pode-se perceber que uma Desqualificação é consequência de outra, ou seja, se o indivíduo desqualificar o estímulo, consequentemente desqualificará o problema e as opções. Da mesma forma acontece com os tipos de desqualificação, negando a existência do estímulo ou problema, consequentemente desqualificará o significado, a possibilidade de mudança e a capacidade para tal.

A Matriz de Desqualificação ajuda a compreender porque as mulheres permanecem em relacionamentos abusivos e também qual o grau de Desqualificação dessa mulher. Muitas delas desqualificam a violência sofrida, desqualificam o próprio estímulo, por exemplo, quando levam um empurrão e relatam que não sentiram dor, que o companheiro somente encostou nelas. Nesta etapa, a terapia tem como foco trazer para consciência a existência do estímulo.

Outras mulheres já conseguem reconhecer a existência do estímulo, mas desqualificam seu significado. Por exemplo, “ele me empurrou, mas foi sem querer, não quis fazer isso”. Nesta etapa a terapia busca trazer para realidade o significado daquele estímulo, retirar a distorção que a paciente criou sobre o que aconteceu.

Na fase seguinte a mulher reconhece o estímulo e o significado, porém desqualifica a possibilidade de mudança “realmente ele me empurrou, foi violento, porque não agi conforme ele queria, mas o pai dele também era assim, deve ser algo genético”. Nesta fase da terapia o objetivo é fazer com que a mulher encontre possibilidades, pensando de que maneira a situação poderia ser diferente.

Na última etapa, a mulher percebe o estímulo, o significado e a possibilidade de mudança, mas não acredita que ela pode fazer algo a respeito, desqualifica suas habilidades pessoais “realmente ele me empurrou, foi violento, porque não agi conforme ele queria, mas não tem nada que eu possa fazer com relação a isso”. Nesta etapa da terapia pode-se perceber que a desqualificação já é menor do que no início, e o objetivo é fazer com que a mulher perceba que existem opções possíveis e que ela pode escolher uma delas para sair dessa situação de violência.

Considerações Finais

Pode-se perceber o quanto a teoria da AT pode contribuir para combater ou diminuir os efeitos causados pela violência contra mulher ou ainda por relacionamentos abusivos. Esses conceitos, sendo divulgados e trabalhados de forma preventiva, provavelmente, diminuiriam os julgamentos das pessoas de senso comum e, assim, criar-se-ia uma rede de apoio muito maior do que a existente atualmente para vítimas de violência. Pois não somente as autoridades, psicólogos e demais profissionais da saúde, são responsáveis pelo combate da violência, mas sim todas as pessoas.

Levar a informação correta, apoiar, ouvir com empatia, acolher e sugerir locais ou profissionais indicados para esta mulher são ações que todas as pessoas podem e devem fazer ao ouvirem relatos de violência.

Tendo como base o conceito de Carícias e Matriz de Desqualificação é possível compreender porque as vítimas permanecem em situações de violência e, assim, fica mais fácil, na prática profissional, buscar junto à paciente a retomada de Autonomia e Espontaneidade. Berne (1995), conceitua autonomia como libertação, o indivíduo passa a governar a si mesmo e assumir responsabilidade pelas suas ações e sentimentos, desfazendo-se dos padrões e Espontaneidade é definida pelo autor como liberdade para escolher, dentre as opções. Consequentemente, adquirindo Autonomia e Espontaneidade essa mulher, irá buscar alternativas para sair dessa situação abusiva e de submissão.

Além de trabalhar de forma preventiva com informação, a AT pode auxiliar no atendimento do homem agressor, pois caso ele não receba atendimento adequado, vai continuar com o comportamento agressivo nos próximos relacionamentos que tiver. Ou ainda, o atendimento poderia evitar tragédias ainda maiores, pois é comum notícias de que o agressor não aceita o fim do relacionamento e age de forma ainda mais violenta com sua ex-companheira, muitas vezes a matando.

É importante ressaltar que a violência, muitas vezes, ocorre de forma silenciosa; a mulher sofre sozinha e não busca ajuda de familiares e amigos. Por isso deve-se estar atento aos sinais de tristeza constante, marcas físicas, xingamentos em público, proibições ou coerções, para ajudar e apoiar a vítima de violência. Trabalhar com a AT de forma mais disseminada seria uma forma prática e objetiva de prevenir situações de violência ou de auxiliar as pessoas a enxergarem a realidade e denunciarem seus companheiros ou ainda saírem desses relacionamentos.

Referências Bibliográficas:

BERNE, Eric. **Jogos da Vida: Análise Transacional e o relacionamento entre as pessoas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1995. 175 p.

COUTO, Julia M. Crenças, distorções cognitivas e violência em relações de namoro. Portugal: Repositório Comum, 01 out. 2013. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6245/1/2013_Couto%2c%20J%20%20Alia%20M.%20do.pdf>. Acesso em: 03 out. 2018.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde

pública. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, supl. p. 1163-1178, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232006000500007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 jan. 2016.

Fontana, Monica. & Santos, Sílvia. (2001). *Violência contra a mulher*. São Paulo: Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos.

KERTÉSZ, Roberto. *Análise transaccional ao vivo*. São Paulo: Summus, 1987.

MELLOR, Ken; SCHIFF, Eric. Desqualificação. *Transaccional Analysis Journal*, v. 1, janeiro 1975.

NARVAZ, Martha. Abusos sexuais e violências de gênero. In M. R. Nunes (Org.). *Os direitos humanos das meninas e das mulheres: Enfoques feministas* (pp. 29-33), 2002. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Mulheres vítimas de violência doméstica: Compreendendo subjetividades assujeitadas. *Psico*, Rio Grande do Sul, v. 37, n. 2, p.7-13, jan. 2006. Disponível em: <<file:///C:/Users/rh.carla/Downloads/DialnetmulheresV itimasDeViolenciaDomestica-5161476.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2018.

NORWOOD, Robin. *Mulheres que amam demais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011. 230p.

PASSOS, José Silveira. Desqualificação: definição, descrição das áreas, tipos e modos. Como lidamos na prática com a desqualificação. *PortalbrAT*. p.01-04, jan.2016. < <https://josesilveira.com/desqualificacao-definicao-descricao-das-areas-tipos-e-modos-como-lidamos-na-pratica-com-a-desqualificacao/>>. Acesso em: 08 out. 2018.

PASSOS, José Silveira. Cronologia da criação da análise transaccional. *PortalbrAT*. p.01-04, jan.2015. < <https://josesilveira.com/cronologia-da-criacao-da-analise-transaccional/>>. Acesso em: 08 out. 2018.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. Violência Silenciosa: Violência psicológica como condição da violência física doméstica. *SciELO*, Florianópolis, n. 5, p.1-16, 20 nov. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/icse/2007.v11n21/93-103/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

SENADO FEDERAL. Secretaria da Transparência. Instituto DataSenado. *Pesquisa Violência doméstica e familiar contra a mulher*. Brasil, março, 2013. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/senado/datasenado/pdf/datasenado/DataSenado-Pesquisa-Violencia_Domestica_contra_a_Mulher_2013.pdf>. Acesso em: 04 out.2018

STEINER, Claude. Os papéis que vivemos na vida: A análise Transacional de nossas Interpretações Cotidianas. Editora Artenova LTDA, Rio de Janeiro, 1974.

STEINER, Claude. A economia de Carícias. *Transacional Analysis Journal*, v. 1, janeiro 1971.

SCHIFF, Aaron W.; SCHIFF, Jacqui Lee. Passividade. *Transacional Analysis Journal*, v. 1, janeiro 1971.

SHINYASHIKI, Roberto. A carícia essencial. Ed. Gente, São Paulo, 2005.

WOOLLAMS, S. e BROWN, M., Manual Completo de Análise Transacional (tradução de Otávio Mendes Cajado), Editora Cultrix, São Paulo, 1979.

Carla Koguta

Psicóloga - Especialista em Análise Transacional. Personal e Professional Coaching.

Atua na área Clínica e Organizacional há 6 anos.

Email: carla_koguta@hotmail.com

PSICOTERAPIA DE CASAIS: UMA PROPOSTA TRANSACIONAL COM INTERVENÇÕES BREVES

Eduardo de Souza Búrigo

Resumo: Hoje em dia, os problemas de relacionamentos de casais têm ocupado um lugar importante nas vidas das pessoas e até mesmo na saúde ou adoecimento delas. Seja na forma oficial de casamento ou não, estar com outra pessoa e permanecer juntos tem se mostrado uma meta a ser cumprida que nem sempre é bem sucedida. O tema deste artigo versa sobre os desafios que a vida a dois apresenta na sociedade moderna, propondo opções para aumentar a satisfação de viver a dois focando nas soluções e não nos problemas e evitando a repetição e escalada dos conflitos. O objetivo principal é que analistas transacionais que tratam de casais aumentem sua eficácia trabalhando nos Contratos, evitando as iscas e confluir na confusão dos Jogos Psicológicos que estes clientes vivem e trazem ao consultório. Ao filtrar e organizar em três áreas distintas as queixas mais ouvidas no consultório, o analista transacional vai conseguir diagnosticar e co-

construir este Contrato de mudança com seus clientes de forma simples e objetiva. Assim, já nas primeiras consultas é possível ter claro em qual área está o problema, pois estão ali também as soluções. A partir disso, definimos o que está sendo trabalhado e qual a meta de mudança, para obter sucesso no alcance do contrato e aumentar a satisfação destes em seguir coesos. Importante frisar que a proposta desta metodologia não busca a cura individual. Ela se baseia em relacionar de forma coerente as obras de Eric Berne, John MC Nell, Claude Steiner, Jaqui Schiff e Richard Erskine e de forma breve promover mudanças de pensamentos e comportamentos, sempre com o Contrato como pano de fundo. Os resultados têm sido promissores.

Palavras chave: Análise Transacional, casais, necessidades, mudança.

Abstract: Today, relationship problems between couples have played an important role in their lives, as well as in their health or illness. Whether in an official marriage or not, being with other person and staying together has appeared as a goal to be reached that not is not always successful. The subject of this article is about the challenges that life together represents to the modern society. It suggests other alternatives to increase the satisfaction of living together focusing on solutions rather than problems, thus avoiding repetition and escalating conflicts.

The main objective is that transactional analysts who deal with couples increase their effectiveness working in Contracts, avoiding to be trapped in the confusion of the Psychological Games that these clients live and bring to the office. By filtering and organizing the most frequently complaints heard in the office, into three distinct areas, the transactional analyst will be able to diagnose and co-construct this contract of change, with his clients, simply and objectively. Thus, in the first consultations it is already possible to see clear in which area is the

problem, because there, is also the solutions. From this, we define what is being worked on and what is the goal, in order to be successful in reaching the contract and increase their satisfaction in following through. It is important to highlight that the suggestion of this method does not seek individual healing. It is based on coherently relating the works of Eric Berne, John MC Nell, Claude Steiner, Jaqui Schiff, and Richard Erskine and briefly promoting changes of thought and behavior, always with the Contract in the background. The results have been promising.

Keywords: Transactional Analysis, Couples, Needs, Change.

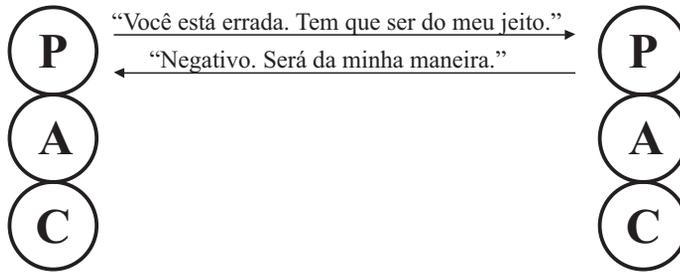
O presente artigo trata de problemas comuns trazidos por pacientes de forma individual ou mesmo quando ambos estão presentes durante a sessão no consultório. Desde o ano de 2011, em meu trabalho de psicoterapia, têm me chamado a atenção, inúmeras queixas e insatisfações das pessoas em seu relacionamento de casal. Em geral, as pessoas têm consciência das suas dificuldades e das dificuldades de seus parceiros, porém se vêem congeladas e frustradas nas tentativas e erros com o propósito de mudarem a elas próprias ou de exigirem a mudança da personalidade da outra pessoa dentro da relação de casal. Assuntos como preconceitos, autoridade, infidelidade, gestão do dinheiro, política, honestidade, valores, trabalho, desemprego, lazer, casamento, privacidade, educação dos filhos, interferências de familiares, religião, ciúmes, solidão, redes sociais, higiene pessoal, sexualidade, o corpo do outro, demonstração de amor, lazer, toques físicos, esportes, esquecimentos, comunicação, abusos ou outras formas de violência, proteção, cuidado com o outro, alimentação, saúde pessoal, indiferença, co-dependência, ciclos de doenças, dependência química, figuram entre os temas que tenho mais observado na prática clínica cotidiana.

Com o olhar da Análise Transacional, teoria criada por Eric Berne nos anos 1960, é possível estratificarmos este grupo de queixas trazidas pelos pacientes de forma individual no consultório ou uma queixa comum com a presença do casal em três áreas de trabalho na psicoterapia: Área Parental, Área Arcaica e Área Simbiótica. Assim, partindo da identificação da área da queixa, o Contrato de mudança poderá ser co-construído com o casal identificando em qual das três áreas se encontra esta queixa e assim propor ao casal um trabalho terapêutico específico na solução desta área. A psicoterapia vai variar em seu planejamento terapêutico a partir deste filtro de identificação de cada uma destas três áreas com a atenção de todos no Contrato de mudança a partir dos aspectos cognitivos e comportamentais. Esta forma de tratamento de casais não busca a cura

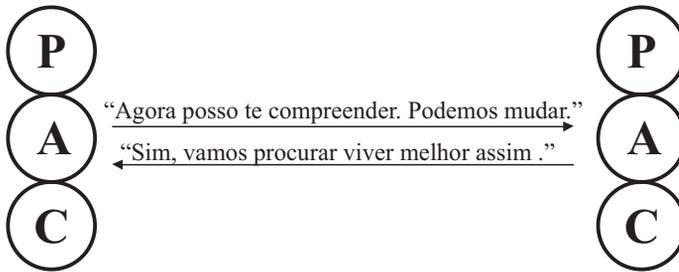
individual, tratar traumas e muito menos longas investigações sobre o passado de cada um. O objetivo é na solução e em atender as demandas atuais do casal, promover o conhecimento mútuo, descobrir potenciais no sistema do casal como um grupo e estimular forças para aumentar sua coesão. Deixa claro que vida de um casal não se resume na tarefa de mudar o outro, mas sim buscar se aproximar para cooperar com outro, nos desafios de viver, desfrutar, se desenvolver juntos e de seguir prazerosamente coesos. A seguir, o artigo vai mostrar como estratificar queixas, o diagnóstico das áreas as intervenções com a atenção nas opções de soluções e não nos problemas. Ao definir de forma conjunta com o casal qual Contrato de mudança, o sucesso deste depende de não fazer arqueologia de dores, evitar o Jogo de Tribunal e também não dar Carícias para as acusações mútuas e traumas do passado.

1) Área Parental:

Aqui, proponho uma breve anamnese na família de origem de cada um. Vemos claramente que eles trazem na relação presente o passado das suas gerações anteriores impactando e gerando discussões, afastamento, disputas por pontos de vista, clima de escassez, competição, brigas, “queda de braço ou cabo de guerra”, violência física e outros tipos de abusos. Uma série de Transações “Pai – Pai” de acusação e crítica ao outro e seu antecedente histórico se inicia pra ver “quem tem a razão”. As posições de Perseguidor e Vítima, vencedor e vencido, o forte e o fraco se alternam, gerando sofrimento. Assim, temos um ponto de atenção do analisa transacional: O pano de fundo não são próprios problemas do clientes, mas sim dilemas do passado de suas famílias de origem que eles estão revivendo e trazendo para a relação de casal em tradições seculares, história de privações, mortes, sofrimentos, preconceitos, religião, preferências políticas, educação dos filhos, gestão do dinheiro, interferência de familiares, infidelidade, autoridade, honestidade entre outros que parecem pulsar agora pedindo uma resolução no momento presente... Nesta Área parental, tenho proposto intervenções diretas no Estado de Ego Pai dos pacientes pois é nesta estrutura que está a catexia e de onde provém tais Transações de simbiose competitiva, segundo Schiff:



Em seguida, utilizando as oito operações terapêuticas bernianas começando pelas quatro Intervenções: Interrogação para definirmos o que de fato do passado está impactando no presente, Especificação para que todos estejamos certos de estarmos lado a lado no mesmo ritmo e falando do mesmo fato que impacta, Confrontação para apontar inconsistências entre o que era certo e absoluto para cada família de origem no passado e o que é coerente e realista nos objetivos deste casal no presente e a Explicação para que conheçam empaticamente sem julgar a história pretérita da família do outro e aquela realidade de onde vem o atual desconforto e as disputas entre o casal. Conhecer melhor, entender e aceitar o passado do outro não significa concordar, mas sim respeitar toda uma história familiar que pode hoje trazer padrões de pensar, sentir e agir de décadas e até séculos atrás. Aqui podemos promover no casal que estejam sintonizados entre si, não percam tempo com acusações e estejam descontaminados com a clareza sobre o que está sendo trabalhado. O próximo passo é iniciar as quatro Interposições: a Ilustração como uma anedota ou história ajuda a relaxar e descontrair, pois muitas vezes o passado foi marcado por tragédias e que vejam que o drama que eles estão vivenciando já foi vivenciado por outros casais ou personagens de novela ou cinema, a Confirmação para fortalecer as fronteiras de Estados de Ego evitando julgamentos com o diálogo interno e fortalecendo o Adulto deles no tempo presente, a Interpretação pode ser utilizada fazendo comparativos entre o passado e presente mostrando como eles estão repetindo e vivendo os traumas familiares de cada um, depois temos a Cristalização como uma potente forma de mostrar ao casal que podem parar de brigar por disputas do passado (parar com os Jogos Psicológicos e de Poder) – e agora proporem novos comportamentos atualizados coerentes com o Contrato de mudança. Promovemos aqui a descontaminação do Estado de Ego Adulto de cada um deles e assim empoderar os pacientes para tomarem decisões atualizadas com a realidade do presente de cada um e do casal e a mudança de pensamento e comportamento coerentes com as necessidades do aqui e agora, como segue o diagrama:



Usando como pano de fundo o artigo “Entrevista com o Pai” (MCNELL,1976) é possível fazer uma anamnese parental e trazer para a consciência do Adulto as tradições, valores e padrões rígidos de sobrevivência ancestrais da família de origem de ambos que estão impactando no presente assunto. A percepção de disputas e competição entre o casal para ver quem tem razão e quem vai submeter o outro ao seu padrão ancestral familiar é clara e o quanto isso desgasta, afasta e transforma ambos em adversários e não em parceiros. No caso da presença do casal na mesma sessão, quando investigado o antecedente histórico da família de origem de um dos cônjuges, o outro apenas faz uma escuta silenciosa e respeitosa e assim este que apenas escuta consegue ter uma clara noção sobre as origens e os “porquês” das posturas e do ponto de vista do outro. Diminui ou se desfaz o desconforto e desconfiança de que o outro estava apenas fazendo birras ou sendo teimoso. Descobre-se assim um significado, uma pertinência, um sentido, uma origem, uma história familiar real não raro de dor ou privação do outro, nunca antes revelada ou aprofundada, que se queria esconder em segredo ou estava “esquecida”. Encontra-se agora uma razão de o outro se defender tanto, pois foi isso que foi sentido e transmitido por várias gerações pela pessoa que a relata. O tom de voz se abranda, emoções emergem, “armas e munições” são postas de lado e as críticas e disputas de poder dão lugar a empatia e compreensão, gerando reaproximação entre o casal. Disfarces como ansiedade, rivalidade, controle e agressividade se desfazem com a diminuição do clima de competição e assim podendo emergir a tristeza e compaixão com a história de dor do outro e um clima para amor e cooperação. O que antes pareciam dois advogados, defendendo cada um suas regras e tradições familiares, agora de fato são duas pessoas reais com dores, segredos, traumas e dificuldades, mas que podem doravante iniciar movimentos de soluções, tratativas no sentido de ceder para alcançarem suas metas terapêuticas do Contrato de mudança para o casal. Agora, se abre um novo horizonte para trabalho terapêutico. Suas Imagos Grupais provisórias onde antes representavam dois rivais agora se ajustam secundariamente para que possam

parar de brigar e causar mais traumas e ajudar um ao outro. Indentificar que as disputas do momento não são “birras ou caprichos” e que advém de um arcabouço por vezes desconhecido de antecedentes históricos do passado permite abrir espaço para mudanças de Posição Existencial de seus Scripts e propormos pequenas tarefas de casa no objetivo do casal poder lograr o Contrato. Recapitulando, entramos com as oito operações terapêuticas (BERNE, 1965). Sem se adiantar ao material clínico trazido pelo casal, tomamos cuidado com as resistências e com o objetivo de descontaminar o Estado de Ego Adulto de um ou ambos pacientes, teremos mais segurança de estarmos passo a passo e alinhados com os mesmos objetivos dentro do plano terapêutico e do Contrato.

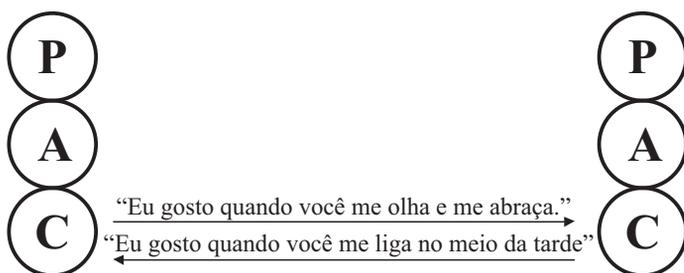
Por exemplo: Se o casal vem com queixas de que ela passa mais tempo cuidando do pai viúvo e alcoolista e diminuindo o cuidado com a própria filha de sete anos de idade e os momentos de sexualidade com o esposo. Os apelos do marido por mais atenção a ele e a filha do casal pouco eram atendidos, pois ela não diminuía as horas de dedicação ao pai, pagava despesas de bares que ele ficava endividado e indo visitá-lo nas internações hospitalares por alcoolismo do mesmo e quando ele voltava para a própria casa, mas em seguida recaindo no comportamento de beber, o que reiniciava este ciclo vicioso. Na construção mútua do Contrato de mudança o casal decidiu que o problema não era ela cuidar do pai alcoolista, mas as horas que ela havia diminuído com a filha e o esposo e assim o Contrato era ela conviver mais com a filha e com ele. Ao investigarmos a história da família de origem dela, uma promessa feita a mãe enferma em segredo, dias antes da mesma morrer foi revelada ao esposo: Ela prometera a mãe cuidar do pai. Isso fez sentido para ele, que quando perguntado sobre o assunto de casos de alcoolismo na família dele, ficou claro que um tio em segundo grau dele que também tinha problemas de alcoolismo era motivo de piada e desconforto na sua família de origem. Isso, de forma defensiva, motivava os ataques e críticas parentais dele sobre a atitude dela de cuidar do pai. Ocorrida esta descontaminação e esclarecimento dos motivadores do passado na vida de ambos, através da utilização das oito operações bernianas, foram traçadas algumas tarefas como: O pai dela ajudará em alguns momentos de sobriedade a cuidar da neta (buscar a menina no colégio a auxiliar nas refeições dela, se preciso levar ao dentista e natação...) e ficaria cuidando dela para que em algumas noites o casal pudesse jantar em um restaurante, dançar, se divertir, passear e retomar seus momentos de sexualidade.

2) Área Arcaica:

Aqui, colocamos o foco do casal nas suas Transações “Criança – Criança”. Quando duas pessoas passam de namorados a formar um casal que convive junto ou convive mais junto do que distante, isso, automaticamente, exige que fiquem mais próximos emocional e fisicamente. Esta proximidade vai ser tão frequente e profunda quanto a satisfação obtida e gerada por ela. Entretanto, um casal pode estar próximo fisicamente, mas distante emocionalmente. E pode estar distante fisicamente, mas próximo emocionalmente. Estar próximo emocionalmente significa olhar para a outra pessoa, escutar, gesticular, conversar, se expressar de forma clara e respeitosa reconhecendo os pensamentos, comportamentos e emoções da outra pessoa e isso pode ser feito pessoalmente, via telefone, redes sociais digitais, praticar gestos de amor, lembrar datas significativas mesmo estando em cidades ou países diferentes... Por outro lado, estar próximo fisicamente é estar perto do corpo da outra pessoa, tocar, cheirar, beijar. Também abrange pedir, dar e aceitar o toque, o corpo e a sexualidade da outra pessoa. Necessidades arcaicas de seus Estados de Ego Criança clamam por serem atendidas para gerar satisfação de estarem próximos, prazer, saúde física e emocional entre eles. Insatisfações, traumas, frustrações e dificuldades com Carícias sobre sexualidade, o próprio corpo e o corpo do outro, prazer, estimular os cinco sentidos, pegar na mão, troca de massagens corporais, comunicação, telefonar, enviar mensagens, presentear, fazer contato via redes sociais, demonstração de amor, toques físicos, esquecimentos, qualificação da presença, solidão são alguns assuntos comuns neste foco. Para trabalhar estas queixas em busca do prazer e satisfação destas necessidades, tenho proposto informações sobre a Lei de Economia de Carícias - Não dê Carícias positivas, não aceite Carícias positivas, não se dê Carícias positivas, não peça Carícias positivas e não recuse Carícias negativas- (STEINER,1974) apenas de forma psico-educativa, para que tomem conhecimento desta teoria e o quanto eles a praticam e sofrem com isso. Trazer esta informação permite que eles identifiquem qual destas leis, em cada um deles, está bloqueando o fluxo de Carícias positivas e diminuindo a satisfação e prazer na relação de casal. As proibições parentais também são

esclarecidas e tornadas conscientes e assim podem ser substituídas por novos comportamentos solicitados pelo outro. Novamente reforço que o foco precisa ser na mudança desejada e não nos bloqueios individuais. Além disso, podemos exercitar os três estágios da Educação Emocional (STEINER & PERRY, 1997). Os três estágios enunciados pelos autores, são: 1) Abrir o Coração, 2) Examinar o Panorama Emocional e 3) Assumir a Responsabilidade. Para facilitar a libertação da Lei de Economia de Carícias podemos trabalhar no casal, sempre com o foco na obtenção do Contrato, apenas o primeiro estágio. Abrir o Coração pode ser exercitado, segundo os autores, expondo e abandonando críticas e preconceitos parentais advindos do Estado de Ego Pai Crítico (Funcional) de um ou ambos os membros, e assim pedir, dar, se dar e aceitar Carícias Positivas do outro e se recusar a receber as Carícias Negativas, gerando abundância no lugar de escassez. Por exemplo: Numa primeira consulta de um casal, ela se queixa do quanto ele fica conectado virtualmente em redes sociais e sites de pornografia na internet, alegando estar sendo traída por ele com outras mulheres, mostrando um típico caso de estarem próximos fisicamente e distante emocionalmente. Investigando sobre a qualidade e satisfação da sexualidade de ambos, pude ouvir queixas dele sobre pouco prazer e monotonia e que gostaria de experimentar com ela outras possibilidades de sexualidade, posições e novidades como ambientes e frequências de sexo diferentes. Através de seu Pai Crítico, ela revelou ter nojo destas situações. Exercitando nele a habilidade de pedir e nela a habilidade de se permitir aceitar, receber e dar toques físicos, aos poucos eles puderam experimentar em casa, entre uma consulta semanal e outra, novas sensações. A obtenção comportamental de mais prazer permite seguir descobrindo em si e no outro novas fontes de Carícias positivas, o que incrementa e vontade de permanecerem juntos. Isso tem gerado esperança e abundância aumentando a proximidade entre o casal, seja proximidade emocional tanto quanto a proximidade física. Eles têm compartilhado da satisfação de explorar novas experiências e isso independe da aprovação parental de cada um, mas muito mais do prazer que se dá e recebe do outro. Novas possibilidades para seguir juntos têm aumentado a coesão dos casais e o prazer de

seguir juntos, como mostra um diálogo ilustrativo entre o Estado de Ego da área arcaica de cada um a seguir:



3) Área Simbiótica:

Aqui o foco é na Transação “Pai – Criança” entre o casal. Queixas de se sentir abandonado ou só cuidar e se doar sem receber reciprocamente do outro são frequentes. Indiferença ou um “tanto faz” consigo e com o outro, acidentes e adoecimentos físicos e emocionais recorrentes são comuns neste momento. Ocorre, que parece haver, um contrato psicológico entre o casal de que um, de alguma forma, garanta e zele pela sobrevivência e pela vida do outro. Este artigo e método de tratamento de casais não tem a pretensão de um olhar analítico, tão pouco de cura de um ou dos dois membros do casal. Assim, a psicoterapia de casal não se propõe a ser longa e mudar a estrutura de personalidade de seus participantes. Ratifico que não busca trabalhar traumas de infância e nem a procurar eventos do passado e curar possíveis psicopatologias advindas destes eventos negativos. Entendo sim, que pôr energia e tempo na mudança, a cooperação, apoio, ajuda de forma pontual e temporária não caracterizam em jogos de salvação. Nesta área simbiótica, a interdependência é considerada como parte do desenvolvimento humano de forma natural entre o casal, deixando bem claro que seja apenas enquanto durar a crise e esta necessidade e que pode ser uma experiência enriquecedora para que ambos se desenvolvam! Isso poderá acontecer durante um dia, uma semana ou até mesmo meses em ciclos da vida do casal. O foco pretende ser o tempo todo no sistema, no casal e na busca de soluções. Isso tem fomentado grandes obtenções de satisfação e prolongado a longevidade da relação, sem

necessariamente instalar eternamente uma simbiose complementar de primeira ordem, como enunciada por Jaqui Schiff (1977):

A simbiose funcional ocorre quando as pessoas decidem que a função é mais importante do que os estados de ego. Isto pode ser moderado ou rigoroso. O Script dos papéis do sexo masculino e feminino é uma variação branda”. Para Schiff, o psicoterapeuta “deve ter em mente que relações simbióticas são lábeis. Posições, papéis, e o contrato simbiótico estão frequentemente mudando. A intensidade de uma simbiose muda com o grau de ameaça percebido e com a confiança dos indivíduos que eles possam tratar com sucesso os problemas que eles estão enfrentando.

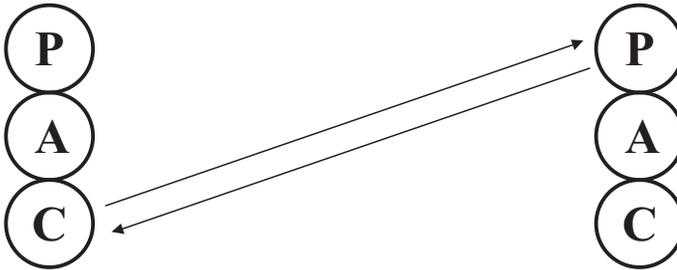
Assim, nesta terceira área de trabalho com casais não se pretende confrontar a simbiose e a passividade de um dos membros, muito menos curar aspectos simbióticos de dependência e co-dependência. Não trabalho com técnicas de regressão para o Estado de Ego Criança na busca de traumas do passado, pois, pelo contrário, a tarefa da psicoterapia aqui é cooperar para que um ou ambos cresçam saiam o mais breve possível da crise que estão passando como processo grupal e possam vivenciar a abundância da vida de casal. Quando essa ajuda é contratada entre eles, com tempo e meta para ser obtida e esclarecido que será de forma pontual e momentânea, vemos diminuída a possibilidade de um deles ter um ganho secundário para fomentar a dependência patológica ou co-dependência para manter o outro na posição de Vítima e assim reforçar a regressão e o sintoma do problema. Partimos de um princípio de uma interdependência saudável. Vimos como positivo de que podemos, numa eventualidade, depender do outro para seguirmos vivos e de que, concomitante a isso, exista a fantasia e expectativa de que um seja literalmente cuidado, protegido, incentivado, encorajado, apoiado, zelado, sustentado pelo outro assim como o foi ou gostaria de ter sido na infância. O surgimento de uma expectativa, fantasia e relação transferencial de ser cuidado como se foi ou talvez não foi cuidado na família de origem de cada um dos membros do casal me parece quase que inevitável. A pretensão do analista transacional de confrontar, interpretar ou desconstruir essas expectativas se mostrou refratária, infrutífera, cansativa e interminável com casais e tão pouco essa era uma meta explícita de mudança deles. Eles justamente estavam pedindo direta ou indiretamente por serem cuidados e protegidos dentro da relação deles como um casal. Aqui, entendemos por cuidar e proteger como sendo algumas atitudes como: cozinhar para o outro, perguntar e se interessar (não significa salvar ou resolver) pelos problemas profissionais ou da família de origem do outro, cuidar do sono e da higiene do outro, incentivar os planos e sonhos de vida do outro

(como por exemplo aprender um outro idioma, a tocar violão, fazer um curso de graduação, conhecer outro país, comprar uma motocicleta), dar medicação e acompanhar em consultas médicas, pagar as despesas da casa enquanto o outro está desempregado, servir uma café na cama, alcançar a toalha durante o banho mesmo que o outro que esteja sendo cuidado tenha a capacidade de fazer todas estas tarefas citadas sozinho. Em que pese a crítica que isso fomentaria a simbiose patológica, que seria uma repetição do cuidado infantilizado que se recebeu ou faltou dos pais biológicos na infância de cada um ou mesmo uma infantilização ou regressão de pessoas adultas, acreditamos que isso seja positivo. Na realidade, mesmo adultos, escolarizados e com boa situação financeira e material, necessitamos todos, por desventura de uma doença, um acidente, envelhecimento, mudança na economia do país, em algum momento da vida sermos cuidados e protegidos por outra pessoa que esteja capaz e disponível para isso na relação de casal. Este revezamento cooperativo dentro do casal e atualizado pela realidade do presente de que em alguns momentos se protege, se cuida e se zela o outro e em outros momentos se é cuidado, protegido e zelado pelo outro tem trazido uma maior saúde física e emocional individual para cada um, o que tem se traduzido num salto de qualidade na relação. Utilizando como pano de fundo as Oito Necessidades Relacionais: 1) Segurança, 2) Validação, afirmação e importância dentro de um relacionamento, 3) Aceitação por outra pessoa estável, confiável protetora, 4) Confirmação da experiência pessoal, 5) Autodefinição, 6) Necessidade de causar impacto na outra pessoa, 7) Necessidade de que o outro tome a iniciativa, 8) Expressar amor (ERSKINE & TRAUTMANN, 1996) este revezamento cooperativo tem sido feito com naturalidade entre eles. Esses momentos de crise que um ou ambos os membros do casal estão vivenciando se tornam mais naturais e legitimados após eles conhecerem estas Necessidades Relacionais, no qual cada um percebe qual Necessidade Relacional e qual cuidado está faltando e a disponibilidade ou não de cada um em prover tal necessidade ao outro. Estimulo a Catexia a ir para a estrutura parental de modo a cuidar e proteger quando a tarefa é cuidar e proteger o outro e a Catexia do outro que está sendo cuidado a ir para a estrutura arcaica e pedir, aceitar e desfrutar isso. Aqui, uma abordagem também psico-educativa encontrada no mesmo artigo dos autores auxilia na obtenção do sucesso do Contrato. Falamos sobre a normalização de se sentir e demonstrar essas Necessidades Relacionais e estar em sintonia com elas, e isso tem se mostrado efetivo. Reforço que o papel do analista transacional aqui é estar ancorado no Contrato e fomentar comportamentos de inter-dependência pontuais e momentâneos como algo

saudável e de forma cooperativa, e não investigar e tentar curar aspectos regressivos de simbiose patológica de um ou ambos os membros do casal. Tornar isso natural, da natureza humana e dos relacionamentos em Grupo traz mais leveza e força para encontrar as soluções cooperativas entre eles. O diagrama abaixo pode ilustrar melhor essa idéia:

Estímulo: “Preciso de sua ajuda durante a faculdade, você pode ajudar?”

Resposta: “Sim, sem problemas. Pode contar comigo!”



Conclusão:

Em geral, casais chegam ao consultório envolvidos em repetições de Jogos Psicológicos de suas família de origem, entretanto a maioria não sabe ou não reconhece isso. Em geral, também estão confusos e frustrados por tentativas desgastante de forçar o outro mudar a sua personalidade e não raro pedem que o profissional faça isso, o que pode acarretar em um erro grave do analista transacional com consequências desde resistência, desistência e piorar as brigas do casal. A Análise Transacional, no uso de Contratos e descontaminação é potente para diminuir esta nuvem de confusão, esclarecer o que está acontecendo e dar a esperança e as condições de que mudar é possível. Trazer consciência sobre a história da família de origem de cada um diminui a ansiedade, desfaz o clima de disputas e o Jogo de tribunal com réu e vítima. Assim, após esta consciência sobre o passado a energia do trabalho deve vir logo para o presente. Quando isso acontece, eles se mostram voluntariosos e ávidos em mudar, se motivando a se redescobrirem como indivíduos e como um casal e aumentar a satisfação no aqui e agora de estar juntos. Fazer Contratos e direcionar o trabalho de psicoterapia para o Grupo casal, e não de forma individual, parece acelerar estas mudanças, aumentando a coesão deles na conquista das metas. A vida traz desafios e estar juntos pode ser uma prazerosa forma de satisfazer estas necessidades.

Referências Bibliográficas:

- BERNE, Eric. “Princípios de Tratamento de Grupo.” Julho 1965. UNAT Circulação Restrita.
- BERNE, Eric. “Análise Transacional em Psicoterapia”. Ed Summus. 1985.
- BERNE, Eric. “O Que Você Diz Depois de Dizer Olá?”. Ed Nobel. 1988.
- BERNE, Eric. “Os Jogos da Vida”. Ed. Artenova. 1977.
- BERNE, Eric. “Estrutura e Dinâmica das Organizações e dos Grupos”. UNAT Circulação Restrita.
- BERNE, Eric. “Sexo e Amor”. Ed. Artenova. 1980.
- ERSKINE, Richard. TRAUTMANN, Rebecca. “Métodos de Uma Psicoterapia Integrativa.”TAJ, v26 1996.
- MCNELL, John. “A Entrevista com o Pai”. TAJ, v6. Janeiro 1976.
- STEINER, Claude. PERRY, Paul. “Educação Emocional”. Ed. Objetiva. 1998
- SCHIFF, Jacqui Lee. “Análise Transacional. Tratamento de Psicoses. Leituras do Cathexis”. 1975.

Eduardo de Souza Búrigo

Psicólogo, Professor universitário, Consultor Organizacional e Psicoterapeuta.

MD Clínico, MC Organizacional e Especialista em Análise Transacional pela UNAT Brasil.

Trabalha com casais e famílias em psicoterapia e dá consultoria em organizações familiares.

Email: eduardoburigo.at@gmail.com

A EDUCAÇÃO EMOCIONAL NO TRABALHO COM ADOLESCENTES: UMA PROPOSTA A PARTIR DA PRÁTICA

Jaqueline Olina de Oliveira

Resumo: Em busca de trabalhar demandas do desenvolvimento de adolescentes e proporcionar melhoria nas relações entre esses e também com aqueles que os rodeiam, sugerimos ampliar competências em Inteligência Emocional a partir do método da Educação Emocional de Steiner. A proposta parte de uma experiência de mediação com um grupo de adolescentes de uma região de vulnerabilidade social, em que as Carícias foram impulsionadoras de transformações positivas. Para aprofundar no entendimento sobre a adolescência, buscamos identificar as transformações psíquicas e as significações das mudanças físicas deste período através do estudo dos Ciclos de Desenvolvimento de Lewin-Landheer. Ademais, com vistas a ampliar o olhar sobre o adolescente, salientamos o contexto cultural e histórico como produtor direto da própria sociedade e logo da juventude. Ressaltamos a Educação Emo-

cional com suas premissas – pedir permissão; ser sincero; enfrentar o Pai Crítico – e seus três estágios – abrir o coração; examinar o panorama emocional; assumir responsabilidade – como promotora do desenvolvimento da empatia e do poder pessoal, com a utilização das emoções e sentimentos a favor da pessoa. Destacamos os adolescentes enquanto sujeitos que buscam novas concepções e vivências, na busca por estabelecer suas convicções e caminhos, possibilitando também impulsionar modificações nas relações sociais. Desta maneira, propomos para este público o método da Educação Emocional e o conhecimento do conceito de Carícias, com sua relevância vital, a fim de que os adolescentes ampliem seu autoconhecimento e empatia e melhorem seu poder pessoal em convivência com os demais.-

Palavras-chave: Adolescência; Carícia; Educação Emocional.

Abstract: Pursuing to work with social coexistence of teenagers among themselves with their environment and to provide greater self-aware and self-control respecting emotions, we propose to expand skills in emotional intelligence by Steiner's method of Emotional Education. This concept comes from a mediation analysis of a teenager group in social vulnerability where Strokes were driving positive change. In order to increase knowledge about adolescence period, we aim to understand psychological changes and the meaning of physical changes by using the Development Cycle of Lewin-Landheer. Moreover, to broad perspectives on adolescent we strongly believe that cultural and historical context is a direct producer of society itself and then youth. We emphasize the Emotional Education and their assumptions - asking for permission; being honest; facing the Critical Parent - and its three stages - opening their heart; examining emotional scenery; taking responsibility - as a developing agent of empathy and personal empowerment with the usage of emotions and feelings in favor of people. We also stress teenagers as subjects that look for new ideas and experiences, seeking to build up their personal

convictions and paths, additionally enabling them to drive changes in their social relationships. Therefore, we propose the usage of Emotional Education method and Strokes concept on this group, aware of its vital importance in order that adolescents expand their self-awareness and empathy to enhance their personal power in coexistence with others. **Keywords:** Adolescence; Strokes; Emotional Education.

Introdução

Uma experiência proporcionada a partir de um trabalho com grupo de adolescentes motiva este artigo. As características do público, suas expressões de sentimentos e emoções, modos de relacionamento construídos em instituições escolares e familiares, entre outras, instigaram a nossa procura por estudos que aprofundem o entendimento sobre esses sujeitos. Buscamos uma metodologia de trabalho com emoções que possibilite a criação de condições propícias para o melhor desenvolvimento dos mesmos e a melhoria da qualidade dos seus vínculos.

Trabalhar com adolescentes pode ser um desafio em escolas, famílias, ONGs e outras instituições. Em uma breve pesquisa por produções acadêmicas disponibilizadas *online* foi perceptível a escassez de fontes que dialogam entre a adolescência e a Inteligência Emocional na busca por uma convivência social mais feliz. Este artigo traz fragmentos da experiência de mediação de um grupo de adolescentes onde utilizamos das Carícias para alcançar objetivos de fortalecimento de vínculos e desenvolvimento de potencialidades. A partir disso, propomos novas experiências com esse público mediadas pela Educação Emocional.

Steiner desenvolveu a Educação Emocional a partir da Análise Transacional e do conceito de Carícias da mesma. Este método objetiva o desenvolvimento de três aptidões: a capacidade de entender as emoções, de empatizar com as emoções alheias e de expressar as emoções produtivamente (STEINER, 1998). O autor afirma que

Ser emocionalmente inteligente significa conhecer as emoções próprias e alheias, sua intensidade e o que ocasiona essas emoções. Ser emocionalmente educado significa dar conta das próprias emoções por estar familiarizado com elas (p. 24).

As Carícias em Análise Transacional, também são chamadas Afagos e são definidas por Berne (1988, p. 352) como sendo uma “unidade de reconhecimento humano”. Steiner (1976) pontua que ao conceituar a unidade de reconhecimento humano como Carícias, Berne possibilita investigações

científicas a respeito da temática do amor humano como necessidade vital tão básica quanto a comida.

Abordamos a adolescência correlacionando os vieses psicológicos e sociais que a delineiam. Seus aspectos psicológicos cheios de mudanças e descobertas são analisados a partir do conceito de Ciclos do Desenvolvimento, criado pela Analista Transacional Lewin-Landheer (2010). Este conceito abrange transformações físicas e emocionais e afirma que os seres humanos se desenvolvem por estágios de crescimento, assim como na natureza (MARTINS, 2003). Adicionamos a isso que a adolescência é voltada socialmente para uma atuação mais autônoma do sujeito, influenciado pela percepção de suas transformações biológicas e psíquicas e pelo meio onde está. León (2000) aponta que a passagem da adolescência para a vida adulta deixou de ser um tipo de trajetória linear, com um final conhecido, e vem se transformando em trajetórias despadronizadas que vão configurando projetos de vida autênticos e diferenciados.

A partir do conhecimento do método da Educação Emocional e do entendimento do conceito de Carícias, as relações humanas estabelecidas na produção da identidade do adolescente e em sua busca por reconhecimento resultam em maiores recompensas para todos os envolvidos.

Isso leva aquele que se torna educado emocionalmente a desfrutar o poder pessoal proveniente de relações satisfatórias em todos os ambientes de sua vida. Além de possibilitar a construção de uma forma de viver mais verdadeira consigo e com os demais, com ampliação do prazer de viver, da vontade de lutar, do otimismo e da energia para realizar (STEINER, 1998).

Neste cenário, este artigo objetiva apresentar a proposta de utilização do método de Educação Emocional desenvolvido pelo Analista Transacional Steiner (1998) para fortalecimento de vínculos saudáveis na adolescência. Para isso, apresentamos fragmentos da experiência de um grupo de adolescentes mediado por Carícias. Este método transforma a busca de poder pessoal baseada no controle e no medo, no verdadeiro poder pessoal que possui seu alicerce na empatia, no autoconhecimento e domínio das próprias emoções a favor da pessoa (STEINER, 1998).

Adolescer

A palavra adolescência tem origem etimológica no Latim, *ad* – para e *olescere* – crescer, em interpretação literal significa *crescer para*. Isso remete à

ideia do que está por vir, como algo já estabelecido para o qual o adolescente se prepara (PEREIRA & PINTO, 2003). Esta visão considera principalmente as mudanças internas resultantes do desenvolvimento – cognitivas, hormonais, físicas e psicológicas – que ocorrem no período hoje chamado adolescência. É fato que elas são centrais e intensas, porém também é útil ressaltar a influência de um contexto cultural e histórico que estigmatiza a adolescência como momento de rebeldia e de “aborrescência”.

Esta visão vigente sobre adolescência é permeada por estereótipos, segundo Ozella (2002)

As concepções presentes nas vertentes teóricas da psicologia, apesar de considerarem a adolescência como um fenômeno biopsicossocial, ora enfatizam os aspectos biológicos, ora os aspectos ambientais e sociais, não conseguindo superar visões dicotomizantes ou fragmentadas. Dessa forma, os fatores sociais são encarados de forma abstrata e genérica, e a influência do meio torna-se difusa e descaracterizada contextualmente (...), apontando nela características naturais como rebeldia, desequilíbrios e instabilidades, lutos e crises de identidade, instabilidade de afetos, busca de si mesmo, tendência grupal, necessidade de fantasiar, crises religiosas, flutuações de humor e contradições sucessivas (p.20).

Muitas destas características são rótulos colocados e internalizados pela própria sociedade, gerados a partir da interação entre os adolescentes e o contexto que os cerca, de modo que não podem ser vistas como determinantes para a visão da adolescência como um todo. Para Ozella (2002) a adolescência é criada historicamente pelo sujeito humano, enquanto representação, fato social e psicológico. Basta pensar que o adolescente da zona rural e da cidade tem significações e expressões diferentes das mudanças físicas e psicológicas por qual passam, assim como nos diferentes países, classes sociais, culturas e também nas diferentes épocas.

Segundo León (2000), os variados enfoques que concebem a adolescência transitam pela ênfase em transformações físicas, biológicas, intelectuais, cognitivas, identitárias, psicológicas, sociais, culturais, morais e valorativas. Entendemos que são diferentes olhares que referem-se a aspectos de um sujeito que é inteiro, logo, tais abordagens estão intrinsecamente relacionadas.

O processo de construção da identidade é um dos mais característicos do período juvenil. Está associado a condicionantes sociais, individuais, familiares e culturais e desenvolve-se nos níveis pessoal, geracional e social, simultaneamente (LEÓN, 2000). A busca do adolescente por seu lugar social

diz respeito à sua individualidade e à relação com o mundo que o cerca. Assim pode-se dizer que nestes níveis interacionais o adolescente busca o conhecimento do eu e dos outros, a aquisição das habilidades sociais, o conhecimento e aceitação/negação dos princípios da ordem social e a aquisição de seu desenvolvimento moral e valorativo. (MORENO E DEL BARRIO *apud* LEON, 2000). Nesta busca por si mesmos, os adolescentes constroem novas possibilidades de viver, criando algo novo também para o mundo. Como se vê na história, a juventude é fonte recorrente do surgimento de movimentos de transformação social em busca de reformar velhos hábitos e estruturas.

Vistos pelo viés psicológico de Lewin-Landheer (2010), estes processos são contextualizados no conceito de Ciclos de Desenvolvimento, criado com base em pesquisas da autora e na comparação com os ciclos da natureza. As fases do desenvolvimento humano delimitadas por ela são: 1. Ser: seis primeiros meses; 2. Fazer: seis aos dezoito meses; 3. Pensar: dezoito meses aos três anos; 4. Identidade: três aos seis anos; 5. Habilidade: seis aos doze anos; 6. Regeneração: treze aos dezoito anos; 7. Reciclagem. Para a autora o sétimo estágio corresponde à fase adulta. Neste estágio a pessoa pode retornar psicologicamente e emocionalmente a qualquer outro estágio de seu desenvolvimento, de acordo com o modo como as fases anteriores foram vivenciadas e os estímulos vividos em suas experiências cotidianas. Assim, essas fases são revividas ciclicamente de diferentes formas, de acordo com as novas demandas da vida, interagindo e influenciando o desenvolvimento. Segundo Lewin-Landheer (2010), ao vivenciar conflitos internos e externos e buscar a satisfação de suas próprias necessidades o ser em interação com seu meio desenvolve recursos para chegar ao próximo estágio com sucesso. Serão abordadas neste artigo as fases de Habilidade e Regeneração, que englobam a maior parte da adolescência hoje instituída.

A adolescência começa de modo geral no final do período da Habilidade. Nesta fase, o indivíduo quer fazer as coisas de sua própria maneira. Passa a contestar autoridades, pois ele está avaliando a moral e os métodos dos outros, para construir as próprias estruturas, comportamentos e aquisição de valores consistentes com seus objetivos. Muitas transformações hormonais ocorrem, gerando mudanças corporais e emocionais. Ele começará a trabalhar habilidades vinculadas ao próprio gênero e, como isto é algo novo, podem surgir sentimentos de ineficácia ou deslocamento (LEWIN-LANDHEER, 2010).

Martins (2003) aponta que neste momento o adolescente necessita de informação e orientação para fazer as coisas de seu próprio jeito. O

desenvolvimento de sua ética, moral e comportamentos será baseado no modo como suas experiências foram vivenciadas até o momento. Aqui fica evidente que Carícias dos familiares e dos que o rodeiam são essenciais para que ele esteja mais seguro e fortalecido.

Entendemos que este é um período fértil para mostrar-lhe a Educação Emocional como ferramenta que, aplicada por ele mesmo, funcione diante de seus desafios e necessidades. O desenvolvimento deste método pode ser propício para auxiliar na elaboração desta fase de transformação intensa, agregando-lhe uma nova habilidade para lidar com seus desafios internos e relacionais. Além disso, auxilia-o em seu autoconhecimento, domínio de suas emoções e validação de seus sentimentos.

A partir dos treze anos o sujeito tem a oportunidade de unificar tudo que aprendeu até então, criar sua filosofia pessoal e encontrar um novo lugar no mundo dos adultos. As transformações físicas e energéticas continuam e nesta fase características adultas como as preocupações com o sexo e a visão das outras pessoas como seres sexuados se sobressaem. A partir do desenvolvimento de suas reflexões e associação com as demandas sexuais adultas, a relação com o mundo torna-se diferente e amadurecida e a busca por aconselhamentos é abandonada de vez (LEWIN- LANDHEER, 2010). Nesta fase, é comum que os pais vivenciem um grande afastamento do filho, que em geral busca se agrupar com outros de sua idade.

Esse novo momento cognitivo com possibilidades para desenvolvimento de uma filosofia pessoal é demonstrado pelos estudos de Piaget (2003). Ele propõe que a partir dos 12 anos o adolescente passa por uma modificação decisiva na forma de pensar, é a passagem do *pensamento concreto* para o das *operações formais*:

as operações lógicas começam a ser transpostas do plano da manipulação concreta para o das ideias (...) o pensamento formal é portanto 'hipotético-dedutivo', isto é, capaz de deduzir as conclusões de puras hipóteses, não somente através de um observação real (PIAGET, 2003, p. 59).

Trata-se portanto da possibilidade de reflexão abstraída da realidade concreta, criando proposições e representações de ações possíveis. Este período é marcado por uma nova liberdade de pensamento para este sujeito, de modo que agora ele pode construir de sua forma suas teorias e reflexões. Piaget (2003) ressalta que essa nova capacidade de pensar é assimilada

egocentricamente no começo, para posteriormente atingir-se o equilíbrio, por meio da acomodação à realidade.

No aspecto emocional, com referência nos Ciclos de Desenvolvimento, Martins (2003) afirma que é na fase da Regeneração que o adolescente apresenta-se com mais intensidade, e muitas vezes, o medo de se mostrar pode levar a reações tímidas ou agressivas.

Neste momento o que foi construído até então com o adolescente é muito relevante. Como reforço da autonomia que marca este período, a Educação Emocional pode ser um recurso para a própria elaboração das vivências emocionais e do desenvolvimento de uma filosofia que considere a empatia como forma eficaz de convivência saudável e potente.

Em busca de carícias

Segundo Berne (1988, p. 352), Carícia é a “unidade de reconhecimento humano”. O autor ressalta que estímulos físicos e reconhecimento são essenciais para assegurar a integridade psíquica e sua falta pode causar até mesmo deterioração orgânica¹, levando à morte.

As Carícias são vitais para o bebê e chama-se Fome de Estímulo a falta de estímulo sensorial e emocional para este. Os estímulos físicos advindos da intimidade são os mais potentes para alimentá-la. Com o tempo, essa necessidade sublima para a Fome de Reconhecimento, quando um olhar ou um cumprimento já são percebidos e internalizados em busca de suprir a necessidade de reconhecimento. As Carícias de modo geral podem ser físicas ou verbais, um abraço, um elogio, um tapa, um olhar, uma ofensa, entre outros.

Assim, Carícias podem ser recebidas ou dadas de forma positiva ou negativa. Steiner (1998) afirma que as Carícias Positivas são definidas por “um carinho realizado com um sentimento de amor. Um carinho que faz bem” (p. 193) e as Carícias Negativas “são um carinho realizado com um sentimento abominável. Um carinho que faz mal” (p. 193). Neste caso, o carinho não é entendido segundo o senso comum e sim como uma Carícia. As Carícias Negativas alimentam de maneira pobre as necessidades de reconhecimento humanas, porém mantém as pessoas vivas para exercerem suas atividades cotidianas. Segundo Berne (1974) “qualquer relacionamento social representa uma vantagem sobre a ausência de relacionamento” (p. 19).

¹ Este foi o resultado da pesquisa de Spitz *apud* Berne (1985).

Diante disto, refletimos que os adolescentes expressam muita potência para intervenção no mundo em busca de suas realizações, porém, por vezes, canalizam-na para vias auto-destrutivas e prejudiciais ao meio. Segundo Shinyashiki (2012):

Na juventude [...] sem saber o que fazer com uma necessidade de Carícias que ainda não compreende, a maior parte dos jovens se envolve em feitos ilícitos [...] que desafiam a sociedade como um todo. São jovens em geral que na infância sofreram com a falta de capacidade de amar, a indiferença, a frieza e as atitudes egoístas de seus pais (p.38).

Isto foi perceptível no grupo de adolescentes que motivou este artigo. A região onde ele foi desenvolvido era escassa de espaços de lazer que pudessem garantir momentos de interação e desenvolvimento saudável fora da escola. Além disso, também era fator relevante o alto índice de tráfico de drogas realizado pelos jovens do local. Durante o trabalho, os adolescentes que mais demandavam atendimentos eram aqueles considerados problemáticos por escolas e famílias, justamente encaminhados pelas mesmas. As queixas consistiam, em geral, na recusa dos mesmos em frequentar a escola e em suas atitudes agressivas de indisciplina, violência e ameaças aos professores, funcionários e colegas, destruição da escola, brigas, entre outros.

Neste sentido, observamos que a partir da falta das Carícias necessárias por parte do meio e de si, o adolescente busca formas negativas de obter este reconhecimento. São produzidos assim os estereótipos do rebelde, indisciplinado, desequilibrado, deprimido, entre outros. Não se trata de culpar a família, a escola ou o próprio adolescente por essa falta, porém de reconhecer a importância de atitudes voltadas para suprir essa necessidade de reconhecimento de maneira positiva. Além disso, torna-se útil ensiná-los como lidar com suas emoções e sentimentos para que aprendam a buscar da melhor maneira as Carícias de que necessitam.

Sobre a necessidade de estímulos e de reconhecimento, Berne *apud* Steiner (1976) afirma que “o controle da estimulação é muito mais eficaz em controlar um comportamento humano do que a brutalidade e a punição” (p.112). A partir disso, Steiner propõe que

a troca de afagos, que é igualmente uma capacidade, propensão e um direito humano tem sido artificialmente controlada com o propósito de criar seres humanos que irão se comportar de maneira desejável para um 'bem social' maior, embora não necessariamente melhor para as próprias pessoas (1976, p. 112).

Este controle é gerado pela ideia instaurada socialmente de competitividade entre os seres humanos e pela repressão da livre troca de

Afagos e da expressão de sentimentos, principalmente do amor, incentivando-o apenas para as relações conjugais e dentro das famílias, ainda assim com modos previamente determinados e socialmente aceitos (STEINER, 1976).

Steiner (1976) ressalta que a maioria dos seres humanos vive com um regime de Carícias menor do que o ideal, no qual as crianças são controladas regulando sua obtenção de Afagos e os adultos trabalham e vivem socialmente na busca de obtê-los. No grupo de adolescentes em questão percebemos que para fugir da escassez e como reflexo da puberdade, os adolescentes muitas vezes buscavam com maior foco os Afagos físicos de seus colegas, assim eles estavam descobrindo a si e aos outros.

O regime de Carícias é sustentado pelas Leis da Economia de Carícias que a maioria das pessoas reproduz e a sociedade estimula, mantendo os sujeitos em fome de Afagos e, logo, mais suscetíveis à manipulação. Dessa forma, conhecer as Leis da Economia de Carícias permite ao adolescente um melhor amparo para lidar com os desafios de seu momento atual e das fases que se seguirão.

Durante os encontros do grupo, notou-se nos discursos dos adolescentes que estas leis eram muito presentes, tornando o reconhecimento e valorização humana escassos nas famílias e instituições educadoras, gerando a fome de Carícias. As mesmas ofereciam principalmente limites, cobranças, agressões e punições, sendo, antes de tudo, por vezes as próprias promotoras de violência com as crianças e os adolescentes. Além disso, a busca das instituições por igualá-los, padronizando-os em suas necessidades e ignorando subjetividades, era uma das principais formas de reprimir suas expressões autênticas e únicas. Deste modo, muitos deles agiam com violência numa tentativa desesperada de constituir seu espaço, porém sem conhecer o poder das Carícias.

As Leis da Economia de Carícias são repassadas na criação – de forma consciente ou não – e reforçadas pela sociedade. Quando internalizadas, constituem o Pai Crítico e buscam impedir a pessoa de dar ou receber carinho, criando isolamento (STEINER, 1974). O Pai Crítico é um Estado de Ego – “um sistema coerente de sentimentos que motiva um conjunto de padrões de comportamentos afins” (BERNE, 1985, p. 21) – criado por influências parentais e figuras de autoridade e voltado para uma atitude proibitiva (BERNE, 1985).

As cinco leis que proíbem as pessoas de dar e receber Carícias livremente são: 1. não dê Carícias que quer oferecer; 2. não peça as Carícias que necessitar; 3. não aceite carícias quando você as quiser; 4. não rejeite Carícias quando você não as quiser; 5. não dê Carícias a si mesmo. Nestas leis o autor utiliza o termo

Carícias para designar as Carícias Positivas (STEINER, 1976, 1998). A primeira lei impõe que as pessoas não ofereçam aos outros reconhecimentos positivos, mesmo que queiram. A segunda impõe que se a pessoa estiver precisando de uma Carícia, como por exemplo um amparo, ela deve esconder esta necessidade e lidar com a mesma sem um auxílio exterior. A terceira impõe que se alguém fizer um elogio, por exemplo, o outro não pode aceitar com naturalidade, devendo discordar ou diminuir-se. A quarta impõe que se uma Carícia não agradou, ou não era desejada, pelo conteúdo ou modo de ser expressa, isso não deve ser demonstrado, sustentando uma forma de cortesia. A quinta impõe que as Carícias dadas a si mesmo são proibidas por demonstrar falta de humildade ou de vergonha.

Seguindo estas leis, os seres humanos se tornam impossibilitados em relação ao suprimento de suas necessidades reais de Carícias. Steiner (1976) afirma que deste modo “a capacidade de amar é retirada das pessoas e então dirigida contra elas, utilizando-a como reforço para provocar um comportamento desejado” (p.117). Este comportamento desejado refere-se à sociedade atual que necessita de pessoas famintas emocionalmente para reproduzir as estruturas que as oprimem.

Sem saber como agir, elas passam a aceitar e trocar as Carícias Negativas e vivem com seus potenciais diminuídos (STEINER, 1976).

Steiner (1976) defende que “a medida em que os seres humanos forem se tornando cada vez mais satisfeitos em suas necessidades de Afagos, serão mais capazes de buscar e conseguir harmonia consigo mesmos, com os outros e com a natureza” (p. 118). Isso remete à possibilidade de construção de uma sociedade mais feliz, integrada, autoconsciente de seus sentimentos e necessidades. Temos na adolescência um momento propício para criação destes novos modos de viver.

Relatos de uma prática

A partir da prática como Psicóloga Social em uma região determinada como de maior vulnerabilidade social, foi organizado um grupo de adolescentes e também atendimentos individuais para este público e suas famílias. Dentre os que mais demandavam atendimentos estavam aqueles considerados problemáticos por escolas e famílias. Diante de um cenário repleto de conflitos e desentendimentos entre adolescentes e o meio que os cerca, formulou-se uma proposta de um grupo de adolescentes centrado no desenvolvimento de potencialidades e no fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. A

busca era promover momentos de convivência saudável entre os mesmos, mediados por diálogos abertos e recursos de cultura e arte.

Foram realizados convites em escolas, ONGs, instituições e praças da região de modo que qualquer adolescente, estudante ou não, pudesse participar. Os alunos considerados problemáticos recebiam o convite com maior atenção e também maior carinho, este era feito também aos pais, solicitando um posicionamento de participação diante da questão. Deste modo, foi possível agregar diversos jovens, com diferentes práticas, sem que nenhum deles tivesse obrigatoriedade em participar ou estivesse lá por um rótulo de indisciplinado. O único fator importante para estar lá era a vontade. Nesta caso, esta postura era uma Carícia por valorizá-los e estimulá-los enquanto sujeitos de vontades e direitos, independente da idade ou do comportamento.

Essa determinação de fugir dos rótulos desde a formação do grupo trouxe a possibilidade de maior vínculo entre os participantes e os mediadores do mesmo. Houve poucas posturas defensivas nos primeiros contatos. As Carícias Positivas foram o principal instrumento para fortalecer o vínculo entre os adolescentes e os profissionais promotores do grupo, reforçando àqueles a dimensão de seu valor como pessoas. Oferecemos a eles a escuta atenciosa e carinhosamente questionadora, acolhimento e reconhecimento de suas potencialidades e dificuldades. Buscamos a expressão de suas opiniões, alegrias e angústias, para que conhecendo- os melhor, fosse possível interagir com sua forma de estar no mundo.

Notamos, a partir dos discursos, que no contexto onde o grupo foi desenvolvido, o reconhecimento e valorização humana era escassa nas famílias e instituições educadoras, gerando a fome de Carícias. Ao alimentarmos a Fome de Reconhecimento oferecendo Carícias e estimulando a liberdade de suas expressões autênticas a partir de diálogos no grupo e de oficinas de arte, estes passaram a expressar carinho com as mediadoras do grupo e também entre eles. Steiner (1998) afirma que o simples fato de trocar Carícias Positivas leva as pessoas a cultivar e educar suas aptidões amorosas e a abrirem seus corações para o outro.

Com ajuda, os participantes passaram a relatar o que viam de bom no colega e em si mesmos, começaram a desenvolver atividades com gosto e participação. Traziam questões escolares e familiares para conversarmos, onde todos podiam opinar formas de soluções pacíficas e verdadeiras. Diante de conflitos, primamos pela conversa aberta, com falas claras dos fatos ocorridos e do que os havia motivado a tal, com a orientação para reconhecimento dos erros e pedido de desculpas. Nem sempre era possível alcançar este objetivo final com

sinceridade, porém quando era, a reconciliação era imediata e logo o ambiente de carinho era restabelecido.

Durante os encontros, as falas dos participantes demonstravam que estes recursos repercutiram em melhorias no convívio familiar e nas escolas. As famílias e instituições apresentaram *feedbacks* com relatos de maior participação dos jovens nas atividades, maior proximidade e maior abertura para diálogo com os mesmos. Nestes momentos, reforçamos com eles a necessidade de uma nova postura com os adolescentes.

O objetivo do grupo de promover convivência saudável entre adolescentes, com suas famílias e comunidades e desenvolvimento de potencialidades foi cumprido. As atividades oferecidas eram importantes para que eles pudessem perceber o quanto podiam realizar coletivamente e com dedicação, porém mostraram-se secundárias diante da alegria e amorosidade geradas pelas Carícias Positivas.

Diante deste relato e com vistas a ampliar e fortalecer resultados positivos em novos trabalhos com adolescentes, propomos a prática da Educação Emocional com os mesmos.

O método da educação emocional

O método da Educação Emocional foi criado por Steiner e dedica-se a amparar as pessoas que buscam a ampliação de sua Inteligência Emocional e de seu poder pessoal sem oprimir o poder do outro. É muito útil para lidar com conflitos e também para expressão de sentimentos e emoções positivas. Através da adesão de diversas pessoas a esta proposta de interação mais igualitária e amorosa, a Educação Emocional superou os limites de ação individual e tornou-se uma efetiva ferramenta de transformação social. Essas pessoas são chamadas pelo autor de Guerreiros Emocionais e passaram a estender essas ideias para além de suas próprias vidas (STEINER, 1998). Com o objetivo de amparar pessoas em suas convivências cotidianas, principalmente o público adolescente, seguem-se, as premissas básicas – pedir permissão, ser sincero e enfrentar o Pai Crítico – e os três estágios do método – abrir o coração, examinar o panorama emocional e assumir a responsabilidade.

Premissas

As premissas básicas buscam criar condições propícias para a efetividade da prática dos exercícios. A primeira premissa consiste em pedir permissão para fazer uma comunicação emocional. Essa premissa é relevante para dar ao outro

a oportunidade de preparar-se para ouvir e a escolha de tratar do assunto naquele momento. Deste modo o comunicador também prepara a si mesmo, e cria um solo fértil para uma conversa produtiva (STEINER, 1998).

A segunda premissa é ser sincero. Steneir (1998) coloca que as Carícias sinceras emanam seus verdadeiros conteúdos ao receptor, as artificiais, ou Carícias de plástico, não surtem efeito positivo. Os carinhos devem ser autênticos para a criação de um ambiente de confiança para a Educação Emocional.

A terceira premissa é enfrentar o Pai Crítico. Este opressor interno faz as pessoas sentirem-se estúpidas, más, feias, dementes ou fracassadas. É importante ignorar ou contrapor esta voz com estímulos internos do Pai Nutritivo (STEINER, 1998). Berne (1985) explica que o Pai Nutritivo é o Estado de Ego Pai com atitude educadora e nutridora, aquele que dá permissões.

Estágios da Educação Emocional

Com este preparo anterior, torna-se possível aplicar os estágios do método, que são: 1. Abrir o coração; 2. Examinar o panorama emocional e 3. Assumir a responsabilidade.

Abrir o Coração

Este estágio consiste em dar, pedir, rejeitar e aceitar carinhos dos outros e também dar carinhos a si mesmo, contrapondo as Leis da Economia de Carícias. Costa, Santos & Alves (2012) denominam este estágio de “criando abundância” por sua consequência de libertar as pessoas da escassez de Carícias a partir da expressão de sua própria abundância de amor e emoções positivas. Mantendo-se atento e cuidadoso, sugerimos que o adolescente pratique na família, nos relacionamentos amorosos, na escola, com amigos e em suas atividades cotidianas. Steiner (1976) afirma que um grupo terapêutico voltado para este aprendizado é mais seguro ou protegido, porém com certo cuidado, pode-se renegar a economia de afagos também neste outros ambientes.

Examinar o Panorama Emocional

A finalidade desta etapa é deixar a pessoa mais a vontade e bem situada no panorama emocional do que está ocorrendo. Diante disso, a pessoa deve observar que as atitudes e os sentimentos dos envolvidos estão intimamente relacionados e que essa relação pode ser positiva ou destrutiva (Steiner, 1998).

Para explorar essa relação entre atitude e sentimento, Steiner (1998) propõe a *afirmativa de ação/sentimento*. Essa consiste em descrever em uma frase as emoções sentidas por uma pessoa perante a ação de outra. Isto deve ser feito sem julgamento ou acusação, simplesmente relatando o fato e expondo o sentimento, que é pessoal e incontestável. A forma simplificada desta afirmação é “quando você age, eu sinto uma emoção” (STEINER, 1998, p. 89).

Assim como fazer esta afirmação é importante, também o é aprender a aceitá-la sem atitudes defensivas, justificativas, negações ou desculpas por enquanto, apenas prestando bastante atenção no que está sendo descrito e absorvendo a informação. O importante é saber como o outro se sentiu a partir da atitude específica realizada, só com o verdadeiro entendimento a reparação poderá ser significativa e eficaz.

Mesmo com as afirmações descritas, existem desconfianças em relação à motivação da pessoa em agir de certo modo. Em relação a isso a próxima etapa chama-se *revelando o palpito intuitivo* e mostra como fazer um teste de realidade para confirmar ou não uma intuição sobre algo (STEINER, 1998). Berne (2008) afirma que todos são dotados de intuição e que esta consiste no “conhecimento baseado em experiência e adquirido através de funções pré-verbais inconscientes ou pré-conscientes e através do contato social com o sujeito” (p.12), em outras palavras, é uma percepção que leva a supor algo sem uma explicação racional sobre isso. Berne (1974) afirma que esta faculdade intuitiva faz parte do Estágio de Ego Criança, onde estão alojados sentimentos, sensações e comportamentos arcaicos e ativos, assimilados na infância.

Reconhecer a própria intuição, validá-la para si mesmo e revelá-la numa conversa sincera ao outro é tão importante quanto, confirmar uma intuição exposta por alguém. Mesmo que apenas uma minúscula parte da mesma seja verdade e tenha sido material para ser ampliada numa fantasia errônea (STEINER, 1998). Steiner (1998) afirma que a confirmação da partícula de verdade numa fantasia criada pela mente do outro, faz com que ele confie mais em si mesmo e confie também na outra pessoa, gerando um relacionamento mais verdadeiro.

Assumir a Responsabilidade

O terceiro estágio consiste em assumir responsabilidade pelos erros cometidos em um relacionamento, buscando entender por que eles são repetidos e, então, tomar providências para corrigi-los (STEINER, 1998).

Neste estágio, a pessoa que recebe uma informação de que sua atitude feriu alguém deve concentrar-se em perceber qual foi sua motivação e por que isto aconteceu. Só após este entendimento pede-se desculpas. Costa, Santos & Alves (2012) ressaltam que “o fato de sentirmos que nossa mágoa é validada por quem a causou nos coloca mais facilmente no caminho da cura e do perdão” (p. 69).

Caso o erro seja identificado como grave e tenha causado sérios danos ao outro, a Educação Emocional propõe pedir perdão. Essa ação vem da percepção empática da mágoa provocada no outro. Segue um exemplo de como fazê-lo: “Peço desculpas por (ação); agi mal e lamento ter magoado você. Você me perdoa?” (STEINER, 1998).

Com estas três etapas, o adolescente pode torna-se um empata e está pronto para interagir de modo positivo consigo e com os outros. É válido ressaltar que a prática com pessoas abertas para tal é essencial para alcançar os objetivos da Educação Emocional. Costa, Santos & Alves (2012) afirmam que “abraçando esta causa, você desenvolve seu poder pessoal despertando o Guerreiro Emocional que existe em seu interior e se torna uma referência coerente na transformação planetária como efetivo produtor da paz” (p. 16).

Considerações finais

Partimos da perspectiva da Educação Emocional como importante para melhor qualidade de vida e interação social. Buscamos na adolescência suas características gerais mais potentes e também mais vulneráveis, a fim de auxiliar na realização dessas potências e na elaboração das vulnerabilidades a seu favor. Relatamos fragmentos de uma experiência a fim de trazer possibilidades a partir da prática. Neste relato, evidenciamos que o vínculo afetivo foi muito forte e constituiu-se como pilar da existência do grupo. Por fim, apresentamos alguns pontos da Análise Transacional, com foco na teoria das Carícias e da Educação Emocional com objetivo de contribuir para a ampliação da IE.

Steiner (1976) conta uma história denominada Conto de Carinhos. É uma espécie de alegoria que retrata como o medo da falta de Carícias faz as pessoas deixarem de oferecê-las, gerando assim a escassez de Carícias. No conto, uma virada surpreendente acontece quando todos estão sofrendo com a escassez de Carícias e troca de Carícias Negativas e uma mulher descrita por Steiner como jovem, de grandes quadris e nascida sob o signo de aquário, aparece na cidade e é denominada por todos de *Hip Woman*. Essa mulher volta a espalhar Carícias Positivas por onde passa, devolvendo às pessoas daquela cidade perspectivas

alegres, saudáveis e abundantes de amor. Traduzindo literalmente para o português *Hip Woman* significa Mulher dos Quadris. Porém, em nota, o tradutor aponta que ao dar este nome, Steiner está fazendo uma alusão ao movimento *hippie*, bastante fortalecido naquele período.

Bem, sabemos que os *hippies* tinham como mote “*Paz e Amor*”, e que em sua grande maioria eram jovens que começaram por si mesmos a busca por uma sociedade sobre essas premissas. É possível inferir que os jovens de hoje em dia já não possuem esses objetivos, porém, não há como negar o caráter renovador com o qual a juventude tem historicamente contribuído para a sociedade. Com base nisso, este artigo buscou contribuir com fragmentos de uma prática que utilizou o conceito das Carícias no trabalho com adolescentes. Além disso propomos a Educação Emocional para novos trabalhos com esse público, de modo que os mesmos, empoderados de suas emoções, contribuam com a sociedade, trazendo seu ar de renovação.

Referências Bibliográficas:

- BERNE, E. Análise Transacional em psicoterapia, 2ª ed. São Paulo: Summus, 1985.
- _____. Intuição e Estados de Ego. S.l.: Suliani, 2008.
- _____. Jogos da Vida. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- _____. O que você diz depois de dizer olá? São Paulo: Nobel, 1988.
- COSTA, J. M. P.; SANTOS, B. H.; ALVES, T. C. Das emoções aos sentimentos: construindo um caminho com o coração. Porto Alegre: Letra&Vida, 2012.
- GOLEMAN, D. Inteligência Emocional: a teoria que define o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- LEÓN, O. D. Uma revisão das categorias de adolescência e juventude. In: Guimarães, M. T. C. & Sousa, S. M. G. (Orgs.) Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas. (p. 47-76). Goiânia: Editora UFG, 2009.
- LEWIN-LANDHEER, P. O Ciclo de Desenvolvimento. 1984. In: Prêmios Eric Berne. 4ª ed. Porto Alegre: Suliani, 2010.
- MARTINS, S. A mãe no terceiro milênio. São Paulo: Butterfly, 2003.
- OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: Adolescência & Psicologia – Concepções, práticas e reflexões críticas. Brasília, 2002.
- PEREIRA, E. D.; PINTO, J. P. Adolescência: Como se faz? – apontamentos sobre discursos, corpos e processos educativos. Fazendo Gênero. Goiânia: Grupo Transas do Corpo, anoVII, n.17, jul./out. 2003.
- PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
-

SHINYSHIKI, R. A carícia essencial. São Paulo: Gente, 2012.

STEINER, C. & PAUL, P. Educação Emocional: um programa personalizado para desenvolver sua inteligência emocional. 3ªed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

_____. Os papéis que vivemos na vida – A análise Transacional de nossas interpretações cotidianas. Artenova: 1976

Jaqueline Olina de Oliveira

*(CRP 09/9959) é Psicóloga clínica pela UFU (Universidade Federal de Uberlândia) e é Especialista em Análise Transacional pela UNAT-Brasil (União dos Analistas Transacionais). Atua também como psicoterapeuta de Constelações Familiares com treinamento pelo Instituto de Desenvolvimento Humano (Idesv). Reside atualmente em Goiânia-GO.
Email: jaqueline.olina@gmail.com*

ISOLAMENTO OU CONEXÃO? REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DA CONECTIVIDADE CIBERNÉTICA NOS RELACIONAMENTOS HUMANOS À LUZ DA ANÁLISE TRANSACIONAL

Keila Tres

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de contribuir com reflexões, embasadas em conceitos da Análise Transacional, sobre o impacto que a prevalência da forma virtual de trocas de informação e afeto tem causado na capacidade humana de estabelecer encontros com presença e intimidade. O estudo inicia com a contextualização do tema, trazendo evidências sobre as mudanças nos formatos das relações e dos contatos desde que os aplicativos de redes sociais tornaram-se habituais meios de comunicação. As reflexões à luz da Análise Transacional embasam-se principalmente em conceitos desenvolvidos por Eric Berne (Fome de Estímulos, Fome de Reconhecimento, Fome de Estrutura; Intimidade), Claude Steiner (Fome de Informação),

Richard G. Erskine (Necessidades Relacionais), James Allen (Senso de *Self*), Jacqui Schiff e Aaron Schiff (Desqualificação). As considerações finais apontam para a necessidade de atenção ao fenômeno das transformações nas formas de contato, como uma demanda que pode, inclusive, estar vinculada ao aumento dos casos de depressão em níveis mundiais. Além disso, é possível perceber o campo fértil e necessitado de novas pesquisas que a temática demanda, não só da área da psicologia, como de outras áreas de conhecimento como antropologia, sociologia, psiconeurobiologia e filosofia. **Palavras chave:** Internet. Redes sociais. Análise Transacional. Intimidade.

Abstract: This paper aims to contribute to reflections, based on concepts of Transactional Analysis, about the impact that the prevalence of the virtual form of information and affection exchanges has had on the human capacity to establish meetings with presence and intimacy. The study begins with the contextualization of the theme, bringing evidence about changes in the formats of relationships and contacts since social networking applications became the usual means of communication. Reflections in the light of Transactional Analysis are based primarily on concepts developed by Eric Berne (Stimulus Hunger, Recognition Hunger, Structure Hunger; Intimacy), Claude Steiner (Information Hunger), Richard G. Erskine (Relational Needs), James Allen (Self Sense), Jacqui Schiff and Aaron Schiff (Disqualification). The final considerations point to the need for attention to the phenomenon of transformations in contact forms, as a demand that may even be linked to the increase in cases of depression worldwide. Moreover, it is possible to perceive the fertile field and in need of new research that the subject demands, not only from the area of psychology, but from other areas of knowledge such as anthropology, sociology, psychoneurobiology and philosophy.

Keywords: Internet. Social networks. Transactional Analysis. Intimacy.

Introdução

Vivemos em uma época de relacionamentos tecnológicos, na qual fatores como velocidade, imediatismo e conectividade a meios eletrônicos imperam majoritariamente nas trocas de informação e afeto em relacionamentos de quase todos os tipos. Na rotina do dia a dia, muitos dos contatos são realizados através de aplicativos de mensagens escritas em aparelhos eletrônicos. Assim, os contatos que envolveriam olhares, toques e presença, vão ficando cada vez mais escassos.

O consumo de informação também vem se transformando ao longo das últimas décadas e envolve cada vez mais os meios cibernéticos. Crianças, jovens e adultos, que antigamente buscavam conhecimento científico em livros, bibliotecas e enciclopédias, levam alguns segundos para ter acesso a qualquer tipo de informação em sites de busca, como Google e outros.

Se antes, livros de cientistas eram fontes majestosas e confiáveis de conhecimento, atualmente, em grupos de pesquisa de pós-graduação de grandes faculdades, a instrução é que se evite a utilização de livros como referências e que sejam priorizados artigos publicados há, no máximo, 10 anos. Onde encontramos esses artigos científicos? Nos prestigiosos bancos de dados científicos como PePSIC, COCHRANE, BVS, SCielo, só para citar alguns da área da saúde, que por sua vez encontram-se onde? Na internet, é claro; e muitos deles, de forma paga.

E, em se tratando de compras, muitas das transações comerciais tem sido realizadas através da internet. Muitas pessoas preferem comprar eletrodomésticos, roupas e muitos outros itens pela *web*, geralmente com preços mais acessíveis, já que as lojas não precisam investir nos custos fixos envolvidos no funcionamento de uma loja física. Assim, o contato físico entre quem compra e quem vende vai se tornando cada vez mais escasso. Essa demanda gera cada vez mais empregos para aqueles que ficam por trás de sistemas e telas, lidando com números e logística, resolvendo a demanda que este mercado gera.

Zygmunt Baumann (2001), sociólogo polonês que tem escrito brilhantemente sobre essas transformações, diz que vivemos na era da modernidade líquida, usando a metáfora da liquidez para caracterizar o principal aspecto das mudanças de perspectivas que vêm ocorrendo em ritmo intenso e vertiginoso desde a segunda metade do século XX. As vivências contemporâneas se assemelham pela fluidez, pela vulnerabilidade e pela incapacidade de manutenção de identidade por muito tempo. As tecnologias

permitiram que o tempo se sobreponha ao espaço e, agora, estamos ao alcance de tudo e todos através da conectividade à internet, de forma instantânea.

Segundo o autor (BAUMAN, 2004), vivemos em tempos de relações frágeis tecidas em laços flexivelmente inseguros, passíveis de rompimento a qualquer momento. Os relacionamentos que eram pautados na responsabilidade mútua deram lugar a outro tipo, que ele nomeia como *conexão*, palavra tão adequada para os meios cibernéticos e que sugere a iminência da possibilidade de “desconexão”. Este contexto provoca uma predisposição ao isolamento social; ao mesmo tempo em que as pessoas buscam afeto, têm receio de desenvolver relacionamentos mais profundos, sob pena de ficarem imobilizadas em um mundo permanente e sem movimento.

É nesta conjuntura que os aparelhos de telefonia celular, com seus sistemas operacionais e aplicativos de comunicação e relacionamento, entram como elementos de grande impacto na construção desta nova realidade social e psicológica, que afeta diretamente o modo de subjetivação dos indivíduos. De acordo com dados divulgados em 2018 pela GSM Association, 65% das conexões realizadas à internet na América Latina são realizadas através do celular e a organização estima que, em 2025, o percentual suba para 78% (CORREIO DO POVO, 2018).

Considerando os aplicativos, um estudo realizado em 2017 pela plataforma de pesquisas online do IBOPE chamada CONECTA, descobriu que, dentre todas as “redes sociais”, o WhatsApp é a mais utilizada pelos brasileiros, chegando a 91% de penetração na população que possui acesso à internet no país. Depois do WhatsApp, o Facebook é o segundo melhor colocado, utilizado por 86% dos internautas brasileiros (MÜLLER, 2017). Estes estudos indicam que a comunicação através de ligações, antiga função principal dos aparelhos, têm sido substituída pelas interações através de tais aplicativos.

O Facebook envolve ainda uma espécie de “histeria generalizada”, na qual o impulso pelo exibicionismo e o voyeurismo encontram campo fértil. A vida no Facebook é sempre divertida, alegre, glamourosa e as construções identitárias vão se consolidando através das cinco emoções possíveis de reações às publicações: “gostei”, “amei”, “surpresa”, “raiva” ou “tristeza”.

Outra novidade, nem tão recente, são os aplicativos como Tinder e Happn, o primeiro deles lançado em 2012 e que, em 2014 já registrava mais de 100 milhões de usuários em todo o mundo. Ambos tratam-se de plataformas que viabilizam encontros românticos, através da busca pela localização geográfica

e do cruzamento de dados de outros aplicativos sociais como Facebook. O usuário escolhe o(s) gênero(s) pelo(s) qual(is) se interessa, estipula a faixa etária e o raio de distância, dentro dos quais está disposto a encontrar seu par. Assim, os perfis começam a aparecer e a pessoa tem a opção de gostar ou não. Quando duas se gostarem, aparecerá a mensagem avisando da combinação e as pessoas podem iniciar trocas de mensagens a partir daí (CONSTANTINO, 2015).

Dados levantados por instituições respeitadas mundialmente como o relatório “2018 Global Digital”, pesquisa realizada pela *We Are Social* em parceria com a *Hootsuite*, mostraram que, atualmente, mais de 4 bilhões de pessoas no mundo estão usando a internet, sendo que aquelas que usam redes sociais ultrapassam os 3 bilhões. Ainda, segundo dados divulgados pelo *GlobalWebIndex*, a média diária mundial de tempo gasto online é de 6 horas.

Outras informações importantes da mesma pesquisa revelam que a taxa de penetração do uso da Internet no Brasil é de 66%, enquanto a taxa global é de 53% e estes números crescem mais rapidamente a cada ano. “O Brasil está entre os três países no qual a pessoa passa, em média, mais de 9 horas do dia navegando na Internet. E é um dos dois únicos países onde o tempo diário gasto nas redes sociais supera 3 horas e meia” (LUCA, 2018).

Considerando que uma pessoa passe, em média, 8 horas dormindo, outras 9 horas atrás de um monitor, sobram 7 horas para estar em contato com o ambiente “extraweb” e ter um contato “real” com pessoas, objetos e lugares. Assim, os resultados desta pesquisa, que é considerada referência mundial, mostram que o novo “padrão” é o contato através da rede, e não o contrário. A grande dúvida, que possivelmente somente o tempo nos responderá, envolve os impactos neurológicos e emocionais desta mudança.

Dados divulgados recentemente pela Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que os casos de depressão tem crescido globalmente e preveem que, até 2020, esta será a doença mais incapacitante em todo o mundo. O Brasil é considerado campeão da América Latina em casos de depressão e os números apontam 5,8% da população sofrendo desta patologia, ou seja, diagnosticadas. Isso, somado ao fator da dificuldade de acesso ao atendimento psicológico ou psiquiátrico do país, só faz crescer o nível alarmante da notícia (GUARDABASSI, 2018).

Todo esse contexto possibilita um retorno às ideias de Bauman (2004) e à compreensão de que, paradoxalmente, tanto o isolamento quanto a conexão, são realidades da vida pós-moderna. As barreiras estão cada vez mais diluídas e o contato com qualquer localização terrestre pode ser estabelecido depois de

alguns cliques. Enquanto isso, familiares não conseguem estabelecer contato em uma mesa de jantar por estarem imersos em seus aparelhos celulares. A experiência de observar famílias, casais, amigos em locais públicos como restaurantes, pode ser assustadora, pois é comum que a grande maioria das pessoas esteja com o celular na mão, ou ao alcance dela.

Pela contextualização exposta e pela escassez de estudos encontrados em bancos de dados sobre essa temática, surge o interesse pelo estudo mais aprofundado do tema, que considero de valiosa importância para fomentar reflexões sobre as transformações nos formatos de relacionamentos de todos os tipos, especialmente no que tange às trocas de afeto e à capacidade de estabelecer intimidade. Assim, o estudo consiste em uma revisão da literatura sobre o impacto que os celulares e seus aplicativos de redes sociais causam nas trocas afetivas e no estabelecimento de intimidade.

Para isso, serão utilizados conceitos teóricos da Análise Transacional (AT), abordagem fundada por Eric Berne (1988), que publicou seu primeiro artigo sobre a linha em 1958. A AT trata-se de uma teoria do comportamento humano apropriada para o mundo contemporâneo, pois, além de versátil e dinâmica, aborda com profundidade conceitos que possibilitam a compreensão do indivíduo e suas relações.

Integração Teórica

Steiner (1997/2009) escreveu um artigo aliando conceitos da Análise Transacional à Era da Informação, no qual já vislumbrava muito da demanda que o assunto traz diante da subjetivação e das demandas em busca das saciedades emocionais dos indivíduos. Dentro deste artigo, o autor, baseado nos preceitos de Berne, desenvolveu o conceito de Fome de Informação que, segundo ele, viria antes mesmo das Fomes de Estímulos, de Reconhecimento e de Estrutura desenvolvidas por Berne (1985). Assim, a Fome de Informação é, para ele, a precursora de todas as fomes; trata-se da “necessidade fundamental que dirige não apenas as pessoas, mas todos os organismos vivos” (STEINER, 1997/2009, p. 69). A reflexão do autor, contribui para a compreensão do novo paradigma que mostra a intensidade da confiança que depositamos nas informações que podem ser acessadas através de breves toques em sites de busca como *Google*, por exemplo.

Para Berne (1988), que desenvolveu os conceitos que envolvem o tema antes de Steiner, a nossa necessidade de Estruturação do Tempo baseia-se em três Fomes: de Estímulo ou sensação, de Reconhecimento e de Estrutura. Spitz

(1945, citado por BERNE,1985) realizou estudos sobre o tema, que demonstraram que a privação sensorial no bebê pode provocar mudanças psíquicas e até mesmo deterioração orgânica. Este autor utiliza os termos “privação emocional” ao invés de “privação sensorial”, justamente por reconhecer que as formas mais significativas de estímulos sensoriais são proporcionadas pelo contato social e pela intimidade física.

A Fome de Estímulos refere-se à necessidade biológica do ser humano de ser estimulado, o que envolve os sentidos auditivo, visual, tátil, olfativo e palatal. Estes estímulos permitem a ativação do sistema reticular, possibilitam conexões neurais importantes e permitem a sobrevivência e o desenvolvimento do organismo (CARACUSHANSKY, 1986).

Quanto à Fome de Reconhecimento, trata-se de uma derivação da Fome de Estímulos, e, no desenvolvimento infantil, poderia ser considerada como próximo passo nas necessidades básicas do bebê. Aborda o anseio que o indivíduo possui de obter dos outros um sinal verbal ou psicológico/emocional que mostre que ele é percebido, que é importante. (CARACUSHANSKY, 1986; BERNE, 1985).

Além dessas duas Fomes, que podem ser a constituição básica das principais necessidades humanas, segundo Berne, os problemas cotidianos do ser humano provém da estrutura de suas horas de vigília, ou seja, da Fome de Estruturação do Tempo. Berne (1988) traz o exemplo da experiência realizada por Levine (1960) com ratos, que são colocados em situação de privação sensorial, vivenciando a escuridão completa, sem variação; ou o seu oposto, claridade e iluminação permanente. Depois de determinado período, estes ratos são colocados em convivência com outros que não passaram pela experiência de privação, ou seja, em gaiolas comuns, os animais que foram privados de “estrutura” buscam comida em labirintos se a comida for colocada num tabuleiro xadrez, ou não comem se esta estiver num fundo homogêneo, enquanto os ratos criados sob condições normais buscam alimento independente do fundo. Assim, os resultados demonstram que a fome de estímulo estruturado dos ratos que viveram em privação é mais evidente do que a própria fome de alimento (BERNE, 1988).

As evidências apontam para a relevância da “busca por estrutura” como vital para a sobrevivência dos seres. Deste modo, partindo desta premissa e considerando a escassez de contatos com estímulos sensoriais “presenciais” da modernidade, os resultados desta pesquisa são muito pertinentes e atuais. Isso, somado aos dados referidos anteriormente, que refletem o panorama mundial de

conexões à internet em quantidade e tempo investido na imersão cibernética, podemos inferir que estamos efetivamente vivenciando a escassez de estímulos sensoriais estruturados.

Uma demanda comum de consultório que ilustra o que está sendo referido envolve, principalmente, clientes na fase da adolescência: a “troca da noite pelo dia” diante das telas de computadores e celulares, algo que assusta pais e responsáveis, adultos que muitas vezes vivenciaram essa etapa do desenvolvimento fora da era digital e, por isso, pouco conseguem empatizar com seus filhos. Outro fenômeno são os shoppings, centros de compras planejados propositalmente para que seus clientes esqueçam da referência tempo enquanto visitam o local; são espaços fechados e sem janelas (SEBRAE, 2014), que à propósito, lembram bastante do experimento mencionado, ou seja, sem estrutura de estímulo.

A realidade líquida preza pela “desestrutura”, pela liquidez, os “nós” já são atados com frouxidão, ou seja, poderíamos dizer que a expressão “privação de estrutura” traduz com maestria a essência da modernidade referida por Bauman. Dentro do que Berne (1988, p.34) refere sobre o assunto: “(...) os efeitos da privação sensorial precoce poderão persistir no decorrer da vida sob a forma de uma intensa atração por estímulos complexos.” Assim, pelo que diz o autor, é possível inferir que a fome de estímulos estruturados vai gerar ainda mais fome e em níveis ainda mais amplos, e imprevisíveis.

Outro estudo pertinente ao tema foi aquele realizado por Harlow e Harlow (1962), no qual bebês macacos foram separados de suas mães ao nascer, e colocados em uma sala experimental com duas opções de contato: uma macaca de arame com uma mamadeira e outra aveludada sem mamadeira. Os macacos preferiram se aconchegar na macaca aveludada ao invés de buscar alimento na outra oferta. Outros resultados desta mesma pesquisa apontaram que se os bebês macacos forem privados de contato físico com outros de sua espécie, não conseguirão estabelecer relações sexuais com outros macacos ao se tornarem adultos (BERNE, 1976; CARACUSHANSKY, 1986).

E como falar de intimidade sem falar de sexo? Para Berne (1976), em *Sexo e Amor*, o sexo tem duas finalidades: a maior delas é a reprodução, que trata-se de um fim cósmico e biológico, ou seja, a evolução através do intercruzamento dos códigos genéticos, por meio da seleção natural. O outro fim envolve o prazer, o orgasmo, e também o instinto gregário, que segundo ele faz com que homens e mulheres se unam no objetivo de construir um lar. Para o autor (BERNE, 1976, p.34-35):

(...) nós mesmos não estamos contentes de ser meros portadores de sementes, e convertemos o sexo e suas possibilidades em algo mais complexo e refinado. (...) o sexo é uma matriz de todos os tipos de transações mais vivas: abraços e discussões, seduções e recuos, construção e desgraça. (...)um substituto para todo tipo de drogas, e um curativo de muitas espécies de doenças. É diversão prazer e êxtase. Liga as pessoas com laços de romance, gratidão e amor.

Esses conceitos foram desenvolvidos pelo autor em 1976 e, claro que certamente existem questões geográfico-culturais que perpassam os padrões de comportamentos afetivo-sexuais. Entretanto, podemos certamente declarar que o papel do sexo no quesito intimidade e relacionamento acompanhou a onda de transformações da modernidade líquida.

É muito comum em consultório ouvir relatos de experiências de adultos jovens que agendam, por aplicativo como o *Tinder* e *Happn*, encontros sexuais com pessoas que jamais viram, e que em alguns casos não voltarão a ver, e em outros pode ser o primeiro passo para algo mais sério. Seguindo a linha de pensamento de Berne (1976), seriam casos nos quais o objetivo, ao menos inicial, seria somente o prazer, o orgasmo. Este assunto certamente renderia uma pesquisa à parte. Poderíamos dizer que não há intimidade em um encontro deste tipo? Certamente que não. A questão talvez envolva a pergunta: qual o tipo de intimidade? Reflexões sobre quais Estados de Ego estariam envolvidos nestas buscas *versus* satisfações possivelmente trariam belas contribuições.

Com base no exposto, é possível concluir que as transformações que nos trouxeram ao novo paradigma da modernidade líquida conceitualizada por Bauman, geram impactos significativos na busca pela saciedade das Fomes descritas por Berne. Em se tratando da Fome de Estímulos, representada pelos contatos sensoriais, e considerada pelo autor como fome primordial, quanto mais conectados através de uma tela estivermos, mais isolados da “vida que acontece do lado de fora” estaremos.

É importante ressaltar que este raciocínio não tem o objetivo de trazer demérito às trocas de estímulos que os contatos cibernéticos propiciam, pois, certamente, essas trocas existem (e renderiam outro estudo). Entretanto, cabe apontar para a impossibilidade da vivência da experiência social com contato, Intimidade e atenção nos dois mundos simultaneamente, o presencial e o conectado pela rede. Desta forma, ao estarmos imersos em uma das realidades, deixamos de estar presentes na outra.

Neste ponto, cabe analisarmos o conceito de Desqualificação proposto por

Schiff e Schiff, no artigo intitulado *Passividade* (1971/2010) e retomado por Mellor e Schiff (1975/2010, p.130) no artigo *Desqualificação*, no qual trazem a seguinte contribuição: “A pessoa que desqualifica acredita ou age como se algum aspecto do self, do outro ou da realidade fosse menos significativo do que realmente é”. Os autores postulam três tipos de Desqualificação: Estímulos, Problemas ou Opções. Dentre estes, a Desqualificação de Estímulos é a de maior pertinência para discussão do tema.

Para os autores, a Desqualificação de Estímulos englobaria os âmbitos interno e externo, ou seja, a pessoa tanto pode estar desconsiderando os próprios sentimentos ou percepções, como pode ser o outro a estar sendo desqualificado por ela. Dentro da demanda foco da atenção em celulares, computadores e até mesmo televisores, a Desqualificação é um fenômeno facilmente observável. Enquanto a pessoa está imersa buscando alguns de seus inúmeros aplicativos de estabelecimento de contato virtual, seus pares de contato físico estão sendo desqualificados em sua expressão facial, em seus movimentos corporais, e demais sinais que demonstram presença e estado de espírito e que só podem ser percebidos com a troca de olhar, com o estabelecimento de contato “presencial”.

Erskine e Trautmann (1996, p.317), explicando o funcionamento da psicoterapia integrativa, referem que:

(...) a necessidade de relacionamento constitui uma experiência motivadora primária do comportamento humano, e o contato é o meio pelo qual esta necessidade é satisfeita. (...) o contato ocorre interna e externamente: envolve a plena consciência de sensações, sentimentos, necessidades, atividade sensório-motora, pensamentos e memórias. (...) Quando há contato interno e externo, as experiências são continuamente integradas. Por outro lado, quando o contato é interrompido, as necessidades não são satisfeitas. Se a experiência da necessidade emergente não é satisfeita ou não é fechada naturalmente, procurará encontrar um fechamento artificial cuja função é tirar a atenção do desconforto resultante da necessidade não satisfeita. Estes fechamentos artificiais são a matéria prima das reações de sobrevivência e decisões de script que podem eventualmente se tornarem fixadas.

Os autores (ERSKINE; TRAUTMAN, 1996) lembram também que, para que o contato seja efetivamente estabelecido, este dependerá da qualidade das Transações que são estabelecidas entre as pessoas que estão se relacionando. O estabelecimento de contato com o outro, a consciência de si mesmo e o cuidado com as relações são fatores que impactam diretamente no nível de consciência que o indivíduo terá de si mesmo, de seu *self*. Além disso, é o desenvolvimento e

a manutenção desta consciência que pode proporcionar habilidades cognitivas e emocionais para o enfrentamento das mais diversas situações de vida, aquilo que chamamos de noção de autoeficácia, ou seja, a percepção que cada um tem de sua própria capacidade de dar conta dos desafios da vida.

O conceito desenvolvido por Erskine (ERSKINE, 1995 citado por ERSKINE; TRAUTMAN, 1996, p.321), das Necessidades Relacionais, auxilia na compreensão da necessidade de Intimidade e permite a reflexão sobre a frustração pela falta de contato dentro do novo paradigma:

Necessidades relacionais são as necessidades próprias do contato interpessoal. (...) são componentes de um desejo humano universal pelo relacionamento íntimo. (...) Quando essas necessidades não são satisfeitas, tornam-se mais intensas, sendo experimentadas fenomenologicamente como anseio por algo indefinido, vazio, uma solidão persistente ou um impulso intenso frequentemente acompanhado por nervosismo. A ausência contínua de satisfação de necessidades relacionais pode ser manifestada como frustração, agressão ou raiva. (...) A satisfação de necessidades relacionais requer a presença, com contato, de outra pessoa que é sensível e sintonizada com as necessidades relacionais e que também fornece uma resposta recíproca a cada necessidade.

Uma das oito Necessidades Relacionais é a Validação, Afirmação e Importância dentro de um Relacionamento e parece ser, entre elas, a que mais retoma o impacto dos contatos através das telas dentro do critério saciedade da Fome de Reconhecimento ou estabelecimento de contato com Intimidade (ERSKINE; TRAUTMAN, 1996). É corriqueira a escuta, em consultório, da demanda de clientes em sofrimento, sentindo-se rejeitados, porque suas postagens no *Facebook* receberam poucas reações ou mesmo que suas mensagens enviadas por *Whatsapp* foram visualizadas, mas não respondidas; ou ainda que a pessoa aparece *online* em algum aplicativo, mas não interage. A necessidade da validação do outro que sempre existiu, mas antes dependia da nossa percepção sensorial presencial para averiguação, agora precisa ser percebida a quilômetros de distância, através de uma tela e está sujeita à disponibilidade do sinal da internet para que ocorra.

Para Berne (1988, p.36): “A intimidade bilateral é definida como um relacionamento cândido, livre de jogos, de um dar e receber livre e sem exploração”. O autor situa o conceito de Intimidade como a alternativa mais saudável da lista de formas possíveis de Estruturação do Tempo, ou seja, seria a possibilidade ideal para saciar a Fome de Estrutura. Entretanto, por ser a mais

difícil de ser alcançada, quando as pessoas sentem-se frustradas e em um relacionamento sem fluxo livre de Carícias, abre-se espaço para o acontecimento dos Jogos e Passatempos, que para o autor (BERNE, 1985, p. 82) são “substitutos do viver real da real intimidade”. Dentro deste prisma, talvez reste o questionamento sobre que tipo de intimidade é possível de ser vivenciada nos relacionamentos que se dão majoritariamente através de meios eletrônicos.

Outro ponto de vista interessante chega através das contribuições de James Allen (2011), que conceitualizou o “senso de *self*” como uma espécie de centro de comando, de espaço preenchido de conteúdo, e principalmente: uma presença de consciência. Uma linha que vai se desenvolvendo de acordo com o amadurecimento do indivíduo, que vai se construindo ao longo de sua história de vida, através das suas impressões de si, dos outros e do ambiente que o cerca. O autor fala de “*Self* autobiográfico” como este fenômeno que será manifestado através de narrativas de vida, especialmente no que se refere ao *Script*, termo que se refere ao “plano de vida baseado numa decisão feita na infância, reforçado pelos pais, justificado por acontecimentos subsequentes e culminando com uma alternativa escolhida” (BERNE, 1988, p. 356).

Assim, é possível concluir que a conexão com as telas e as formas cibernéticas de relacionamentos, especialmente desde tenra idade, e mesmo na “reconstrução” diária de nossas identidades como adultos, furta muito da nossa presença, do nosso verdadeiro contato conosco mesmos, com os outros e com o espaço onde estamos. Ao considerar o aspecto da consciência ou do “senso de *self*”, como traz Allen, aliado às perspectivas da OMS em relação ao avanço do quadro de depressão em níveis mundiais, podemos inferir que estamos cada vez mais desconectados, mesmo com toda a conexão disponível em nossos cabos de redes, ou sinais de *wifi*.

Para Berne (1988) o Isolamento é a forma de Estruturação do Tempo na qual as pessoas não se comunicam. E diante da temática apresentada, podemos concluir que a maior preocupação reside no fenômeno do Isolamento daquilo que nos cerca, ou seja, o afastamento da noção de comunidade, especialmente no nível da presença física, em detrimento da busca e do investimento em relacionamentos virtuais, nos quais as trocas são mais “líquidas”. Além disso, a velocidade do crescimento global no avanço do “consumo” da internet aponta para novos parâmetros de formatos de relacionamentos, de trocas de afetos e de intimidade. Possivelmente novas teorias psicológicas serão necessárias para dar conta das transformações que serão acarretadas neste caminho.

Considerações Finais

Diante dos pontos levantados, é possível perceber que se trata de um tema atual e com demanda para ser pesquisado através de uma pluralidade de ciências além da psicologia, tais como antropologia, sociologia, psiconeurobiologia, filosofia e outras. Os fenômenos que envolvem a temática são muito dinâmicos; em curtos períodos de tempo os números tem crescido exponencialmente. As ferramentas de círculos sociais, por exemplo, se multiplicam e se transformam; se tornam obsoletas efemeramente. Esta demanda líquida da própria temática em si pode ser um fator que afasta os pesquisadores e sua "fome" pelas publicações, já que os artigos devem se tornar obsoletos com brevidade.

O estudo da temática, através de informações de pesquisas atuais sobre o impacto em tempo e prevalência de uso da internet e seus aplicativos, aliado à integração teórica levantada, possibilita considerações conclusivas, principalmente focando nos conceitos de Fome de Estímulos, Fome de Reconhecimento e Fome de Estrutura. Fica evidente que estamos perdendo espaço e intensidade de presença nos contatos que são estabelecidos em nosso cotidiano, seja através de meios mais focados na comunicação como Whatsapp, e-mails e outros; seja através de redes sociais como *Facebook* ou *Instagram*, verdadeiros clubes coletivos virtuais nos quais as pessoas "vêm e são vistas", locais onde a subjetividade fica exposta através de opiniões, fotos, e manifestações de inúmeros tipos e, assim, se submete aos *likes* ou outras opções atuais de reações emotivas (amei, susto, triste e raiva).

São infimamente escassas as possibilidades de manifestações de emoções que estes aplicativos proporcionam diante dos inúmeros movimentos que os músculos faciais são capazes de produzir. Isso sem mencionar a expressividade do restante do corpo, que somente o contato físico possibilita. Todas essas tecnologias contribuem de inúmeras formas em nossa rotina, tornando-a mais prática, mais fluida e até mais simples. Entretanto, cabe lembrar que as Fomes, de Estímulo, de Reconhecimento e de Estrutura, não deixarão de existir porque os homens usam a tecnologia como caminho mais curto.

As reflexões através dos conceitos selecionados da Análise Transacional nos levam à atenção sobre os riscos de Isolamento que as transformações que as ferramentas cibernéticas trazem para as formas de contato nos relacionamentos. Em se tratando de Análise Transacional, fica evidente que a abordagem é muito ampla, completa e profunda, tendo potencial para embasar reflexões através de muitos âmbitos conceituais. Fica a intenção de

seguir aprofundando o tema, ampliando os olhares para outras temáticas que perpassam o assunto como: mudanças das manifestações dos Estados de Ego nos relacionamentos virtuais (Estado de Ego Virtual?); a relação online entre terapeuta e cliente (transferência e contratransferência virtuais); e o impacto da internet nas relações sexuais.

Referências Bibliográficas:

ALLEN, James R. O Self Experenciado como uma Linha de Desenvolvimento e Seu Uso para trabalhar com *Script*. *Transactional Analysis Journal*, vol. 41, n. 1, Jan. 2011.

BAUMAN, Zygmunt. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 190 p.

_____. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 280 p.

BERNE, Eric. Sexo e Amor. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1976. 216 p.

_____. Análise Transacional em Psicoterapia. São Paulo: Summus, 1985. 243 p.

_____. O que você diz depois de dizer olá?: a psicologia do destino. São Paulo: Nobel, 1988. 357 p.

CARACUSHANSKY, Sophia Rozzanna. Curso Avançado de Análise Transacional de Base Psicanalítica. São Paulo: Editora Assertiva, 1986. 275 p.

CONSTANTINO, Fernanda Angelo. Tinder: a vitrine de pessoas. Monografia para obtenção de grau de bacharelado em Comunicação Social. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2015.

CORREIO DO POVO. Smartphones representam 65% das conexões móveis na América Latina. Porto Alegre, 15 set. 2018. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/Jornalcomtecnologia/2018/09/15/smartphones-representam-65-das-conexoes-moveis-na-america-latina>>. Acesso em 02 out. 2018.

ERSKINE, Richard G.; TRAUTMANN, Rebecca L. Métodos de uma Psicoterapia Integrativa. *Transactional Analysis Journal*, vol. 26, n. 4, Out. 1996, pp. 316-328. Disponível em: < <http://www.integrativetherapy.com/pt/articles.php?id=1>>. Acesso em 20 out. 2018.

GUARDABASSE, Andréa. Até 2020, depressão será doença mais incapacitante do mundo. Destak: Saúde. Publicada em abr. 2018. Acesso em 20 out. 2018. Disponível em: <https://www.destakjornal.com.br/saude/detalhe/ate-2020-depressao-sera-doenca-mais-incapacitante-do-mundo>.

HARLOW, H. F.; HARLOW, M. K. Social Deprivation in Monkeys. *Scientific*

American. v. 207, p. 136-146, nov. 1962.

IMANISHI, Helena Amstalden. A metáfora na teoria lacanianiana: o estádio do espelho. Boletim de Psicologia. São Paulo, v. 58, n. 129, p. 133-145, dez. 2008. Acesso em 20 out. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000200002&lng=pt&nrm=iso

LEVINE, S. Stimulation in Infancy. Scientific American. v. 202, p. 80-86, mai. 1960.

LUCA, Cristina De. Brasileiro passa mais de 3 horas e meia por dia em redes sociais. UOL Economia: Blog Porta 23. Publicada em fev. 2018. Acesso em 20 out. 2018. Disponível em: <https://porta23.blogosfera.uol.com.br/2018/02/05/brasileiro-passa-mais-de-3-horas-e-meia-por-dia-em-redes-sociais/>.

MELLOR, Ken; SCHIFF, Eric. Desqualificação. In: FLESH, Maila (Coord.). Prêmios Eric Berne 1971-1997. Porto Alegre: UNAT-BRASIL, 2010, p. 130-139. Publicado originalmente em Transactional Analysis Journal, v. 5, Jan. 1975.

MÜLLER, Leonardo. WhatsApp é a 'rede social' mais usada pelos brasileiros. Tecmundo, 17 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/internet/120938-whatsapp-rede-social-usada-brasileiros-afirma-pesquisa.htm>>. Acesso em 02 out. 2018.

SCHIFF, Aaron W.; SCHIFF, Jacqui L. Passividade. In: FLESH, Maila (Coord.). Prêmios Eric Berne 1971-1997. Porto Alegre: UNAT-BRASIL, 2010, p. 29-40. Publicado originalmente em Transactional Analysis Journal, v. 1, Jan. 1971.

SEBRAE. As estratégias do Shopping para você vender mais. Blog SEBRAE, 2014. Disponível em: <http://blog.pr.sebrae.com.br/planejamento/as-estrategias-do-shopping-para-voce-vender-mais>. Acesso em 30 out. 2018.

STEINER, Claude. Análise Transaccional da Era da Informação. Revista Brasileira de Análise Transaccional. Ano XIX, n.1. Porto Alegre: UNAT-BRASIL, jun. 2009, p. 60-76. Publicado originalmente em Transactional Analysis Journal, vol. 27, n. 4, jan. 1997, pp. 316-328.

Keila Tres

Psicóloga Clínica, especialista em Análise Transaccional (FATO), educadora parental certificada em Disciplina Positiva pelo PDA (Positive Discipline Association), palestrante e facilitadora de workshops.
Email: psicokeilatres@gmail.com

ESTRUTURA E DINÂMICA DO GRUPO E O DESEMPENHO DE PAPÉIS

Laucemir Silveira

Resumo: O desempenho de papéis pelos membros é um dos fenômenos presentes na dinâmica dos grupos, que impacta no seu clima e produtividade. Este estudo se propõe a evidenciar algumas concepções sobre grupo e alguns elementos presentes na sua estrutura e dinâmica, bem como correlacionar alguns conceitos da Análise Transacional, propostos por Eric Berne, com a articulação de papéis no grupo. O objetivo é compreender as manifestações produtiva e improdutiva dos papéis no campo grupal, sua função e impacto. A metodologia utilizada foi revisão narrativa da literatura embasada em autores da Análise Transacional e da ciência da Dinâmica dos Grupos. O estudo concluiu que os conceitos de Estados de Ego, Posição Existencial e Transação amparam a identificação da qualidade do desempenho de papéis e sua influência sobre fenômenos e processo grupal, ampliando a aplicação dos diagnósticos Comportamental e Social ao campo grupal, contribuindo para se facilitar ao grupo mover-se para atuação produtiva. **Palavras chave:** Análise Transacional; Estrutura e Dinâmica dos Grupos; Papéis no grupo.

Abstract: The performance of roles by the members is one of the phenomena present in the dynamics of the groups, which impacts on their climate and productivity. This study aims to highlight some concepts about the group and some elements present in its structure and dynamics, as well as to correlate some concepts of Transactional Analysis, proposed by Eric Berne, with the articulation of roles in the group. The objective is to understand the productive and unproductive manifestations of roles in the group field, their function and impact. The methodology used was a narrative review of the literature based on authors of Transactional Analysis and the Science of Group Dynamics. The study concluded that the concepts of States of Ego, Existential Position and Transaction support the identification of the quality of role performance and its influence on phenomena and group process, expanding the application of Behavioral and Social diagnoses to the group field, contributing to facilitate the group move to productive action.

Keywords: Transactional Analysis; Structure and Dynamics of Groups; Roles in the group.

Introdução

Quando optei por escrever sobre o tema *grupo* e me deparei com as diversas possibilidades de recorte, senti reafirmado meu interesse em aprofundar a compreensão da inter-relação entre algumas variáveis que fomentam sua dinâmica. Teorias sobre grupos e Análise Transacional (AT) são duas relevantes fontes de inspiração e amparo ao meu trabalho com desenvolvimento de pessoas em organizações, com ênfase nas relações interpessoais e grupais que dão vida ao comportamento humano nesse ambiente.

Para lidar com questões como sobrevivência e crescimento num mercado cada vez mais ágil, mutante e competitivo, as organizações necessitam inovar e fomentar um clima interno favorável ao protagonismo, pensamento criativo e cocriação, aprendizagem colaborativa. Daí emergem as necessidades de habilidades interpessoais e grupais de comunicação, manejo de conflitos, resolução de problemas, articulação e composição de conhecimentos e habilidades com pares e em parcerias.

Poderia a teoria da AT ajudar a ampliar a compreensão de fenômenos que permeiam as relações dos indivíduos em grupo, contribuindo para identificar aspectos produtivos e improdutivos no exercício de papéis no grupo? Partindo desta curiosidade inicial, este trabalho dedica-se a evidenciar algumas concepções sobre grupo e alguns elementos da sua dinâmica, a partir de autores da Análise Transacional, psicanálise e psicologia social, evoluindo para a compreensão do desempenho de papéis, sua função e impactos no movimento do grupo.

A metodologia utilizada foi revisão narrativa de literatura da AT e da ciência da dinâmica dos grupos (DG), somada à visão da autora baseada em experiências profissionais no desenvolvimento de pessoas e grupos nas organizações e como educadora e facilitadora de programas de formação de coordenadores de grupos e especialistas nessa área.

O grupo e o indivíduo

Dinâmica dos Grupos é a área de conhecimento da psicologia social que, entre outros objetivos, estuda fenômenos e processos grupais. Conforme Cartwright e Zander (1977), ela investiga a natureza e conduta dos grupos como *um todo*, as variações do comportamento individual e das inter-relações entre seus membros, seu desenvolvimento, as relações entre os grupos e instituições. Ocupa-se, também, da formulação de leis e técnicas voltadas para aumentar a eficácia dos grupos.

Segundo Garcia-Roza (1974) foi Kurt Lewin quem introduziu o termo *dinâmica de grupo* no vocabulário da psicologia contemporânea, referindo-se ao movimento decorrente de forças interdependentes que agem no interior do grupo e na sua relação com o ambiente externo. Lewin deu o estímulo inicial para o estudo de leis dinâmicas em função das quais os indivíduos se comportam em grupo. Ajudou a compreender que no movimento grupal estão presentes forças que podem ser propulsoras ou restritivas para as mudanças que o grupo necessita ou se propõe realizar.

A expressão “dinâmica de grupo” popularizou-se após a segunda guerra mundial. Nas quatro últimas décadas o termo foi inadequadamente utilizado, no Brasil, para nominar técnicas utilizadas para estimular algum movimento no grupo, com o objetivo de oportunizar reflexão em atividades voltadas para o desenvolvimento de pessoas em grupo, com base em metodologias da educação de laboratório (Moscovici, 1965). Passou-se a ouvir profissionais de treinamento e desenvolvimento de pessoas dizerem “Vou aplicar uma dinâmica de grupo naquele treinamento”. Não se aplica *uma dinâmica de grupo*, e sim uma *técnica*, *atividade vivencial* ou *estímulo* para instigar a experimentação relacional dos membros, que gera alguma *dinâmica* no grupo, cuja análise favorece reflexão, aprendizagem e mudança, aos membros e grupo. O uso de tais técnicas, destituídas de embasamento teórico e com manejo indevido, chegou a provocar preconceito em relação ao termo, em alguns ambientes.

De acordo com Anzieu (1993), uma das possíveis origens do termo *grupo* vem do âmbito das belas-artes, designando um conjunto de pessoas pintado ou esculpido compondo um tema, passando, já na metade do século XVII, a significar toda reunião de pessoas vivas. Seu uso foi expandido para diversas áreas, a partir do século XIX.

Para Berne (1966) grupo é “qualquer agregado social que tenha uma fronteira externa e pelo menos uma fronteira interna.” (BERNE, 1966, p. 63). Para o autor, *fronteira* é uma distinção constitucional, psicológica ou espacial entre diferentes classes de membros, de tal maneira que a fronteira externa separa o ambiente externo do espaço do grupo e “representa aqueles fatores que diferenciam significativamente os membros dos não membros.” (BERNE, 1966, p. 65). As fronteiras internas às quais o autor se refere são aquelas que delimitam o espaço da liderança daquele dos membros ou de membros entre si, às quais acrescento as fronteiras entre subgrupos ou entre membro e subgrupo(s).

Em Berne (1966) as fronteiras tomam relevância porque é nelas que ocorrem forças que podem ser disruptivas, quando se dão na fronteira externa e recebem o nome de *pressão*, e desagregadoras quando provocam *agitação* na forma de conflitos em alguma das fronteiras internas. Essas forças colocam em risco a sobrevivência do grupo, podendo ser neutralizadas pela força agregadora que é a *coesão* grupal.

Considerando a cronologia histórica, é provável que Berne tenha se apoiado nas abordagens sobre psicologia estrutural e teoria de campo de Lewin para formular sua concepção de fronteiras, forças e imago grupais. Cita-o em

sua obra *Estrutura e Dinâmica das Organizações e dos Grupos* (1966, p.74)

Para o estudioso sobre processo grupal Pichon-Rivière (1998, p. 159), "Todo conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, configura uma situação grupal." Para ele e outros autores, o indivíduo se constitui na relação com o outro, com grupos e classes. As experiências racionais e afetivas, que possuem aspectos objetivos e subjetivos das relações com seu grupo primário, que é a família, tenderão a servir de referência para se relacionar com outros grupos. Na interação com seu grupo se vê provocado a diferenciá-lo, mudar e evoluir, confrontando-se com dilemas e temores decorrentes.

Freud (1921) evidencia o dinamismo da relação do indivíduo com seu grupo familiar:

[...] se um indivíduo forma-se e transforma-se sob influência de suas relações com os grupos, é possível dizer que também os grupos "espelham" seus indivíduos, portanto, assim como o grupo é agente sobre o indivíduo, também o indivíduo é agente sobre o grupo, e isto é social. (FREUD, 1921, p.45)

Ao aprimorar o embasamento do método de pesquisa-ação, destinado ao estudo científico do funcionamento e desenvolvimento de grupos, Lewin (*apud* GARCIA-ROZA, 1974) diferenciou micro-grupos como objeto de pesquisa. Entende-se que há leis diferentes que regem o funcionamento dos pequenos grupos em relação a grandes grupos ou multidão. Para Anzieu (1993), na multidão a pessoa está com outros que não exercem sobre ela constrangimento ou crítica e, pelo contágio de emoções, pode ter atitudes irracionais e inconsequentes acobertadas no movimento da massa. Algumas violentas, como o linchamento, outras positivas, como a *ola* - celebração conjunta da torcida no estádio.

Lewin (*apud* GARCIA-ROZA, 1974) distingue: sócio-grupo, que é estruturado e orientado para uma função ou tarefa específica, de psicogrupo, que é espontâneo em função dos próprios membros, da sua afetividade. Mills (1970) considera necessário compreender o que ocorre nos pequenos grupos, pois influenciam a comunidade onde estão inseridos e a maneira de viver dos indivíduos.

Discorrendo sobre grupalidade psíquica, Kaës (1997, p. 104) menciona que o grupo é uma forma de organização de relações intersubjetivas, onde "o tamanho do conjunto (mais de 2 indivíduos e menos de 15) torna possível a percepção mútua, o investimento recíproco, as representações e as

identificações comuns entre os sujeitos que o constituem.” Considera o grupo como o lugar onde ocorrem fenômenos complexos, não se devendo ter uma visão reducionista quanto aos sistemas que ativa.

Zimerman e Osório (1997) evidenciam a natureza gregária do ser humano, que experimenta uma constante dialética entre a construção de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social.

A partir desses conceitos entendo grupo como um conjunto de pessoas em interação, que se diferenciam do seu ambiente por fronteiras que podem ser constitucionais, psicológicas ou espaciais, possuindo de forma explícita ou implícita um objetivo ou tarefa comum que lhe dá senso de identificação e estimula sua interdependência.

O grau de rigidez ou porosidade das fronteiras depende do funcionamento do grupo, é definido pela sua dinâmica mais do que pela estrutura. Krausz (2018) discorre sobre um novo tipo de grupo, difícil de diferenciar, típico do mundo contemporâneo, caracterizado pela fragmentação e transitoriedade, exemplificado nos grupos virtuais. Suas interações são ocasionais e casuais, participação breve e superficial, nível de confiança tendendo a baixo. Nele há "ausência de estrutura, estabilidade, propósito, laços de relacionamento, ligação /envolvimento afetivo." (KRAUSZ, 2018, p. 112).

A diferenciação entre um grupo e uma equipe de trabalho avançou na década de 80 na tentativa de estimular a eficácia dos grupos e organizações. Conforme Moscovici (1996), equipe é um grupo que compreende seus objetivos e se engaja a alcançá-los de forma compartilhada, para tanto desenvolvendo sua comunicação, confiança, complementando habilidades e investindo constantemente em seu crescimento como conjunto. Para González (1996) sua interdependência para a realização da tarefa é deliberada, organizada e dinâmica, com coordenação de seus esforços no desempenho de diferentes funções e papéis.

Equipe pressupõe arranjo intencionado da sua estrutura e atuação conjunta visando resultados. É comum haver grupos nas organizações, e não equipes. Apenas trabalhar juntos não faz do grupo uma equipe, mesmo que haja interdependência entre seus integrantes.

O Grupo, Sua Estrutura e Dinâmica

Zimerman (2000) classifica os grupos em dois ramos genéricos. Grupos operativos: aqueles que atuam numa tarefa de interesse direto de todos - seja

aqueles de ensino-aprendizagem, os institucionais ou os comunitários. Grupos terapêuticos: de autoajuda - da área médica em geral e da área psiquiátrica; ou grupos psicoterápicos de diversas abordagens.

Zimerman e Osório (1997) partem do princípio que a essência dos fenômenos grupais tende a ocorrer nos diversos grupos; a diferenciação entre eles aparece pela finalidade para a qual são criados e compostos, o que gera características próprias de funcionamento, assim requisitando intervenção técnica específica.

Para Anzieu (1993, p. XVII-Introdução) "um grupo é um envelope que faz indivíduos ficarem juntos". Antes da constituição desse envelope não há grupo, mas um agregado humano. Esse envelope é um sistema de regras composto por regulamentos implícitos e explícitos, costumes, atos e fatos que vão gerando leis internas e delimitação de espaços, bem como linguagem com significado comum somente aos membros. Essa rede viabiliza sentimento de liberdade e manutenção de trocas intragrupo, que vão se estendendo no tempo de maneira a situar a origem no passado e um futuro onde projeta realizar sua meta.

O grupo tende a estabelecer uma estrutura – formal e/ou informal, que influencia e é influenciada pela dinâmica interna e dos seus contextos presente e histórico. Ela é a organização interna que gera a forma própria que cada grupo tem de funcionar. É a partir do relacionamento entre os membros que aspectos da estrutura e da dinâmica vão se definindo e, em consequência, sua cultura. Assim, como parte da cultura é subjetiva, não se pode conhecê-la como um todo ou medi-la e sim senti-la, de tal maneira que somente aqueles que a cocriam e vivenciam conseguem ter noção de como ela é.

Considerando organizações e grupos, Berne (1966) propõe três desdobramentos da estrutura: Organizacional, Individual e Privada. Aos conceitos do autor sigo, abaixo, fazendo alguns acréscimos.

A estrutura Organizacional, entre outras variáveis, determina objetivos e metas, funções, tarefas e responsabilidades, meios e recursos (financeiros, materiais, tecnológicos, humanos e sociais, outros), normas e padrões de controle que delinham o relacionamento entre suas partes componentes como um sistema. Sua expressão em organograma é usual para representar organizações complexas, como empresas que são compostas por subunidades.

Para Berne (1966) a organização do grupo absorve influência de lideranças primárias e tradição anteriores ou externas ao grupo e que tendem a estimular condutas específicas, desejáveis e aceitáveis. Conforme Schein (2009), na medida em que o grupo vai descobrindo como lidar com seus dilemas de

adaptação externa e integração interna, assenta nas suas crenças e valores as normas e códigos implícitos e explícitos, validando padrões de comportamento na sua cultura, tanto os funcionais quanto aqueles disfuncionais. Para proteger o grupo diante de possíveis ameaças ao seu funcionamento, as pessoas tendem a ser recompensadas caso se ajustem a ela ou confrontadas se a transgridem.

Em organizações simples, tais variáveis são de abrangência menor e menos formais, centralizando o poder em uma ou poucas pessoas. Uma empresa com 10 integrantes possui menos subsistemas que outra com 200, na qual o poder central é distribuído por delegação.

Em paralelo à estrutura Organizacional, formal, tendem a existir elementos informais. É o caso quando há a norma escrita e alguns comportamentos seguem normas não escritas. Estas podem ser tão incisivas, na dinâmica do grupo, quanto as primeiras. Surgem quando a demarcação das variáveis já não atende as necessidades do sistema ou por tendências dos ocupantes da estrutura Individual. Como as normas são idéias baseadas em fatos ou julgamentos, recortadas no quadro de referência das pessoas, estão sujeitas a limitações, não dando conta de “especificar as numerosas e sutis distinções necessárias para acomodar pessoas, momentos, oportunidades e circunstancias diferentes” (MILLS, 1970, p. 125).

A **estrutura Individual** é composta pelos indivíduos que ocupam os cargos ou posições, com suas características que se ajustam às atitudes que se espera deles no desempenho de papéis. É esperado que o ocupante da posição de gestor desempenhe o papel de orientador; em algumas culturas espera-se que o faça de forma austera, em outras de maneira descontraída. Berne (1966) entende que esta estrutura varia com o tempo na medida em que a pessoa é substituída. Isto ocorre porque a forma como a pessoa atua é impregnada de suas características pessoais que leva consigo quando deixa a posição.

A maioria das organizações passa pela estrutura simples na sua fase inicial de vida. Um pequeno grupo pode ser considerado uma organização simples. Mesmo num grupo não institucionalmente constituído, que até pode ter seu tempo de duração medido em poucas horas, seus membros tendem a ir se organizando em volta de um objetivo comum - uma tarefa, um desafio, um problema a resolver, uma ideologia - que justifiquem seu nascimento e manutenção. As diferenças objetivas e subjetivas entre seus membros geram a necessidade de elaboração de normas coletivas (verbalizadas ou não) para regular o funcionamento grupal.

As estruturas Organizacional e Individual são passíveis de observação, o que não ocorre com a **estrutura Privada**. Esta, segundo Berne (1966), refere-se ao conjunto de expectativas, desejos, sentimentos pessoais de cada membro do grupo em relação aos outros, lideranças e grupo como um todo, que lhe dá um jeito particular de ver o grupo e sua relação com ele. À unidade dessa estrutura Berne (1966, p. 263) chamou de Imago Grupal: “qualquer retrato mental, consciente, pré-consciente ou inconsciente, do que um grupo é ou deveria ser”.

Os membros diferem na sua individualidade, trazem consigo aspectos da sua personalidade em termos objetivos e subjetivos: crenças e valores, necessidades, intenções e interesses, ideias, impulsos, motivações, aspirações, sensações e sentimentos, atitudes, hábitos, características pessoais. Também suas angústias, frustrações, inibições, medos básicos, capacidade de manipulação e outras tendências de Script (Berne, 1996).

Trazem, ainda, suas experiências e modelos de atuação em outros grupos dos quais possuem consciência, ou que agora os influenciam como grupos internalizados.

A Imago Grupal compõe o Quadro de Referencia (Schiff, 1986) através do qual o membro se relaciona com o grupo. Está assentada no que sente, pensa e percebe a respeito das estruturas Organizacional e Individual, de si no grupo, dos outros integrantes em suas posições, das relações internas e externas e do grupo como um todo e seu clima. Assim, cada componente convive com um grupo diferente, aquele construído na sua Imago, sendo esta definidora dos seus comportamentos. O conjunto delas forma a Imago Grupal do grupo - sua estrutura Privada, que se configura e reconfigura de forma dinâmica nas relações. Ela não é observável, mas reverbera no desempenho dos papéis, através dos quais move o grupo.

Zimerman (2000, p.84) evidencia aspectos subjetivos presentes na Imago, quando fala de *campo grupal* - "uma estrutura que vai além da soma dos componentes". Parte dessa estrutura é consciente e parte não, movida por processos subjetivos que são reflexos da interação de todos os membros, podendo englobar, segundo Zimerman (2000) e Zimerman e Osório (1997): fantasias, mecanismos de defesa, ansiedades, resistências, transferência e contratransferência, vínculos - que são reflexos da interação com outros membros e também com seus grupos de personagens introjetados de relações anteriores.

Para Anzieu (1993, p. 6), o membro vive o “conflito entre um desejo de segurança e unidade, de um lado, e uma angústia de fragmentação e ameaça de

perda de identidade pessoal na situação de grupo, de outro lado.” Para o autor (1993), cada um quer que o outro corresponda à sua expectativa, manobrando para que se encaixe, se subjugue ao seu eu.

Para Lewin (apud MAILHIOT, 1991, p. 54) "todo conjunto de elementos interdependentes constitui uma totalidade dinâmica" ao qual chamou de *campo social*, caracterizado pela posições relativas que ocupam seus elementos, sendo estas determinadas pela estrutura, gênese e dinâmica do grupo. Assim, a Imago movimenta o membro, que influencia os outros e os ambientes interno e externo, e é influenciado por suas reações.

Ao avançar no tempo e nas experimentações interpessoais e grupais, a sensação de segurança do membro tende a aumentar e a Imago vai se modificando. Sua evolução em etapas (Berne, 1966) favorece aos membros abandonarem algumas tendências pessoais e de Script em favor da Intimidade (Berne, 1988) e sobrevivência sua no grupo e do grupo.

Moscovici (1996) afirma que cultura e clima caracterizam o ambiente interno e a imagem do grupo sobre si mesmo, tendo relação direta com a qualidade do comportamento dos seus membros e desempenho grupal: os grupos funcionam modificando ou alterando seus membros, sua cultura e seu clima em diferentes graus de velocidade, importância ou profundidade.

Na medida em que forma sua identidade, os membros desenvolvem uma percepção coletiva de unidade, podendo situacionalmente comportar-se como uno. Anzieu (1993) assevera que em todo grupo há uma representação imaginária não consciente que dá senso de unidade ao grupo por ser comum a vários dos seus membros. Por exemplo, um grupo pode considerar a si mesmo como tranquilo, prestativo, briguento, entre outras possibilidades. Tal representação pode ser prejudicial por contaminar sua percepção coletiva de si e da realidade, mas também pode servir de senso de solidariedade facilitando a atuação grupal.

Entendo que o grupo é um ser, que não está sentado numa cadeira como os demais membros, mas suas configurações vinculares o tornam um sistema que às vezes se movimenta tal qual o que Seminotti e Cardoso (2007) chamaram de unidade múltipla. Por analogia, pode-se considerar que no grupo que possui nove membros, o grupo como um todo seria o décimo elemento, não sendo igual a nenhum dos seus membros em particular, por resultar da composição intra e intersubjetiva deles. Alguns membros o influenciam falando, outros silenciando, outros atuando de outras diferentes maneiras, e a dinâmica que se estabelece em dado momento é resultado dessa interação.

Pode-se dizer que é na articulação dos componentes das estruturas Organizacional, Individual e Privada, através das interações dos membros e dos diversos elementos imbricados no espaço psicossocial, que se vai configurando o vínculo e conseqüente climas afetivo e emocional do grupo, bem como sua cultura.

Alguns Fenômenos do Campo Grupal

Moscovici (1996, p. 96) diz que é possível analisar um grupo por meio de sua composição, estrutura e seu ambiente: estudando-se as pessoas que o compõem, as posições relativas que ocupam no grupo, suas relações entre si, o espaço físico e psicossocial do grupo "[...] e sua dinâmica, os componentes que constituem suas forças e que determinam os processos do grupo".

A identificação dos membros com o objetivo e entre si e as relações que se estabelecem são componentes fundamentais no campo social que se organiza. Nele ocorrem fenômenos grupais: acontecimentos passíveis de observação na dinâmica do grupo, decorrentes de comportamentos, ações e situações geradas pelos membros.

Distintos autores elencam diferentes fenômenos e estes possuem significado específico dentro do recorte da sua concepção teórica. A seguir apresento alguns, com definições genéricas. **Coesão** - grau de identidade e interdependência sentido pelo grupo em torno de um objetivo comum. **Resistência** - engloba as forças que surgem contra as ações manifestadas na direção de modificar as normas e valores do grupo. Para Pichon (1998, p. 170) a vida em grupo desencadeia duas ansiedades básicas: medo da perda das estruturas existentes e medo do ataque na nova situação que traz estruturas desconhecidas nas quais se sente inseguro e "essas duas ansiedades, coexistentes e cooperantes, configuram a situação básica da resistência a mudança.". **Liderança** - influência que se dá através de um membro que disponibiliza seu conhecimento e habilidades demandados por alguma necessidade implícita ou explícita do grupo em relação à tarefa que está realizando, aquele que se mostra com maior competência para lidar com os processos grupais da tarefa, emocionais ou das relações. Diferente de considerá-la como um fenômeno relacional, alguns autores mencionam a liderança referindo-se a quem possui posição ou fonte de poder superior, dedicando-se a estudar sua influência sobre o grupo. **Conflito** - manifestação de divergência de idéias, percepções, opiniões ou necessidades, entre membros ou subgrupos. **Agitação** - força coletiva gerada pelas tendências dos membros de comportar-se

de maneira a desorganizar o grupo ou atacar suas estruturas (Berne, 1966). **Simbiose** - relação de codependência na qual as partes agem sem autonomia para fazer escolhas, usar de opções e resolver problemas (Schiff e Schiff, 1974); pode ocorrer entre membros, subgrupos, posições e papéis; seu oposto seria a Autonomia (Berne, 1995). **Processo decisório** - conjunto de ações para tomada de decisão para lidar com uma situação ou problema, que envolve aspectos racionais e emocionais do grupo. **Motivação** - geralmente pessoal, referente aos objetivos do grupo ou por atrações exercidas em relação a outros membros ou realização de necessidades pessoais no grupo. **Padrões de Comunicação** - criados na relação entre membros, baseados nas configurações do campo grupal. **Exercício de poder** - pela influência ou autoridade, baseado na articulação de posições e papéis. **Aprendizagem** - aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes que se desdobram em comportamentos que levam a ajustes pessoais e sociais; ocorre durante um processo de mudança. (Knowles, 2009). **Mudança** - processo que passa por fases: descongelamento do nível presente, decisão pela mudança e incorporação de novos recursos para deslocamento até o novo nível, e congelamento da nova situação após a transição. (LEWIN, apud MOSCOVICI, 1966). **Clima** - como os membros se sentem no ambiente grupal; é intuitivo e de difícil identificação de fatores do funcionamento grupal e da cultura que têm interferência direta nele, aos quais também influencia; para Lewin (apud MAILHIOT, 1991, p. 59) "é sempre determinado pela autoridade que nele se exerce". **Emoções** - configuração de sentimentos entre os participantes e de suas respostas emocionais aos acontecimentos (Mills, 1970). **Desempenho de papéis** - conjunto de comportamentos esperados de uma pessoa que ocupa determinada posição, ou forma como ela se expressa.

Esses fenômenos podem ter efeitos positivos ou negativos no funcionamento do grupo e seus resultados. Podem ser observados no desempenho de papéis e decorrentes Transações (Berne, 1998). É útil, à pessoa interessada em conhecer o funcionamento de determinado grupo, que esteja aberta para observá-lo de forma neutra, possibilitando detectar outros fenômenos diferentes destes aqui mencionados.

Processo Grupal

De acordo com Moscovici (1996), as dinâmicas que ocorrem no grupo, incluindo os fenômenos, determinam os processos grupais, que geram forças que podem provê-los, conscientemente ou não, de facilidades e progresso, ou dificuldades e retrocesso.

Processo se refere às formas pelas quais os indivíduos interagem entre si nas relações no grupo, na realização de suas atividades e/ou mudanças rumo aos seus objetivos. É a dinâmica que ocorre nas pessoas e entre elas e, dependendo do propósito do grupo ou de alguma intervenção, sua investigação se detém no nível intrapessoal, interpessoal e/ou grupal. Pode ser produtivo ou improdutivo para os objetivos do grupo, bem como alterar suas três Estruturas. Compreendê-lo gera oportunidade de aprendizagem e mudança na medida em que seus aspectos se tornam conscientes pelos membros que estejam disponíveis para reverem a si mesmos, as relações e os sistemas grupal e organizacional.

Tomando como exemplo um grupo cujos integrantes tendem a se acomodar na dependência de que seu coordenador resolva determinadas questões que poderiam resolver e ele o faz. Se tal fenômeno se repete, pode se tornar característico no grupo, como um padrão simbiótico de relação coordenador-coordenados, limitante de seus recursos, podendo revelar tanto processos intrapessoais, quanto interpessoais, grupais e organizacionais. Fora da Simbiose esse grupo poderia processar a relação de outra forma, com iniciativa de qualquer parte, ou ambas, compondo suas competências para facilitar a resolução das situações.

Neste caso se está observando um processo específico, que evidencia a dinâmica que se estabelece no grupo para lidar com resolução de problema, onde aparece o fenômeno da Simbiose. Também se pode analisar o processo grupal como um todo, considerando a interface de vários fenômenos e modos que esse grupo tem de funcionar, como sistema, ao longo da sua história. Assim, tanto se pode considerar um movimento específico e situacional, quanto a dinâmica grupal na linha do tempo, referente à forma como o grupo se movimenta e como processa o que vivencia na medida em que avança.

Berne (1966, p. 239) definiu processo grupal como "conflito das forças resultantes das tentativas de romper, desorganizar ou modificar a estrutura de um grupo". Referiu-se a situações envolvendo conflitos nas fronteiras e salientou que o sentido que deu à coesão foi específico, como movimento situacional de contraposição ao conflito.

Lewin (1951, apud MOSCOVICI, 1996, p. 161) considera que qualquer situação psicossocial pode ser concebida como um campo de forças, formado por "todos os componentes ativos, internos ou externos à pessoa, grupo ou organização". A identificação das forças propulsoras e restritivas à mudança, em dada situação-problema, contribui para diagnóstico e intervenção em situações grupais.

É comum processos improdutivos ou forças restritivas à mudança, que aparecem com frequência no grupo, se relacionarem a fatores subjetivos que o mobilizam e dos quais não tem consciência ou não os sabe manejar. Às vezes o grupo se autocritica: "Estamos agindo assim novamente!", sem ter clareza das motivações para o que acontece. Por exemplo, um grupo pode tomar uma decisão, concordando com um procedimento, sem que seus membros percebam que o fazem para evitar lidar com algo que, como grupo, têm dificuldade de enfrentar. Tal concordância no nível manifesto, sustentada por necessidades latentes, pode ser uma forma de evitar lidar com divergências ou conflitos que ficam pendentes. Mostra-se como bonzinho e flexível na decisão, mas tensões psicológicas ficam encobertas, impedindo a sensação de conforto ou de que foi bem sucedido. Se fica não resolvido, tende a se repetir.

Bion (1975) hipotetiza sobre a existência de uma *mentalidade grupal*, quando o grupo funciona como unidade de pensamento e objetivo mesmo que seus membros não se proponham a isto, ou que esteja em conflito com seus desejos, opiniões e pensamentos individuais, podendo gerar desconforto ou outras reações.

Uma das formas de se compreender movimentos do grupo é pela observação do *conteúdo* - o que é dito e feito, e análise do que isto representa do *processo grupal*. O conteúdo pode ser um indicador de algum aspecto de processo que está sendo difícil ao grupo confrontar diretamente: falar que as reuniões não são boas pode significar que há descontentamento com o desempenho global do grupo; faltas e atrasos a compromissos podem indicar que há resistência a lidar com algumas questões; falar longa e repetitivamente sobre tal coisa que deveria fazer em vez de fazê-la pode encobrir seu receio de realizar a ação.

Eu conduzia um programa de desenvolvimento com enfermeiras que estavam vivenciando a mudança de sua condição de trabalho: passando de assistencialistas – de contato direto com pacientes no hospital, para enfermeiras administrativas com atividades burocráticas. Num dado momento em que falavam do paciente terminal, lembraram de um senhor que ficou por anos internado no hospital porque sua doença era crônica não tinha família e moradia; lamentavam a dificuldade de acompanhar seus momentos finais. Uma delas começou a chorar fortemente emocionada, outra a seguiu e, depois, várias choravam. Falavam da dor da partida e havia um padrão emocional coletivo. A investigação do que estava ocorrendo levou à constatação de que não choravam pelo paciente terminal, mas por si mesmas, porque estavam findando suas atividades de enfermeiras assistencialistas nas quais haviam sido formadas e

atuado por décadas. Esta conscientização abriu espaço para abordarem de forma direta a sua dor e assim elaborar o luto que estavam vivenciando.

A repetitividade, intensidade, duração e tensão de movimentos na dinâmica grupal são sinais de que pode haver, ali, algo além do que o assunto abordado. Sua análise, através de como se dão os papéis no grupo, é um caminho para compreender o processo grupal.

Desempenho de papéis no grupo

Os papéis são observáveis nos comportamentos dos membros; comportamento é o que as pessoas fazem e como o fazem, o que dizem e como o dizem, podendo-se observar se o conteúdo e a forma estão coerentes entre si e com a situação presente e seu contexto.

Comportamento não tem oposto, portanto não há possibilidade de não-comportamento. Um indivíduo não pode não se comportar. Se nas situações, o comportamento tem valor de mensagem, isto é, de comunicação, por mais que um indivíduo se esforce, é-lhe impossível não comunicar. (Watzlawick & Beavin, 1993).

Para Moreno (2006, p. 27), “o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume, no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos”. O que Moreno e outros autores chamam de *papel social*, referindo-se aos papéis pré-determinados naquela comunidade, em seguida desdobramos como *posição* e *papel*.

Segundo a abordagem de Newcom (apud CARTWRIGHT e ZANDER, 1967), os papéis estão associados a posições, e estas surgem pela necessidade de divisão de responsabilidades no grupo.

Posição é o lugar que alguém ocupa, relacionado a determinado *status* dentro daquele grupo. Faz parte das estruturas Organizacional e Individual mencionadas por Berne, podendo ser formalizada, como no cargo de gestor ou de colaborador na equipe, técnico ou analista em alguma área, profissional graduado (engenheiro, psicólogo, entre outros); ou informal, como coordenador de uma tarefa específica ou de uma comissão organizada para missão temporária, ou especialista em algum assunto. Naquele campo social, tanto gestor ou coordenador, quanto subordinado ou coordenado, são posições e pode haver outros membros com outros *status* diferenciados - todos são membros ou integrantes. Para Cartwright e Zander (1967, p. 804) "cada posição engloba um conjunto de funções a serem realizadas no grupo,

responsabilidades e autoridade ligadas a outras posições", podendo ser considerada como independente do indivíduo que pode ocupá-la. Condutas e comportamentos são esperados do membro a partir da sua posição, permitidos ou proibidos, havendo expectativa de que se mostre de determinada maneira nela. Ela delinea referências a serem seguidas pela pessoa, envolvendo crenças e valores e tipos de idéias associadas que pode ou não deve expressar, bem como sentimentos e formas de relacionamento.

Tomando como exemplo o grupo família, onde há membros que ocupam as posições de pai, mãe, filhos, se espera que cada membro se conduza de determinada maneira, o que aparece no desempenho de alguns papéis, ou seja, que tenha comportamentos coerentes às tarefas e responsabilidades naquela posição.

Por outro lado, ao atuar, há vezes em que o ocupante da posição desempenha papéis conforme as expectativas do grupo em relação a ele, em outras vezes não. Como coordenador, alguém pode se mostrar autoritário e insensível, correspondendo ao esperado da sua posição; ou democrático, acolhedor ou outros, diferindo. Atendendo ou não aos papéis esperados, seu desempenho será funcional ou disfuncional dependendo da sua contribuição para os resultados desejáveis e necessários para a saúde e desenvolvimento do sistema grupal. Suponhamos que no campo social de uma família se espere que a mãe assuma a atividade de provedora da alimentação da família e o faça de forma abnegada, propiciando conforto aos filhos. A mãe, entendendo que desta maneira está estimulando dependência nos filhos, passa a distribuir a responsabilidade entre eles. Esta atitude e conseqüentes novos papéis nos quais se expressa pode chocar os demais membros do grupo, no entanto parecem funcionais por estimular os filhos a assumirem responsabilidades e desenvolverem habilidades, mesmo que atuando diferente do que esperavam dela na posição de mãe.

O papel qualifica a posição, é a forma como a pessoa atua a partir das características da posição e também da sua personalidade e impactos recebidos e percebidos de outras posições e papéis. Mais rigidez na cultura estimula menos espontaneidade no papel.

As posições são estáticas e pertencentes ao sistema, podendo-se exercer várias delas, como engenheiro e coordenador de uma atividade na empresa, ou mãe e esposa na família. Como estão arranjadas naquele campo social, em outro grupo o indivíduo pode ocupar outras posições diferentes. Já os papéis são dinâmicos. Um coordenador pode comportar-se de forma benevolente num

determinado momento, e em outro mostrar-se severo, na mesma posição que ocupa naquele grupo. Assim, uma posição pode ser vivenciada através de vários papéis e é por meio deles que a pessoa atua, se comunica e realiza suas atividades.

Como alguns papéis são demandados pelo grupo e todos são configurados nas relações naquele grupo, um gestor pode atuar como diretivo no grupo profissional e não haver espaço para ser diretivo no grupo familiar, porque na família este papel já é desempenhado com ênfase por outros membros, sendo-lhe atribuídos outros papéis.

Os papéis tendem a ser interdependentes. Para Watzlawick e Beavin (1993) o comportamento de todo indivíduo dentro do grupo está relacionado ao comportamento de todos os outros e depende deles. Transacionalmente posições e papéis estimulam o seu complementar: a posição de coordenador pede o coordenado, nela alguém pode assumir o papel de diretivo buscando alguém para o papel de submisso, ou exigente-exigido, ou conselheiro-aconselhado, etc.

Títulos ou competências são diferentes de posição e papel. A pessoa com titulação em psicologia: no seu consultório está na posição de psicoterapeuta na relação com o outro na posição de seu cliente; no grupo de colegas psicoterapeutas dialogando sobre casos de clientes, está na posição de colega junto com outros colegas: todos são membros da reunião. Se nessa reunião assumir a posição de coordenadora, naturalmente tenderá a assumir algumas responsabilidades e executar tarefas que lhe exigirão novos papéis. Na posição de *coach* em relação a quem estiver na posição de seu *coachee*, lhe serão demandadas outras competências diferentes daquelas associadas à profissão de psicóloga. Assim, dependendo do campo social onde o indivíduo estiver, as distintas posições lhe exigem diferentes papéis e competências técnicas e relacionais. Por exemplo, o grau e temas de Intimidade que tende a estabelecer com os outros membros daquele campo social estão associados às posições que ocupam: mãe e filha podem se expor mutuamente a respeito de algum tema, diferente de quando essa pessoa está como *coach* se relacionando com seu *coachee*, ou facilitadora de um treinamento na relação com os participantes. Daí a relevância de se esclarecer responsabilidades e limites relacionais nos Contratos (Berne, 1966) que balizam as condutas naquele campo, de acordo com os objetivos daquela relação.

Conforme Pichon-Rivière (1986), as relações interpessoais são regidas por um permanente interjogo entre papéis, sendo assumidos e atribuídos a outros.

Isto cria a coerência intra grupo e os vínculos, estabelecendo uma relação particular. Para o autor, o homem se revela e se estrutura por meio da ação, ou seja, do desempenho de papéis e do estabelecimento de vínculos. Vínculo é uma ligação entre sujeitos mais duradoura que a interação. É “[...] a maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento” (PICHÓN-RIVIÈRE, 1998, p. 24).

É uma estrutura dinâmica, movida por motivações psicológicas e processos internos, expressa em comportamentos que estimulam e são estimulados nas Transações (Berne, 1988).

Na busca de diferenciar o conjunto de fenômenos subjetivos associados aos Estados de Ego que formam a personalidade (Berne, 1988), dos aspectos comportamentais observáveis e sociais gerados por eles, Berne (1961) especificou que “Estados de ego devem ser diferenciados de papéis” e que “Estados de ego não são papéis, mas fenômenos [...]” (1995). Assim, Estados de Ego não são papéis, mas fenômenos intra psíquicos cuja manifestação se expressa em papéis.

Autores como Moreno e Pichon-Rivière mencionam alguns papéis que estão a serviço de ansiedades ou necessidades não conscientes do grupo. Pichon-Rivière (2005), na sua abordagem sobre grupos operativos, entende que os membros exercem papéis instituídos e não instituídos. Os instituídos correspondem a posições mencionadas acima, nos não instituídos atuam os indivíduos que funcionam em papéis que o grupo necessita que sejam desempenhados para que haja aprendizagem e mudança, tais como: **líder de mudança** - que se encarrega de levar adiante as tarefas, se arriscando diante do novo. **Líder de resistência** - freia avanços, sabota tarefas e remete o grupo à sua etapa inicial. O autor considera ambos necessários para o equilíbrio do grupo. **Porta voz** - funciona como chaminé por onde fluem as ansiedades e reivindicações do grupo, seus sentimentos, necessidades e pensamentos, comunicados de forma verbal, por manifestos, contestações, ou não verbalmente, por atuações, dramatizações, silêncios, etc. **Bode expiatório** - assume aspectos negativos do grupo, contemplados em conteúdos latentes que provocam mal estar como culpa, medo e vergonha, tendendo a sair do grupo; como tal papel emerge de necessidades do grupo, este se encarrega de atribuir a outro membro esse papel.

Zimerman (2000) prossegue: os **silenciosos** - que fazem com que o restante do grupo se sinta obrigado a falar, assumindo a dificuldade dos demais para

estabelecer a comunicação; o **instigador** que é o membro que faz intrigas, perturbando o campo grupal; o **apaziguador**, desempenhado por pessoas que apresentam dificuldade de lidar com situações de tensão ou agressividade; o **radar**, que costuma ser assumido por quem capta, antes dos demais, os primeiros sinais de angústias e ansiedades do grupo.

Zimerman (2000, p.137) argumenta que em cada um desses papéis “se condensam as expectativas, necessidades e crenças irracionais que compõem a fantasia básica inconsciente comum ao grupo todo”. São fomentados no nível subjetivo do grupo, referentes a questões grupais com as quais tem dificuldade de lidar ou porque as está elaborando para trazer para a consciência.

Um leigo pode considerar inoportuna a pessoa que atua em algum desses papéis, sem perceber que sua atuação pode estar denunciando uma necessidade do grupo que ele não consegue apresentar de outra maneira. Tal entendimento pode levar ao manejo inadequado da situação ou à perda de uma oportunidade de contribuir para a evolução do grupo.

Zimerman (2000, p.137) afirma que “no acontecer do grupo, determinadas pessoas vão assumir esses papéis correspondentes, de acordo com suas características pessoais.”

Sejam esses citados acima ou qualquer outro papel que se manifeste para lidar com questões explícitas grupais, eles surgem nas relações e são organizados para satisfazer demandas individuais e do grupo; são assumidos consciente e voluntariamente e/ou de forma não consciente quando são atribuídos pelo ambiente ou outros membros como emergente de demandas implícitas. Possuem características próprias da cultura na qual se estruturam.

O desempenho de papéis e a interação entre eles, na cadeia de Transações, promovem o movimento e as forças que aparecem na dinâmica grupal. São fundamentais na realização das tarefas necessárias ao seu propósito, bem como ao desenvolvimento do grupo, sendo que alguns contribuem para a sua evolução e outros podem dificultá-la ou bloqueá-la.

Papéis nas Áreas de Participação no Grupo: Tarefa e Socioemocional

Bales (1950, apud MOSCOVICI, 1996) observou que no processo de interação em grupo na execução das atividades voltadas para decisão e resolução de problemas, as participações dos membros se davam em duas diferentes áreas: de tarefa e socioemocional. A *área da tarefa* engloba a comunicação baseada em perguntas, sugestões e alternativas para avanço dos

procedimentos, atenção ao empenho e qualidade focados no conteúdo ou canalização de energia para a realização dos objetivos comuns do grupo. Foi considerada positiva para alcance de resultados. Já a *área socioemocional* compreende as funções de manutenção do próprio grupo, podendo ser positiva ou negativa, conforme as reações emocionais manifestas dos participantes. Refere-se a sensações e sentimentos já existentes ou gerados na convivência e atuação do grupo, que interferem nos relacionamentos e no clima.

A área da tarefa era mencionada como racional e neutra, tomada por alguns como sem emocionalidade. No entanto, a proposição de Berne (1961) de que a estrutura da personalidade é um sistema coerente de pensamentos, sentimentos e comportamentos afins inseparáveis da pessoa, associados aos Estados de Ego, leva a pensar que o comportamento traz em si cargas cognitiva, racional e emocional, com influências biológicas e sociais que, como um sistema interconectado, moldam a percepção do membro e sua vivência no papel.

Por conseguinte, a atuação na área da tarefa sempre está associada a um estado emocional, o que difere é se a emocionalidade é manifestada a partir da estrutura Autônoma da personalidade (JOINES, 2016) e, assim, coerente ao aqui-e-agora, ou apresentando disfuncionalidade do Adulto Contaminado, Excludente ou Excluído (Berne, 1985).

Os conceitos de Berne de Estados de Ego e Posição Existencial (1988) e de circuitos positivo e negativo de Kahler e Capers (2010), facilitam identificar em qual circuito o papel da área socioemocional é desempenhado.

Se no positivo, com a personalidade integrada, prevalecem abertura interpessoal e sentimentos agregadores, de solidariedade e reciprocidade, com consideração positiva do outro; tende a haver colaboração oportuna, atuação estimuladora e convidativa, mostrando compreensão e concordância ou discordância assertivamente adequadas, expressando-se espontânea e criativamente, compondo idéias na Posição Existencial OK-OK (Berne, 1988); transacionalmente favorecendo descontração ou alívio de tensão. Facilita as relações e a canalização de energia para atividades concretas, produtivas e satisfatórias, podendo fortalecer a coesão do grupo e geração de resultados. Os papéis tendem a ser coerentes em termos de expressão de idéias, emocionalidade e comportamentos, em relação à situação.

No circuito negativo a manifestação emocional provoca clima desfavorável, com papéis improdutivos por atuar com tensão, vitimizandose, salvando ou perseguindo, fantasiando, rebaixando o valor do outro em relação

ao seu ou o contrário; tendem a ser formais, com passividade, antagonismo ou confusão, descontextualizados, exagerados para mais ou para menos -por exemplo: as pessoas falam alto e em excesso e não se ouvem, ou calam, prejudicando a comunicação. Há Desqualificação (MELLOR e SCHIFF, 2010) de necessidades ou informação suas, do outro e/ou da situação, caracterizada nas Posições Existenciais OK/não-OK, não-OK/OK ou não-OK/não-OK, na busca de Reconhecimento (Berne, 1996) negativo e/ou falso. Os estímulos transacionais desfavorecem a Oqueidade (Cortez, 2007/2008) e, dependendo do grau de Desqualificação, podem canalizar a energia grupal para fenômenos e processos que dificultam ou bloqueiam o avanço aos objetivos.

Orientado para a área socioemocional, alguém pode assumir o papel de “animador”, fazendo brincadeiras para quebrar o clima tenso do grupo em dado momento, ajudando a aliviar a tensão sem tirar o grupo do foco. Também pode fazê-lo, por outra perspectiva, para atender suas necessidades de Script de extorquir a atenção daqueles que riem dele, assim "roubando a cena", direcionando a energia grupal para longe da tarefa.

Quando Berne (1966) discorre sobre trabalho de grupo, enfatiza que a energia despendida por seus membros é constante, sendo demandada pelas duas áreas. Diz que o grupo está na tarefa quando está fazendo qualquer coisa em direção aos objetivos.

Mesmo que o conteúdo seja característico da área da tarefa, o papel será ou não da tarefa dependendo da forma de expressão, que é moldada pela emocionalidade de um dos dois Circuitos. Alguém diz “Eu vou registrar o resumo da nossa reunião, afinal, alguém precisa fazer esta atividade”. Trata-se de uma ação para resolver uma questão útil aos objetivos, mas, dependendo da forma, vai contribuir para a tarefa ou dificultá-la. Será um papel da tarefa se a forma como a pessoa se manifesta for facilitadora para o grupo seguir trabalhando; se o comentário se der a partir das Posições Existenciais vivenciadas no circuito negativo, transacionalmente estimulará

Desqualificação, agitação, mal estar e confusão, tornando-se um papel socioemocional negativo que dificulta a tarefa.

As duas áreas - tarefa e socioemocional - são concomitantes e interdependentes, podendo alternar-se por lapsos de tempo. Representam conjuntos de forças atuantes nas situações interpessoais e grupais, que exercem permanente influência recíproca. Tanto os papéis produtivos quanto improdutivos emergem para dar vazão a necessidades emocionais dos membros naquele relacionamento - daí sua função de manutenção por definir o

clima do grupo e a importância de compreendê-los para manejar seu direcionamento.

Para ilustrar: numa reunião que tem horário para terminar alguém percebe que o volume de temas a serem tratados não comporta no tempo previsto. Diz “Colegas, vamos agilizar as decisões!” Esta é uma fala voltada para resolver o problema, mas dependendo da emocionalidade envolvida - se provoca pressão e tensão pela forma como é dita, ou faz contraposição de forma inadequada à necessidade do grupo de seguir esclarecendo o tema - pode estimular reações no Circuito negativo, tirando o foco da tarefa e mobilizando o grupo para aspectos socioemocionais. Os membros do grupo terão que lidar com essa demanda emocional na relação para disponibilizar energia para prosseguir no trabalho. Outra possibilidade é a mesma fala ocorrer de maneira informativa neutra ou estimuladora (circuito positivo), gerando bem estar e coesão do grupo para avançar e concluir no prazo – mobiliza aspectos socioemocionais em favor da tarefa, gerando processos produtivos no grupo. Outra fala poderia ser “Grupo, podemos manter a calma e nos reorganizar para seguir” – esta é da área socioemocional, voltada para tranquilizar o grupo, que o estimula a seguir na tarefa.

Os papéis provocam forças que aparecem nos fenômenos e processos grupais e sua qualidade está associada ao Circuito em que se dão os comportamentos. Seu efeito tende a depender da intensidade, repetitividade, duração e tensão com que ocorrem no grupo em dado momento, bem como sua pertinência à pessoa e situação em seu contexto. O impacto que provoca na dinâmica do grupo e seus resultados depende da reação dos demais membros e do seu manejo pelo coordenador.

De acordo com Moscovici (1996), os papéis improdutivos correspondem a necessidades individualistas, motivações pessoais, ou a problemas de personalidade. Na linguagem da AT, referem inclinações de Script. Para a autora (1996), às vezes decorrem de falhas na estrutura ou dinâmica do próprio grupo. Podem prejudicar as relações interpessoais, o clima, o andamento do trabalho e resultados conjuntos.

Considere-se, ainda, que a Oquidade do membro pode ser afetada situacionalmente, tanto por processos subjetivos do campo grupal, quanto por aspectos objetivos da situação tais como excesso de pressão, mudanças no sistema, falta de recursos materiais, ou outros.

Moscovici (1996) alerta que a classificação de um papel propriamente dito como construtivo ou não construtivo pode ser imprópria, pois ele facilita ou

inibe as atividades e o desenvolvimento do grupo dependendo das necessidades existenciais do grupo e de seus membros na ocasião específica. Por exemplo, embora o movimento para reconciliar divergências entre membros aparente ser facilitador, há ocasiões em que conflitos latentes precisam vir à tona para possibilitar sua resolução, sendo seu tratamento condição para o crescimento de membros e do grupo.

Qualquer membro desempenha papéis relacionados às duas áreas de interação, mas tende a fluir naqueles para os quais estiver mais sensível, associados aos seus Estados de Ego ativos e preferencialmente mais catexizados. Na sua subjetividade pode ser mobilizado a atender alguma necessidade, como: de experimentação, interação, realização, poder, expressão, confronto, cooperação, exercitar seus recursos biológicos, cognitivos, emocionais, testar ideias, dar andamento ao seu Script, ou às Fomes mencionadas na literatura de AT: de sensações, contato, reconhecimento, estrutura, incidentes (Berne, 1976), liderança (Berne, 1966), Posição Existencial (Steiner, 1976).

Assim, de forma não consciente, tende a assumir determinado papel aquele membro que estiver mais tensionado internamente para se expressar nele e/ou mais mobilizado pela demanda do grupo. Além do movimento do membro para assumi-lo, para manter-se nele depende da anuência do grupo, que se dá conscientemente ou não e, na maioria das vezes, por estímulos e reações não verbais que se sucedem no processo grupal.

Sua identidade no grupo tende a ser caracterizada por aqueles papéis nos quais atua com mais frequência ou intensidade, como: o bonzinho do grupo, o falante, o brincalhão, o intelectual, etc. Pode assumi-lo pela afinidade com suas características pessoais: tem tendência a ouvir as pessoas e estimular que falem, então assume o papel de mediador e similares em situações de conflito; tem habilidades em cálculos, então assume a função de controlador de questões logísticas (posição) e passa a desempenhar papéis associados a estruturar e controlar outras atividades ou manifestações do grupo.

Modificações na estrutura ou na dinâmica do grupo geram impacto social sobre os indivíduos. Por outro lado, o processo de ajustamento vivenciado pelo membro implica em descongelar algumas atitudes, flexibilizar padrões de comportamento e reaprender a conviver nesse novo espaço psicossocial. Tanto no campo social profissional, quanto do lazer, da família, do estudo/aprendizagem, do grupo de amigos ou da comunidade à qual pertence, se é demandado a exercitar aprendizagem e mudança nos níveis cognitivo,

emocional, atitudinal e comportamental, sendo que expressão das mudanças aparece nos comportamentos e papéis.

O desempenho de diferentes papéis favorece as adaptações e ajustes, pois neles se tende a utilizar diferentes habilidades e ter oportunidades de interação com papéis e membros diversos; é ocasião para se experimentar nas relações, disponibilizar seu potencial, ter *feedback* e se desenvolver.

É útil ao grupo, também, que o mesmo papel seja desempenhado por distintos membros, enriquecendo o grupo com seus característicos conhecimentos, habilidades e estilo pessoal, ampliando a flexibilidade do grupo e suas possibilidades de articulação. O papel de liderança, por exemplo, que pode ser vivenciado por qualquer membro independente de sua posição, será exercido de maneira singular por diferentes pessoas, conforme suas características e recursos. Se predominar a mesma pessoa liderando, o padrão de estímulos sobre o grupo tende a variar menos do que se houver alternância. O mesmo ocorre com qualquer outro papel.

Os sinais comportamentais dos Estados do Ego, associados ao conceito de Posição Existencial, viabilizam observar a Oqueidade e a qualidade da influência no papel. Algumas possibilidades: se a crítica ou ensinamento é para proteger o interlocutor e a situação ou não, se o estímulo é para o crescimento e confiança do outro e do grupo ou é para exercer poder e estabelecer Simbiose, se oferece informações relevantes e se a análise é coerente e consistente, se o questionamento é para agregar valor ou para ser "do contra", se é submissão adequada ou omissão, se a espontaneidade e intimidade são pertinentes. O conceito de Transações contribui para se observar a ação do estímulo sobre o interlocutor e grupo e suas reações em termos e Estado de Ego e papel e, em consequência, se o processo segue na Oqueidade.

O ajustamento pode ser desafiador, pois os comportamentos individuais estão sustentados por valores, crenças, expectativas, desejos, necessidades e sentimentos nem sempre conscientes, do membro e do grupo - tanto os de Script quanto aqueles construídos na Autonomia, integrantes do seu Quadro de Referência.

Contrato (Silveira, 2013) é um recurso útil ao grupo, para que a experimentação em diferentes posições e papéis seja estimulada a partir da personalidade integrada, podendo-se contratar comportamentos úteis ao andamento do trabalho conjunto e a manifestação autêntica de ideias e sentimentos quanto aos objetivos, procedimentos e relacionamentos. Esse estímulo à Intimidade no grupo serve de suporte para que as expressões

ocorram de forma protegida, favorecendo acordos com os quais os membros se comprometam e cooperem, reduzindo a possibilidade de contratos psicológicos negativos e Jogos Psicológicos (Berne, 1995).

Considerações Finais

Os grupos têm sido via de acesso aos processos de mudanças sociais e isso requer que as pessoas aprendam a trabalhar de maneira compartilhada.

Este artigo evidenciou algumas concepções sobre grupo e elementos presentes na sua estrutura e dinâmica, correlacionando alguns conceitos da Análise Transacional com o desempenho de papéis; viabilizou distinguir elementos da manifestação produtiva e improdutiva de papéis, favorecendo a compreensão de movimentos grupais.

O estudo concluiu que os conceitos de Estados de Ego, Posição Existencial e Transação amparam a identificação da qualidade do desempenho de papéis e sua influência sobre fenômenos e processo grupal, ampliando a aplicação dos diagnósticos Comportamental e Social (Berne, 1961) ao campo grupal, contribuindo para se facilitar ao grupo mover-se para atuação produtiva.

Uma das maneiras de colaborar com o desenvolvimento do grupo, é ajudando-o a reconhecer como os papéis são vivenciados, seu impacto sobre o clima e contribuição para o atingimento dos objetivos. Algumas perguntas que se pode fazer ao observar o grupo: Que papéis estão sendo desempenhados neste grupo? – tanto no nível da tarefa quanto no socioemocional. Sua manifestação é produtiva ou improdutiva? Está a serviço de necessidade objetiva do grupo, ou subjetiva? Como impacta nos demais membros e nos fenômenos grupais? Quais papéis estão predominando no funcionamento do grupo? Quais estão ausentes e fazendo falta para a produtividade do grupo? Qual a suposição do que está levando a essas ocorrências? Quais papéis estão exercendo maior influência sobre o grupo? - tanto produtiva quanto improdutiva? Essa influência se dá pela sua frequência, pela duração, sua potência, ou outro motivo? Estão associados a quais fenômenos do campo grupal? Que forças geram no grupo? - desagregadoras ou de coesão, conforme propõe Berne, propulsoras ou restritivas para as mudanças e crescimento do grupo, conforme Lewin. Os papéis estão sendo desempenhados por diferentes membros ou estão rígidos em determinadas pessoas? Qual a suposição do que está levando a essa ocorrência? Seria oportuno, para este momento e estágio de desenvolvimento do grupo, haver alguma mudança de pessoa em determinado papel, ou que alguém específico assumira esse papel? Seria oportuno acessar

algum papel que está fazendo falta?

Em qualquer posição ocupada, tais perguntas podem ser úteis para ampliar auto-conhecimento. Há alguns papéis nos quais nos aprisionamos, rebaixando nossas capacidades, há outros nos quais podemos nos liberar e crescer – podemos fazer escolhas conscientes. A personalidade humana traz em si recursos relacionados a um conjunto de papéis, daí a importância de se evitar rótulos em relação aos membros do grupo.

A reflexão gerada oportuniza a membros de grupos ampliarem o entendimento sobre o impacto dos papéis que tendem a desempenhar, bem como para coordenadores de grupos vislumbrarem oportunidades de intervenção para colaborar para o desenvolvimento dos membros, das relações interpessoais e grupais e do grupo como um todo.

Os papéis exercidos por gestores ou similar tendem a produzir efeito diferenciado sobre o grupo, tanto servindo como modelo quanto por influência direta representando figuras parentais, devido ao amparo da estrutura Organizacional ao poder associado a essas posições. Estimulam clima de confiança e produtividade quando vivenciados na Oqueidade.

Influenciar os membros a assumirem papéis face às exigências da situação ou necessidade do grupo, oportuniza seu ajustamento ao grupo e do grupo, propiciando condições para o enriquecimento da identidade do indivíduo e do convívio social. No entanto, qualquer intervenção para estimular fenômenos e processos produtivos no grupo e seu desenvolvimento, pressupõe considerá-lo no seu contexto histórico-sócio-cultural, no qual os papéis estão significados, o que permite avaliar influências, consequências e riscos para planejar ação customizada. Levar em conta, ainda, que o grau de profundidade das intervenções nos grupos, no âmbito das áreas organizacional, educacional ou da saúde, está destinado à melhoria da comunicação e eficiência social, não lhe cabendo diagnosticar e resolver conflitos e outras questões intrapsíquicas dos indivíduos, cujo manejo técnico específico seja do campo da psicoterapia.

Este estudo tem um cunho de reflexão e embasamento para se observar comportamentos nos grupos e destes, mais do que caráter técnico ou científico. Com profundo respeito aos autores mencionados e suas obras, alguns conceitos foram recortados da sua construção teórica original para compor com as demais ideias aqui apresentadas, numa linha de raciocínio que pode ser dissonante da abordagem primária.

Em vez de ater-se ao sentido técnico de *experimental a mentalidade de*

outra pessoa no desempenho intencionado de determinado papel, ou como recurso em ação de treinamento e desenvolvimento de pessoas, o termo *desempenho de papéis* foi enfatizado como possibilidade de experimentação e atuação nas relações no grupo.

Para ampliar a compreensão da dinâmica grupal e sua conexão com as estruturas e contexto, fica a oportunidade para aprofundar o estudo de outros elementos e fenômenos, com o amparo de conceitos da teoria da Análise Transacional.

Referências Bibliográficas:

- ANZIEU, Didier. *O grupo e o inconsciente - o imaginário grupal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.
- BERNE, Eric. *Análise Transacional em psicoterapia*. São Paulo, Summus, 1961.
- _____. *Estrutura e dinâmica das organizações e dos grupos*. (UNAT-BRASIL. Circulação Restrita). Philadelphia: Grove-Evergreen, 1966.
- _____. *Os Jogos da Vida*. São Paulo: Nobel, 1995.
- _____. *O que você diz depois de dizer Olá?* São Paulo: Nobel, 1998.
- _____. *Sexo e amor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- BION, Wilfred R. *Experiências com Grupos*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, em colaboração: Ed. Universidade de São Paulo.
- CARTWRIGHT, Dorwin; ZANDER, Alvin. *Dinâmica de grupo*. São Paulo, EPU, 1967.
- CORTEZ, Vilma. Posição Existencial e Oqueidade. REBAT XVII e XVIII, junho 2007/2008.
- FREITAS, MARIA E. *Cultura organizacional: formação, tipologias e impactos*. São Paulo: Makron Books, 1991.
- FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e a análise do ego*. vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1921.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Psicologia estrutural em Kurt Lewin*. Petrópolis, Vozes, 1974. Summus
- GONZÁLEZ, Maria P. *Equipos de trabajo efectivos*. Barcelona: EUB, 1996.
- JOINES, Vann S. *Compreensão da estrutura da segunda ordem e funcionamento: estruturas de estado de ego, unidades relacionais e a psiquê dividida*. Transactional Analysis Journal, 2016.
- KAËS, René. *O grupo e o sujeito do grupo: elementos para uma teoria psicanalítica do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- KAHLER, Taibi, CAPERS, Hedges. *O Miniscript*. In: UNAT-BRASIL. Prêmios Eric Berne 1971-1997. Porto Alegre: Suliani Editoragrafia, 2010. P. 56-59.
- KNOWLES, Malcolm S.; HOLTON, Elwood F., SWANSON, Richard A. *Aprendizagem de resultados*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

KRAUSZ, Rosa. *Análise Transacional Organizacional: um novo olhar*. São Paulo: Scorteccei, 2018.

MAILHIOT, Gérald B. *Dinâmica e Gênese dos grupos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1991.

MELLOR, Ken e SCHIFF, Eric. *Desqualificação*. In: UNAT-BRASIL. Prêmios Eric Berne 1971-1997. Porto Alegre: Suliani Editoragrafia, 2010. P. 130-139.

MILLS, THEODORE M. *Sociologia dos pequenos grupos*. São Paulo: Pioneira, 1970.

MORENO, Jacob Levy. *Psicodrama*. 10ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

MOSCOVICI, Fela. *Equipes Dão Certo: a multiplicação do talento humano*. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

_____. *Desenvolvimento Interpessoal: treinamento em grupo*. 5a. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

_____. *Laboratório de Sensibilidade: um estudo exploratório*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1965.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *O Processo grupal*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

_____. *Teoria do vínculo*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1986.

SCHIFF, Aaron W. e SCHIFF, Jacqui L. *Passividade*. In: UNAT-BRASIL. Prêmios Eric Berne 1971-1997. Porto Alegre: Suliani Editoragrafia, 2010. P. 29-40.

SCHIFF, Jacqui. *Leituras do Cathexis: Tratamento de Psicoses*. (Material didático, traduzido e publicado pela UNAT-BRASIL, 1986).

SCHEIN, EDGAR H. *Cultura organizacional e liderança*. São Paulo: Atlas, 2009.

SEMINOTTI, Nedio e CARDOSO, Cassandra. *As configurações vinculares no pequeno grupo potencializando e/ou limitando seu processo*. Grupo de Pesquisa Processos e Organizações dos Pequenos Grupos do PPG Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902007000100004 . Acessado em 15/05/2019.

SILVEIRA, Laucemir. *Contrato em Processos de Aprendizagem e Desenvolvimento de Pessoas*. Porto Alegre: SBDG, 2013. Revista da Sociedade Brasileira de Dinâmica dos Grupos / SBDG - v.6, n.6 (set. 2013).

STEINER, Claude. *Os papéis que vivemos na vida*. São Paulo: Artenova, 1976.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxo da interação*. 17 ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

ZIMERMAN, David E.; OSÓRIO, Luiz C. *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

ZIMERMAN, David E. *Fundamentos básicos das grupoterapias*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Laucemir Silveira

Psicóloga (CRP 08-3335), economista, mestre em administração e recursos humanos, analista transacional didata para a área Organizacional pela UNAT-BRASIL - União Nacional dos Analistas Transacionais. Especialista e didata em dinâmica dos grupos pela SBDG - Sociedade Brasileira de Dinâmica dos Grupos. Consultora em desenvolvimento humano nas organizações, ênfase à gestão do comportamento humano em mudanças organizacionais. Diretora da Zoeh Desenvolvimento Humano. Email: laucemir@zoehdesenvolvimento.com.br

TRATAMENTO DA ANSIEDADE: DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS ENTRE ANÁLISE TRANSACIONAL E TERAPIA COGNITIVA

Lilian Ribeiro da Silva Sivieri

Resumo: O artigo se propõe a discutir e a comparar protocolos de tratamento de ansiedade nas abordagens da Terapia Cognitiva e da Análise Transacional. Como parâmetros de comparação, foram utilizados um modelo de tratamento de ansiedade de Aaron Beck, de 2012, e o quadro de desqualificação de Jacqui Schiff, de 1986. Diferenciações importantes foram feitas com relação à distinção entre medo e ansiedade, e ansiedade normal e patológica. De

modo geral, percebeu-se que a Terapia Cognitiva está mais focada em aspectos conscientes do indivíduo, e a Análise Transacional, além destes, também se ocupa dos aspectos inconscientes. Mesmo com essas diferenças, as duas abordagens teóricas são relevantes para o tratamento da ansiedade, podendo ser utilizadas de forma complementar. **Palavras Chave:** Ansiedade, Tratamento, Análise Transacional, Terapia Cognitiva

Abstract: The article proposes to discuss and to compare anxiety treatment protocols in the approaches of Cognitive Therapy and Transactional Analysis. As benchmarks, an Aaron Beck's anxiety treatment model of 2012 and the Jacqui Schiff's disqualification framework (1986) were used. Important differences were made regarding the distinction between fear and anxiety and also normal and pathological anxiety. In general, it has been realized that Cognitive Therapy is more focused on the conscious aspects of the individual, and Transactional Analysis, besides these ones, also deals with the unconscious aspects. Even with these differences, the two theoretical approaches are relevant for the treatment of anxiety, and they can be used in a complementary way.

Keywords: Anxiety, Treatment, Transactional Analysis, Cognitive Therapy

Neste artigo serão discutidas questões relacionadas à ansiedade e formas de tratamento psicológico nas abordagens de Terapia Cognitiva (TC) e Análise Transacional (AT).

As primeiras publicações de Aaron Beck do modelo cognitivo para os Transtornos de Ansiedade foram em 1985, a partir de então ocorreram muitos avanços nessa área, com relação a pesquisas e criações de novos instrumentos de intervenção psicoterapêutica. Em especial nos últimos 20 anos foram criados e testados vários protocolos de tratamento para os transtornos de ansiedade. Os princípios gerais dessa teoria consistem na relação entre pensamentos, sentimentos e comportamentos. Em se tratando de transtornos emocionais a correlação entre essas variáveis ocorre da seguinte forma: pensamento distorcido e avaliação cognitiva irrealista de eventos influenciam negativamente sentimentos e comportamentos.

Beck (2012, p. 16) em um de seus livros define ansiedade como “condição disseminada e perturbadora da humanidade” e ainda considera que “na maioria dos casos, a ansiedade se desenvolve dentro do contexto das pressões e demandas e estresses flutuantes da vida diária.”

Para James Allen (2003) a ansiedade difere de medo, pois nesta não há causa externa conhecida. A ansiedade geralmente é acompanhada por uma variedade de sensações corporais, tais como tensão muscular, falta de ar, tremor, taquicardia ou sudorese. Ainda de acordo com Allen a ansiedade generalizada é um dos tipos mais comuns de ansiedade experimentados pelas pessoas e é caracterizada pela preocupação sobre múltiplas circunstâncias de vida (2003, p.1)

A Análise Transacional é uma teoria da personalidade criada por Eric Berne, psiquiatra canadense, em 1958. É um método baseado no estudo de Estados do Ego específicos e na análise das Transações que ocorrem entre os Estados do Ego. Sendo que um Estado de Ego é um sistema coerente de pensamento e sentimentos manifestados por padrões de comportamentos correspondentes. (BERNE, 1988)

Tendo como base a definição dos Estados do Ego apresentada anteriormente e a base de desenvolvimento da Terapia Cognitiva, podemos identificar que as duas teorias consideram a relação entre pensamentos, comportamentos e sentimentos. Sendo então possível discutir questões relacionadas à ansiedade, inclusive tratamentos, com intuito de identificar divergências e convergências entre essas duas teorias.

A motivação para escrever sobre esse assunto surgiu em decorrência da frequente demanda no consultório de clientes com essa queixa, como sintoma principal e também como comorbidade de outros transtornos, e sempre com relatos de incapacidade de enfrentamento com sucesso.

O objetivo desse artigo é compreender se existem pontos comuns e divergências entre essas duas linhas teóricas e como cada uma conduz o tratamento com clientes que apresentam queixa de ansiedade como sintoma principal.

Diferença entre ansiedade e medo

Faz-se necessário distinguir entre ansiedade e medo, visto que muitas vezes na linguagem popular esses dois conceitos se sobrepõem ou são usados inadequadamente.

No DSM 5 o medo é definido como sendo frequentemente associado a períodos de excitabilidade autonômica aumentada, necessária para luta ou fuga, pensamentos de perigo imediato e comportamentos de fuga, e a ansiedade sendo mais frequentemente associada a tensão muscular e vigilância em preparação para perigo futuro e comportamentos de cautela ou esquiva.

Segundo Aaron Beck:

Medo é um estado neurofisiológico automático primitivo de alarme envolvendo a avaliação cognitiva de ameaça ou perigo iminente à segurança e integridade de um indivíduo. (BECK 2012, p. 17).

E **ansiedade** é um sistema de resposta cognitiva, afetiva, fisiológica e comportamental complexo que é ativado quando eventos ou circunstâncias antecipadas são consideradas altamente aversivas porque são percebidas como eventos imprevisíveis, incontroláveis que poderiam potencialmente ameaçar os interesses vitais de um indivíduo. (BECK 2012, p. 17).

Cortez e Teixeira (1991) também distinguem medo de ansiedade.

O medo é o sentimento que está vinculado a um temor do objeto ou situação objetivamente identificada. A ansiedade pode variar de um estado de ânimo relativamente estável a um estado insuportável de sensações de morte iminente, impressão de estar ficando “louco”, acompanhado de toda sorte de sintomas neurovegetativos, tais como: palpitações, falta de ar, sudorese, náuseas, palidez, inquietação e tonturas. (CORTEZ e TEIXEIRA, 1991, p. 40)

António Damásio (2004) descreve o medo como uma emoção primária ou universal. O medo, a tristeza, a raiva, o nojo, a surpresa e a alegria são consideradas emoções universais, pois podem ser identificadas em todos os seres humanos, independente da cultura e também em alguns animais. As emoções primárias são processos determinados biologicamente, inatas, acionadas automaticamente e tem o objetivo de preservar a vida.

De acordo com as definições acima podemos concluir que o medo é uma resposta automática e momentânea a uma situação de perigo e pode ser considerado o processo central de todos os transtornos de ansiedade. Já a ansiedade é um estado mais permanente de ameaça, envolve um processo mais prolongado e complexo de sentimentos, pensamentos e comportamentos.

Então, a ansiedade além do medo, envolve sintomas fisiológicos, afetivos, comportamentais e cognitivos como aversão percebida, incontrolabilidade, incerteza, vulnerabilidade (desamparo) e incapacidade de obter resultados

desejados. E por ser algo contínuo causa mais sofrimento e impacto na vida diária das pessoas.

Ansiedade normal ou patológica

Medo e ansiedade são estados normais e que fazem parte do ser humano, Beck cita que o problema dos transtornos de ansiedade não é a experiência de medo e ansiedade, mas o fato de que o programa de medo é inadequadamente ativado (BECK, 2012, p. 199).

É considerado um transtorno de ansiedade quando o medo ou ansiedade são excessivos ou persistentes além de períodos considerados normais para a maioria das pessoas ou situações.

Os transtornos de ansiedade diferem entre si nos tipos de objetos ou situações que induzem medo, ansiedade ou comportamento de esquiva e na ideação cognitiva associada. Assim, embora os transtornos de ansiedade tendam a ser altamente comórbidos entre si, podem ser diferenciados pelo exame detalhado dos tipos de situações que são temidos ou evitados e pelo conteúdo dos pensamentos ou crenças associados. (DSMIV, p. 233)

Clark e Beck (2012) definem cinco critérios para diagnóstico de transtorno de ansiedade: 1) Cognição disfuncional: é uma avaliação incorreta ou exagerada de perigo ou ameaça, levando a ativação de crenças disfuncionais acerca de perigo; 2) Funcionamento prejudicado: a ansiedade interfere de modo a prejudicar o funcionamento diário do indivíduo, interferindo na sua produtividade e satisfação; 3) Manutenção: a ansiedade dura mais tempo do que o esperado para a maioria das pessoas; 4) Alarmes falsos: ocorrência de ataques de pânico ou medo intenso na ausência de sinais que representem ameaça e 5) Hipersensibilidade a estímulo: quando o medo é ativado por uma ampla variedade de estímulos que seriam considerados não temerosos pela maioria das pessoas.

Cortez e Teixeira (1991) afirmam:

ser difícil estabelecer uma definição de anormalidade para a mente humana, pois, existe um CONTINUUM que começa na “anormalidade” e passa pelos “pequenos desajustamentos”, e daí, para os “transtornos leves da personalidade”, “transtornos graves da personalidade”, terminando nas “psicoses graves”.(CORTEZ E TEIXEIRA, 1991, p. 16)

De acordo com esses autores a definição de anormalidade seria “uma exibição desequilibrada do “normal” tanto por critérios quantitativos

(estatísticos) quanto por critérios de adequação (teleológicos).” (CORTEZ E TEIXEIRA, 1991, p. 16)

Cortez e Teixeira (1991) descrevem o que seria ansiedade neurótica:

Denominada às vezes de neurose de angústia, a neurose de ansiedade é um estado físico, caracterizado por uma preocupação irrealista ou excessiva de que algo possa acontecer a si ou aos outros, tais como: medo de enlouquecer ou perder o controle; temor de que algo aconteça a membros da família (que não estão em perigo); preocupação com finanças, sem boas razões para isto e temor de possuir uma doença grave, quando todos os exames são negativos, entre outros” (CORTEZ E TEIXEIRA, 1991, p. 16)

No CID 10 e DSM 5 são descritos diversos transtornos de ansiedade, sendo os pontos diferenciais entre eles os tipos de objetos ou situações que induzem o medo, ansiedade ou comportamento de esquiva.

Tratamento e Terapia Cognitiva

No início da sua elaboração a Terapia Cognitiva teve influências da psicanálise, assim como a AT. Mas com o desenvolvimento e aprimoramento, Beck começou a construir sua própria teoria e a partir de então o foco principal passou a ser os problemas presentes, em oposição à sua postura anterior de investigar traumas do passado. Dessa forma, o interesse principal passou a ser a análise de experiências psicológicas acessíveis à consciência e não inconscientes.

A TC é um tratamento de base científica, e quando se trata de medo e ansiedade as pesquisas apontam uma eficiência em torno de 60 a 80% para aquelas pessoas que completam o tratamento. É uma intervenção breve, estruturada e de base verbal, que utiliza o raciocínio lógico, tarefas comportamentais para mudar pensamentos e sentimentos negativos indesejados. (BECK, 2012, p. 23).

Knapp e Beck (2008) descrevem como princípio fundamental da TC a maneira como os indivíduos percebem e processam a realidade como aspecto determinante na maneira como eles irão se sentir e se comportar. Desta forma, o objetivo terapêutico da TC, desde o princípio, tem sido reestruturar e corrigir esses pensamentos distorcidos e colaborativamente com o indivíduo desenvolver soluções que irão produzir mudança.

A base do tratamento da Terapia Cognitiva é a compreensão dos aspectos

cognitivos que geram o problema. Em se tratando da ansiedade, o foco principal é o modo como a indivíduo pensa, como fator determinante para a persistência ou diminuição da ansiedade. Sendo assim, pensar sobre perigo, ameaça, vulnerabilidade e impotência aumenta a ansiedade, ao passo que, pensar sobre riscos aceitáveis e capacidade pessoal de enfrentamento diminui a ansiedade.

A TC considera o papel mediador da cognição, afirmando que há sempre um processamento cognitivo e avaliação de eventos internos e externos que podem afetar a resposta a esses eventos (KNAPP e BECK, 2008, p.56). Outra consideração importante é que a atividade cognitiva influencia e pode ser evidenciada pela mudança comportamental.

Knapp e Beck (2008, p.56) descrevem como uma característica definidora da TC o conceito de que os sintomas e os comportamentos disfuncionais são cognitivamente mediados e, logo, a melhora pode ser produzida pela modificação do pensamento e de crenças disfuncionais.

Range (2001) descreve que a idéia básica do modelo cognitivo dos transtornos emocionais é que não são os eventos em si que os provocam, mas sim as interpretações feitas pelas pessoas desses eventos que são determinantes na produção das emoções negativas vivenciadas. Sendo assim, a maioria dos modelos cognitivos centram-se na forma como os indivíduos processam as informações.

O tratamento inicial é focado no aumento da consciência por parte do paciente de seus pensamentos automáticos, e um trabalho posterior terá como foco as crenças nucleares e subjacentes. É um processo de auto responsabilização, em que o paciente passa a compreender a sua total responsabilidade pelas crenças, pensamentos e avaliações exagerados e que isso sim pode ser mudado.

Então o foco da terapia são os pensamentos, avaliações e crenças que representam perigo e ameaça e as vulnerabilidades de enfrentamento e ou estratégias de enfrentamento disfuncionais do indivíduo. Beck (2012, p.191) esclarece que o objetivo principal da terapia cognitiva é uma avaliação mais equilibrada e realista da probabilidade e gravidade da ameaça, da capacidade real do indivíduo de lidar com situação.

Knapp e Beck (2008, p. 61) chamam atenção para o fato de que:

“...para que as mudanças estruturais ocorram, é preciso ir muito além da mudança de erros cognitivos associados a uma síndrome específica”. A reestruturação cognitiva somente é possível quando há uma

ressignificação das crenças nucleares do paciente e esse processo depende da análise e correção das crenças mais arraigadas.

Tratamento e Análise Transacional

Dentre os diversos conceitos da Análise Transacional (AT) nesse trabalho utilizaremos a Desqualificação.

Schiff (1986) descreve Desqualificação como um mecanismo interno que envolve pessoas que minimizam ou ignoram alguns aspectos de si próprias, de outras pessoas, ou da situação real. Pressupõe que há uma realidade consensualmente definível e que a Desqualificação envolve um Quadro de Referências que deforma ou é inconsistente com essa realidade. (SHIFF, 1986, p.18). A autora ainda explica que pela Desqualificação, as pessoas podem manter e reforçar um quadro de referência disfuncional, praticar Jogos e levar adiante seus *Scripts*, ao mesmo tempo em que tentam reforçar ou confirmar relações simbióticas com outros.

Importante destacar que essas manifestações exteriores originam-se da Desqualificação, mas não são Desqualificações em si próprias. As Desqualificações são mecanismos internos, portando somente sendo possível ser observadas por meio dos comportamentos.

As Desqualificações podem ser classificadas de acordo com a área, tipo e modo. As áreas que as pessoas podem desqualificar são: elas próprias, os outros e a situação. Com relação ao tipo, podem-se identificar três tipos de Desqualificação: Desqualificação dos estímulos, de problemas e ou de opções. E ainda há quatro modos em que cada tipo de Desqualificação pode ocorrer: Desqualificação da existência do significado; das possibilidades de mudança em relação ao estímulo e das habilidades pessoais de lidar com tais questões.

As Desqualificações influenciam o funcionamento de uma pessoa, Schiff (1986) cita que todas as Desqualificações estão além da conscientização e prejudicam um pensamento efetivo, limitando o funcionamento do Adulto. E essas limitações são especialmente aparentes na integração de processos internos e externos.

Para se estabelecer o programa de tratamento é necessário identificar quais mecanismos internos estão sendo usados pelo indivíduo. E em se tratando da Desqualificação, é importante identificar de que tipo, modo e área a Desqualificação está ocorrendo.

O plano de tratamento então é prescrito tomando como base uma resposta comportamental que está relacionada com algum aspecto interno que aponta para a Desqualificação. O primeiro objetivo do tratamento é progressivamente confrontar a Desqualificação de maneira gradual e direccional, partindo do externo para o interno, posteriormente integrar o externo ao interno. Depois identificar as Desqualificações para então passar a agir diferentemente de forma mais adequada às situações.

A autora ressalta a importância de o terapeuta identificar em qual área, tipo e modo o paciente está Desqualificando para que as intervenções sejam eficazes, caso contrário a própria intervenção será Desqualificada. Schiff (1986) ressalta que cada fase tem aspectos característicos que poderão necessitar de atenção.

Para tornar mais fácil a compreensão podemos separar nas seguintes etapas o tratamento de acordo com a AT: 1º passo: conscientização das manifestações internas e externas: tornar-se consciente de aspectos de si mesmo, dos outros e da situação da realidade. Tornar-se consciente de aspectos disfuncionais que resultam em Desqualificação; 2º passo: atribuição de significado e identificação do problema (definição do problema); 3º passo: Conscientização da mudança: O que esse problema significa?, Quais as opções para lidar com essa situação?; 4º passo: Conscientização de habilidades pessoais para mudar, solucionar problemas e selecionar opções para ação; 5º passo: Conscientização de habilidades pessoais para solucionar problemas e selecionar opções viáveis para lidar com o problema e 6º passo: Conscientização do potencial pessoal de ação, ou seja, é a ação propriamente dita.

Discussão

A TC está vinculada ao racional, ao que é visível aos olhos, já a AT se preocupa também com os aspectos invisíveis, inconscientes.

A terapia cognitiva no tratamento da ansiedade direcciona o enfoque para os pensamentos disfuncionais e falhas no enfrentamento. Enfatiza o treino de auto monitoramento, a tarefa de casa, e a reestruturação cognitiva que tem como principal objetivo o momento atual do indivíduo.

Já a AT além de considerar o momento atual também leva em consideração toda a sua história, os componentes históricos, sociais, genéticos e transgeracionais para a manifestação de um estado psicológico.

Geralmente quando o cliente procura terapia com queixa de ansiedade ele já reconhece o incomodo, como por exemplo, as sensações físicas desagradáveis e

comportamentos de evitação. Tanto a TC como a AT seguem um processo para tratamento. A fim de comparar as duas abordagens utilizaremos o Quadro de Desqualificação de Jacqui Schiff e um guia de tratamento para ansiedade de Aaron Beck.

T1:

AT: Existência do Estímulo – é o nível mais alto de Desqualificação, em que há a negação da existência do estímulo.

TC: Identificar qual o gatilho que dispara a sensação de ansiedade. Esse gatilho pode ser interno ou externo, como exemplos: pensamentos, sensações físicas, situação, uma recordação, etc. E mensurar qual a intensidade desse estímulo.

T2:

AT: Significado do Estímulo / Existência do Problema – envolve a Desqualificação do significado do estímulo e / ou a existência de um problema.

TC: Distinguir o que é medo e ansiedade, bem como ansiedade normal e patológica. Outro ponto importante é identificar o medo central que é a base para o desenvolvimento dos diversos transtornos de ansiedade.

Compreender qual a relação entre pensamentos, sentimentos e comportamentos. Identificar qual o perfil de ansiedade, que inclui compreender a situação atual de vida, pensamentos recorrentes, sintomas físicos que sente durante os episódios de ansiedade.

T3:

AT: Envolve a Desqualificação da variabilidade do estímulo, significado dos problemas e / ou a existência de opções

TC: Identificar as distorções cognitivas, que são modos distorcidos de ver a realidade que tem uma tendência maior de ocorrer quando se está ansioso. Outro passo importante é identificar pensamentos automáticos, que em geral são negativos e irrealistas. E com a identificação desses aspectos, começar a elaborar pensamentos alternativos mais realistas.

Identificar qual o perfil de evitação (tentativa de controlar ou reduzir a ansiedade), pensando sobre quais situações mais evita.

Identificar pensamentos ameaçadores e qual a sua intensidade.

Identificar diferentes meios de enfrentamento.

T4:

AT: Habilidade da pessoa de reagir diferentemente / Solubilidade dos Problemas / Significado das opções – Envolve a negação da própria capacidade de reagir de forma diferente, a negação da resolubilidade do problema e a negação do significado das opções

TC: Treinar e adquirir novas habilidades pessoais e identificar pensamentos ansiosos ou relacionados à ameaça. Buscar evidências contra e a favor do que está causando a ansiedade. Outra habilidade importante para ser desenvolvida é de questionar seus próprios pensamentos e crenças desajustados e corrigi-los.

T5:

AT: Habilidade da pessoa de Solucionar Problemas / Viabilidade das opções – envolve a negação da própria capacidade para resolver problemas e a negação da possibilidade de mudança de opções.

TC: Desenvolver perspectivas alternativas mais realistas e menos ansiosas, inclusive avaliar os custos e benefícios de agir realisticamente. Nesse nível já é possível elaborar um plano de enfrentamento orientado para o problema e planejamento de exercícios de exposição.

O foco é na probabilidade realista de diversos desfechos. Inclui também fazer uma lista de estratégias de enfrentamento.

T6:

AT: Habilidade da Pessoa de agir com opções – envolve a negação da própria capacidade de aplicar as opções.

TC: Nessa etapa final é o momento de aplicar repetidamente o plano de exposição elaborado anteriormente, avaliando e fazendo os ajustes necessários. O foco aqui é na capacidade de enfrentar e solucionar circunstâncias novas e desafiadoras.

O **Quadro 1** a seguir reúne as informações acima citadas.

Quadro 1: comparativo tratamento de ansiedade entre AT e TC

TIPOS DE DESQUALIFICAÇÃO	
MODO Existência	<p>T1 (AT) Existência de Estímulo Identificação dos estímulos: O que aconteceu, o que você precisa, o que você sente, pensa, faz ou quer? <i>(TC)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Correlação entre situação, pensamentos e sensações físicas <input type="checkbox"/> Estímulo que dispara a ansiedade e qual sua intensidade <p>T2 (AT) Existência de Problemas Identificação do problema: O que foi identificado em T1 é importante? Ou é um problema para você ou para os outros? <i>(TC)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Identificação do medo central <input type="checkbox"/> Superestimação do perigo e subestimação da capacidade pessoal de enfrentamento <p>T3 (AT) Existência de Opções Identificação das soluções: Existem soluções? Em caso afirmativo, quais? <i>(TC)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Identificar pensamentos alternativos mais realistas
Significado	<p>T2 (AT) Significado do Estímulo Identificação do problema: O que foi identificado em T1 é importante? Ou é um problema para você ou para os outros? <i>(TC)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Diferenciar medo e ansiedade <input type="checkbox"/> Diferenciar ansiedade normal e patológica <p>T3 (AT) Significado dos Problemas Identificação das soluções: Quão importante é o problema para você ou para o outro? <i>(TC)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Fuga e evitação como fatores que acentuam a ansiedade <p>T4 (AT) Significado das Opções Identificação de objetivo: As opções encontradas são relevantes para resolver o problema? <i>(TC)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Aumentar a consciência acerca dos pensamentos automáticos e agir de acordo com a realidade
Possibilidade de Mudança	<p>T3 (AT) Mutabilidade do Estímulo Identificação das soluções: Poderia ser diferente? <i>(TC)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Identificação de Pensamentos Automáticos (PA) e Distorções Cognitivas <p>T4 (AT) Solubilidade dos Problemas Identificação de objetivo: O problema é solucionável? <i>(TC)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Questionar pensamentos e crenças ansiosas <input type="checkbox"/> Evidências contra e a favor do PA ansioso <p>T5 (AT) Viabilidade das Opções Identificação de barreiras: Você é capaz de fazer mudanças duradouras? <i>(TC)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Custo e benefícios de agir mais realisticamente <input type="checkbox"/> Plano de Enfrentamento orientado para o problema / exercícios de exposição
Habilidades Pessoais	<p>T4 (AT) Habilidade da pessoa de reagir diferentemente Identificação de objetivo: Você tem capacidade de reagir de forma diferente? <i>(TC)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Identificar de maneira mais consciente, intencional e rapidamente o PA <p>T5 (AT) Habilidade da Pessoa de Solucionar Problemas Identificação de barreiras: Você é capaz de resolver os problemas? <i>(TC)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Desenvolver perspectivas alternativas: menos ansiosas e mais saudáveis <input type="checkbox"/> Opar por pensamentos e crenças mais realistas e equilibrados. <p>T6 (AT) Habilidade da Pessoa de agir com opções Você pode aplicar a solução para o problema de tal forma que seu problema permaneça resolvido? <i>(TC)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Aplicar repetidamente o plano de exposição, avaliando e fazendo os ajustes necessários <input type="checkbox"/> Enfrentar repelidamente situações novas

Fonte: Hay (2016), Clark e Beck (2012) e Schiff (1986)

Conclusão

A TC nos leva a pensar que o caminho da cura é a auto responsabilidade e o engajamento como condição primordial para prosseguimento e sucesso no tratamento. A AT focaliza sua atenção ao contexto e às relações. Então, a diferença mais notável é o foco, uma focaliza o momento atual do indivíduo e a outra olha o indivíduo no contexto de suas relações, mesmo antes dele existir em sua família.

A TC traz as pessoas para o presente, para avaliar realisticamente o que está acontecendo com elas nesse momento, buscam o passado apenas para comparar comportamentos um pouco mais adaptativos manifestados anteriormente. Esse método funciona muito para algumas pessoas, resolve o incomodo, visto que tudo que algumas pessoas precisam é que um bom terapeuta as ajudem a interpretar realisticamente o que estão sentindo e ensinar-lhes formas mais congruentes e saudáveis de se comportar. Mas para outras pessoas somente isso não basta, é preciso ir mais além do momento do agora, é preciso “viajar” em tempos anteriores chegando até onde não se tem registro na mente consciente.

A AT tem sua forma especifica de “olhar” para o ser humano visualizando cada um de forma bem especifica, procurando entender e traduzir aquilo que cada um trás gravado em sua memória, em sua mente, tentando traduzir uma manifestação patológica através de um olhar cuidadoso analisando as diversas formas de ser e estar no mundo.

As duas abordagens podem ser aliadas nesse processo de desenvolvimento pessoal e superação de dilemas da vida, não excludentes. Essas duas teorias não são antagônicas ou incongruentes, são complementares. Portanto, não existe uma forma de tratamento mais efetiva do que outra e sim tratamentos que são bons para uma determinada pessoa e que não são para outra.

A TC tem uma vasta quantidade de pesquisas que validam as técnicas utilizadas, o mesmo não acontece com a AT. Mas isso não quer dizer que a primeira seja a melhor, apenas é um ponto de reflexão para aqueles profissionais que atuam segundo os princípios da AT para que se sintam estimulados a desenvolver pesquisas que validem as técnicas utilizadas nessa abordagem.

Referências Bibliográficas:

BERNE, Eric, O que você diz depois de dizer olá?: a psicologia do destino; tradução Rosa R. Krausz, São Paulo: Nobel, 1988.

CLARK, David A. Vencendo a ansiedade e a preocupação com a terapia cognitivo – comportamental: manual do paciente / David A. Clark, Aaron T. Beck; tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Elisabeth Meyer. – Porto Alegre: Artmed, 2012.

CLARK, David A. Terapia Cognitiva para os transtorno de ansiedade / David A. Clark, Aaron T. Beck; tradução: Maria Cristina Monteiro; revisão técnica: Elisabeth Meyer. – Porto Alegre: Artmed, 2012.

CID 10 – Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/V2008/WebHelp/f40_f48.htm>. Acesso em 10/01/2019.

CORNELL et al. INTO TA. London, Karnac Books Ltd, 2016.

CORTEZ, Vilma e TEIXEIRA, M Manuel, Psicopatologia e Análise Transacional – Um Estudo Comparativo. São Paulo, 1991.

DAMÁSIO, Antônio O mistério da consciência : do corpo e das emoções ao conhecimento de si / Antônio Damásio; tradução Laura Teixeira Motta; revisão técnica Luiz Henrique Martins Castro. — São Paulo : Companhia das Letras, 2000.

DSM-5 - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico] / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2014. Disponível em:

<<https://aempreendedora.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Manual-Diagn%C3%B3stico-e-Estar%C3%ADstico-de-TRANstornos-Mentais-DSM-5.pdf>>. Acesso em 10/01/2019.

KMAPP, Paulo and BECK, Aaron T. Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. *Rev. Bras. Psiquiatr.* [online]. 2008, vol.30, suppl.2, pp.s54-s64. ISSN 1516-446. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462008000600002>>. Acesso em 10/01/2019.

RANGE, Bernard - Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um dialogo com a psiquiatria / organizado por Bernard Rangé. Porto Alegre: Artme Editora, 2001.

SCHIFF, Jacqui Lee et al. Leituras do Cathexis: Análise Transacional – Tratamento das Psicoses. Apostila organizada pela UNAT-BRASIL, 1986

Lilian Ribeiro da Silva Sivieri

Psicóloga, Formada pela Universidade Federal de Uberlândia,

Especialista em Análise Transacional (UNAT / Faculdade Monteiro Lobato).

Área de Atuação: Avaliação Psicológica e Psicoterapia para Adultos e Terceira Idade.

Contato: liliansivieri@yahoo.com.br

A ADICÇÃO E SUAS CORRELAÇÕES NA FAMÍLIA À LUZ DA ANÁLISE TRANSACIONAL

Magdala Paz Martins

Resumo: Adicção e codependência são temas recorrentes em consultório que promovem os Jogos Psicológicos e a sustentação das decisões de *Script* dos indivíduos do sistema familiar e o conseqüente adoecimento. A proposta deste artigo é apresentar reflexões sobre adicção e família e como, através de intervenções baseadas na Análise Transacional apoiar e

orientar os indivíduos do sistema a se libertar dos Jogos e *Scripts* que podem perpetuar o adoecimento através das gerações.

Palavras chave: Análise Transacional. Adicção. Codependência. Jogos. *Script*. Transgeracionalidade. Família

Abstract: Addiction and codependency are recurrent themes in the office that promote the Psychological Games and support the Script decisions of individuals in the family system and the consequent illness. The purpose of this article is to present reflections on addiction and family and how, through interventions based on Transactional Analysis, to support and guide individuals in the system to free themselves from Games and Scripts that can perpetuate illness through generations.

Keywords: Transactional Analysis. Addiction. Codependency. Games. Scripts. Transgenerationality. Family.

A proposta do presente estudo é discutir sobre adicção física e/ou emocional tendo a Análise Transacional como referência para a compreensão deste tema e de que maneira essa abordagem pode contribuir para compreender como a família corrobora para a manutenção da dependência de um ou mais membros desse sistema e se torna dependente dele.

Buscou-se identificar os Jogos usados para a manutenção desse adoecimento, estabelecer a relação entre Jogos, *Script* e relação familiar e de que maneira a Análise Transacional pode contribuir e propor formas harmônicas de interação dentro do sistema familiar.

Cabe ressaltar que entre os motivos pelos quais o tema foi escolhido está o fato de que, ao longo dos anos de prática clínica, observou-se que os pacientes apresentavam uma queixa recorrente chamada “outro”, seu foco estava no mundo/ambiente externo, marido, esposa, filhos, amigos. A necessidade alheia sempre falando mais alto. Na tentativa de adquirir estratégias de controle de todos a sua volta. Além do notório fato de que esse grupo especial de pessoas também vem de sistemas familiares muito semelhantes e disfuncionais, uso de drogas em geral e abuso de álcool.

Para esses indivíduos, além da disfuncionalidade do sistema familiar, os padrões comportamentais também se repetem. Apresentam não só preocupação exacerbada com as pessoas a sua volta, baixa autoestima, transtornos ansiosos ou depressivos e, em muitos casos, adoecimento físico, por exemplo, dores crônicas como a fibromialgia.

Constantemente se mantêm em relacionamentos abusivos, mesmo quando estão fora de suas famílias nucleares permanecem em relações disfuncionais, buscando estabelecer vínculos que perpetuem os Jogos Psicológicos que sempre viveram e, por sua vez, corroboram para a manutenção do *Script* de Vida. A família se organiza em torno desses padrões que aqui serão denominados de famílias adictas ou codependentes.

Percebe-se que membros desse tipo de sistema acabam por desenvolver comportamentos disfuncionais e tão viciados quanto o próprio adicto, na maioria das vezes contribuindo para a perpetuação desse adoecimento.

O termo adicto ou codependente será usado tanto para definir pessoas ou sistemas familiares com um ou mais membros usuários de algum tipo de droga ou para definir aqueles que dependem emocionalmente de outros.

Famílias adictas costumam viver na expectativa de que algo sério e ameaçador aconteça, e como no teatro, a família deve ficar atenta para saber qual será o desfecho do próximo ato.

A Análise Transacional se apresenta como uma metodologia de mediação desse processo, não apenas para diagnóstico, mas como facilitadora para fazer emergir esses padrões patológicos e apresentar novas opções e caminhos de maior autonomia e qualidade de vida para toda a família.

Sistema Familiar e Adicção

Gayol (2004) defende que a codependência é a representação de um *Script* feminino que é transmitido transgeracionalmente e também como um problema multidimensional associado não só ao abuso do álcool ou outras drogas.

Olienvenstein (1985) afirma que a família cria um sistema adequado para tolerar e admitir aquilo que a sociedade não admite, mas que esse sistema é tudo menos coerente e racional.

Castilho (1994) define família como:

(...) um sistema, um organismo cujas características não são redutíveis a um elemento isoladamente. Têm regras específicas, válidas só para aquele sistema. Vive interações cuja causalidade circular define relações que se realimentam num intercâmbio constante com outros sistemas (p. 118).

Para Kalina (1988), independentemente da configuração do sistema familiar, ela é cogeradora do fenômeno da dependência quando há presença de drogas ou modelos viciados de conduta e seus membros utilizam tais condutas como técnica para a sobrevivência do grupo.

Para se livrar da culpa, da vergonha, do medo, da pressão social, a família, de um modo geral, acaba atuando de maneira a 'proteger o adicto' e negar a existência de um adoecimento desse sistema. Essa negação pode ser tratada como um dos sintomas iniciais desse adoecimento, podendo impactar em cada um de seus membros, destruindo a autoestima dos componentes deste grupo.

Vale ressaltar que cada família constitui um universo diferente, no qual diferentes fatores contribuem para desencadear ou não a adicção.

A adicção de maneira geral é entendida como uma doença da família. Para Beattie (2017), “não podemos começar a trabalhar em nós mesmos, a viver nossas vidas, a sentir nossas emoções e a resolver nossos problemas até que nos desliguemos do objeto de nossa obsessão” (p. 89).

As famílias adictas ou codependentes são tomadoras de conta uns dos outros. E essa é a autorização que precisam ou para desempenhar o papel de vítimas ou algozes nessa relação.

Os adictos e codependentes salvam os outros de suas responsabilidades, tomam conta das necessidades alheias. Entendendo que essa atitude lhes dá o direito a ficar com raiva por acharem que estão sendo usurpados e, como consequência disto, sentem-se vítimas, não compreendidos em sua boa vontade em tomar conta dos outros.

São excessivamente permissivos, tolerantes e compreensivos com o abuso do outro mesmo que este seja controlador e autoritário. Para eles, seu bem estar depende da pessoa que tenta ajudar e assim se torna dependente emocionalmente.

É comum que o codependente coloque as necessidades do outro, acima de suas próprias e que muitos dos adictos usem disto como pretexto para justificar sua embriaguez. A codependência é um padrão comportamental que é aprendido na tentativa de proteger a si próprio da sensação de estar fora de controle ou, principalmente, “do” controle.

Assim, é importante ressaltar que estes comportamentos não excluem adictos ou codependentes. Todos são Perseguidores, Salvadores ou Vítimas nessa triangulação, cumprindo seus papéis para manutenção dos Jogos e por sua vez do *Script* de Vida.

O sistema familiar adicto à luz da Análise Transacional

Como já mencionado, o presente artigo se limitará ao estudo dos Jogos Psicológicos que envolvem o sistema familiar, a adicção e sua relação com o *Script* de Vida e como isso pode se perpetuar transgeracionalmente, mantendo viva essa disfuncionalidade.

Eric Berne, psiquiatra canadense, criador da teoria de Análise Transacional, afirma que os Jogos são uma das formas de estruturar o tempo. Ele defende que a Estruturação do Tempo está baseada em três impulsos ou Fomes: A Fome de estímulo ou sensação; Fome de Reconhecimento (sensações que só podem ser preferencialmente fornecidas por outras pessoas); e Fome de Estrutura. A Análise Transacional propõe seis formas de Estruturação do Tempo: Isolamento, Rituais, Passatempos, Atividades, Jogos e Intimidade.

Berne (1995) define Jogos como:

(...) uma série de transações complementares que se desenrolam até um desfecho definido e previsível. Pode ser descrito como um conjunto repetido de transações, não raro enfadonhas, embora plausíveis e com uma motivação oculta... todo jogo é basicamente desonesto, e seu desfecho tem um certo caráter de dramaticidade (p. 49).

O autor afirma que o tratamento do alcoolismo (nesse estudo será usado correlatamente o termo adicto) deve se concentrar na ressaca e não na bebedeira, já que beber é um Jogo e o benefício dele está na punição interna e social que vem na manhã seguinte e, fazendo um paralelo com os adictos “não bebedores” ou codependentes, podemos dizer que a ressaca é o mal estar causado, por exemplo, por uma briga cujo tema era a tentativa de controlar o outro.

Para Karpman (1968), o Jogo do Alcoólatra está baseado na triangulação entre três papéis básicos: Perseguidor, Salvador e Vítima. Esses três papéis são de ação, ainda que não saibam que o estão fazendo, os participantes desta triangulação trocam de papel quando melhor convém a cada um de seus membros.

Os Jogos trazem benefícios secundários a quem deles participa. Um adicto muitas vezes terá na manhã seguinte a uma bebedeira o “direito” de se vitimizar e achar que seus familiares o estão perseguindo e buscará entre eles alguém que lhe salve desse martírio.

Kertész (1987) afirma que os papéis do Triângulo Dramático foram aprendidos na infância, nas interações familiares e depois, com muitas

repetições, passam a ser desempenhados de maneira automática e inconsciente. Eles são dinâmicos e manipulativos, pois o Estado de Ego Adulto dos interlocutores está, no mínimo, contaminado pelos outros dois Estados de Ego.

Berne (1988) define Estado de Ego como “um padrão consistente de sentimento e experiência relacionado diretamente a um padrão de comportamento consistente correspondente” (p. 353).

O autor divide a personalidade em três Estados de Ego:

- O Estado de Ego Pai – “Um Estado de Ego emprestado de figura parental. Poderá funcionar como uma influência diretiva ou ser diretamente exibido como comportamento parental. Poderá ser Nutridor ou Controlador” (p. 355).
- O Estado de Ego Adulto – “Um Estado de Ego orientado para o processamento de dados objetivo e autônomo e para o cálculo de probabilidades” (p. 351).
- E o Estado de Ego Criança – “Um Estado de Ego arcaico. A Criança Adaptada segue as diretivas parentais. A Criança Natural é autônoma” (p. 352).

Assim como Berne (1995), para Kertész (1987), a isca é um lance inconsciente e automático que leva os Jogadores envolvidos a atuarem em dois níveis: um social que é consciente e moralmente aceito, e outro psicológico que é inconsciente e passível de desaprovação.

Assim, os Jogos podem ser classificados em graus, de acordo com sua gravidade:

- Jogos de 1º grau – são socialmente aceitáveis;
- Jogos de 2º grau – não provocam danos irreparáveis ou permanentes e acontecem em ambientes mais restritivos;
- Jogos de 3º grau – são definitivos e terminam tragicamente.

Crema (1982) defende que os Jogos trazem benefícios ou vantagens a quem deles participa, apesar de serem negativos. Eles têm um elemento dramático que alicerça a troca de papéis.

Para Berne (1995) “as vantagens gerais de um Jogo consistem em suas funções estabilizadoras. O equilíbrio biológico é promovido pela estimulação recíproca e a estabilidade psicológica é garantida pelo reforço das posições assumidas pelos jogadores” (p. 56).

- A vantagem biológica está na troca de Carícias Negativas realizada pelos participantes do Jogo e que são imprescindíveis à vida;
- A vantagem existencial permite que haja uma confirmação da Posição Existencial que a pessoa ocupa, posição em relação a si mesma, aos outros e ao mundo;
- A vantagem psicológica externa permite que a pessoa participe de Jogos para evitar o contato com seus medos internos, o contato com a realidade psíquica por meio da evitação social;
- Já a vantagem psicológica interna proporciona o equilíbrio da estabilidade psíquica, o alívio da tensão psíquica;
- A vantagem social interna se utiliza de Jogos para Estruturar o Tempo e, com isto, evitar a Intimidade;
- A vantagem social externa fornece material para os Passatempos.

Em geral, quando um dos familiares resolve, cuidar de si e fazer terapia, o sistema se une para “resgatar” aquele que não mais participa dos Jogos. A família tenta reestabelecer a qualquer custo a homeostase desse sistema por meio dos padrões antigos de relacionamento.

Essa dinâmica levará a transgeracionalidade dos Jogos, mostrando-se evidente quando se percebe que o Jogo favorito daquela pessoa teve origem em seus pais ou avós e caso não seja interrompido será transmitido aos seus filhos e netos e com uma tendência ainda maior de se tornarem Jogos mais complexos e com maior probabilidade de um final trágico.

O indivíduo, ainda em tenra idade, através das mensagens recebidas dos pais recolhe as informações que determinarão suas decisões. A qualidade das Carícias recebidas na infância e sua percepção do mundo a sua volta fará com que a criança estabeleça determinados conceitos a respeito de si mesmo, dos outros e do mundo.

Para Berne (1995) as decisões são o resultado de convicções a seu respeito e dos outros à sua volta, em especial seus pais. Qualquer que seja a decisão, esta será justificada por uma posição baseada nas convicções profundamente arraigadas. Essas posições envolvem uma visão de todo o mundo e de todas as pessoas que dele fazem parte.

Adictos e codependentes se revezam (entre as Posições Existenciais) na Posição Existencial OK+/OK- na tentativa de esconder o sentimento que os remete a Posição OK-/OK+ ou, algumas vezes, OK-/OK-.

Ernst, (1971) afirma que:

Alguns encontros são ritualizados, outros são Passatempos, Jogos ou Atividades e, alguns ocasionais têm qualidade de Intimidade. Breves ou longos, no final de cada encontro, não importa quantas Transações tenha havido entre as pessoas, o resultado é determinado por uma das quatro categorias de operação social dinâmica (p 140).

O autor postula que a operação seguir com, é a resultante da Posição Existencial Eu estou OK+ e Você também está OK+, a Posição livrar-se de é resultante da OK+/OK-, afastar-se de é resultante da OK-/OK+ e não ir à parte alguma OK-/OK-.

O processo de 'cura' desse sistema adoecido perpassa pelo convite a atuarem na Posição Existencial OK+/OK+, que é o convite a seguir com, em busca da Autonomia e do fortalecimento do Estado de Ego Adulto.

Com base na decisão precoce, o indivíduo constrói seu *Script* de Vida, definido por Berne (1995) como “Um plano de vida baseado numa decisão feita na infância, reforçado pelos pais, justificado por acontecimentos subsequentes e culminando com uma alternativa escolhida” (p. 356). Já começa a ser desenhado antes mesmo do seu nascimento, nas expectativas conscientes e inconscientes a respeito dos papéis que esta criança irá desempenhar dentro dessa família.

Como já citado, para Gayol (2004) a codependência é um *Script* individual, familiar, social e cultural, que afeta mais as mulheres e que tem um caráter transgeracional.

Kertész (1987) enfatiza que o *Script* é grupal já que “é um plano inconsciente de conjunto de vida. Para que se cumpra, cada um deverá cumprir o papel complementar dos outros”. (p. 131)

Um exemplo perfeito disso é o já citado Triângulo Dramático de Karpman que corrobora com a afirmativa de que a adicção tem um caráter transgeracional e que a cura ou controle perpassa pelo ambiente familiar.

A prática da Análise Transacional no tratamento da adicção e codependência.

No tipo de contexto descrito anteriormente, faz-se necessário considerar distintos os papéis dos adictos e codependentes já que o adicto, assim como uma criança, não assume responsabilidades e é o codependente que, por sua vez, pega para si as responsabilidades, assumindo como suas as 'atividades alheias'.

O fato é que nos falta perceber que apesar de um viver na complementa-

ridade da ação do outro, tanto o adicto quanto o codependente são tomadores de conta, seu melhor papel na vida é cuidar dos outros.

Claramente vivem uma relação simbiótica dentro deste sistema que, para haver completude, precisam estruturalmente um atuar nos Estados de Ego Pai e Adulto uma boa parte do tempo e o outro no Estado de Ego Criança. No entanto, é preciso entender que eles vão, em outro momento, inverter esses papéis trocando, na relação, a submissão pela perseguição.

Para Schiff (1971), a Simbiose é revivida através dos Jogos como uma tentativa de reestabelecer o velho padrão simbiótico não resolvido da infância. O Jogo e Simbiose podem ser vistos também como uma tentativa de resolução do problema como uma expressão do potencial para a saúde que todos nós temos.

Gayol (2004), ao mostrar a visão da Análise Transacional, cita Schiff (Schiff *et al.*, 1975) e mostra a codependência como um *Script* que se manifesta mais frequentemente em mulheres que viveram perdas afetivas precoces. Na busca de preencher suas necessidades, reprimem suas próprias emoções e entram no Jogo da Salvação. O *Script* é mantido através de Comportamentos Passivos que, de fato, evitam a solução dos problemas, a saber: não fazer nada (através de negação), superadaptação (com a Salvação), agitação (repressão das emoções) e incapacitação ou violência.

O adicto em algum momento buscará papéis diferentes dentro do sistema. Ora irá salvar, ora perseguir e, muitas vezes, estará ocupando, assim como o codependente, sua posição preferida nessa triangulação, o papel de Vítima. A lógica dessa afirmativa está no fato de que tanto o adicto quanto o codependente são vítimas e algozes de si mesmos. Tanto um como o outro são hostis, controladores, manipuladores, dissimulados.

Os dois, de um modo geral, usam a raiva e hostilidade na tentativa de se proteger da dor. São controladores pela sensação básica de falta de controle, precisam controlar no outro aquilo que não conseguem controlar em si mesmo e também por acharem que cabe a eles esse controle. E, para tal, precisam manipular o ambiente sendo dissimulados, arrogantes, donos da verdade.

Os dois precisam lidar com o mesmo tipo de sofrimento.

Retomando a triangulação Salvador, Perseguidor e Vítima e a Posição Existencial, todos se enquadram perfeitamente e buscam reforçar suas crenças a respeito de si e do mundo usando esse padrão viciado como referência, na velha tentativa de reestabelecer a homeostase psíquica do sistema.

Para que a pessoa se sinta Vítima em qualquer tipo de triangulação ela precisa se ocupar do outro e também fará o possível para confirmar sua Posição Existencial básica. Irá desenvolver estratégias, em sua maioria, inconscientes para se manter nos Jogos e, com isto, continuar vivenciando e confirmando a cada dia seu *Script* de Vida e, por sua vez, a família também perpetuará seus papéis nesses Jogos para assim confirmar o *Script* do sistema.

A dependência química precisa ser cuidada, mas a dependência emocional deve ser olhada com mais atenção ainda, já que a adicção propriamente dita se resolve com a retirada do estímulo (álcool ou outras drogas) e a emocional, se não compreendida por quem a vive, permanecerá e se perpetuará nas futuras gerações como algo a ser seguido eternamente.

Para tanto, faz-se necessário que a família aprenda a se distanciar da obsessão da adicção para que possam responder de maneira diferente aos padrões comportamentais existentes, responsabilizando cada membro desse sistema pela interrupção dos padrões pré-estabelecidos.

É importante o fortalecimento do Adulto daquele membro familiar que está buscando ajuda para que ative seu potencial, suas habilidades e competências. Isso facilitará para que possa perceber suas necessidades e desejos e, a partir daí, comece a cuidar de si mesmo. O aumento da autoestima desse membro do sistema favorecerá o rompimento da Simbiose.

Ao facilitador cabe a função de diferenciar os papéis de cada membro e suas resultantes na adicção e codependência do sistema. Cabe ainda proporcionar as condições para o aprendizado e diferenciação de seus sentimentos e atitudes dos sentimentos e atitudes dos outros.

O terapeuta deve trabalhar esse tipo de grupo de maneira cautelosa, pois a toxidade presente em alguns de seus membros ajuda a intensificar as defesas do sistema. É necessário encorajar a família a falar sobre essa relação para que denunciem os Jogos presentes e criem maneiras mais saudáveis de se relacionar.

Os Jogos de terceiro grau não devem ser interrompidos abruptamente, pois, corre-se o risco de haver um colapso físico e psíquico do adicto e do codependente. Esse processo é paulatino, com Contratos que interrompam os Jogos mais nocivos até chegar nos de menor grau.

Steiner (1978) alerta para o fato de que o terapeuta precisa estar atento para que o convite para a mudança e engajamento no processo terapêutico seja feito pelo Adulto do terapeuta e não pelo Pai Crítico Perseguidor, pois esse é o ponto inicial do Jogo do Alcoólatra. Ele defende que é necessária Permissão para a Criança parar de beber.

É importante também ser Potente para dar Permissão para o codependente se afastar do vício alheio, Permissão para que fortaleça o Estado de Ego Adulto, que o Pai Nutridor proteja a Criança, para que, mesmo com medo, siga adiante.

O trabalho terapêutico com qualquer uma das partes facilitará o rompimento do circuito simbiótico. O outro terá maior chance de fazer o mesmo.

Considerações Finais

*Concedei-me, Senhor,
A serenidade necessária
Para aceitar as coisas que não posso modificar.
Coragem para modificar as que posso
E sabedoria para distinguir uma das outras.*
(Oração da Serenidade)

Realizando acompanhamento em consultório há mais de dez anos uma gama de pessoas que trazem como queixa tanto o vício como as relações viciadas dentro do sistema familiar e, além daquilo que trago como carga transgeracional em minha própria história de vida, fez-me ter olhos e ouvidos mais atentos a essa questão.

A Análise Transacional, por ter como premissa básica ser de fácil compreensão e ensinar a importância da atuação autônoma do indivíduo, ajudará a todos os envolvidos a compreender que o caminho para este 'estado' perpassa pela conscientização e distanciamento, sendo este necessário para que cada um dos envolvidos busque sua Autonomia como principal expressão de sua Consciência, Espontaneidade e Intimidade.

Com o fortalecimento do Estado de Ego Adulto o indivíduo passa a ter mais consciência de suas necessidades e limitações e conseguirá depois de um tempo viver sua própria vida, seus próprios sentimentos, suas próprias dores e abrirá espaço para que as pessoas a sua volta também vivam suas próprias experiências.

Vale ressaltar a importância de pesquisas como a que foi feita por Gayol que investigou a codependência como um comportamento de submissão no relacionamento, tanto como um *Script* cultural quanto como um *Script* de gênero para mulheres.

Pode-se afirmar que, assim como na adicção, a codependência também

possui a possibilidade de controle e não cura, logo os dois precisam ser tratados da mesma maneira: um dia por vez, trazendo seus objetivos para o aqui e agora.

Referências Bibliográficas:

- BEATTIE, Melody. Codependência nunca mais. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.
- BERNE, Eric. Análise Transacional em psicoterapia. São Paulo: Summus, 1985.
- BERNE, Eric. O que você diz depois de dizer olá?: A Psicologia do Destino. São Paulo: Nobel, 1995.
- BERNE, Eric. Os Jogos da vida: Análise Transacional e o Relacionamento entre as Pessoas. São Paulo: Nobel, 1995.
- CASTILHO, Tai. Temas em Terapia Familiar. São Paulo: Plexos, 1994.
- CREMA, Roberto S. Manual de Análise Transacional. Brasília: Teledata, 1982.
- ERNST, Franklin H. O Curral OK. TAJ, v.1, 1971. Publicado em Prêmios de Eric Berne, UNAT-BRASIL, 2010.
- GAYOL, Gloria N.. Codependence a transgenerational Script. TAJ, V. 34, N° 4, outubro 2004, p.312-322.
- KALINA, Eduardo. Drogadição II. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- KARPMAN, Stephen B. Contos de fadas e análise do drama dos Scripts. TAB, 7(26), 1968. Publicado em Prêmios de Eric Berne, UNAT-BRASIL, 2010.
- KERTÉSZ, Roberto. Análise Transacional ao vivo. 2ª Ed. São Paulo: Summus, 1987.
- NORWOOD, Robin. Mulheres que amam demais. São Paulo: Siciliano, 1998.
- OLIVENSTEIN, Claude. O destino do toxicômano. São Paulo: Almad, 1985.
- SCHIFF, Aron Wolfe; SCHIFF, Jacqui Lee. Passividade. TAJ, v.1, 1971. Publicado em Prêmios de Eric Berne, UNAT-BRASIL, 2010.
- STEINER, Claude. Alcoholismo: Una aplicacion practica del Analisis de Transaccion. 2ª Ed. Miguel de Quevedo: V Siglos, 1978.
- WOOLAMS, Stan e BROWN, Michael. Manual completo de Análise Transacional. São Paulo: Cultrix, 1979.

Magdala Paz Martins

Psicóloga clínica graduada pelo UNICEU em 2003 (CRP 01-9587).

Psicoterapeuta com especialização em Análise Transacional pela UNAT BRASIL/JK.

Trabalhou com jovens em conflito com a lei e como gerente de casa de acolhimento para jovens em situação de abandono e seus familiares.

Em clínica desenvolve trabalho como psicoterapeuta de jovens e adultos, com foco em ansiedade, dependência química e emocional.

Email: magdalapaz@gmail.com

TECENDO OS LAÇOS E DESATANDO OS NÓS: ANÁLISE TRANSACIONAL ATRAVÉS DO PATCHWORK

Marialba Gomes

Resumo: Os processos de criação, apesar de singulares, são regidos por princípios universais e arquetípicos; são materiais expressivos que possuem propriedades terapêuticas que devem ser conhecidas e respeitadas.

Este artigo mostra a relação do *patchwork*, a arte de unir retalhos, uma atividade lúdica e utilitária com muitos significados, com a teoria da Análise Transacional representada sob a forma de trabalhos manuais. O objetivo é tecer considerações sobre o uso do Patchwork como recurso terapêutico sob o enfoque psicológico da Análise Transacional. Relatamos uma reflexão teórica sobre a arteterapia a partir de um grupo de mulheres que realizam *patchwork*, dando significado aos trabalhos por meio dos temas da Análise Transacional. A proposta deste grupo é promover a consciência, a espontaneidade

e intimidade. Resgatar a importância da arte na Estruturação do Tempo, na obtenção de Carícias e no autoconhecimento. A parte lúdica do trabalho, relacionamos com os estudos de Winnicott sobre a importância do brincar em qualquer etapa da vida. Comparamos o ato de brincar com os Jogos Psicológicos, como sendo uma ponte para se chegar na Intimidade. Concluímos que um processo arteterapêutico bem-sucedido depende da harmonia de um complexo conjunto de variáveis, como o material de arte, o conteúdo do sonhar, sentir, pensar, atuar, expressar e fantasiar, que facilitam a ideia de si mesmo por reproduzirem a interioridade do indivíduo que os realiza.

Palavras chave: Análise Transacional. Arteterapia. Patchwork. Brincar. Reconhecimento.

Abstract: The processes of creation, although singular, are governed by universal and archetypal principles; they are expressive materials that have therapeutic properties that must be known and respected. This article shows the relationship of patchwork, the art of patching together, a playful and utilitarian activity with many meanings, and the theory of Transactional Analysis represented in the form of manual work. The objective is to make considerations about the use of Patchwork as a therapeutic resource under the psychological focus of Transactional Analysis. We report a theoretical reflection on art therapy from a group of women who perform patchwork, giving meaning to the works through the themes of Transactional Analysis. The purpose of this group is to promote awareness, spontaneity and intimacy. Rescue the importance of art in Structuring Time, obtaining Caresses and self-knowledge. The playful part of the work, we relate to Winnicott's studies on the importance of playing at any stage of life. We compare playing with the Psychological Games as a bridge to intimacy. We conclude that a successful art therapy process depends on the harmony of a complex set of variables, such as art material, the content of dreaming, feeling, thinking, acting, expressing and fantasizing, which facilitate

the idea of oneself by reproducing interiority of the individual who performs them.

Keywords: Transactional Analysis. Art therapy. Patchwork. Play. Recognition.

Introdução

O trabalho teve inspiração através da experiência pessoal com a atividade de *patchwork*, como uma forma de Estruturação do Tempo no momento de crise e mudanças na vida.

Observei que era um meio de não ficar passiva, de dar e receber Carícias, de manter relações afetivas, de confeccionar presentes com significado e presentes personalizados. O envolvimento com o trabalho, com um objetivo de criar para uma finalidade, estimula a vivência do aqui e agora. Como em toda atividade, a energia se encontra no Estado de Ego Adulto na maior parte do tempo e reduz os Diálogos Internos e os sentimentos desagradáveis.

A ocupação do tempo com uma atividade prazerosa possibilitou resultados com beleza, bem-estar e gratificação nos relacionamentos.

O *patchwork* é uma arte que tem regras e medidas, tem a combinação das cores, tem os motivos e tem as finalidades. É uma técnica milenar de artesanato manual que traz um desenvolvimento pessoal, um envolvimento com a criatividade e uma concretização de objetivos.

A organização dos elementos, os materiais empregados, os modelos escolhidos pelo gosto pessoal fazem uma composição única, uma produção personalizada, tendo a integração como resultado final.

Todo o processo que envolve esse trabalho, a decisão da peça que será feita, a escolha do tecido, as cores, mobilizam o indivíduo para trabalhar com opções.

A arte, o lúdico acompanhado da razão para coordenar a obra com o uso de medidas exatas, desenvolve a disciplina, o exercício da paciência e da atividade racional.

A Análise Transacional é uma teoria da personalidade e de ação social e um método clínico de psicoterapia, criada pelo psiquiatra canadense Eric Berne (1910-1970).

Berne legou-nos quatro paradigmas básicos, denominados: Análise Estrutural e Funcional da Personalidade, Análise das Transações, Análise dos Jogos Psicológicos e Análise de *Script* de Vida.

A Análise Estrutural-Funcional é a proposta de um modelo demonstrável de personalidade; a Análise das Transações refere-se a um modelo de comunicação, da relação social; a Análise dos Jogos diz respeito aos padrões comunicacionais enfermos e com motivação oculta. Estes três instrumentos destinam-se ao objetivo básico e inicial de se obter o controle social da conduta. A análise de *Script* aprofunda-se nos planos e dramas de vida não conscientes que são representados compulsivamente, que a linguagem popular denomina “destinos”, objetivando a meta da Análise Transacional: a autonomia (Crema, 1985).

Cornell (2008) quando fala de Jogos como forma de estruturar o tempo e organizar, refere que Berne (1964) conceituou Jogos como sendo aspectos parentais de organizar o contato social. Argumentou que as pessoas em estado de Isolamento podem estruturar o tempo em duas formas: atividade ou fantasia. E uma pessoa em contatos sociais terá as seguintes opções de estruturar o tempo: Isolamento, Rituais, Atividades, Passatempo, Jogos e Intimidade. Estas formas de organizar o tempo incluem riscos e satisfações, propiciam regular tensões, diminuir a ansiedade, prover Carícias e manter o equilíbrio interno.

Para Winnicott (1971) a capacidade de brincar advém da construção do desenvolvimento e cria um ambiente de imaginação e exploração das relações humanas.

Cornell (2000) explora a possibilidade de brincar ser conceitualizado como a sétima forma de Estruturação do Tempo definido por Berne, sendo uma ponte entre Jogos Psicológicos e Intimidade.

Cowles-Boyd e Boyd (1980) compararam e contrastaram a estrutura e função do ato de brincar com os Jogos Psicológicos. Entendemos então, que brincar é tentar obter novas experiências com novas opções para desenvolver um novo P2 e outro sistema de crenças para facilitar a mudanças. Criando interações que podem aproximar as pessoas da espontaneidade e da intimidade.

A energia da brincadeira estimula *insights* emocionais e intelectuais com sentimentos positivos no desfecho final.

É com essa energia do lúdico e da criatividade que os conceitos da Análise Transacional são discutidos e vivenciados no grupo.

O objetivo do trabalho é tecer considerações sobre o uso do *Patchwork* como recurso arteterapêutico sob o enfoque psicológico da Análise Transacional.

A História do Patchwork

O *patchwork* e o *quilt* são trabalhos manuais muito antigos. Desde a época dos Egípcios antigos já vemos faraós usando roupas de *patchwork* e de *quilt*, desenhados nas paredes das pirâmides.

Na Europa, durante a idade média, roupas de *quilts* eram feitas de sobras de tecidos para serem usadas como proteção embaixo das armaduras de ferro. Naquela época também eram feitas colchas para aquecimento, era uma confecção mais utilitária. O *patchwork* e *quilt* espalharam-se por diversos países da Europa como Inglaterra, Alemanha, França e Itália.

Os peregrinos, colonizadores dos Estados Unidos, que fugiam da Inglaterra devido a perseguição religiosa, levaram este artesanato para o Novo Mundo. Estes colonizadores eram muito rígidos e as mulheres eram incentivadas a fazer trabalhos manuais para que o demônio não tivesse espaço em suas mentes. Estas mulheres só tinham permissão para sair de casa para ir à igreja ou para ir às reuniões de quilteiras (*quilting bees*).

O *patchwork* teve importante atuação na socialização das mulheres norte-americanas. Elas não tinham conhecimento de leitura e com poucas alternativas sociais elas se reuniam para o trabalho. Nestas reuniões elas faziam colchas, roupas e cortinas de retalhos de sobras de roupas ou mesmo de roupas velhas, porque não tinham dinheiro, nem onde comprar tecidos. Para tornar os trabalhos interessantes e demorados, elas começaram a criar alternativas de técnicas e funções para as peças.

Em vez de costurar os retalhos de quilteiras pioneiras, planejavam e costuravam formando padrões muito artísticos dando vazão às suas ambições, desejos, sentimentos, um retrato da alma e até mesmo suas posições políticas, já que não tinham direito a voto. Naquela época, todas as mulheres deveriam fazer 12 *quilts* antes de se casar (um *quilt* mês do ano) e só então estariam prontas para casar. Às vezes elas contavam, por meio de aplicações e desenhos, histórias sobre a sua infância, retratavam um encanto ou uma lembrança boa. Com o *quilt*, ato de passar a costura entre dois tecidos para formar um volume, o *patchwork* mostrou-se ainda mais especial.

Para as mulheres que viviam em lugares isolados era uma ferramenta de sobrevivência, um escape social e a única forma de expressão criativa. Um escape social devido a coona montagem dos itens grandes, como colchas, que era um motivo para convidar vizinhas a se juntar para alguma conversa, prazer e simpatia mútua enquanto usavam suas agulhas.

Com a invenção da máquina de costura caseira em 1846, o *patchwork* e o *quilt* passaram a ser feitos tanto à máquina quanto à mão. Após a segunda guerra mundial houve um esquecimento, quando diversas mulheres foram trabalhar em indústrias e no comércio.

Na década de 70 houve um ressurgimento, quando foram desenvolvidos diversos acessórios. E hoje em dia é considerado mais que um artesanato, é considerado também uma arte.

Existem hoje, nos Estados Unidos, museus e galerias de arte especializadas no *patchwork* e no *quilt*. Durante o Brasil colonial e imperial, ficaram limitados aos escravos que usavam os retalhos das sobras das roupas de seus senhores, assim como roupas velhas, para fazer cobertas e roupas. Somente durante a república e com a imigração europeia de italianos, alemães e posteriormente ingleses e americanos, passaram a ser mais difundido aqui no Brasil.

O clima quente e a preferência do brasileiro por artes manuais de fios e linhas, como crochê, bordados e rendas não incentivavam a atividade de quilting. Entretanto, o *patchwork* encontrou aqui diferentes formas de apresentação. O fuxico, de idade secular, tem sua criação atribuída aos escravos africanos, porém se popularizaram dentro do universo do *patchwork* no início do século XX. Um pequeno círculo colorido, com as extremidades alinhavadas e franzidas inspira a criação de pequenos enfeites e adereços até a composição de peças grandes como colchas. O fuxico é um artesanato de *patchwork* típico presente em todas as regiões brasileiras.

O termo “fuxico” em português é sinônimo de “fofoca” e, segundo o folclore local, recebeu esse nome porque as mulheres se reuniam para costurar e “cochichar” sobre a vida alheia.

As bonecas de trapo também fazem parte da cultura brasileira, representam figuras mitológicas, do cotidiano, manifestações folclóricas e culturais.

Também podemos destacar as colchas de retalhos confeccionadas principalmente pela população da zona rural, sem a preocupação formal de criação de imagens, retalhos reunidos de forma aleatória para formar colchas utilitárias.

No início dos anos 90 alguns grupos de mulheres da classe média começaram se reunir formando os clubinhos do *patchwork*, com aulas, projetos individuais e coletivos, com toda a influência norte americana.

E assim, popularizou-se no Brasil e atualmente tornaram-se criações exclusivas, graças à poesia de sua história e à beleza de seus efeitos. O

patchwork permanece tão popular devido a sua versatilidade, é uma das poucas áreas de expressão que tem força para unir e satisfazer os que amam o usável e os que amam a beleza, os que amam o passado e os que olham o futuro.

No filme "A Colcha de Retalhos" tem-se a ideia sobre a prática do *patchwork*. Discorre sobre os dramas da vida de várias mulheres e a importância da expressão artística para dar vazão as emoções.

Mulheres na terceira idade reunidas com o objetivo de realizarem o trabalho a arte de unir retalhos. Todas tendo sua história, suas dores e frustrações, seus amores, representados numa colcha.

Por meio da colcha de histórias, as lembranças de cada uma, facilitaram a elaboração e a aceitação dos seus conflitos.

Por meio da atividade cooperativa mantinham o relacionamento no grupo. Uniram-se para terminar a colcha, tinham um objetivo em comum. Aparece a necessidade de obedecer às regras e também a coragem para fugir das regras e obedecer aos instintos, entrando em harmonia com as cores.

Aparece a expressão das emoções por meio da arte, quando a mulher traída quebra todo seu quarto e depois faz um mural na parede colando os cacos, procurando curar seu coração ferido.

Com a idade avançada, elas buscam na arte de tecido, a convivência e a dinâmica do relacionamento do grupo.

A arte de fiar nos leva fazer correlações com a mitologia. Os mitos atemporais e eternos estão presentes na vida de cada ser humano, somos todos deuses e heróis da nossa própria história.

"Texto" em latim é "tecido", e "palavra", portanto, é o fio que tece a alma. Desde as primeiras letras, o homem já havia entendido isso, e a noção de que o conhecimento, a verdade e o comprometimento moral da humanidade estão intimamente ligados a esse manto que vem de longe. Quando se diz "confio na tua palavra", quer dizer que minha consciência se liga à tua pelos fios que tu tens cuja qualidade acredito ser boa e não vai permitir que esses mesmos fios se quebrem.

Na Grécia antiga, temos o mito de Atena, a deusa da sabedoria e da fertilidade. Atena é exímia tecelã, a mais primorosa, a perfeita fiadora, a mais inteligente das deusas, filha predileta de Zeus, intocada, e isenta de repreensões pelo deus dos deuses. Em Odisséia, Homero registra Atena como a guardiã da justiça, a protetora dos justos. E o que são as leis humanas senão palavras?

Atena está presente nos momentos mais críticos de Ulisses, e está sempre ao lado de Penélope, a esposa fiel do astuto herói. Penélope esperou por dez anos a volta de Ulisses da Guerra de Tróia. Quando este estava ausente, a casa de Penélope vivia cheia de pretendentes atrevidos, que queriam se casar a qualquer custo com a bela senhora. O que ela fazia para se proteger, à espera de seu marido? Dizia aos homens que escolheria um pretendente assim que terminasse de tecer um sudário para Laerte, pai de Ulisses, e todas as noites desfazia tudo que já havia tecido. O que é isso senão a astúcia da palavra? Os homens confiavam nela, acreditavam naqueles fios, que eram apenas metáforas para uma enganação, justa, afinal, não dava “ponto sem nó”. O que Penélope fazia, na verdade, era uma espécie de esboço do que hoje se pode chamar de “conversa fiada”.

Ainda falando de tecelãs, trazemos a lenda de Arachne para ilustrar o relacionamento com a mitologia.

A disputa clássica na vida de Atena, no entanto, foi contra uma mortal, Arachne, talvez uma princesa, mas que aparece na mitologia como um tipo de doméstica. Arachne tecia muito bem, maravilhosamente, a ponto de dizerem que era a própria deusa das habilidades, Atena, a havia ensinado. Mas Arachne negava tal fato e retrucava que poderia produzir uma rede muito superior a qualquer coisa que Atena fizesse e assim desafiou a deusa.

Atena transformou-se em uma velha e foi procurar Arachne, para aconselhá-la a não desafiar um deus. Mas Arachne ficou e manteve seu desafio. E então veio o confronto. Ambas teceram rapidamente, mostrando uma habilidade incrível, e a própria disputa se fez de modo tão fantástico que parecia uma homenagem ao trabalho. No produto de Atena, as figuras tecidas mostravam os deuses, imponentes, mas desgostosos com a presunção dos mortais. No produto de Arachne, as figuras exemplificavam erros dos deuses - tudo em forma de deboche. A deusa Atena em cólera despedaçou a tapeçaria de Arachne onde os divinos e nefandos crimes se exibiam, e bateu-lhe no rosto, três ou quatro vezes, com a lançadeira que tinha nas mãos. Arachne desesperada correu a enforcar-se, mas, no momento em que se suspendeu Atena impediu-a de morrer e transformou-a em aranha, suspensa pelo fio.

O mito de Penélope mostra uma das mais claras e populares imagens da feminilidade, da pessoa que espera pelo amor e enquanto espera, pacientemente, borda, tece, junta os fios e as cores. A referência à difícil trama dos tapetes, do desencontro dos fios e da combinação das cores, nos reporta aos acontecimentos da própria existência, tecidos por uma dolorosa memória,

como nos fala de criação, invenção e a possibilidade de conhecer novos caminhos. A tela que Penélope tece tem o objetivo de protegê-la e aquecê-la. Ela tece para cuidar de si mesma em seus piores momentos de solidão, tece seu sentimento de abandono. Enquanto espera, desfaz os pontos antigos, cria outros desenhos, novas matizes à espera de si mesma. A espera é uma contagem regressiva da esperança que Penélope coloca nos laços e nós de sua tapeçaria. E a “Tela de Penélope” passou a ser a expressão proverbial, para designar qualquer coisa que está sempre sendo feita, mas nunca termina.

Os simbolismos desses mitos fazem parte da análise deste trabalho de arte em tecer com retalhos, assim como o resgate desse feminino que vem se perdendo ao longo dos anos. Associamos a mitologia com a análise do *Script* de vida sob o enfoque da Análise Transacional.

A ideia geral de que as vidas humanas seguem padrões encontrados nos mitos, fábulas e contos de fadas foi bem elaborada por Campbell. Ele baseia seu pensamento psicológico principalmente em Jung e Freud. As ideias mais conhecidas de Jung neste contexto são os Arquétipos (que correspondem às figuras mágicas no *Script*) e a Persona, o estilo em que o *Script* é representado (Berne, 1988).

Arteterapia

A arteterapia é o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. Esta é uma definição ampla, pois pressupõe que o processo do fazer artístico tem o potencial de cura quando o cliente é acompanhado pelo arteterapeuta experiente, que com ele constrói uma relação que facilita a ampliação da consciência e do autoconhecimento, possibilitando mudanças.

O processo criativo envolvido na atividade artística é terapêutico e enriquecedor na qualidade de vida das pessoas. Por meio do criar em arte e do refletir sobre os processos e os trabalhos artísticos resultantes, pessoas podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, aumentar a autoestima, lidar melhor com os sintomas, o estresse e as experiências traumáticas, bem como desenvolver recursos físicos, cognitivos, emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico.

A arteterapia tem como principal objetivo atuar como um catalisador favorecendo o processo terapêutico, de forma que o indivíduo entre em contato com os conteúdos internos e muitas vezes inconscientes, normalmente barrados

por algum motivo, assim expressando sentimentos e atitudes até então desconhecidos. Propõe-se então, a estruturação da ordenação lógica e temporal da linguagem verbal, de indivíduos que preferem ou de outros que só conseguem expressões simbólicas. Oferece um olhar que permite a adoção de novas posturas e a ressignificação da vida, dedicando-se à construção de uma existência mais gratificante.

A expressão artística, dentre outras possibilidades, pode levar indivíduos de diferentes idades a se perceberem com mais propriedade no "aqui e agora". A percepção torna-se de tal forma sensível que ela nos leva a *insights* facilitadores de contato. Contato com o que é e com o que gostaria que fosse.

Do existencialismo, a arteterapia assimilou a noção de que o homem é um ser de responsabilidade; um ser em permanentemente mutação. Enfim, um ser de relação. Nesta perspectiva é possível ser novo a cada dia, ser responsável na construção de seu projeto existencial.

Da fenomenologia, considera a realidade tal como ela se apresenta no "aqui agora", sendo só a partir disto que tenta compreendê-la. Descrever é mais importante que interpretar: o como precede o porquê. A vivência imediata é essencial, tal como é percebida ou sentida corporalmente; é a experiência única de cada um. Fenômeno implica em totalidade.

Da Gestalt, mantém o postulado de que o todo é diferente da soma das partes. Assim, a busca não deve incidir sobre os seres, mas sobre as relações entre eles.

A arteterapia, embora antiga, foi reconhecida como tratamento auxiliar da Medicina apenas no século XX. Freud (1856-1939), já apontava o papel da arte no processo terapêutico.

O psiquiatra suíço Carl G. Jung (1875-1961) foi quem, no começo do século XX, começou a usar a arte como recurso terapêutico com os próprios pacientes. Dois pioneiros no Brasil, na primeira metade do século XX, foram o médico Osório César e a psiquiatra Nise da Silveira (1906-1999), que desenvolveram seu trabalho em hospitais psiquiátricos. Hoje é usada em todo o mundo e ganha mais espaço também aqui.

Também colaborou para o estabelecimento da arte na terapia o pediatra e psicanalista inglês Donald Winnicott (1896-1971).

Winnicott contribuiu também com o conceito de brincar na terapia, segundo ele o brincar é essencial porque é através dele que se manifesta a

criatividade (Winnicott, 1975). Podemos dizer que o relaxamento que nasce de experiências de confiança é a base para a atividade criativa que se manifesta na brincadeira. É no brincar e talvez apenas no brincar que a criança e o adulto experimentam liberdade suficiente para criar e criar-se.

Análise Transacional

O interesse básico da Análise Transacional é o estudo da Análise Estrutural e Funcional da personalidade por meio dos Estados de Ego, que são sistemas coerentes de pensamento e sentimento manifestados por padrões de comportamento correspondentes.

Assim, com base na sua concepção sistêmica tripartida da personalidade humana, constituída pelos órgãos psíquicos e suas respectivas manifestações fenomenológicas e operacionais, os Estados de Ego Pai, Adulto e Criança, Berne (1964) parte do princípio da origem e destino dos estímulos e respostas, isto é, que qualquer estímulo se origina em um dos três Estados de Ego do emissor e é enviado a um dos três Estados de Ego do receptor, e a resposta segue o mesmo princípio. São as Transações, explicando a comunicação interpessoal e seus efeitos sobre a natureza do relacionamento entre as pessoas.

Qualquer teoria completa de comportamento necessita de uma explicação da motivação, a força motora, a energia que causa o comportamento. Berne (1964) explica por que as pessoas se engajam em Transações, falando da necessidade de estimulação. Criou o conceito de "fome de estímulo", "fome de reconhecimento", "fome de estrutura", o desejo de situações sociais nas quais o reconhecimento e, por meio dele, estimulações variadas poderão ser obtidas. Ambas, fomes de estímulo e de estrutura encontram uma maior elaboração na fome existencial, o desejo de significado. Assim, toda sequência transacional e todo Jogo apresentam três tipos de desfecho ou de motivação para seu desempenho: biológico (estimulação), social (estrutura) e existencial (significado).

Berne (1964) enfatiza o conceito de "Carícias" que pode ser definido como a unidade de reconhecimento. As pessoas se comunicam com a intenção de atender a necessidade de "programação", com a tendência de interagirem segundo padrões aprendidos a fim de receberem o tipo de reconhecimento (Carícias) necessário para a confirmação das crenças a respeito de si mesmas, dos outros e do mundo à sua volta. Este processo tende a reforçar, não-conscientemente, a Posição Existencial básica das pessoas e levar adiante o seu *Script* (programa inconsciente de vida).

Então, as Carícias são uma fonte particularmente poderosa de estimulação humana. Carícias são obtidas através da Intimidade, Passatempos, Atividade ou Jogos Psicológicos (conflitos). Buscamos Carícias positivas e negativas. A tarefa do terapeuta é ajudar o cliente buscar e dar Carícias positivas.

A Intimidade bilateral é definida como um relacionamento livre de Jogos, de um dar e receber livre e sem explorações. A Intimidade pode ser unilateral, pois uma das partes poderá ser pura e dar-se livremente enquanto a outra é desonesta e aproveitadora.

As atividades sexuais oferecem exemplos que abrangem todo o espectro do comportamento social. Podem ocorrer no Isolamento, ser parte de uma cerimônia ritualística, estar presente num dia de trabalho, ser um Passatempo ou constituir atos de real Intimidade.

Os Rituais são intercâmbios altamente estilizados que poderão ser informais ou formalizados em cerimônias que são completamente previsíveis, programados pela tradição e costumes sociais. As Transações constituídas pelos Rituais fornecem pouca informação, sendo mais sinais de mútuo reconhecimento. E o Isolamento, no qual as pessoas não se comunicam abertamente uma com a outra, permanecem envoltas em seus próprios pensamentos.

Essas formas de ação social são maneiras de Estruturar o Tempo objetivando evitar o tédio e, concomitantemente, extrair a maior satisfação possível de cada situação.

Toda pessoa possui um plano de vida pré-consciente ou *Script*, por meio do qual estrutura planos mais longos de tempo - meses, anos ou toda uma vida, preenchendo-os com atividades, rituais, passatempos e jogos que levam adiante o seu *Script*, dando-lhes satisfação imediata comumente interrompida por períodos de isolamento e, às vezes, episódios de intimidade (relações afetivas).

Scripts baseiam-se, em geral, em ilusões infantis que poderão persistir toda uma vida.

As tentativas de manter as ilusões de *Script* levam à depressão, ou abandonar todas as ilusões poderá levar ao desespero.

Estruturar o Tempo é um termo objetivo para designar os problemas existenciais do que fazer após ter dito olá (BERNE, 1988).

Relato da Experiência do Grupo

O primeiro módulo do nosso trabalho: Estados do Ego.

Após a explicação teórica sobre os Estados do Ego segundo a teoria da Análise Transacional, convidamos as participantes do grupo a confeccionarem pequenos bonecos de “fuxico” representando o seu pai, a sua mãe, ela adulta e ela quando criança (Fotografia 01).



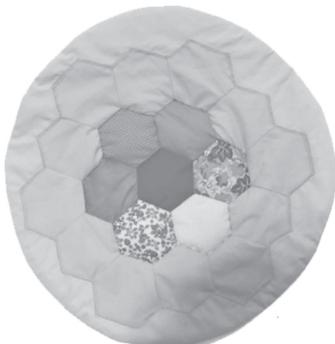
Fotografia 01 - Bonecos de “fuxico” representando o seu pai, a sua mãe, ela adulta e ela quando criança.

O grupo brinca com essa atividade e aparecem as características de cada personagem, as cores, as roupas, cabelos e principalmente os comportamentos. Exploramos os sentimentos, as identificações e o entendimento sobre a sua personalidade.

A experiência com os bonecos aconteceu em vários encontros, primeiro para fazer, depois usamos os personagens para dramatizações com o objetivo do autoconhecimento.

Outra atividade sobre o mesmo tema: confecção de três almofadas representando Pai, Adulto e Criança.

1. Estado do Ego Pai: técnica de *patchwork* representando uma constelação familiar (Fotografias 02 e 03).
2. Estado do Ego Adulto: técnica de *patchwork* com linhas retas simbolizando o racional (Fotografia 04).
3. Estado do Ego Criança: desenho livre representando algo da sua infância, depois a aplicação em tecido (Fotografia 05).



Fotografias 02 e 03 - Estado do Ego Pai: técnica de patchwork representando uma constelação familiar.



Fotografia 04 - Estado do Ego Adulto: técnica de patchwork com linhas retas simbolizando o racional.



Fotografia 05 - Estado do Ego Criança: desenho livre representando algo da sua infância, depois a aplicação em tecido.

Trabalhamos para que essa representação estimule a consciência sobre a catexia dos Estados do Ego, quanto tem de energia e fluidez.

As participantes do grupo relataram que deixam as almofadas no seu ambiente mais íntimo, poltrona de leitura, poltrona do quarto, facilitando entrar em contato consigo mesmas (Fotografia 06).



Fotografia 06 - Almofadas criadas por uma participante do grupo, deixadas na poltrona do seu quarto.

Assim com todos os conceitos da teoria da Análise Transacional, realizamos uma arte e por fim montamos uma manta ou colcha, fazendo a integração.

A partir de uma atividade, chegamos na discussão dos temas e os processos que acontecem no grupo.

Na história do patchwork as mulheres se reuniam para fazer um trabalho e falar sobre suas experiências, emoções e ressentimentos, assim como acontece neste grupo. Os Jogos Psicológicos são dinamizados com as opções de mudanças, aproveitando o brincar para mudar. A parte lúdica do trabalho possibilita melhor entrosamento entre as participantes e um autoconhecimento sem resistência em vivenciar os temas apresentados.

Durante a confecção das peças, aparecem os Compulsões, Crenças, Posições Existenciais, Competição, Cooperação. Temas que são trabalhados durante as vivências no grupo.

Tanto a Arteterapia como a Análise Transacional se caracterizam no trabalho terapêutico pela maneira fenomenológica, pelo que é observável, na expressão do “aqui e agora”.

A arteterapia possibilita explorar com facilidade o Estado do Ego Criança da personalidade. Na arte acontece a livre expressão das experiências emocionais, os sentimentos guardados, possibilitando a compreensão da criança de “lá e então” que muitas vezes está presente no hoje em nossas vidas, sem estarmos conscientes.

O uso da arte como terapia implica que o processo criativo pode ser um meio tanto de reconciliar conflitos emocionais, como de facilitar a autopercepção e o desenvolvimento pessoal. (FABIETTI, 2004).

Consciência, espontaneidade e intimidade, premissas básicas da Análise Transacional, norteiam qualquer atividade artística.

Observamos também que a arte desenvolve habilidades com o Estado do Ego Adulto quando lidamos com opções e escolhas.

O Estado do Ego Pai, herança dos nossos pais, são os modelos que impõem os deveres e valores e influenciam o indivíduo ao fazer uma crítica sobre si e sobre os outros, causando tanto a inibição como a permissão da espontaneidade e da criatividade. A liberdade de expressão da arte alivia a rigidez de comportamentos. O objetivo é fazer arte para si mesmo, deixando despertar o potencial criativo. Não se busca o julgamento, mas a escuta da voz interior. As diferenças são valorizadas e as potencialidades encorajadas. Enfatiza-se a necessidade de arriscar, experimentar e ousar.

Winnicott (1971) refere que o ato de brincar também pode trazer perdas e prejuízos pelo fato que se brinca com outras crianças e pessoas que possuem outras capacidades físicas e emocionais, outros interesses, outras visões de mundo, que também querem ser agradadas e atendidas, com experiências para controlar e manipular outras pessoas e os objetos do ambiente. Essa é a magia do brincar, acessar com intensidade a relacionamentos que impõem uma realidade agradável ou não.

Berne (1964) sugeriu que a Intimidade não é fácil de suportar e Winnicott (1971) ligou o ato de brincar como uma busca de Intimidade. Focaliza a ideia que brincar teria a função de se auto descobrir, descobrir seu próprio *self* e também gradualmente se descobre e se reconhece os outros.

As fronteiras entre Jogos Psicológicos, brincar e Intimidade são bastante permeáveis. O brincar seria um caminho natural e uma ponte, porém arriscados, entre Jogos Psicológicos e Intimidade.

O brincar possui muitas variações de significados e foi o que constamos neste trabalho de grupo com o patchwork.

Brincar é expressar-se. Tornar público a si próprio. Brincar é explorar ideias e possibilidades. Brincar implica em papéis. Brincar é improvisar. Brincar pode ser perigoso (Jogos Psicológicos).

Pretendemos brincar com o patchwork, representar simbolicamente as diversas partes do indivíduo, sua “colcha de retalhos”, que se integram formando um todo na individualidade, enfatizando a importância da reconstrução e da transformação.

Priorizamos neste trabalho o conceito de Carícias, preenchendo com essa atividade as fomes de estímulos e de reconhecimento. Observamos as pessoas doando algo de si para o outro e para si mesmo, elevando sua autoestima.

Considerações Finais

O grupo foi formado para aprender uma arte dirigida, com retalhos de tecido, associada com uma teoria sobre a estrutura da personalidade e a maneira como os relacionamentos acontecem na nossa vida.

Consideramos a prática do patchwork uma arte por si só terapêutica no sentido de desenvolver habilidades, a criatividade, uma atividade que para alguns pode dar um sentido na vida saindo da passividade e estruturando seu tempo de maneira positiva.

Essa atividade com seus significados propiciou o autoconhecimento com o entendimento sobre os mecanismos psicológicos do indivíduo assim como a liberação do potencial criativo como uma forma de Estruturação do Tempo, de dar e receber Carícias.

As pessoas que fazem *patchwork* descobrem o sentido do trabalho em grupo, descobrem que não podem se isolar e que se juntarem os seus conhecimentos, descobrem novas técnicas, novos estímulos e muitos relacionamentos.

No decorrer das atividades e de acordo com a duração do grupo, cada vez mais ocorre a Intimidade tão necessária na vida afetiva.

“Tecendo os laços e desatando os nós”. Confiando, caminhamos para mudanças mesmo com muitas “conversas fiadas”. E sabemos que não daremos “pontos sem nós”!

Referências Bibliográficas:

BERNE, Eric. O que você diz depois de dizer olá? A psicologia do destino. São Paulo: Ed Nobel, 1988.

BERNE, Eric. Os jogos da vida: análise transacional e o relacionamento entre pessoas. São Paulo: Nobel, 1995.

BRANDÃO, Junito. Mitologia Grega. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 2009.

CORNELL, William F. Play at your own risk: games, play and intimacy. Transactional Analysis Journal, Oakland, v. 45, n.2, p.79-90. April, 2015. Quadrimestral.

ELIEZER, Joya; ANDRADE, Liomar; CARVALHO, Maria Margarida; LIGETI, Marianne; SERRA, Monica A.; CIORNAI, Selma; KENZLER, Wilhelm. A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia. Campinas-São Paulo: Editorial Psy II, 1995.

FABIETTI, Deolinda M.C.F. Arteterapia e envelhecimento. São Paulo: Casa do

Psicólogo, 2004.

LARSEN, Stephen. Imaginação mítica: a busca de significado através da mitologia pessoal; tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

LIEBMANN, Marian. Exercícios de arte para grupos: um manual de temas, jogos e exercícios; tradução de Rogério Migliorini. São Paulo: Summus, 2000.

Revista Patchwork. Número 78. Editora Escala, 2009.

WINNICOTT, D. W. (1971/1975). O brincar e a realidade. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago.

Marialba Gomez

Psicóloga (CRP - 08/14738)

Membro Didata em Formação em Psicoterapia - UNAT- BRASIL

Especialista em Análise Transacional. Pós-Graduação em Arteterapia (ISEPE-Pr)

Email: marialbagz@gmail.com

O CONTRATO TERAPÊUTICO NO CUIDADO DE USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS A PARTIR DA TEORIA DA ANÁLISE TRANSACIONAL E DA PERSPECTIVA DA REDUÇÃO DE DANOS

Olívia De Freitas Oliveira

Resumo: O consumo de substâncias psicoativas sempre existiu. Atualmente, esse uso é demonizado na sociedade, criando estigma e discriminação. Desse modo, a construção do cuidado com os usuários de álcool e outras drogas é afetada e essa população acaba sendo negligenciada. Para oferecer um cuidado a essas pessoas, deve-se levar em consideração os prejuízos que esse uso tem produzido. A partir disso, construir estratégias para reduzir os danos, colocando o sujeito como agente ativo e central em seu projeto terapêutico.

Assim, será possibilitada a formação do tripé acolhimento-vínculo-responsabilização, que são essenciais para a elaboração de um Contrato Terapêutico. Este trabalho busca discutir o cuidado das pessoas usuárias de alguma droga, a partir da teoria da Análise Transacional e da perspectiva da Redução de Danos.

Palavras Chave: Análise Transacional; Redução de Danos; Dependência; Drogas; Vínculo; Contrato.

Abstract: The use of psychoactive substances has always existed. Nowadays, the society demonizes this consumption, creating a sense of stigma and discrimination. Thereby, the construction of care for alcohol and drug users is affected and they end up being neglected. To provide care for people with substance abuse-related diseases, it is important to be aware of the effects of drug abuse. Therefore, strategies to reduce damage should be created, putting the subjective as a central active agent in the therapeutic project. From this, it is possible to create the tripod host-bond-accountability, which is fundamental to elaborating a Therapeutic Contract. This paper examines the care for drug users, using Transactional Analysis theory and the perspective of Damage Reduction.

Keywords: Transactional Analysis; Damage Reduction; Dependency; Drugs; Bond; Contract.

Introdução

O uso de substâncias psicoativas existe desde as sociedades primitivas. Seja em rituais para uma busca e comunicação com o divino, ou como um comportamento socialmente construído e em uso recreativo. É importante pensar que uma pessoa que faz uso de drogas não necessariamente tem um problema de saúde o qual precisa ser curado. É comum na sociedade a existência do uso recreativo de alguma droga. Como exemplo, aquelas pessoas que bebem cerveja aos finais de semana e as que utilizam alguma outra substância, de forma que não afeta negativamente sua vida e dos outros, de modo significativo.

O uso de drogas pode ser prejudicial quando esse comportamento traz algum dano para a vida da pessoa, como: conflitos nas relações pessoais; problemas de saúde física; prejuízos no desempenho profissional; desinteresse pelo convívio

social; desmotivação para o cumprimento de atividades diárias e para o autocuidado.

Atualmente, no Brasil, a Redução de Danos - RD - é a diretriz norteadora da Política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas e da Política de Saúde Mental. (PASSOS & SOUZA, 2011). A RD consiste em estratégias ampliadas de cuidados aos usuários de substâncias psicoativas, colocando o sujeito como indivíduo ativo e central na construção de seu projeto terapêutico. Ou seja, é extremamente importante ouvir e qualificar o que a pessoa traz como objetivo em seu tratamento.

Existem pessoas que procuram alguma modalidade de tratamento para buscar a abstinência total das drogas. Já outras podem ter o objetivo de reduzir os danos que a droga possa estar provocando, porém manter o uso ou reduzi-lo. Têm aquelas que não têm um objetivo específico de tratamento ligado ao consumo de substâncias. Há também as que procuram por motivos externos – a imposição da família, por exemplo. Enfim, podem existir diversos tipos de demandas nos casos em que envolvem o uso de álcool e outras drogas.

Independente do objetivo que a pessoa tenha em seu tratamento, as primeiras ações a serem feitas para promover o cuidado são a construção do vínculo e do Contrato. Segundo Steiner (1976), Contrato é o acordo mútuo feito entre o terapeuta e o cliente, em que definem metas de mudança no tratamento.

Para estabelecer um Contrato eficaz, é extremamente importante um olhar empático e acolhedor para ouvir as demandas trazidas, de modo que os preconceitos e valores pessoais do terapeuta não influenciem na elaboração do Contrato Terapêutico. Vale ressaltar que a meta de tratamento deve ser um desejo do próprio cliente, e não do terapeuta, do médico, da família ou da sociedade. Caso não haja o real desejo do cliente, o acordo não será mútuo e, assim, o tratamento será prejudicado.

Para que o vínculo e o Contrato sejam realizados, não podem ocorrer julgamentos do profissional com seu cliente, em relação ao estilo de vida e ao que acredita ser o certo ou o melhor para o outro. Cada indivíduo é um, com subjetividade própria, histórias diferentes, expectativas individuais, percepções diversas sobre a vida, sonhos e desejos. Com isso, na reflexão sobre o uso, abuso e/ou dependência de drogas, conforme citado por Wandekoken & Dalbello-Araujo (2015, p. 158), é necessário ficar atento em relação à “complexidade da questão, considerando o indivíduo como ser único com necessidades e implicações biológicas, psicológicas, sociais, culturais e de desenvolvimento.”

O objetivo deste trabalho é discutir o Contrato no cuidado das pessoas que fazem uso de alguma droga, tendo como base a teoria da Análise Transacional e também com a perspectiva da Redução de Danos.

Redução de danos

As substâncias psicoativas são usadas pelos humanos desde as civilizações mais primitivas, com múltiplas finalidades: uso lúdico com fins prazerosos, uso em rituais religiosos, místicos e também o uso medicinal.

Atualmente, por razões sociais, religiosas e políticas, observa-se a demonização das drogas, ou seja, coloca-se a droga como o mal na civilização. Este movimento produz na sociedade preconceitos e julgamentos das pessoas que fazem uso de alguma substância, seja esta legalizada ou não, seja um uso prejudicial ou não. Conseqüentemente, esses indivíduos acabam sendo marginalizados e estigmatizados. Assim, o cuidado oferecido a essas pessoas pode também acabar sendo negligenciado, o que vai contra a Lei da Reforma Psiquiátrica.

O texto da Lei 10.216 de 06 de abril de 2001, marco legal da Reforma Psiquiátrica, ratificou, de forma histórica, as diretrizes básicas que constituem o Sistema Único de Saúde; garantindo aos usuários de serviços de saúde mental – e, conseqüentemente, aos que sofrem por transtornos decorrentes do consumo de álcool e outras drogas - a universalidade de acesso e direito à assistência, bem como à sua integralidade; valoriza a descentralização do modelo de atendimento, quando determina a estruturação de serviços mais próximos do convívio social de seus usuários, configurando redes assistenciais mais atentas às desigualdades existentes, ajustando de forma equânime e democrática as suas ações às necessidades da população. (BRASIL, 2003, p 5.)

Na Política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas, destaca-se a inadequação da ideia de que toda pessoa usuária de alguma substância é um doente que necessita de internação, prisão ou absolvição. Porém, ainda acontece uma confusão, tanto no senso comum quanto com os profissionais da saúde, entre o que é dependência química, uso prejudicial e recreativo de drogas. (WANDEKOKEN & DALBELLO-ARAÚJO, 2015).

A dependência química e o uso prejudicial - também citado como abusivo e/ou nocivo - são descritos pela Organização Mundial de Saúde – OMS, pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - Diagnostic and Statistical Manual: DSM-5 e pela Classificação Internacional de Doenças –

CID-10, que estabelecem critérios específicos para esses diagnósticos, diferenciando frequência e quantidade do consumo, danos físicos, psicológicos e sociais.

De forma sucinta, na dependência química há uma frequência de uso maior, dificuldade em controlar a compulsão do consumo e crise de abstinência. No uso prejudicial, a pessoa apresenta danos em sua saúde física ou psicológica e/ou em outros aspectos da vida, como profissional, familiar e social, porém não preenche os critérios para o diagnóstico de dependência. Já o uso recreativo é caracterizado pelo consumo de alguma substância, de modo que não apresenta danos significativos na vida da pessoa. É importante ressaltar que esses diagnósticos devem ser realizados apenas por profissionais especializados, com avaliações periódicas e minuciosas.

Atualmente, as formas de cuidado para os usuários de álcool e outras drogas devem estar alinhadas à Política de Redução de Danos (RD) estabelecida pelo Ministério da Saúde. A RD busca atuar a partir da perspectiva transdisciplinar de saúde, cultura, educação, assistência social, trabalho e renda. Tem o objetivo de garantir o cuidado e o cumprimento dos direitos das pessoas que consomem algum tipo de droga. A RD fomenta a produção de diversas estratégias de cuidado a essas pessoas, buscando reduzir os danos causados pelo uso de substâncias psicoativas.

Uma das principais diretrizes da Redução de Danos é a da participação ativa do sujeito na construção de seu projeto terapêutico. Quando uma pessoa que faz uso de álcool e outras drogas busca um cuidado em saúde, é necessário acolher a demanda que o próprio indivíduo apresenta. A partir disso, o cliente, em conjunto com o terapeuta, pode estabelecer os objetivos de seu tratamento, baseado em seus próprios desejos e potencialidades.

Vínculo

Muitas pessoas que procuram tratamento vão em busca de manter-se abstinente do uso de substâncias psicoativas. Porém, cada indivíduo apresenta expectativas próprias sobre si e a vida. Há aqueles que buscam alguma forma de cuidado, porém não almejam a abstinência total das drogas, assim como há outras que não desejam nem reduzir o uso.

A abstinência não pode ser, então, o único objetivo a ser alcançado. Aliás, quando se trata de cuidar de vidas humanas, temos que, necessariamente, lidar com as singularidades, com as diferentes possibilidades e escolhas

que são feitas. As práticas de saúde, em qualquer nível de ocorrência, devem levar em conta esta diversidade. Devem acolher, sem julgamento, o que em cada situação, com cada usuário, é possível, o que é necessário, o que está sendo demandado, o que pode ser ofertado, o que deve ser feito, sempre estimulando a sua participação e o seu engajamento. Aqui a abordagem da redução de danos nos oferece um caminho promissor. E por quê? Porque reconhece cada usuário em suas singularidades, traça com ele estratégias que estão voltadas não para a abstinência como objetivo a ser alcançado, mas para a defesa de sua vida. Vemos aqui que a redução de danos oferece-se como um método (no sentido de métodos, caminho) e, portanto, não excludente de outros. Mas, vemos também, que o método está vinculado à direção do tratamento e, aqui, tratar significa aumentar o grau de liberdade, de corresponsabilidade daquele que está se tratando. Implica, por outro lado, no estabelecimento de vínculo com os profissionais, que também passam a ser corresponsáveis pelos caminhos a serem construídos pela vida daquele usuário, pelas muitas vidas que a ele se ligam e pelas que nele se expressam. (BRASIL, 2003)

Na construção do vínculo do terapeuta com o cliente, é importante que o profissional olhe para além do uso de drogas da pessoa. É preciso enxergar as potencialidades que esse indivíduo apresenta e identificar aquelas que possam estar sendo desqualificadas pelo próprio sujeito. Para que isso seja feito, o terapeuta deve deixar de lado seus preconceitos, para que não ocorram julgamentos.

Vivendo em uma sociedade que demoniza as drogas e o usuário, as chances dos profissionais entrarem em julgamentos são enormes, já que é provável que a maioria tenha sido influenciada direta ou indiretamente pela cultura que discrimina essas pessoas. Portanto, é essencial que o terapeuta se avalie e problematize seus pensamentos e intervenções em relação ao cliente.

Pode-se comparar esta perspectiva com a primeira etapa do método da Educação Emocional:

A Educação Emocional compõe-se de três aptidões: a capacidade de entender as Emoções, ouvir outras pessoas e empatizar com suas emoções, e expressar as emoções produtivamente.

Ser emocionalmente educado é ser capaz de lidar com as emoções de modo a desenvolver seu poder pessoal e a qualidade da vida que o cerca. A Educação Emocional amplia os relacionamentos, cria possibilidades de afeto entre as pessoas, torna possível o trabalho cooperativo e facilita o sentido de comunidade. (STEINER, 1998, p.23)

A primeira etapa para desenvolver a Educação Emocional é a que Steiner

(1998) nomeia como “Abrir o Coração”, que é o momento em que explica que deve libertar-se dos impulsos que impedem o compartilhamento do amor. Se o terapeuta não toma consciência de seus próprios preconceitos, ele estará limitado na relação com o cliente e impossibilitado de desenvolver um olhar empático e acolhedor para as demandas do sujeito.

Uma das formas do terapeuta “abrir o coração” no cuidado com usuários de álcool e outras drogas é ficar atento aos seus próprios diálogos internos, para não se manter no Pai Crítico com o cliente, entrando nesses julgamentos e preconceitos. – Pai Crítico, na Análise Transacional, é a parte da personalidade que é atuante no sujeito quando age conforme seus preconceitos, com insultos, de forma autoritária, rígida e com desvalorização alheia. (Kertész, 1987) - Permanecer neste movimento de julgar o cliente pode ser uma reprodução do comportamento de familiares e grande parte da sociedade, que coloca o sujeito em uma Posição de não Okeidade – este é um termo utilizado na Análise Transacional que se refere à imagem que tem de si e do outro. Eu me vejo como sendo ok ou não ok, e vejo o outro como ok ou não ok. (BERNE, 1998) - Ou seja, desqualifica o sujeito, assim como suas potencialidades e até seu sofrimento. Isso afeta muito ou até impede a construção do vínculo, conseqüentemente, a adesão do cliente ao seu projeto terapêutico.

Um projeto terapêutico deve se apoiar no tripé acolhimento-vínculo-responsabilização.

Acolhimento inicial se refere a um posicionamento ético frente ao sofrimento daquele que nos procura a atender à sua demanda de ser escutado; trata-se de uma posição imprescindível de todo cuidador. Vínculo implica uma relação de confiança estabelecida após a continência das angústias apresentadas. E responsabilização pela elaboração, condução e avaliação de um projeto terapêutico individual, que implique o sujeito como coautor do projeto. (BRANDALISE & ROSA, 2009, p.152)

Contrato

Esse tripé do acolhimento-vínculo-responsabilização pode ser a base para a elaboração de um Contrato terapêutico eficaz. Para Berne (1988, p. 352), Contrato é “um acordo explícito entre paciente e terapeuta, que declara a meta do tratamento a cada uma das fases”. É fundamental que esse Contrato seja baseado nos desejos e expectativas do cliente e na capacidade, conhecimento e disponibilidades do terapeuta. Somente a partir disso, será possível o

estabelecimento de um combinado de terapia com consentimento mútuo, que é um dos componentes do Contrato, segundo Steiner (1976).

O Contrato não precisa ser estabelecido em uma primeira sessão. Acontece em muitos casos, de a pessoa buscar o atendimento sem ter claro o que realmente espera em seu tratamento. É também papel do terapeuta, auxiliar nessa busca de objetivo e utilizar o tempo de cada atendimento para estar com o cliente no “aqui agora” e conhecê-lo. Esse tempo na relação terapeuta-cliente, segundo Cornell, Graaf, Newton & Thunnissen (2016), não é somente uma questão de ser cortês ou decente, é utilizar o tempo para identificar e entender alguma manifestação do inconsciente. Não se deve fixar o trabalho com o cliente em um contrato construído logo no primeiro contato.

No acompanhamento de pessoas que apresentam consumo de álcool e outras drogas, nessa fase da elaboração do Contrato, umas das partes importantes a serem avaliadas é em relação à frequência e quantidade do uso de substâncias. Além disso, identificar os possíveis danos que a pessoa tem na vida em consequência desse consumo, questionando sobre as relações familiares, vida social, trabalho, interesses pessoais e saúde física. A partir disso, fica mais claro qual a visão que o cliente tem de si e de sua vida, de forma que as demandas e metas terapêuticas já começam a ser identificadas.

Segundo Holloway (1977), para um Contrato ser efetivo, deve-se definir uma meta de mudança que será atingida pelo cliente em função de uma decisão para o futuro. Há pessoas que buscam a terapia com metas de mudanças mais pontuais, focadas em queixas mais superficiais.

Exemplo disso é de uma pessoa dependente de alguma substância que procura psicoterapia com a demanda de trabalhar os conflitos do relacionamento amoroso. Existe um adoecimento relacionado a questões internas mais profundas em seu *Script*, – para Berne (1988, p.356), *Script* é “um plano de vida baseado numa decisão feita na infância, reforçado pelos pais, justificado por acontecimentos subsequentes e culminando com uma alternativa escolhida.” - porém, o pedido de cuidado vem do que o indivíduo está percebendo como sofrimento. Nesses casos, o Contrato é de Controle Social, que Holloway (1977) cita como Contratos suaves.

Eu sou prudente sobre descrições de Contratos “suaves” e “duros” a respeito dos quais eu ouço ocasionalmente. A implicação é que Contratos “duros” têm meta específica enquanto Contratos “suaves” não contém uma declaração clara de mudança. Eu penso que há um grande risco de que os Contratos “suaves” sejam designados pela

Criança Adaptada de ambos, terapeuta e cliente para que cada um pense que está sendo feito progresso enquanto, na realidade, o *Script* de vida continua, a despeito do “progresso” na psicoterapia (Holloway, 1977, p. 219).

Na Análise Transacional, Criança Adaptada é a parte da personalidade do sujeito que foi adaptada ao ambiente da infância (KERTÉSZ, 1987, p.45).

Há também aquelas pessoas que anseiam por mudanças efetivas mais profundas, que caminham em direção às mudanças do *Script* de vida. Esses casos são de Contratos de Autonomia.

Geralmente, as pessoas procuram algum tratamento em busca de cuidar de questões ligadas ao Contrato de Controle Social, por serem demandas mais concretas e perceptíveis. Ao longo do acompanhamento, com o fortalecimento do vínculo, com a Descontaminação do Estado de Ego Adulto do cliente – é a parte da personalidade mais racional, analítica, estuda dados da realidade e resolve problemas (KERTÉSZ, 1987) - e com o reconhecimento de suas potencialidades e das mudanças de padrões conquistadas até o momento, as pessoas podem abdicar dos mecanismos de defesa que utilizam para manter-se em seu antigo padrão de funcionamento, construindo assim o Contrato de Autonomia.

Hay (1993) é de opinião que muitos processos de mudança vão mal, porque sempre se diz que você vai "chorar" durante uma mudança. A mudança é principalmente vista como uma perda dentro desse paradigma. A teoria do luto, como a de Klübler-Ross (1969), parece comum na teoria e na prática de muitos especialistas em mudança. Dentro da AT, a mudança é vista mais do ponto de vista do desenvolvimento infantil. Quem observa as crianças observará que elas sempre desejam aprender algo diferente e algo novo. Uma criança que está andando não lamenta o momento em que engatinhar era sua única opção. (CORNELL, GRAAF, NEWTON & THUNNISSEN, 2016, p. 199).

O terapeuta, além de impulsionar para a mudança, precisa respeitar o tempo de cada cliente em seu processo. Tanto para que seja um processo de mudança positiva, mas também pelo fato de que todo padrão estabelecido foi construído por uma razão, para desempenhar alguma função na personalidade da pessoa. Mesmo que seja um padrão que traga danos ao indivíduo, como nos casos que envolvem dependência e abuso de drogas, pode ser que seja exatamente esse consumo de substâncias que sustente a personalidade da pessoa. Não se pode simplesmente extinguir um comportamento do padrão sem que se tenham

estratégias para dar o suporte emocional necessário à pessoa.

Por exemplo, um indivíduo dependente do álcool passa todos os dias de sua vida bebendo em um bar. Não tem família, amigos e emprego fixo. As únicas pessoas com quem convive são as que frequentam e trabalham no estabelecimento aonde vai diariamente beber. Não existe em sua rotina, algo que tenha de se responsabilizar, como um emprego ou família. O máximo que faz é algum trabalho em troca de bebida ou de alguma outra coisa que necessite. Se a bebida for retirada da vida dessa pessoa, o que restará? Como será o dia a dia desse sujeito sem o bar que frequenta? Com quem conversará? O que vai sentir? Como o corpo vai reagir sem a substância? Quais lembranças e necessidades virão à tona? Enfim, diversos questionamentos podem ser feitos, porém as respostas não são possíveis de serem previstas.

O foco dos atendimentos não deve ser a substância que a pessoa usa, mas sim o sujeito como um todo, reconhecendo suas limitações, mas principalmente identificando e estimulando suas potencialidades. A retirada da droga na vida de um dependente não é o mais urgente no tratamento. O foco é a vida e os desejos do sujeito. É preciso cuidar dos danos causados pelo consumo e construir hábitos que possam produzir, aos poucos, padrões e suportes emocionais mais saudáveis.

No exemplo citado, pode-se avaliar e cuidar da saúde física do sujeito, fazendo exames, questionando e orientando sobre alimentação, sono, medicações, hábitos de higiene e condições de moradia; colher informações a respeito da história da pessoa e de como ela chegou nessa situação; buscar e estimular habilidades, dons e interesses que a pessoa possa ter (habilidade como artesanato, dom de tocar um instrumento, interesse por leituras, entre outros); explorar quem são as pessoas com quem convive; avaliar a qualidade das trocas de Carícias nessas relações e potencializá-las. – Carícia para Berne (1988, p.352) é “uma unidade de reconhecimento, tal como 'Olá’”. - Todas essas opções são estratégias de Redução de Danos para estimular o sujeito por meio de seu potencial, centralizando-o como foco do seu tratamento e não a droga.

Conforme discutido por Cornell, Graaf, Newton & Thunnissen (2016), Berne (1966) faz uma metáfora sobre o processo de mudança. Defende que as pessoas podem mudar de sapo para príncipe, porém, podem também ficar satisfeitas de se tornarem um sapo mais agradável. Por meio de tentativas, falhas e aprendizados, as pessoas podem construir uma vida mais equilibrada, com alegria e saúde emocional. É possível caminhar em busca de pequenos progressos, enquanto não muda a essência e questões mais profundas do *Script*.

O cliente pode aprender formas mais saudáveis de se comportar e relacionar, sem que seja uma mudança radical.

Mesmo em Contratos de Controle Social de demandas “superficiais”, pode ser que o cliente não faça adesão ao tratamento, dependendo do estado em que se encontra. Pessoas que estão em uso compulsivo de drogas e não conseguem ficar sem ingerir a substância são exemplos em que o atendimento de psicoterapia clássico pode não alcançar as demandas desses indivíduos.

Nesses casos, é necessário avaliar quais modalidades de atendimento são necessárias para construir um cuidado a essas pessoas. É importante que sejam cuidados que, ao mesmo tempo em que respeitam as escolhas e desejos do sujeito, possam promover saúde, sem negligenciar, discriminar ou abandonar esse sujeito.

Uma forma de tratamento

É muito comum, tanto no senso comum e também entre os profissionais de saúde sem o conhecimento, frases como: “a pessoa tem que querer se tratar”, “quem usa droga é vagabundo”, “o primeiro passo é ver que está doente e procurar ajuda”. Esses discursos são formas de reforçar os estigmas, preconceitos e exclusões que acontecem com essa população já marginalizada. Procurar tratamento parece algo simples. Porém, nesses casos mais graves, a pessoa pode realmente não conseguir fazer isso, por uma série de Desqualificações que aprendeu a fazer em sua vida. Desqualifica a si mesmo, os danos que a droga causa, suas próprias potencialidades, as pessoas e instituições que podem ajudar e até as que já tentaram fazer isso.

A Desqualificação, segundo Schiff (1986) é um mecanismo interno inconsciente, em que o sujeito minimiza ou ignora algo sobre si mesmo, outras pessoas ou de alguma situação que vive ou viveu.

Com o exemplo citado e a partir do conceito de Desqualificação, pode-se observar que, nos casos em que a pessoa não está conseguindo nem mesmo buscar um tratamento, é necessário que se ofereça os cuidados possíveis para manter a sobrevivência e dignidade do sujeito. Construir um cuidado, de acordo com as demandas mais básicas, como oferecer água e comida. A partir dessa estratégia, pode ser possível auxiliar o sujeito a sair desse movimento de Desqualificação. Assim, possibilitará com que ele reconheça e qualifique, aos poucos, os danos causados pelo uso da substância e também as suas próprias potencialidades para lidar com as questões de sua vida de forma mais saudável, de acordo com o que deseja para si.

Há situações, em que pode ser necessária uma internação para desintoxicação. Este tipo de estratégia tem duração de aproximadamente quinze dias e deve ser realizada em ambiente hospitalar. No hospital, a pessoa ficará sem o uso da droga que é dependente, porém estará monitorado e recebendo medicações que vão estabilizar suas funções orgânicas e psíquicas. Pode ser também uma oportunidade para entrar em contato com as demandas do sujeito e oferecer estratégias de cuidado que possam abarcar suas limitações, como o Acompanhamento Terapêutico.

Este é uma modalidade de atendimento psicológico que vai além do ambiente físico da clínica, que prioriza o estar com o outro em seu cotidiano. Isso possibilita intervenções nas atividades diárias, sejam em espaços públicos ou privados, de pessoas com diversos tipos de dificuldades e sofrimentos. São realizados atendimentos em casa, na escola, na rua ou em qualquer local que o acompanhado ocupa. Além disso, intervenções com a família, responsáveis e/ou cuidadores também são possíveis. O Acompanhamento Terapêutico tem como objetivo, ressignificar e ampliar os espaços ocupados pelo paciente, assim como potencializá-lo em suas ações diárias.

Considerações Finais

O cuidado com usuários de álcool e outras drogas deve seguir os passos que qualquer outra demanda clínica necessita, que é o do acolhimento-vínculo-responsabilização. Por meio dessas ações, é possível construir um Contrato eficaz, de acordo mútuo e metas definidas em conjunto de acordo com o pedido de terapia do cliente e a competência do terapeuta.

Quando a pessoa faz o pedido de terapia, pode iniciar com o Contrato de Controle Social, trazendo demandas mais superficiais das quais reconhece vir o seu sofrimento. Aos poucos, a partir do vínculo e de um Contrato bem trabalhado, pode ser construído um Contrato de Autonomia, para buscar mudança de *Script* mais profundas.

Referências Bibliográficas:

- BERNE, E. O que você diz Depois de Dizer Olá?. São Paulo: Nobel, 1988, p.352, p.82-84.
- BERNE, E. Os Jogos da Vida. São Paulo: Nobel, 1995. p.155-159.
- BERNE, E. Princípios de Tratamento de Grupo. Porto Alegre: Suliani Editora Ltda, 2013, p. 40-47.

BRANDALISE, F., ROSA, G.. Estratégias Clínicas: Construção de Projetos Terapêuticos e o Acompanhamento Terapêutico- na Atenção Psicossocial. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health, 1. 2011. Disponível em: <<http://stat.necat.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1140>>. Acesso em: 29 Jul. 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids. A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas / Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Coordenação Nacional de DST e Aids. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/politica_atencao_alcool_drogas.pdf Acesso em 01 de Ago. 2018.

CORNELL, W., GRAAF, A., NEWTON, T. & THUNNISSEN, M. Into TA: A Comprehensive Textbook on Transactional Analysis. Karnac: Londres, 2016.

COSTA, Jane M. Pancinha; SANTOS, Bárbara Haro dos; ALVES, Tânia Caetano. Das Emoções Aos Sentimentos: Construindo um Caminho com Coração. Porto Alegre: Letra & Vida, 2012.

É de Lei, O que é Redução de Danos. 2014. Disponível em: <<http://edelei.org/pag/reducao-danos>> Acesso em 12 Jan 2018.

FERRI, C., GALDURÓZ, J. Critérios Diagnósticos: CID-10 E DSM - Eixo Políticas e Fundamentos. Disponível em: <<http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201704/20170424-094920-001.pdf>> Acesso em 12 Jan. 2018.

FREITAS, A. & DECARLOS, D. Iniciar um Acompanhamento Terapêutico: avaliação, contrato e projeto terapêutico. In: FREITAS, A., SCAGLIARINI, A., DECARLOS, D., ARANTES, M. Nas Trilhas do Acompanhamento Terapêutico. 2015, p.51-59.

GOULDING, M., GOULDING, R. Ajuda-te pela Análise Transacional: A arte de viver bem com a Terapia de Redecisão. 4. ed. São Paulo: Ibrasa, 1999. p.71.

HOLLOWAY, W. Análise Transacional: uma visão integrativa. In: Transactional Analysis after Eric Berne. Graham Barnes, Editor, Harper's College Press, San Francisco, 1977.

KERTÉSZ, R. Análise Transacional Ao Vivo. São Paulo: Summus, 1987. p.45.

MACRAE, E. Aspectos socioculturais do uso de drogas e políticas de redução de danos. Disponível em: <<http://www.neip.info/downloads/edward2.pdf>> Acesso em 03 Ago. 2018.

MELLOR, K. & SCHIFF, E. Desqualificação. TAJ, v.1, Janeiro 1972. In Prêmios Eric Berne, 1980. p.135-139.

PASSOS, E.; SOUZA, T. Redução de danos e saúde pública: construções alternativas à política global de "guerra às drogas". Psicol. Soc., Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 154-162, Apr. 2011. Available from <<http://www.scielo.br/scielo.php?>

script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000100017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 Jan. 2018.

RIBEIRO, C. Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas? Uma leitura psicanalítica do fenômeno do uso de drogas na contemporaneidade: A psychoanalytical view on the phenomenon of drug use nowadays. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 333-346, Dec. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000200012&lng=en&nrm=iso> Acesso em 12 Jan 2018.

SCHIFF, J. Passividade. In *Análise Transacional Tratamento de Psicoses*. Leitura do Cathexis. 1986, p.18, cap.2

SILVEIRA, D., SILVEIRA, E. PADRÕES DE USO DE DROGAS - Eixo Políticas e Fundamentos. Disponível em: <http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201704/20170424-094251-001.pdf>> Acesso em 12 Jan 2018.

SANTA CATARINA, Secretaria De Estado Da Saúde. ABC Redução de Danos. DIRETORIA VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA – FLORIANÓPOLIS: SES, 2003. 56P.

STEINER, C. Os papéis que vivemos na vida. São Paulo: Artenova, 1976, p.228-234

STEINER, C. & PERRY, P. Educação Emocional. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA., 1998.

WANDEKOKEN, K.; DALBELLO-ARAUJO, M. Trabalho Nos Centros De Atenção Psicossocial Álcool E Drogas E As Políticas Públicas: Que Caminho Seguir?. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 1, p. 157-175, 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462015000400157&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 Jan. 2018.

Olívia De Freitas Oliveira

Formada em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) desde 2013. Analista Transacional com certificação na área clínica pela União dos Analistas Transacionais do Brasil (UNAT-BRASIL) desde 2017 e Especialista em Análise Transacional desde 2018. Trabalhou como psicóloga e articuladora de rede AD no Centro de Atenção Psicossocial para Usuários de Álcool e outras drogas da Prefeitura de Uberlândia (CAPS AD III). Atuou como professora de Psicologia para cursos técnicos da área da saúde na escola CECON. É sócia fundadora, Psicóloga e Acompanhante Terapêutica da Conviver Espaço Terapêutico. Ministra supervisão clínica, cursos e workshops para autoconhecimento, desenvolvimento pessoal e profissional.

Psicóloga clínica, Analista Transacional, Acompanhante Terapêutica (AT)

Psicóloga - CRP 04/39172

Email: oliviadefreitasoliveira@gmail.com - Cel.: (34) 9 9993 747

SEGUINDO JUNTO: APROXIMAÇÃO ENTRE A ANÁLISE TRANSACIONAL E A EDUCAÇÃO LIBERTADORA PARA OQUEIDADE ENTRE EDUCANDOS E EDUCADORES

Samuel Carlos da Rosa de Oliveira

Resumo: Este artigo propõe um olhar de Oqueidade para a relação educando e educador a partir da compreensão e da correlação dos conceitos de Posição Existencial e Diagrama Para Seguir Junto, da Análise Transacional, com a Educação Libertadora de Paulo Freire. A partir de uma pesquisa bibliográfica, o autor parte da premissa de que a educação não se faz no depósito de conteúdo, mas na relação dialógica educando-educador. Os principais achados puderam contribuir para questionar as relações entre educando e educador que o modelo bancário impõe, ampliar o olhar e planejar intervenções rumo a sua superação, tanto do educador quanto do Analista Transacional, perante

relações opressoras e de violência na educação. A partir da decisão de assumir a si próprio como OK na relação, e utilizando propostas estabelecidas por meio do Diagrama Para Seguir Junto de Ernst com a Educação Libertadora, abre-se espaço para que o outro possa assumir-se OK, oferecendo à relação maiores possibilidades de amorosidade e abundância, utilizando ambos, educando e educador, os potenciais e o tempo para abundância, não mais para a dominação e a submissão.

Palavras chave: Análise Transacional, Posição Existencial, Oqueidade?, Educação Libertadora.

Abstract: This article proposes a look of Okness for the relationship between educator and educating from the understanding and correlation of the concepts of Existential Position and Diagram to Follow Together, Transactional Analysis, with Paulo Freire's Liberating Education. From a bibliographical research, the author starts from the premise that education is not done in the deposit of content, but in the dialogic relationship educating-educator. The main findings could contribute to question the relations between the educator and the educator that the banking model imposes, to widen the gaze and to plan interventions towards its overcoming, both of the educator and the Transactional Analyst, before oppressive relations and violence in education. From the decision to assume oneself as OK in the relationship, and using proposals established through Ernst's Diagram to Follow Together with Liberating Education, space is opened so that the other can assume OK, offering the larger relation possibilities of love and abundance, using both, educating and educator, potentials and time for abundance, no longer for domination and submission

Keywords: Transactional Analysis, Existential Position, Okness, Liberating Education.

O Brasil está vivendo um cenário desafiante na área da Educação. Muitos

temas estão sendo discutidos para a implementação de propostas, no desejo de melhorar a educação do país que, estatisticamente falando, ocupa o penúltimo lugar no *ranking* educacional elaborado pela Organização para Cooperação e o Desenvolvimento Econômico - OCDE (PINHEIRO, 2018). Outro dado relevante é em relação à violência escolar, a qual o Brasil lidera no *ranking* mundial. Segundo Ruffato (2017), os dados da OCDE colhidos em 2013 apontam para

12,5% dos professores disseram ter sido vítima de agressões verbais ou intimidações de alunos pelo menos uma vez por semana. [...] Outro estudo indica que 55% dos diretores de escolas públicas já presenciaram agressões físicas ou verbais de alunos contra funcionários e professores. E entre os próprios estudantes a violência é ainda maior: 76% dos diretores relataram ter havido agressão verbal ou física entre alunos dentro do ambiente escolar.

Embora tanto se discuta sobre o ambiente escolar, espaço físico, tecnologias na sala de aula, planos governamentais para conteúdos didáticos, como citados acima, pouco ouço falar em intervenções com foco na relação educando-educador, e como estes possam, ao invés de brigar, passar a cooperarem entre si.

A teoria da Análise Transacional, ou AT, criada pelo canadense Eric Berne no final da década 50, é definida por ele como uma teoria da personalidade, com enfoque na psicologia humanística, uma psicologia individual e social (BERNE, 1985). A AT propõe ferramentas com o foco na mudança desejada, sendo “um método eficaz para a análise dos relacionamentos e da comunicação entre as pessoas” (ALMEIDA; LUDGERO, 2017, p. 187).

Penso ser importante ressaltar que Berne, em suas obras, não escreveu sobre educação e Análise Transacional, mas sobre relações humanas. Sendo assim, para pensar a educação me basearei no educador brasileiro Paulo Freire, a partir de sua crítica ao que chamou de “educação bancária” e de sua proposta de “Educação Libertadora”.

Tendo em vista os dados de alto índice de violência entre educandos e educadores apresentado anteriormente, evidencio a necessidade desta pesquisa, e convido o leitor a uma experiência de aproximação entre a AT e a educação, na busca de reflexões que possibilitem novas relações educando-educador, no caminho da construção de uma sociedade mais amorosa, como defende Freire, e com a inclinação ao potencial OK para a cooperação, como defende Berne.

Portanto, a finalidade deste trabalho de pesquisa bibliográfica se dá através da correlação entre as contribuições teóricas da AT com a educação de Paulo

Freire, e o objetivo deste artigo é compreender e relacionar os conceitos de Posição Existencial e o Diagrama Para Seguir Junto da Análise Transacional com os conceitos de Educação Bancária e Educação Libertadora de Paulo Freire, para propor alternativas de Oqueidade no campo da relação educando-educador.

Qual a relação entre os pensamentos Transacionais e Freireanos? De que forma ocorre o processo bancário na educação? Como se correlacionam as relações educando-educador na perspectiva bancária e libertadora de Paulo Freire com as Posições Existenciais de Berne? É possível propor alternativas de Oqueidade entre educando-educador através do Diagrama Para Seguir Junto? O que se pode fazer para que este encontro e esta construção mútua aconteçam da melhor forma?

Paulo Freire

Paulo Reglus Freire, nascido em 19 de setembro de 1921, em Recife, foi o brasileiro mais homenageado da história: ganhou 41 títulos de Doutor *Honoris Causa* de universidades como Harvard, Cambridge e Oxford (ZILLI, 2014, p. 34).

Freire começou a ler e a escrever com gravetos no quintal da casa onde nasceu, com a orientação de sua mãe (ANDRADE, 2015). Com 15 anos fez seu exame de admissão no ginásio, aos 20 estava cursando Direito e começou a pesquisar Filosofia, Psicologia da Linguagem, enquanto se tornava professor do curso ginásial (FREIRE, 1921).

Em 1947 Freire teve contato com a educação dos adultos em Pernambuco e, junto com os professores, “elaborou críticas aos métodos da época que consistiam em cartilhas infantilizadas, não valorizando os saberes resultantes das experiências dos indivíduos” (CARVALHO, 2017, p. 429).

Nos anos 50, inquieto com o cenário social do Recife, fundou o Instituto Capibaribe junto com outros educadores, o qual é reconhecido por causa de seu alto nível de ensino e formação científica. Em 1959 obteve título de Doutor em Filosofia e História da Educação e tornou-se um dos conselheiros pioneiros do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco (ANDRADE, 2015).

No final dos anos 50 iniciou seu trabalho de alfabetização de adultos no nordeste brasileiro junto às camadas mais pobres da população. Nota-se que o Brasil, nesta época, ainda tinha sua população adulta majoritariamente analfabeta. Sua experiência em Angicos (RN), tendo alfabetizado 300

trabalhadores em apenas 45 dias, chamou a atenção do governo federal. No início dos anos 60 foi convidado pelo recém empossado Ministro da Educação Paulo de Tarso Santos, do governo João Goulart, para ir a Brasília realizar uma campanha nacional de alfabetização (ANDRADE, 2015, p. 30).

Em 1964 a Campanha Nacional de Alfabetização é interrompida com o golpe civil-militar que instaura a ditadura no Brasil por 20 anos. Freire é preso por 70 dias, acusado de 'subversão' de querer 'instaurar o comunismo na educação'. Na saída da prisão se exila com sua família, indo primeiramente para a Bolívia, depois para o Chile, os Estados Unidos e a Suíça, peregrinando por todo o mundo a partir de seu trabalho no Conselho Mundial das Igrejas. Nos EUA, deu aula como Professor Convidado na Universidade de Harvard (ANDRADE, 2015).

Em 1980 volta ao Brasil, sob clima de anistia política. Neste mesmo ano torna-se professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) (ANDRADE, 2015) e também da Universidade de Campinas (Unicamp), onde lecionou até 1990 e foi aposentado por tempo parcial de trabalho em 1991. Em 02 de maio de 1997, aos 76 anos de idade, faleceu (ANDRADE, 2015).

A princípio não há registros que Berne e Freire se encontraram. Berne morava na América do Norte na década de 1970, já Freire morava no Brasil até o golpe civil militar de 1964, tendo se exilado em alguns países, inclusive nos Estados Unidos, e voltado ao Brasil com a Lei da Anistia em 1980. Ambos escrevem suas obras com o foco nas relações humanas, mas em cenários e realidades diferentes.

Entendendo a Dominação Bancária

O posicionamento Freireano atua na libertação dos oprimidos, sendo suas obras revolucionárias e carregadas de inquietação. Não foi tolerado após o Golpe Militar de 1964 por ser um 'pedagogo dos oprimidos' e denunciava que o Brasil era um país “sem experiência democrática”, fruto de sua história autoritária desde o descobrimento.

Paulo Freire é um educador que se engajou social e politicamente, ao perceber as possibilidades de ação social e cultural na luta pela transformação das estruturas opressivas da sociedade classista, sendo comprometido na luta pela transformação social (FREIRE, 1979). O autor parte do ponto de vista de que a escola faz parte de uma sociedade contraditória e antagônica, sendo assim, “toda educação é classista pois está numa sociedade de classes, não estando

isolada em uma ilha, da qual as contradições e os antagonismos não penetrem” (FREIRE, 1979, p.13). Além disso, a educação para Freire sempre foi política, visto que sempre esteve ou à serviço da manutenção dos privilégios de uma minoria, ou à serviço das classes dominadas. Para ele, o sistema educacional possui amplas possibilidades no processo de mudança da sociedade. Nele, o educador possui responsabilidade perante a sociedade, ao mesmo tempo em que desenvolve suas atividades. Deste modo, coloca-se contra a possibilidade de neutralidade, vendo esta posição como negação do seu verdadeiro compromisso social. Freire interpreta a sociedade como desigual (no sentido de que nem todos possuem os mesmos direitos) e antagonica, por existir contradições entre as diferentes classes sociais.

Ele dá o nome de “educação bancária” à educação que “deposita” conteúdos, aquela na qual o educador, convencido de que os educandos nada sabem, incumbe-se de “depositar” neles conteúdos que devem ser apenas memorizados e jamais questionados, como se fossem um recipiente a ser preenchido (por isso bancário). Por sua vez, estes conteúdos são desconectados da realidade vivida pelos educandos, dificultando que estes vejam algum sentido naquilo que “devem memorizar”. Desta forma, a educação contribui para a manutenção da consciência ingênua dos educandos, não para sua consciência crítica. Por isso, este modelo de educação, por meio de atos cotidianos, como o ato de depositar citado, acaba gerando passividade e desqualificação do potencial de pensar e de agir dos alunos, “gerando alunos acomodados com o mundo da opressão” (FREIRE, 1987, p.57).

Freire (1979) assinala que o saber é relativo, possuindo duas pessoas saberes diferentes, que jamais podem ser desqualificados. Ambos os saberes variam em graus e de acordo com suas experiências, por isso, no processo de aprendizagem, “aqueles que ensinam não estão se comunicando com um grupo de ignorantes, mas com homens que possuem um saber tão relativo quanto o deles” (FREIRE, p. 1979, p.9).

Outro aspecto que penso ser importante destacar no modelo bancário, sendo complementar ao depósito, são as relações educando-educador. Freire nomeou como “narrativas” o tipo de comunicação estabelecida nesta educação, a qual significa que “existe um sujeito que narra e outro ouvinte, os educandos. [...] A educação tende a se tornar petrificada e morta, “cuja tarefa é 'encher' os educandos dos conteúdos de sua narração” (FREIRE, 1987, p. 57). Para exemplificar a introjeção deste modelo em sala de aula: imagine um professor, de maneira autoritária ensinando para adolescentes sobre Capitânias

Hereditárias, Instalação do Governo Geral ou Invasões Holandesas, sem ao menos trazer para a realidade do aluno ou instigar a importância do tema tratado, e que, ao final do semestre, cobrará que o aluno “fixe, memorize, repita, sem perceber o significado do conteúdo” (FREIRE, 1987, p. 57). Neste caso apresentado de forma ilustrativa, “os alunos pacificamente recebem, memorizam e repetem o conteúdo “aprendido”, pois o que vale é a quantidade do conteúdo depositado”, como se fossem não mais humanos, mas robôs que reproduzem o que decoram (FREIRE, 1987, p. 57).

Vale ressaltar ao leitor sobre a contradição oculta a que este modelo conduz. Nele, o “bom aluno” é aquele que reproduz e que não pensa de forma crítica, apenas se adapta aos padrões estabelecidos e impostos. Por outro lado, de forma contraditória, aquele aluno que pergunta, que duvida e que problematiza é tido como “indisciplinado” ou “problemático”.

Refletindo a educação bancária e seus atributos, Freire (1987, p.58) elabora algumas características deste modelo:

- a) O educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) O educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) O educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) O educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) O educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) O educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos, os que seguem a prescrição;
- g) O educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) O educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) O educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) O educador, finalmente, é o sujeito do processo: os educandos, meros objetos.

Nesta forma de atuação, só o educador é aquele que pensa, o que educa, o que sabe e o que tem o poder de escolha, consistindo na chamada “alienação da ignorância”, termo postulado por Freire para indicar a posição em que se coloca o educador: aquele que será sempre o que sabe e o outro será sempre aquele que nada sabe. Na medida em que o educando armazena, memoriza e repete o conteúdo narrado, continua passivo perante a relação e o aprendizado, menos há o verdadeiro significado do saber, que para Freire (1987, p. 58), “só existe na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente e esperançosa, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros”.

Dessa forma, pensando que a educação cumpre um papel social, possibilitando a transformação da sociedade e das pessoas, destaco a

importância de refletir qual é o papel social que cumpre um “aluno adaptado” que se construiu nesse modelo controlador e opressor. Estará Freire correto ao afirmar em suas obras que a educação bancária contribui e estimula o sistema social desigual?

O autor defende que uma das saídas para este modelo de educação se faz através da conscientização, a qual ocorre à passagem da consciência ingênua para a consciência crítica; assim, os sujeitos atuam no mundo de outro jeito, não mais acomodados com as formas de opressão, mas de forma crítica, refletindo e lutando contra elas.

Perspectiva libertadora

Refletindo sobre a possibilidade de aproximar a educação libertadora de Freire com as Posições Existenciais de Berne para repensar o modelo bancário de educação e, desta forma, propor alternativas de Oqueidade para a relação educando-educador, percebi a necessidade de esclarecer o pensamento freireano a respeito da Educação Libertadora.

Na perspectiva libertadora, o saber não consiste em depositar conteúdos ou em ter uma grande “quantidade despejada” deles, o que importa não é a quantidade: para Freire, o saber participa da condição ontológica do ser – que é “ser mais”, no sentido de sempre transcender-se enquanto ser, e “só existe na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1987, p. 57). Sendo assim, a raiz da Educação Libertadora está em o homem poder refletir sobre si mesmo e se colocar na realidade como “um ser na busca constante de ser mais”, descobrindo-se inacabado, em constante busca (FREIRE, 1987, p.27).

Permanecer na rígida posição onde o educador é sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem, nega a educação e o conhecimento como processo de busca que é natural do ser (FREIRE, 1987). Desta maneira, para que o crescimento mútuo aconteça, Freire ressalta a necessidade de retirar a verticalização entre educando e educador. Em seu pensar:

[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem (FREIRE, 1987, p. 63).

Para superar o modelo bancário, Freire postula várias colocações no decorrer de suas obras. Mas o essencial é “atuar sobre a realidade social para transformá-la, ação que é interação, comunicação, diálogo”, assim, “educador e

educando, os dois seres criadores libertam-se mutuamente para chegarem a ser, ambos, criadores de novas realidades” (FREIRE, 1987, p. 10).

Com palavras complexas, porém compreensíveis, Freire mostra que o sentido da educação se faz na relação entre educando e educador, a qual propõe não negar a dialogicidade, mas afirmá-la, pois, para ele, não é possível realizar uma Educação Libertadora fora do diálogo (FREIRE, 1987). Diálogo este onde o educador não transfere mais o conhecimento, mas cria as possibilidades para a sua construção (FREIRE, 2011). Esta compreensão é indispensável para o que Freire chamou de Educação Libertadora.

Superando o modelo bancário com suas relações verticais entre educador e educando, Freire (1987, p.63) ressalta que “não existirá mais educador do educando ou educando do educador, mas educador-educando e educando-educador”. O educador não é dono da verdade, e “não repousa na falsa suposição de que sabe tudo e é 'mais' que o educando”, por isso

Não podemos nos colocar na posição do ser superior que ensina um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daquele que comunica um saber relativo a outros que possuem outro saber relativo. (É preciso saber reconhecer quando os educandos sabem mais e fazer com que eles também saibam com humildade) (FREIRE, 1979, p. 29).

O educando agora possui um novo papel na proposta libertadora, passando de “recipiente dócil” para “investigador crítico, em diálogo com o educador, investigador crítico, também” (FREIRE, 1987, p. 64). O educador humanista orienta o aluno não ao depósito ou à opressão, mas ao pensar autêntico. Pauta suas ações na crença no poder criador que habita nos homens, exigindo dele “que seja companheiro dos educandos, em suas relações com estes” (FREIRE, 1979, p. 59). Esta é a razão, para Freire, porque a concepção libertadora da educação não pode servir ao opressor. Nenhuma “ordem” opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: “Por quê?” (FREIRE, 1987, p.67).

Posições Existenciais para Eric Berne

Berne chamou de “Posição Existencial” a forma com que cada pessoa percebe a si mesma em relação às outras pessoas. Conceitua Berne (1988, p. 81) que as Posições Existenciais são “convicções profundamente arraigadas, a posição envolve uma visão de todo o mundo e todas as pessoas que dele fazem parte, sejam amigos ou inimigos”.

As Posições Existenciais são universais na humanidade pois, para Berne (1988), todos, em algum momento quando amamentados (pelo seio materno ou mamadeira), receberam mensagens que posteriormente foram reforçadas através de regras de comportamento e no cotidiano. Berne afirma que essas mensagens podem ser assumidas hoje pelo sujeito para justificar um determinado comportamento (BERNE, 1988, p.81). Para ilustrar: “Eles não sabem nada, eu é quem sei”, sendo traduzida na linguagem das Posições Existenciais como “Eu estou OK, você não está OK”.

Essas convicções podem ser abreviadas em “+ para OK e – para não-OK, podem ser referenciadas como: eu + ou eu –; você + ou você –, resultando em quatro posições básicas” (BERNE, 1988, p. 82).

As quatro Posições Existenciais de Berne (1988, p.82-83) são:

1) Eu+ você+. Esta é a posição “saudável” (ou, no tratamento, a de “ficar bom”), a melhor para uma vida decente, a posição dos heróis e príncipes, heroínas e princesas genuínos. As pessoas nas outras posições têm mais ou menos sapo nelas, uma camada perdedora colocada por seus pais, que os arrastará para baixo repetidamente, a não ser que eles a vençam. Se o eu + é genuíno ou uma mera esperança devota e se o outro aceitará o + ou preferira estar – nesta cena particular, haverá sempre uma interrogação. Eu + você + é algo que, ou a pessoa se torna cedo na vida, ou precisará aprender através de um duro trabalho posterior. Não pode ser atingido por um mero ato de vontade.

2) Eu + você –. Sou um príncipe, você um sapo. Essa é a posição de “livrar-se de”. São os que zombam de seus cônjugues, mandam seus filhos para o juizado de menores e despedem seus amigos e dependentes. Iniciam cruzadas e às vezes guerras, e juntam-se aos grupos procurando defeito entre seus inferiores ou inimigos, reais ou imaginários. Essa é a posição “arrogante”, na pior das hipóteses de um assassino e na melhor de um intrometido, alguém que se mete ajudar os “outros não-OK”, com coisas que os outros não aceitam. Na maioria dos casos é uma posição de mediocridade e clinicamente paranóide.

3) Eu – você +. Essa é psicologicamente a posição “depressiva”. Esses são os suicídios melancólicos, perdedores que se auto denominam jogadores, pessoas que se livram de si mesmas em vez de livrarem-se dos outros, pelo isolamento em obscuras casas de cômodos ou desfiladeiros, ou então pegando uma pena de prisão ou uma enfermaria psiquiátrica. É a posição do “se pelo menos” e “eu deveria ter”.

- 4) Eu – você –. Essa é a posição de futilidade dos “por que não”: Por que não suicidar-se, por que não ficar louco. Clinicamente, é o indivíduo esquizóide ou esquizofrênico.

É de suma relevância relatar que, para Berne (1988, p.88), “a primeira coisa que as pessoas percebem umas sobre as outras diz respeito a suas posições e, aqui, na maioria das vezes, os iguais se atraem”. Quando Berne postula atração entre as pessoas, ele destaca que “pessoas (+ +) preferem, em geral, estar com iguais em vez de pessoas que reclamam”.

O Curral OK - Seguindo Junto

O Analista Transacional Franklin H. Ernst Jr, em Prêmios Eric Berne (1971-1997), apresentou o CURRAL OK, um Diagrama para Seguir Junto. Para o autor, o resultado de todo encontro é determinado por alguma das quatro categorias de operações social presentes neste diagrama, sendo elas: “Seguir Com, Livrar-se De, Ir a Lugar Nenhum e Afastar-se De” (ERNST, 1981, p. 140). Estas categorias se referem à Posição Existencial preferida para os encontros com as pessoas, estando diretamente ligada com a decisão infantil (ERNST, 1981).

A partir dessas categorias citadas, Ernst (1981, p. 140-141) cria um método para classificar os resultados dos encontros, relacionando-os com as Posições Existenciais básicas

- 1) SEGUIR COM - que induz a uma solução “Eu estou OK e você está OK”.
- 2) LIVRAR-SE DE- que induz a uma solução “Eu estou OK e você não está OK”.
- 3) AFASTAR-SE DE- que induz a uma solução “Eu não estou OK e você está OK”.
- 4) NÃO IR A PARTE ALGUMA - que induz a uma solução “Eu não estou OK e você não está OK”.

Para Ernst (1981, p. 142-143), assim que a pessoa assumiu o compromisso de resolver determinado problema, utilizará “prescrições para ficar bem”, a qual consiste em seu Adulto¹ se manter a maior parte do tempo na posição OK-OK, efetuando algumas Transações de forma a aumentar seletivamente a frequência de SEGUIR COM.

O autor alerta que, de início, o Adulto do paciente sente-se estranho e muitas

vezes relata 'não se sentir sincero' com as novas Transações para ficar bem, as quais conduzem à categoria SEGUIR COM, mas que, posteriormente, passa a se sentir bem, pois percebe que quando efetua estas novas Transações, a relação passa a ser afetuosa e isso o autor chama de FICAR BEM (ERNST, 1981, p. 143).

Não é possível dizer à pessoa para 'se livrar do sintoma', afirma o autor, já que seria o mesmo que a pessoa assumir que não é OK. Salienta que

O ato de FICAR BEM (curar-se) não significa não ter mais o sintoma novamente, como roer unhas. Significa uma frequência menor de roer as unhas, com o intuito de criar a oportunidade de outras opções de comportamento” (ERNST, 1981, p. 143).

Por meio do diagrama de SEGUIR COM, é possível à pessoa organizar os encontros cotidianos e a forma como estrutura o tempo, mudando a porcentagem de operações dentro do SEGUIR COM, a qual mantém o mesmo valor de estar OK consigo e com os outros, o que pode ocasionar o desenvolvimento de formas de satisfação, atividades, passatempos e intimidade (ERNST, 1981).

O tempo e o CURRAL OK estão intimamente relacionados, Ernst (1981) correlaciona as quatro categorias com a forma como se utiliza o tempo: INVESTE O TEMPO OU USA O TEMPO, MATA O TEMPO, PASSA O TEMPO OU TEMPO MORTO.

Aproximação das Posições Existenciais com o modelo bancário

Para que a educação não seja bancária, faz-se necessário que haja dialogicidade, pois a mesma é uma exigência existencial em Freire, que possibilita o refletir e o agir. Por isso, a educação “não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro”, na correlação em que o educador se coloca numa posição de ser superior, como acontece na educação bancária (FREIRE, 1987, p.79).

Convido o leitor neste primeiro momento a relacionar a forma como o

¹ Berne (1988, p.25) definiu estados de ego sendo, “sistemas coerentes de pensamento e sentimento manifestados por padrões de comportamento correspondentes”. Cada ser humano apresenta três tipos de estados de ego: “Estado de ego Pai, quando a pessoa sente, age, fala e reage como um dos seus progenitores [...] estado de ego Adulto, quando a pessoa analisa seu meio ambiente objetivamente, calculando suas possibilidades e probabilidades [...] estado de ego Criança, quando a pessoa sente, pensa, age, fala e reage de forma semelhante à que fazia quando ele ou ela eram crianças”.

educador no modelo bancário se posiciona, elucidada anteriormente, relacionando com as Posições Existenciais de Berne e de Ernst, para, num segundo momento, propor maneiras de Oqueidade para a relação.

Partindo do princípio de que, na educação bancária, o educador, para Freire (1987, p.58), “será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem [...] negando a educação como processo de busca”, se aproxima da posição existencial “Eu estou OK, você não está OK” de Berne (1988), que é a posição “livrar-se de” em Ernst, na qual o sujeito vê a si como superior aos outros, estes, então, necessariamente inferiores a ele. Para Berne (1988), pessoas nesta posição de +/- buscarão defeitos e zombarão do outro, pois o julgam como inferior. Outros autores na AT mapearam o campo do encontro de acordo com as Posições Existenciais, acentuando que o interlocutor +/-

Considera-se superior ao outro [...] reage aos estímulos do ambiente com raiva e frustração. Atribui a outros a responsabilidade por seus erros, omissões e insucessos. Busca posições onde possa exercer o mando, controle, poder e autoridade [...] age arrogante e defensivamente, com excesso de crítica no trato com interlocutores em geral (ALMEIDA; LUDGERO, 2017, p. 192).

No modelo bancário de educação, como visto anteriormente, em vez de gerar abundância acaba gerando escassez, confirmando as Posições Existenciais de cada um, sendo que, neste modelo, o educador em sala de aula atuará na posição opressora de +/-, “tendendo a atrair o outro para seu território pela submissão” (ALMEIDA; LUDGERO, 2017, p. 192). É de devida importância salientar que, as Transações de opressor para oprimido que este modelo impõe, tendem a ser infinitas, uma vez que, o educador no modelo bancário Transaciona de Pai para Criança dos educandos, que segundo Berne (1988, p.27), “enquanto as transações forem complementares, a comunicação poderá continuar indefinidamente”, não tendo fim a essa lógica de escassez, mas se auto completando.

Berne destaca que a Posição Existencial primária “raramente poderá mudar apenas pelas circunstâncias externas” e que para uma mudança estável, “deverá vir de dentro, espontaneamente, ou sob algum tipo de influência 'terapêutica': tratamento profissional ou amor, que é a psicoterapia da natureza” (BERNE, 1988, p.84). Por isso, neste artigo, proponho alternativas de Oqueidade entre educando e educadores, uma vez que a mudança nas suas Posições Existenciais poderá ser consequência, ou não, desta Oqueidade.

Por ser cada pessoa, segundo Berne (1987, p. 83), “o produto de um milhão de momentos diferentes, de mil estados de espírito, de cem aventuras e, em geral, de dois progenitores diversos”, é necessário investigar os reais motivos por trás de cada relação conflituosa ou opressora entre educandos e educadores, sejam estes motivos: insatisfações com a metodologia utilizada ou com a remuneração, mal entendimento na comunicação, não cumprimento de regras e acordos, necessidades não atendidas, etc, para, apenas posteriormente, utilizar as alternativas de Oqueidade que proponho. Importante salientar que as alternativas de Oqueidade poderão promover a abundância no ambiente de aprendizagem, e não cabem como resolutivas de problemas como, por exemplo, a ausência de materiais didáticos e necessidades básicas não supridas, como lanche escolar, baixa remuneração, questões estas estruturais da educação. Mas a construção de relações cooperativas, sendo estas também libertadoras, pode edificar ações conjuntas na luta pela superação destas condições.

Seguindo Junto: Propostas de Oqueidade

Por meio da minha experiência com a Análise Transacional, com o grupo de pesquisa em Educação, Saúde e Meio Ambiente, pesquisas científicas como bolsista em educação e estágios na área da educação, pude pensar na possibilidade de aproximar a AT, utilizando as Posições Existenciais e o Diagrama para Seguir Junto, com a Educação Libertadora, oferecendo alternativas saudáveis na relação entre educandos e educadores, para seguirem juntos e cooperaram.

Primeiramente, é necessário decidir ficar bem com uma pessoa (com seu educando ou com seu educador), ou com uma situação. Neste caso, em minha proposta de Oqueidade, tanto o educador como os educandos podem escolher ficar bem se assumirem este compromisso, assumir uma Posição Existencial OK-OK consigo, para que depois o outro siga esta Posição, ou não.

Ernst (2008, p.2) destaca que

Não se pode ficar bem com todos e tudo mais. Pessoas saudáveis usam cada uma das quatro maneiras pelo menos uma vez por dia. O SEGUIR COM de uma pessoa também é o SEGUIR COM de outra pessoa. A fuga de uma pessoa é a de outra pessoa, e vice-versa.

Neste caso, o autor acima descreve como a Posição Existencial de um

Seguindo junto: aproximação entre a análise transacional e a educação libertadora para o queidade entre educandos e educadores influencia na Posição Existencial de outro, tanto para Seguir, quanto para a fuga. Sendo assim, estes achados em Ernst corroboram com minha hipótese de primeiro assumir a si mesmo como OK na relação, pois ao assumir-se OK na relação, é dado a possibilidade e o espaço para que o outro se assuma OK ou não. Fazendo uma ponte com o modelo bancário, quando se assume a Posição +/- na relação não se dá a possibilidade de o outro assumir-se OK.

Outro dado que corrobora com esta proposta é quando o Analista Transacional Harris (2003, p.66) afirma que os registros NÃO OK na história de vida de uma pessoa - os quais a fizeram decidir assumir uma posição NÃO OK - não são apagados por uma decisão no presente (decisão de ficar bem), o que acontece é que a pessoa passa a “coleccionar registros OK que resultem em Transações² e ações integradas que tenham sentido e que sejam programadas pelo Adulto, e não pelo Pai ou pela Criança (HARRIS, 2003, p.66).

Sendo assim, ao decidir assumir uma nova posição na relação,

[...] os problemas pessoais ou sociais não vão cessar imediatamente. A Criança quer resultados e alívio imediatos. O Adulto pode compreender que paciência e fé são necessárias. Não podemos garantir sentimentos OK instantâneos por assumir uma posição EU ESTOU OK- VOCÊ ESTÁ OK. Temos que ser sensíveis à presença dos antigos registros; mas podemos tomar a decisão de desligar essas gravações quando elas são reproduzidas num modo que mina a fé que temos num novo modo de vida, que, *com o tempo*, produzirá novos resultados e nova felicidade na nossa vida. O Adulto também pode reconhecer as reações da Criança nos outros e decidir não corresponder a elas (HARRIS, 2003, p.67).

Para que hoje a pessoa decida assumir-se OK, e possa passar a coleccionar registros OK por via de novas ações programadas pelo Adulto, como afirma Harris, poderá apresentar-se a ela o Diagrama para Seguir Junto com “A Prática De Estar Bem”, de Ernst (1971). O Diagrama poderá servir para localizar a pessoa na relação. E com a Prática, passar a “dar palavras (gestos e/ ou toques) para estimular o outro a ir para a Posição Existencial OK-OK”, como por exemplo: “Muito Obrigado!”, “Tudo de bom para vocês!”, “Poxa, como você é inteligente!”, “Eu gosto de você”, “Você é importante pra mim!”.

Como o objetivo deste artigo é contribuir com propostas de Oqueidade para a relação educando-educador, parte-se da premissa de que o educador está

² Segundo Berne (1988, p.357), a Transação é “um estímulo transacional de um determinado estado de ego no agente, mais uma resposta transacional de um determinado estado de ego do respondente. Uma transação é a unidade de ação social.” Em *Prêmios Eric Berne 1971-1997* escreve-se “Palavras”, em *Transactional Analysis in the OK Corral: Grid for What's Happening*, Franklin H. Ernst Jr., M.D. © 2008, escreve-se “Strokes”.

atuando no modelo bancário na operação: LIVRAR-ME DE, sendo sua Posição Existencial +/- “Eu estou OK comigo e Você não está OK comigo”. Para que este encontro seja saudável e possam ambos, educando e educador, cooperarem, a operação recomendada é SEGUIR COM, resultante da Posição Existencial +/- “Eu estou OK comigo e Você está OK comigo”.

Segundo Ernst (1971, p. 143), com A Prática de Estar Bem, “assemelhando-se a aprender tocar um novo instrumento musical ou a falar uma nova língua, fica-se bom com a prática”:

Com alguma prática a pessoa com o compromisso de ficar bem, geralmente fala: 'Eu me sinto OK agora, quando eu dou esses 'obrigados' especialmente quando eu vejo a outra pessoa sendo afetuosa comigo. Isto funciona! (ERNST, 1981, p. 143).

Após assumir o compromisso de ficar bem, educandos e educadores podem utilizar “A Prática de Ficar Bem” como alternativa de abundância na relação, baseando-se na educação libertadora em seus ambientes por meio da retirada da verticalização entre si, valorizando e afirmando a dialogicidade e tornando o ambiente amoroso, como diria Freire. A amorosidade em Freire é a abertura ao outro, o reconhecimento de que o outro, assim como eu, possui a vocação ontológica de “ser mais”, possui o que a AT chama de “abundância”. A amorosidade, então, é reconhecer a abundância minha e do outro, e o direito de ambos de “pronunciar o mundo”, dizer como o entende, valorizar a palavra de todos. Essa é a troca de saberes. A valorização dos saberes para, juntos, se poder conhecer melhor o mundo.

Atuar na Educação Libertadora, estando na Posição Existencial OK-OK na relação dialógica educando-educador, ultrapassa as paredes da sala de aula, uma vez que o educador convidando o educando a estar OK é possível que o educando decida atuar nessa posição na sociedade, nos lugares a serem ocupados, colaborando para a transformação social. Utilizando A Prática de Estar Bem em conjunto com a reflexão crítica da realidade, o educador estimulará que o educando permaneça em seu Adulto, sendo possível construir e refletir tanto o aprendizado, quanto sua ação como sujeito atuante na sociedade. É importante se ater ao papel do educador em Freire, pois este atuará na desmistificação da realidade distorcida, e para isso, é importante que educador e educando estejam no seu Adulto, para que haja em ambos a

que assemelha-se ao que Berne (1988, p.352) chama de Strokes (Traduzido como Caricias), sendo “a unidade básica de reconhecimento humano

percepção crítica da realidade.

Outro aspecto da Educação Libertadora proposta por Freire é o rompimento da unilateralidade na relação, que é fundamental para levar a filosofia da Oqueidade (OK-OK) para a educação, ou seja, ambos (educando e educador) são OK em seus saberes. Ao aproximar a proposta Transacional das Posições Existenciais e da Prática De Ficar Bem com a proposta freireana, percebe-se que a educação libertadora não se faz na opressão, depositando-se conteúdo, onde um sabe mais e outro sabe menos (Eu estou OK e você não está OK), na negação do diálogo, mas na relação onde ambos se constroem positivamente na relação (Eu estou OK e você está OK).

Freire (1979, p.68) ressalta que “somente quando os dois polos de diálogos se ligam, assim, com amor, com esperança, com fé no próximo, se fazem críticos na procura de algo e se produz uma relação de 'empatia' em ambos”. Assim como Berne destaca que “todas as pessoas nascem OK, assumir a posição Eu estou OK e você está OK é a exigência mínima para o bem estar emocional e social duradouro” (STEINER, 1976, 14). O que seria dos sujeitos opressores ao olharem os sujeitos oprimidos como seres com potencial, numa posição OK-OK, de igualdade? Continuaría existindo opressão no sentido “Eu estou OK e você Não está OK”, ou haveria liberdade e harmonia para a realização do potencial que está presente entre os sujeitos? Claro que estas mudanças relacionais não são suficientes para que a estrutura de uma sociedade desigual se transforme, como “mágica”; mas elas são a condição subjetiva para que as pessoas se insiram na sociedade com experiências vivenciais a ponto de atuarem na modificação desta estrutura.

Considerações Finais

Pensando o homem como um ser inconcluso, como diria Freire, que está sempre aprendendo e evoluindo, a aproximação dos pensamentos Transacionais com a libertadora de Freire surge como recurso para ampliar o olhar, tanto do educador quanto do Analista Transacional, para as relações opressoras da educação bancária.

Ao examinar as relações bancárias entre educando-educador e relacioná-las com a Posição Existencial +/- (Eu estou OK e você não está OK) e a posição Livrar-me de, de Ernst, evidencio a contradição que há no campo da educação ao atuar nesta posição e a possibilidade de que este relacionamento +/- contribua para um ambiente de escassez, confirmando as Posições Existenciais de educandos e educadores, o que possa ser uma das hipóteses para o baixo índice

no ranking educacional. Ademais, a relação estabelecida neste formato impossibilita o aprendizado e o desenvolvimento do Adulto, conseqüentemente, contribui para a ausência de criticidade e a não Oqueidade.

A partir da decisão de assumir a si próprio como OK na relação, e utilizando propostas estabelecidas por meio do Diagrama Para Seguir Junto de Ernst com a Educação Libertadora, abre-se possibilidades de abundância na relação entre educando-educador, podendo-se utilizar os potenciais e estruturar o tempo de ambos para a Oqueidade e o aprendizado mútuo, não mais para a dominação-submissão, que em si, é uma condição de violência. A crença de que todos nascemos OK de Berne e a Fé nos homens e no seu potencial em Freire, permitiu com que esta aproximação fosse possível de acontecer, assim como as propostas de Oqueidade no campo da relação educando-educador.

Foco neste artigo o ambiente educacional e as relações educando-educador, entretanto, percebo a dimensão de possibilidades de pesquisas que podem ser feitas dentro de uma AT Educacional, a qual hoje é uma área que encontra-se em crescimento dentro do Brasil. Sugiro que a Psicologia continue dialogando com a Educação, criando possibilidades para caminhos de abundância nas relações.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Maria, I, G; LUDGERO, Eneida. Desvelando o Olá! Mapeando o Campo Transacional do Encontro. *REBAT: Órgão Oficial de Divulgação Científica da UNAT-BRASIL*, Porto Alegre (RS), p.181-220, 2016- 2017.

ANDRADE, Natália Fernandes de. Paulo Freire não morreu: quais foram as contribuições do educador Paulo Freire para a consolidação da área de educação em saúde na última década? *Monografia* (Bacharelado em Saúde Coletiva)—Universidade de Brasília, Ceilândia-DF, p. 69, 2015.

BERNE, Eric. *Análise Transacional em Psicoterapia: Um sistema Individual e Social de Psiquiatria*. São Paulo, Summus editorial, 1985. (Original: London: Souvenir Press, 1975).

_____. *O que você diz depois de dizer Olá?* São Paulo: Nobel, 1988.

CARVALHO, Sandra, Maria Gadelha; PIO, Paulo, Martins. A categoria da práxis em Pedagogia do Oprimido: sentidos e implicações para a educação libertadora. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Vol. 198, n. 249, p. 428-445, 2017.

ERNST JR, Franklin H. O Curral OK: *Prêmios Eric Berne*. Porto Alegre: União Nacional dos Analistas Transacionais-UNAT-BRASIL, 1971-1997.

_____. *Análise Transacional no CORRAL OK: O Diagrama Para Seguir Junto*, 2008. <<http://ernstokcorral.com/>> Acesso em 25 ago. 2018.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Moraes, 1979.

_____. *Educação e Mudança*. 28. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 43 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2011

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HARRIS, Thomas A. *Eu estou OK, você está OK: um guia prático para sua auto-análise* Tradução de Edith Arthens. Ed 10- Rio de Janeiro: Editora Artenova, 2003.

KERTÉSZ, Roberto. *Análise transacional ao vivo*. São Paulo: Summus, 1987.

MORAES, Jeffersonn. *Sobre o curso*. 2018. Disponível em: <<http://quiron.com.br/at-101-2/>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

PINHEIRO, Márcia. *É possível avançar em educação no Brasil sem aumentar os gastos. Os exemplos do exterior mostram isso*. CET, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/05/politica/1520284503_626647.html. (acesso em 03 maio 2018).

RAMAL, Andrea. *O que esperar para a educação brasileira em 2018*. 2018. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/o-que-esperar-para-educacao-brasileira-em-2018.html>>. Acesso em 28 mai. 2018.

RUFFATO, Luiz. *Falta de Educação brasil*. BRT, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/30/opinion/1504096899_970922.html. Acesso em 06 abr. 2018.

STEINER, Claude. *Os papéis que vivemos na vida: A Análise Transacional de nossas interpretações cotidianas*. Rio de Janeiro. Artenova, 1976.

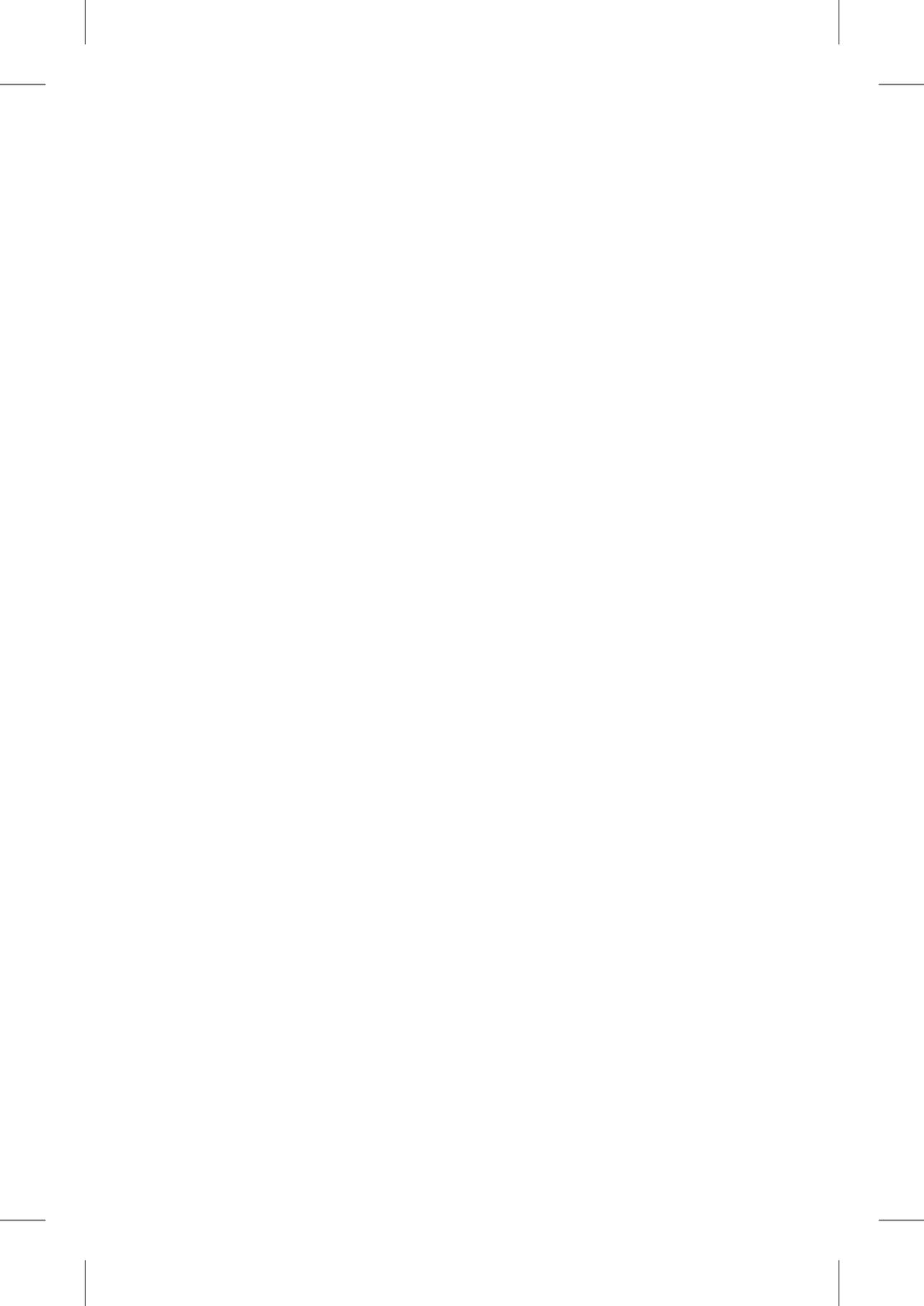
ZILLI, Luciane Nelso. *A Formação na Empresa: Uma crítica a partir de Freire e Rogers*. 2014. *Dissertação – Pós-Graduação em Educação*, Universidade do Extremo Sul Catarinense- Unesc, Criciúma, p. 115, 2014.

Samuel Carlos da Rosa de Oliveira

é Psicólogo graduado pela Universidade do Extremo Sul Catarinense. Atua na região Sul de Santa Catarina, em Criciúma, na área clínica. Possui especialização em Análise Transacional nas áreas clínico e organizacional.

Foi pesquisador de iniciação científica- PIBIC - em laboratórios de Pesquisa Científica, por três anos consecutivos, na área da Filosofia, Psicologia Ambiental e Educação

Email: contatosamueloliveira121@gmail.com



NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE TEXTOS

As orientações para os autores, quanto aos métodos e critérios desta publicação e aos aspectos da escrita científica poderão ser encontradas no site www.unat.org.br, na aba Conselho Editorial.

Órgão de Divulgação Científica da UNAT-BRASIL
ANO XXVIII - Setembro de 2019
www.unat.org.br

